

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Alexandre Moreira de Souza

**A questão do declínio das narrativas orais
e a violência contemporânea:
uma investigação com adolescentes internados
na Febem de São Paulo**

v. 1

São Paulo

2005

Alexandre Moreira de Souza

**A questão do declínio das narrativas orais
e a violência contemporânea:
uma investigação com adolescentes internados
na Febem de São Paulo**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção do título de
mestre em psicologia

Área de Concentração: Psicologia Social
orientadora: Prof^a. Dra. Maria Inês Assumpção Fernandes

v. 1

São Paulo

2005

Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca
e Documentação do Instituto de Psicologia da USP

Souza, A. M.de

A questão do declínio das narrativas orais e a violência contemporânea: uma investigação com adolescentes internados na Febem de São Paulo / Alexandre Moreira de Souza – São Paulo: s.n., 2005. – 313 p.

Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho.

Orientadora: Maria Inês Assumpção Fernandes.

1. Violência 2. Delinquência juvenil 3. Narração de estórias 4. FEBEM - SP 5. Modernidade 6. Psicanálise de grupo 7. Psicanálise e cultura I. Título.

ERRATA

Alexandre Moreira de Souza

A questão do declínio das narrativas orais e a violência contemporânea:
uma investigação com adolescentes internados na Febem de São Paulo

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção do título de
mestre em psicologia

Área de Concentração: Psicologia Social
orientadora: Prof^a. Dra. Maria Inês Assumpção Fernandes

aprovado em: 25/08/2005

BANCA EXAMINADORA:

Professora Dra. Maria Inês Assumpção Fernandes (orientadora)

Instituição: Instituto de Psicologia da USP Assinatura: _____

Prof. Dra. Maria Luísa Schmidt

Instituição: IP-USP Assinatura: _____

Prof. Dr. Paulo Amarante

Instituição: FIOCRUZ-RJ Assinatura: _____

*Dedico este trabalho
a todos aqueles que lutam e lutaram por justiça
no Brasil*

Agradecimentos

A Maria Inês Fernandes, pela paciência e pela sabedoria, em me orientar e mostrar os obstáculos do percurso e as luzes no fim do caminho.

A Olgária Matos, pelos ensinamentos e pela energia voltada à palavra.

A Maria Luísa Schmidt, pelo apoio, pelas iluminações e pelo diálogo constante no percurso desse trabalho.

A José Leon Crochik, pelas inúmeras aulas, ensinamentos, abertura para o diálogo e energia crítica.

A Miriam Debieux Rosa, pelo acolhimento e abertura de horizontes

A José Moura Gonçalves, pelas valiosas lições, narrativas e abertura para o diálogo

A Ismênia, pela valiosa contribuição num momento decisivo

A Marina Nairismagi Alves, pelo desprendimento, pelo empenho, parceria e contribuição fundamental para a realização das entrevistas.

A “Leninha” - encarregada técnica da UI-19 – Terriaga – diretor da UI-19 – e demais funcionários da FEBEM, que nos abriram as portas e bem receberam, sem os quais tal pesquisa não teria sido possível.

Aos jovens entrevistados, por sua abertura, disposição e confiança, sem os quais tal trabalho não teria sido possível. Que consigam trilhar caminhos onde o perigo não se exceda e a monotonia e a submissão não façam casa.

Aos amigos José Rogério de Paula, Pablo Castanho e Robson Colosio, pela amizade, apoio e pelas numerosas contribuições para fazer esse percurso menos solitário. A todos os amigos pela compreensão e amizade.

A Simone, pela companhia, compreensão e incentivo constante.

A minha querida irmã, Raquel, pela amizade e estímulo.

A meus queridos pais, Argeu e Maria Cláudia, pelo constante e eterno incentivo, apoio, compreensão, confiança, estímulo e inspiração. E sobretudo pelo amor e ensinamentos para a vida.

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? - pergunta Kublai Khan.

- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra - responde Marco Polo - mas pela curva do arco que essas formam.

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

- Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.

Polo responde:

- Sem pedras o arco não existe.”

Título: A questão do declínio das narrativas orais e a violência contemporânea:
uma investigação com adolescentes internados na Febem de São Paulo

Resumo

Dado o grande aumento da taxa de mortalidade por homicídio nas últimas três décadas na sociedade brasileira e na paulistana, particularmente entre adolescentes e jovens, ressalta-se a importância de um estudo sobre a violência na contemporaneidade. Este trabalho estuda determinados aspectos relacionados à natureza da violência atualmente, levando-se em conta as transformações sociais e culturais das últimas décadas. Especificamente, tem como objetivo central a investigação da possível relação entre uma dessas transformações, o declínio das narrativas - a partir do referencial de Walter Benjamin - e o fenômeno da violência contemporânea.

A partir de considerações sobre as possíveis consequências para a subjetividade e a prática da narrativa da passagem da sociedade tradicional para a moderna e a atual, focalizamos, sob um referencial psicanalítico, duas problemáticas: a questão dos ideais, a partir de Freud, e a da delinquência juvenil na atualidade. Desenvolvemos e relacionamos com as problemáticas anteriores e o objetivo da pesquisa os conceitos de intermediário, pacto social, negatividade, alianças inconscientes e ideologia.

Para um estudo mais detalhado das interseções entre o social, o cultural e o psíquico na realidade atual do município de São Paulo, realizamos uma pesquisa de campo. Nela, foram entrevistados, individualmente e em grupo, adolescentes internados na FEBEM-SP. As entrevistas tiveram dois objetivos principais colocados para os jovens: que contassem a respeito da história de suas vidas e acerca das histórias que já haviam escutado, principalmente na infância.

Discutimos os dados obtidos nessas entrevistas tendo como norteadores principais as teorias de grupo de Pichon-Rivière e de René Kaës. Como pano de fundo dessa discussão esteve a questão do declínio das narrativas orais. Através da análise das entrevistas pudemos fazer algumas constatações, como: a imersão dos jovens internados na Febem num mesmo tipo de lógica presente na criminalidade, uma lógica da virilidade, que opera a partir de um pacto grupal de negação da feminilidade. Tal lógica favoreceria um vínculo grupal pela violência, e a ocorrência de atos violentos, assim como sentimentos de insegurança, medo e raiva, e dificultaria a ocorrência da distensão psíquica necessária para a narrativa. Outras questões que foram trabalhadas são as da: imediatividade na satisfação dos desejos; violência direta; sentimento de culpa e punição; preconceito racial; humilhação; privação afetiva; religiosidade.

Palavras-chave: 1. Violência 2. Delinquência juvenil 3. Narração de histórias 4. FEBEM - SP 5. Modernidade 6. Psicanálise de grupo 7. Psicanálise e cultura

Abstract

Title: The oral narrative's decline and the contemporary violence: an investigation with adolescents at São Paulo's Juvenile Institution (Febem)

Duty to the arousal of the homicide taxes over the three last decades in Brazil and São Paulo, particularly among adolescents and young people; we underline the need for studying violence in our society nowadays. This work studies aspects of this violence considering the last decades' social and cultural transformations. Specifically, it aims at an investigation of the possible relation between one of these transformations, the narrative's decline - from Walter Benjamin referential - and the contemporary violence phenomenon.

By taking into account considerations about the possible consequences for subjectivity and the narrative practices of the transformation from traditional societies into modern and contemporary ones, we focus, using a psychoanalytical referential, two problems: the ideals' question, from Freud's theory, and juvenile delinquency nowadays. We have developed -and related to the former problems and the research objective- the concepts of the intermediary, social pact, negativity, unconscious alliances and ideology.

For a more detailed study about the intersections among the social, the cultural and the psychic in São Paulo's contemporary reality, we have conducted a field research. We have interviewed, individually and groupally, adolescents at São Paulo's Juvenile Institution (FEBEM-SP). The interviews had two main objectives: provide a space for the young ones to tell us about their life history and about the stories they had listened, particularly at their childhood.

We discuss the data thus obtained from René Kaës' and Pichon-Rivière's perspectives. At the background of this debate lies the oral narrative's decline question. Through this analysis we were able to perceive some relevant elements such as the immersion of the adolescents in the same logic we find in criminality, a virile logic, that would runs from a group pact which denies femininity. This logic would foster a group bound based on violence, the happening of violent acts and feelings of insecurity, fear and anger which would make it more difficult for the psychic distension necessary for narrative. We also deal with questions such as: the immediacy of desire satisfaction; direct violence; guilty and punishment feelings; racial prejudices; humiliation; affective privation; religiosity.

key-words: 1. Violence 2. Juvenile Delinquency 3. Telling Stories 4. Febem – SP
5. Modernity 6. Group Psychoanalysis 7. Psychoanalysis and Culture

SUMÁRIO

Apresentação	_____	pg. 13
Introdução	_____	pg. 15
a - A importância da questão da violência na contemporaneidade		
b - Introdução à questão das narrativas orais e de seu declínio	_____	pg. 21
c - Objetivos	_____	pg. 29
1 - As narrativas orais e a Modernidade	_____	pg. 31
1a - A partir de Walter Benjamin. O declínio das narrativas tradicionais na Modernidade		
1b - Características da Modernidade	_____	pg. 45
1c - Considerações finais do capítulo	_____	pg. 53
2 – A questão dos ideais e a violência. Contribuições psicanalíticas		pg. 55
2a - Os ideais em Freud	_____	pg. 56
2b - O intermediário e a crise dos intermediários	_____	pg. 61
2c – O pacto social, as alianças inconscientes e o mito	_____	pg. 69
3 – Violência, delinquência e adolescência na atualidade	_____	pg. 84
3a - Adolescência e delinquência juvenil		
3b - Violência, Delinquência e Ultramodernidade	_____	pg. 93
4 – Método	_____	pg. 109
4a - Fundamentação teórica para as entrevistas		
4b - Aspectos Éticos	_____	pg. 115
4c - Procedimento	_____	pg. 115
4d - Aspectos Institucionais: a Febem-SP	_____	pg. 122

5 – Dados Iniciais _____	pg. 126
5a - As Entrevistas-Piloto	
5b - Dados dos consentimentos informados das entrevistas grupais _____	pg. 141
5c - Breve descrição do processo das entrevistas grupais _____	pg. 144
6 – Análise _____	pg. 146
6a - Análise da 1ª Entrevista Grupal	
6b - Análise da 2ª Entrevista Grupal _____	pg. 185
6c - Análise da 3ª Entrevista Grupal _____	pg. 219
6d - Análise da 4ª Entrevista Grupal _____	pg. 260
6e - Comparação da entrevista-piloto com a entrevista grupal _____	pg. 294
6f - Considerações finais da análise e análise das entrevistas em relação aos objetivos da pesquisa _____	pg. 299
7 - Conclusões _____	pg. 309
Referências _____	pg. 313
Bibliografia de Referência _____	pg. 318
Anexos (vol. 2)	
a - Entrevistas grupais	
b - Entrevistas-piloto	
c - Modelo do consentimento-informado	

Apresentação

O objetivo de estudo desta pesquisa se constituiu a partir da confluência de dois campos: a teoria crítica, particularmente a partir de Walter Benjamin, e a psicologia social, particularmente a originada da psicanálise.

Temos dois pontos de partida: a hipótese do declínio das narrativas e da perda da experiência na Modernidade, a partir de Walter Benjamin; e a questão da violência no Brasil, particularmente em São Paulo, capital, nas últimas décadas. Formulamos então o objetivo inicial desta pesquisa: *investigar as possíveis relações entre ouvir ou não narrativas orais na infância e a prática posterior de atos de violência*. Estabelecemos também um recorte para a pesquisa: tal questão seria investigada a partir da realidade brasileira, particularmente paulistana, sob o foco da violência efetuada por adolescentes, que seriam os sujeitos da pesquisa de campo.

Na Introdução, iniciamos a discussão sobre a questão da violência no Brasil e no município de São Paulo nas últimas décadas, principalmente através de dados estatísticos, e sobre a questão do declínio das narrativas e da passagem da vida de uma comunidade tradicional para a vida na sociedade moderna, no Brasil das últimas décadas.

Esse último ponto de partida é então desenvolvido no capítulo 1, principalmente a partir de W. Benjamin, o que ele entende por narração, por experiência e por perda da experiência e o que entendemos por Modernidade.

No capítulo 2 apresentamos os principais conceitos, advindos da psicanálise, os quais servirão de instrumentos teóricos para tentarmos relacionar os nossos dois pontos de partida e o material das entrevistas dos adolescentes internados na FEBEM de São Paulo, capital. Conceitos como os de intermediário, pacto social e alianças inconscientes serão discutidos.

No capítulo 3 damos continuidade ao desenvolvimento dos conceitos já apresentados no capítulo anterior, mas, dessa vez, voltados especificamente para as questões da adolescência e da delinquência na contemporaneidade.

No capítulo 4, “Método”, apresentamos a fundamentação teórica que será nossa principal referência para a realização das entrevistas grupais com os adolescentes internados na FEBEM-SP e também um instrumento conceitual importante para a análise

dos grupos. Apresentamos também o procedimento da pesquisa de campo, desde a escolha do local, passando pelas entrevistas-piloto (individuais), até as entrevistas grupais.

No capítulo 5 temos os primeiros dados referentes à entrevista-piloto e às entrevistas grupais.

No capítulo 6, realizamos a análise das quatro entrevistas grupais, tendo como referência a teoria psicanalítica, discutida nos capítulos anteriores, com ênfase em Pichon-Rivière e René Kaës, devido às suas contribuições à teoria de grupos. Ao final do capítulo relacionamos os dados das entrevistas-piloto com as análises das entrevistas grupais, assim como essas últimas com os objetivos iniciais da pesquisa.

Na Conclusão retomamos a questão central que nos propusemos ao início do trabalho, à luz de todo o percurso teórico e das análises das entrevistas realizadas.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Introdução

a - Desde o final do século XVIII o mundo ocidental passa por enormes transformações: transformações políticas, econômicas, culturais, sociais e tecnológicas. Dentre as conseqüências dessas tem-se, nos séculos XIX e XX, o incremento da industrialização, do trabalho assalariado, da utilização da eletricidade, da urbanização, dos meios de transporte, dos armamentos, da medicina, dos meios de comunicação e do pensamento racionalista instrumental, no que se convencionou chamar de época moderna ou Modernidade¹.

A época moderna tem vivido, então, um veloz e crescente avanço tecnológico e científico, no entanto, em outras áreas, como a das relações humanas, a modernidade parece não conquistar igual avanço. Em 1930, em O mal-estar na cultura, Freud apontava três fontes a partir das quais o sofrimento ameaça o homem: seu próprio corpo, o mundo exterior, e as relações com outros seres humanos. Em relação às primeiras, a medicina e as ciências naturais têm obtido avanços cada vez mais significativos, mas se para Freud as relações humanas já seriam a fonte dos sofrimentos mais dolorosos, hoje em dia a distância em relação as outras fontes talvez tenha aumentado². Chama-nos a atenção, particularmente, a questão da violência: na modernidade a ocorrência de guerras e genocídios não cessou, com muitos conflitos no decorrer dos séculos XIX e XX, como por exemplos a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e a Guerra do Vietnã, com a tecnologia tornando-se cada vez mais eficiente em matar.

Porém, há dificuldade em se analisar se a "violência" em geral aumentou ou não com a modernidade, pois se pode entender que a violência tem diversas formas de se manifestar. Desde as mais explícitas, como guerras, atos terroristas, homicídios, lesões corporais, suicídios, passando-se pelas formas verbais de violência, como as ofensas e ameaças, até as formas mais sutis, como a violência por imagens, a humilhação social, a privação e a imposição de comportamentos e atitudes.

Assim, conforme a concepção que se tem de "violência", que varia de cultura para cultura e de época para época, frente a um declínio ou aumento de um certo tipo de

¹ Consideramos neste texto o início da época moderna coincidindo com a Revolução Francesa e o Iluminismo.

² Vide Freud, Sigmund. El malestar en la cultura (O mal-estar na civilização), 1981, pg. 3025.

violência num determinado período histórico, poder-se-ia contra argumentar que no mesmo período, um outro tipo de violência, não considerado inicialmente, também se intensificou ou se enfraqueceu. O que torna complexa a análise da evolução histórica da violência.

Segundo Paulo Sérgio Pinheiro, uma definição básica de **violência** seria: *uma ação intencional (com intenção de provocar) que provoca dano*³.

Historicamente, a expressão "violência" provém do latim "*violentia*", que significa veemência, impetuosidade, ferocidade, fúria e deriva da raiz latina *vis*: força⁴.

Para os fins deste estudo, no entanto, a definição de violência da O.M.S. (Organização Mundial da Saúde) deixa um parâmetro mais preciso. Ela aponta a violência como sendo:

"O uso intencional da força física ou do poder, real ou potencial, contra si próprio, contra outras pessoas ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação."⁵

Uma outra questão deve ser colocada para qualquer estudo estatístico e histórico acerca da violência, são questionamentos quanto, por exemplo, aos métodos de coleta de dados, pois se pode argumentar que no passado não havia métodos confiáveis de se avaliar a violência (ou algum parâmetro a ela referente), ou que tais métodos eram diferentes dos adotados no presente; ou ainda que o que se considera "violência", hoje, socialmente, juridicamente e culturalmente se modificou em relação ao passado.

Levando-se em conta tais questionamentos, realizamos um recorte histórico: consideraremos os dados sobre violência referentes às três últimas décadas, ou seja, *a partir de 1970*.

Isso posto, pode-se dizer que se vive atualmente no Brasil, principalmente nas grandes cidades, o chamado fenômeno da "*banalização da violência*" no cotidiano. Hoje, tolera-se facilmente que os indivíduos sejam apagados, não importando o sentido atribuído a tal metáfora, seja afastar alguém do campo visual, desligar a televisão, ou matar brutalmente alguém, como num videogame ou num filme de ação: a "eliminação e o combate vão gradativamente ganhando sustentação na sociedade. Eles recebem

³ Pinheiro, P. S.. *Violência Urbana*, 2003, pg. 13.

⁴ Pinheiro, P. S., op. cit., pg. 14 e Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.

⁵ Krug, E. G., apud Pinheiro (2003), pg. 16.

significações imaginárias fortes - o que contribui para a banalização crescente da violência”.⁶

Tal fenômeno poderia ser subdividido, em princípio, em dois aspectos: o primeiro seria simbólico, relacionado à banalização da violência nos *discursos* e nas *imagens* dos meios de comunicação (cinema, televisão, jornais). O segundo aspecto, sobre o qual procuraremos nos ater, é o da banalização dos próprios *atos de violência*.

Delimitaremos também um tipo de violência a ser focado por nós com o auxílio da estatística, a *violência física interpessoal*, especialmente o **homicídio**⁷. Essa delimitação fundamenta-se devido à maior facilidade de coleta dos dados, o que resulta numa sistematização mais homogênea, tanto no vetor tempo (historicamente) quanto no vetor espaço (regiões geográficas), mas, também, devido a um maior consenso cultural relativo à valoração negativa e "violenta" do ato de homicídio.

Assim, embora tenhamos ressalvas em relação à confiabilidade dos dados, a diferença nos índices de homicídio apontada pela estatística oficial é de uma ordem de grandeza que nos leva a afirmar que houve uma transformação social da violência no **Brasil** nas últimas três décadas. Pode-se falar, então, em um *grande aumento das taxas de mortalidade por homicídio* nesse período. Segundo o IBGE, esse aumento teria sido de cerca de 130% entre **1980 e 2000** (20 anos), de aproximadamente 12 assassinatos para cada cem mil habitantes em 1979 para uma taxa de **27** assassinatos por cem mil habitantes em **2000**⁸. Tal aumento teria se dado principalmente nos grandes centros urbanos⁹.

Taxa essa muito maior que a *taxa mundial*, que no ano de 2000 era de **8,8** homicídios por 100 mil habitantes (excluindo-se as mortes resultantes de conflitos bélicos) e também muito maior que a do país desenvolvido de mais alta taxa, os EUA, que era de 8 homicídios por 100 mil (enquanto que no Japão a taxa de homicídios era de

⁶ Carreteiro, T.. “Sofrimentos Sociais em Debate”, 2003, pg. 64.

⁷ Neste texto consideraremos o termo “*homicídio*” numa acepção mais ampla, não jurídica, significando a destruição de uma vida humana provocada por ato voluntário, assassinato. Definição na qual enquadrar-se-iam os latrocínios e os homicídios dolosos em geral.

⁸ Fonte: Síntese dos Indicadores Sociais 2003, IBGE (Jornal Folha de São Paulo, 14/04/04).

No Brasil, segundo o IBGE, entre 1980 e 2001 morreram por *causas externas* (homicídios, acidentes de trânsito, suicídios, afogamentos, outros acidentes) 1.913.000 pessoas. O que dá uma média de 91.100 pessoas por ano. (fonte: Jornal Folha de São Paulo, 03/12/2002)

⁹ Jornal Folha de São Paulo, 17/10/99. Fonte: Datasus (www.datasus.gov.br).

Outro dado que corrobora esse aumento nos grandes centros urbanos é o de que, entre 1991 e 2000, a taxa de homicídios nas capitais aumentou 38,4%, enquanto que a média nacional de aumento foi de 29,2% (Jornal da USP, 30/06/03, pg. 3; fonte: Segundo relatório nacional sobre os direitos humanos no Brasil)

Nesse sentido, em 2002, das dez maiores taxas em homicídio no estado de São Paulo, oito referem-se a municípios da Grande São Paulo, as outras duas a municípios das regiões metropolitanas de Campinas e da baixada santista (Folha de São Paulo, 17/02/03).

0,6 por 100 mil, em 2000)¹⁰, enquanto que em alguns países da Europa como Inglaterra, França e mesmo Portugal o índice não ultrapassaria 1 por 100 mil.¹¹ O Brasil, com uma população de cerca de 3% da população mundial, foi responsável por cerca de 9% de todos os homicídios do planeta em 2000.

Já o **Estado de São Paulo**, segundo o IBGE, figurou *em 2000* como o quarto estado com a maior taxa de homicídios do Brasil, **42** homicídios por cem mil habitantes. O Estado de Pernambuco é o de maior índice de assassinatos, com 54 homicídios por cem mil, seguido pelo Estado do Rio de Janeiro e do Espírito Santo¹². Segundo dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo foram registrados 11.493 homicídios em 2003.¹³

Segundo dados da mesma secretaria, para o **Município de São Paulo**, no ano de 2002, a taxa de homicídios foi de aproximadamente **45** por 100 mil habitantes¹⁴. Foram cerca de 5420 assassinatos no município¹⁵. A diferença nas taxas de homicídio entre os **distritos** da capital é enorme, distritos onde se concentra a população de menor poder aquisitivo contabilizam as maiores taxas de homicídio, enquanto aqueles onde se concentram as classes médias e altas apresentam as menores taxas, numa mostra da influência dos fatores sócio-econômicos na distribuição da violência letal na cidade de São Paulo. Segundo a Fundação Seade, para o ano de 2003, Brás, Guaianazes, Parelheiros, Grajaú e Jardim Ângela tiveram taxas entre 80 e 90 homicídios a cada 100

¹⁰ Quando nos referirmos a “*homicídios*”, neste capítulo, estaremos excluindo as mortes resultantes de conflitos bélicos, assim como o faz a O.M.S.. No mundo, no ano de 2000, foram contabilizadas 520 mil mortes por homicídio e 310 mil em *conflitos bélicos*, com uma taxa correspondente de 5,2 mortes em conflitos para cada 100 mil habitantes. Já a taxa de *suicídios* no mundo foi de 14,5 para cada 100 mil habitantes. (fontes: O.M.S (www.who.int): Informe Mundial sobre la Violencia y la Salud: resumen, 2002 e “Violence: an enormous, but preventable global health problem”, 18/05/01).

No Brasil, um país de cerca de 170 milhões de habitantes, ocorreram cerca de 45.000 assassinatos no ano de 2000, enquanto que nos EUA, um país com cerca de 285 milhões de habitantes, ocorreram cerca de 13.000 homicídios. De 1980 a 2000 foram cerca de 598.000 assassinatos no Brasil (fonte: *Folha de São Paulo*, 14/04/04).

¹¹ Fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 17/09/04.

¹² Dados da Síntese dos Indicadores Sociais 2003, IBGE (fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 14/04/04).

¹³ Homicídios dolosos (com intenção): 10953 registros. Latrocínios: 540 registros (Fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 01/02/2005).

Segundo a Fundação Seade (www.seade.gov.br), em 2003 a taxa de homicídios no estado teria chegado a 36 mortes por 100 mil habitantes. Mas esses dados que mostram declínio da taxa estavam sendo questionados segundo alguns estudiosos (fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 17/09/04).

¹⁴ Fonte: Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo.

Segundo a Fundação Seade as taxas de homicídio no município de São Paulo estariam em queda ao menos desde 1999, quando atingiram 64 mortes por 100 mil habitantes. No ano de 2003 a taxa teria chegado a 47 mortes por 100 mil. (fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 17/09/04).

¹⁵ Segundo o Pro-Aim (Programa de Aprimoramento das Informações da Prefeitura de São Paulo), o número absoluto de homicídios no município de São Paulo caiu entre 2001, quando se chegou à cerca de 5.990 homicídios, e 2002 (são contabilizados exclusivamente os moradores do município, independentemente do local do crime). Fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 20/02/03.

mil, enquanto que Moema, Perdizes, Alto de Pinheiros, Jardim Paulista e Tucuruvi apresentaram taxas entre 3 e 8, menores do que a média mundial, portanto.¹⁶

Independentemente do sexo, para os **jovens**, aqueles na faixa etária **de 15 a 24 anos** o aumento da taxa de homicídios no **Brasil** na última década teria sido de 89%, aproximadamente de 29 mortes por 100 mil habitantes em 1993 para **54** mortes por 100 mil em 2002¹⁷. No Brasil, entre 1981 e 1989 morreram assassinados 59 mil jovens na faixa etária entre 15 e 24 anos, já na década seguinte, entre 1991 e 1999, foram 112 mil jovens vítimas de homicídio (um aumento bem maior do que o aumento populacional)¹⁸. O Brasil seria o 5º país no *ranking* de homicídios de jovens¹⁹.

No **Município de São Paulo**, o maior crescimento das taxas de mortalidade por homicídio se deu entre **adolescentes e adultos jovens** do sexo **masculino**: superior a **1500%** entre 1970 e 1995, para adolescentes da faixa de 15 a 19 anos, de aproximadamente 12 assassinatos por cem mil habitantes em 1970 para **187** assassinatos por cem mil habitantes em 1995; e de 29 para **262** assassinatos por cem mil habitantes - cerca de **900%** de aumento - para a faixa **de 20 a 24 anos**²⁰.

A média da taxa de homicídios entre jovens de 15 a 24 anos do sexo masculino entre os anos de 2000 e 2002 foi de **247** mortes por cem mil habitantes no Município de São Paulo, segundo a Fundação Seade²¹. Uma taxa muito maior do que a da *população em geral*, que foi de 45 por 100 mil em 2002.²²

¹⁶ A Fundação Seade baseia-se no local de residência das vítimas para a contabilidade (fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 17/09/04).

¹⁷ Dados de *O Mapa da violência 4 - Os jovens no Brasil*, (fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 08/06/04).

¹⁸ Os dados são do Ministério da Saúde, em estudo realizado pela Prefeitura de São Paulo (fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 24/03/02).

¹⁹ Segundo o "Mapa da Violência IV: os jovens do Brasil. Juventude, Violência e Cidadania". Fonte: Fefferman, M. *Vidas Arriscadas: um estudo sobre jovens inscritos no tráfico de drogas em São Paulo*, IPUSP, 2004, pg. 3.

²⁰ Jorge, M. Helena P. de Mello. "Adolescentes e jovens como vítimas da violência fatal em São Paulo", In Pinheiro, Paulo Sérgio (et al). *São Paulo Sem Medo. Um diagnóstico da violência urbana*, pg. 110.

²¹ Fundação Seade (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, no endereço de internet www.seade.gov.br) (fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 20/08/2004)

Dados da mesma fundação indicariam uma queda na taxa de homicídio para o ano de 2003: para jovens de sexo masculino entre 15 e 19 anos a taxa seria de 124 mortos por 100 mil habitantes, já para jovens entre 20 e 24 anos a taxa seria de 171 mortos por 100 mil. Mas esses dados estariam sendo contestados por alguns estudiosos (fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 17/09/04).

²² As taxas mais elevadas de *homicídios juvenis* encontram-se na África e na América Latina, e as mais baixas encontram-se na Europa Ocidental e no triângulo de países cujos vértices são Índia, Japão e Austrália. Entre os países de maior renda per capita as taxas seriam as mais baixas, com exceção dos EUA (dados da O.M.S.: *Informe Mundial sobre la violencia y la salud: resumen*, 2002).

Infelizmente não temos o dado da *evolução* das taxas de homicídio de jovens nos diversos países do mundo. Mas temos alguns dados parciais e limitados: nos **EUA** algumas análises sustentam um *acentuado crescimento*, durante os *anos 90*, da violência fatal contra crianças e adolescentes, especialmente na faixa entre 12 e 15 anos; embora com um declínio das taxas de delinquência juvenil. No entanto se observou um

Embora esses dados não indiquem, podemos pensar que os adolescentes e jovens não foram apenas as vítimas da violência, mas que estão no interior do fenômeno, sendo, em certa medida, também agentes, embora provavelmente em menor proporção (conforme pontuou Paulo Sérgio Pinheiro, sociólogo, pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da USP - NEV-USP²³). No entanto, levantamento da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, realizado entre janeiro e outubro de 2003, apontam que os menores de 18 anos seriam responsáveis por apenas 1% dos homicídios dolosos (e 2,6% dos latrocínios) do estado, taxa inferior, inclusive a Inglaterra (cerca de 5%) e EUA (cerca de 10%). Sua maior participação proporcional se refere ao tráfico de drogas (13%) e porte ilegal de armas (15%)²⁴.

Outro dado que chama a atenção, obtido num estudo de Bruno Paes Manso, intitulado "*Homicidas e homicídios: reflexões sobre a atualidade urbana de São Paulo*", baseado em dados de 1998 a 2000, diz respeito ao motivo imediato da ocorrência dos homicídios. Segundo esse estudo, na **Grande São Paulo** a maioria dos homicídios é **premeditada** (76%). Os homicídios não acontecem majoritariamente por causa de assaltos (como muitos pensam), nem são, por outro lado, apenas o resultado de discussões casuais, mas sim se devem a *questões pessoais* (42%), envolvendo, muitas vezes, delinquentes.

Segundo Manso, "A premeditação se explicaria pelo fato de que num ambiente criminoso, onde não é possível resolver choques de interesses pela intermediação do poder público, o homicídio planejado se tornaria a forma "legal" *de resolver conflitos*". Segundo estatística do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (D.H.P.P.), em 72% dos assassinatos vítima e autor se conheciam²⁵. O aspecto que chama a atenção é justamente o homicídio, o ato de violência, ter se tornado o meio de resolução de conflitos, pensamos que não apenas entre membros da criminalidade.

aumento de cerca de 10% no *envolvimento* de jovens em ofensas violentas. Na **Inglaterra** algumas análises sustentam o declínio das taxas de delinquência juvenil, especialmente o envolvimento em crimes violentos, durante os anos 90, a despeito do *acentuado crescimento* da *violência fatal* contra crianças e adolescentes. (fonte: Center for Study and Prevention of violence, University of Colorado, 1994, in Adorno, S., Lima, R. S. e Bordini, E. B., *O adolescente na criminalidade urbana em São Paulo*, 1999, pgs. 15 e 18)

²³ Pinheiro, P. S. (2003), pg. 56. Segundo a O.M.S., em todos os países os homens jovens são tanto os principais perpetradores como as principais vítimas dos homicídios. (fonte: *Informe Mundial sobre la violencia y la salud: resumen*, 2002)

²⁴ Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 01/01/2004.

²⁵ Fonte: Jornal Diário de São Paulo, 30/06/03, pg. A6. O itálico é meu.

Bruno P. Manso pertencera ao Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, e seu estudo foi realizado para a Universidade de São Paulo (USP). O estudo se baseou na análise de 876 inquéritos policiais de Diadema e Zonas Sul e Leste de São Paulo.

b - Conforme Pinheiro (2003), a **violência** é um fenômeno complexo, multifacetado, onde apenas um único fator não é suficiente para a explicação de porquê um indivíduo ou uma coletividade desenvolve ou não comportamentos violentos, mas a partir da combinação de múltiplos fatores, poderíamos ter uma compreensão do fenômeno. Fatores individuais; a relação e a história com a família; a relação com o grupo social; a cultura, são alguns deles²⁶.

No caso brasileiro, um fator se destaca, a enorme desigualdade social²⁷. Outros fatores relevantes no Brasil são: a inserção do indivíduo no mundo do trabalho, a questão do *desemprego* nas últimas décadas²⁸; a baixa qualidade do ensino básico; a influência dos *meios de comunicação de massa*, por exemplo, sobre o desejo de consumir, o consumismo²⁹; a facilidade no acesso a *armas de fogo*; e a questão da *impunidade*³⁰. São fatores importantes, dos quais não podemos nos esquecer, mas que não são o principal foco desta pesquisa. Nos ateremos, antes, ao possível fenômeno do declínio das narrativas orais.

Como a vida social, econômica e cultural está intimamente imbricada à vida psíquica, se houveram mudanças sócio-culturais nas últimas décadas, essas terão gerado transformações subjetivas, assim como estas, por sua vez, incidirão sobre a vida social. Por sua vez, a questão do **declínio das narrativas**, tal como formulada por Walter

²⁶ Pinheiro, P. S. (2003), pgs. 18 e 19.

²⁷ Segundo o IBGE (2002) o Brasil apresenta **a pior** distribuição de renda da América Latina e a sexta pior do Mundo, estando melhor apenas que cinco países africanos. Isso, embora o índice de concentração de renda (GINI) tenha tido uma pequena queda (melhora) entre 1992 e 2002 (de 0,571 para 0,563), retornando a um patamar um pouco inferior ao de 1981 (0,564). No Brasil, o 1% mais rico da população concentra cerca de 14% da renda, enquanto que os 50% mais pobres concentram apenas 15% da renda.

²⁸ Segundo pesquisa realizada pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo (fonte: Revista Época, 05/04/2004), entre outubro de 2000 e setembro de 2003, no município de São Paulo, enquanto nesse período a taxa de desemprego subiu 22% e a renda média caiu 19%, taxas de assaltos, roubos e furtos teriam, em geral, subido. No entanto, o mesmo não se verificaria para as taxas de homicídio dolosos, que apresentaram queda no período (de 25%). Segundo a reportagem da *Revista Época*, um dos motivos para tal queda seria a maior atuação da polícia no período, por exemplo, em 10 anos o número de detentos nas penitenciárias e distritos policiais teria passado de 55 para 125 mil, no estado.

²⁹ Segundo uma pesquisa realizada pela Secretaria de Estado da Justiça do Rio de Janeiro em 1999, com 106 jovens de 18 a 24 anos que cumprem pena no sistema penitenciário (no estado do Rio), o *motivo* mais citado pelos jovens como *o que os levou à criminalidade* foi o "**desejo de consumir**", com 29% das citações (à frente das "necessidades materiais básicas", com 21%).

Segundo essa mesma pesquisa, 81% tinham o sustento de suas casas garantido pelos pais, 72% moravam em casa própria, porém, apenas 8% tinham o 2º grau completo (fonte: Jornal Folha de São Paulo, 15/02/2000).

³⁰ O índice de resolução de crimes (captura dos culpados) seria de cerca de 2 % apenas no Brasil, o que pode dar uma sensação de **impunidade** muito grande, e levar a pensamentos do tipo "a infração da lei compensa". (fonte: Relatório Social Watch / Observatório da Cidadania 2004)

Benjamin (1936), merece atenção, justamente por, *caso realmente esteja se verificando*, ser provavelmente uma das mudanças culturais a incidir sobre a subjetividade. Há uma possibilidade das **narrativas orais** - *entendidas por nós como quaisquer histórias que são narradas pela palavra falada de um homem para outro(s)* - não terem declinado no Mundo Ocidental do século XIX para o final do XX. O telefone, por exemplo, seria uma novidade a princípio facilitadora para narrativas orais, mas por outro lado, a televisão, o cinema e a imprensa teriam ocupado espaços de tempo no cotidiano onde antes poderiam ocorrer narrativas orais diretamente de um homem para outro(s). Também o incontestável declínio do trabalho manual realizado em grupo, ambiente propício para narrativas orais, aponta para o declínio das narrativas³¹ (detalharemos as características de tal declínio no capítulo seguinte).

Particularmente no Brasil, a questão do declínio das narrativas orais é atual, visto o processo de intensa urbanização de sua população: de **predominantemente rural** há cinquenta anos para **majoritariamente urbana** nos dias de hoje (em 1950 a *população urbana* era minoria, **36%**; já em **1970** a maioria da população era urbana, aproximadamente 56% total; em 1991 era de 75% e em **2000** ela correspondia à cerca de **81%** da população brasileira³²).

Essa alteração na distribuição da população poderia ser um dos indicativos da passagem de uma **sociedade tradicional** para uma **sociedade moderna**, conforme a descrição de Walter Benjamin, principalmente a partir de seu texto "*O narrador: considerações acerca da obra de Nikolai Leskov*", de 1936. Nesse texto Benjamin relaciona as narrativas orais tradicionais ao trabalho manual, artesanal, à comunidade de ouvintes, comum à vida no campo, mas podendo se dar também no mar ou mesmo nas cidades. Numa bela imagem, Benjamin fala:

“O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente associadas ao tédio – já se extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes”.³³

³¹ O próprio fenômeno da difusão da prática da psicoterapia no século XX não poderia ser considerado como uma reação ao declínio das narrativas orais? Pois ele poderia ser visto como uma ação, por parte do analisando, de narrar suas histórias numa época onde narrá-las no cotidiano se faz cada vez mais difícil.

³² Fonte: IBGE (www.ibge.gov.br).

³³ Benjamin, W. "O narrador: considerações acerca da obra de Nikolai Leskov" (1936), in *Magia e Técnica, Arte e Política*, 1985, pgs. 204 e 205.

A própria narrativa seria uma forma artesanal de comunicação, que necessita do tempo do “**tédio**”, de um *estado de distensão psíquica* para ser assimilada³⁴. Estado esse que já não seria mais possível nas cidades modernas, segundo Benjamin. Assim, poderíamos pensar que nas modernas cidades brasileiras a capacidade de *ouvir* poderia estar em falta e a *comunidade de ouvintes*, aquela que se formaria em torno de narrativas compartilhadas, estaria fraturada. Questão que poderíamos relacionar à fala de Pinheiro e ao sentimento de *medo* e de *ameaça*, à insegurança, opostos ao tédio:

"Faz tempo que a idéia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades." ³⁵

Para o Brasil poderíamos pensar num processo de modernização gradativo e mesclado, que opera ainda hoje. Poderíamos pensar na existência de algumas comunidades de ouvintes no Brasil rural e em formas de sociabilidade próximas à comunidade de ouvintes em algumas vilas e pequenas cidades, mas que, majoritariamente, o país se estruturaria em termos de uma sociedade moderna. Porém, a passagem entre a sociedade tradicional e a moderna teria ocorrido, preponderantemente, no decorrer do último século, até os anos 90. Existiriam ainda, nas grandes metrópoles, características das épocas tradicional e moderna e características que apontariam no sentido de uma outra modernidade, ou de um aprofundamento de algumas características da modernidade, que poderíamos considerar então, como características de uma época *ultramoderna* ou *hipermoderna*, chamada por alguns de *pós-moderna*.

Outros fatores importantes desse processo no Brasil, que ocorreram ao longo dos últimos trinta anos, seriam o aumento do *trabalho assalariado feminino*, a introdução da *televisão* no cotidiano dos lares, o aumento da frequência à *escola* por parte de crianças e adolescentes. Tais fatores poderiam gerar efeitos como, por exemplo, a diminuição dos

³⁴ O **tédio** de que nos fala Benjamin não se trata, no entanto, de um tédio “entediante”, do enfado, mais antes de um “tempo vazio”, ainda não preenchido, em que houvesse a liberdade para o pensamento, em que fosse possível um contato consigo mesmo.

³⁵ Pinheiro, P. S., op. cit., pg. 8.

espaços de transmissão cultural e de valores, realizados pela geração dos pais (e avós) para a geração dos filhos.³⁶

Um dos fatores de maior impacto na vida social do brasileiro nos últimos trinta anos foi, sem dúvida, a introdução da **televisão** no cotidiano dos lares. Se em 1970 a televisão era restrita a lares de renda média e alta, em 1992 já se encontrava popularizada, estando presente em 74% das residências e em 2002 em 90% das residências, proporção maior do que um bem a princípio mais útil, como a geladeira (presente em cerca de 87% dos lares), ou que benesses mais básicas, como acesso à rede de água (82%) ou uma coleta de esgoto adequada (68%). (IBGE)

O **telefone** foi outro meio de comunicação que teve seu uso ampliado em muito nos últimos 30 anos. Em 1992, por exemplo, estava presente em apenas 19% dos lares, mas hoje já se faz presente em 62% (IBGE). A internet, que não existia antes, hoje já se encontra em 10% dos lares do Brasil (IBGE, 2002).

Houve também outras transformações, que não dizem respeito tanto ao meio como as pessoas se comunicam, mas a quem se comunica e com quem, como por exemplo, alterações na estruturação das famílias. Segundo o IBGE, desde os anos 80 a **família** brasileira diminui em tamanho e se altera em composição, com diminuição do número de crianças e aumento do número de idosos e com mais pessoas morando *sozinhas*. A proporção de domicílios com um único morador cresceu de aproximadamente 7% em 1992 para 10% em 2002³⁷. Poderíamos interpretar tais alterações da seguinte maneira: a diminuição da família poderia indicar uma diminuição da *comunidade narrativa* mais básica³⁸; o aumento de pessoas morando sozinhas seria um indício de aprofundamento da modernidade, pois uma de suas características seria a solidão e o individualismo, conforme veremos mais adiante.³⁹

Dados do IBGE revelam que, nas 31 maiores cidades brasileiras (as de população superior a 500 mil habitantes), o percentual de *mulheres responsáveis pelo domicílio* passou de cerca de 23% em 1990 para 31% no ano 2000. Sendo que, se considerarmos

³⁶ Outras transformações das últimas décadas seriam: a queda na taxa de natalidade e na fome, e o aumento da expectativa de vida do brasileiro. (fonte: Folha de São Paulo, 24/03/02)

³⁷ A fonte desses últimos dados se encontra no jornal *Folha de São Paulo*, 11/10/2003.

³⁸ Termo emprestado de Lima, F. A. S. Conto Popular e Comunidade Narrativa. Mas essa “*comunidade narrativa* mais básica” não deve ser confundida com a “comunidade” de que trata Benjamin ou Lima. Trata-se antes de uma aproximação, são grupos narrativos que pertencem a uma dinâmica social preponderantemente moderna, outra. Mas para nós trata-se de uma aproximação útil, para pensarmos as possibilidades narrativas intrafamiliares e intragrúpis.

³⁹ Por outro lado, o aumento do número de idosos poderia ser um elemento, tomado isoladamente, a favorecer o intercâmbio de experiências e de narrativas entre as gerações.

todo o país o aumento foi de 18% dos domicílios em 1990 para 25% em 2000. Nota-se, então, que a proporção de mulheres chefes de família é maior nos grandes centros urbanos, e que o aumento da proporção também foi maior aí. Ao considerarmos desde a data de 1970, tal aumento deve ter sido bem maior. Podemos pensar que tal aumento das mulheres como responsáveis pela casa deve-se também ao aumento do **trabalho assalariado feminino**. Hoje, 40% da população economicamente ativa é composta de mulheres⁴⁰.

Com uma fonte de renda própria, as mulheres, em um quarto dos lares do Brasil são as responsáveis pelo sustento do lar. Isso, com ou sem a presença do companheiro homem, o que, por sua vez, também altera o *lugar do homem* na sociedade, na cultura e na família.

Um outro aspecto de grande mudança nas últimas três décadas foi o aumento da frequência de crianças e adolescentes à **escola**. Segundo o IBGE, em 1940 a proporção de crianças e adolescentes *entre 7 e 17 anos* (ensino fundamental e médio) matriculados na escola era de 21%, em **1960** era de **31%**; há um salto então e a proporção aumenta para 58% em 1978 e **86%** em **1998**.

Relativo a esse aspecto em 1992 o número de crianças de 7 a 14 anos *fora* da escola era de aproximadamente 13%, já em **2002** esse número caiu para cerca de **3%** apenas. Em 1992 o número de crianças de 5 e 6 anos que freqüentavam escolas era de 54%, em **2002** já havia subido para **77%** das crianças. Podemos inferir a partir desses dados que, se as crianças estão na escola, elas estão deixando de estar em outro lugar, como na família nuclear ou extensa, na rua, na casa de conhecidos ou no trabalho.

Também a **alfabetização** avançou muito desde 1970, quando a taxa de analfabetismo no país era de cerca de 34%, já no ano 2000 ela era de 14%, o que significa uma redução de 60% em 30 anos⁴¹.

Essas são mudanças que apontam que a maneira como se dá a formação e a educação de crianças e jovens teria se alterado nas últimas décadas. Como um todo, são transformações que poderiam representar no Brasil o último dos capítulos da passagem de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna. No interior desse processo de

⁴⁰ Fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 30/09/2003.

⁴¹ Fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 30/09/2003.

transformação estaria um fenômeno para o qual Benjamin chamou a atenção, o *declínio das narrativas*. Segundo esse autor a arte de narrar estaria em extinção.⁴²

*Quais seriam as implicações para a constituição da subjetividade caso o declínio das narrativas orais*⁴³ no mundo moderno tenha se operado? Seria possível o estabelecimento de alguma relação entre o declínio das narrativas orais e o fenômeno do aumento das taxas de homicídio na cidade de São Paulo?

A respeito da **narração**, da **transmissão da experiência** e da **tradição**, diz Benjamin:

"O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes." ⁴⁴

"A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração" ⁴⁵

Assim, as narrativas transmitiriam algo que - para a comunidade e o sujeito nela inserido - não deveria ser esquecido, algo da *experiência individual* do narrador, seja a partir do que ele mesmo viveu, seja do que lhe foi relatado por outros e já é seu, para a *experiência coletiva*, que se torna experiência coletiva, e algo da *experiência coletiva* para a *experiência individual* de seus ouvintes, de uma geração para outra, através da cadeia da tradição, a partir do uso da memória do e da palavra.

Vai de encontro a essa interpretação, por exemplo, o trabalho de Schmidt (1995), "O Passado, O Mundo do Outro e o Outro Mundo: tradição oral e memória coletiva", texto que trata da tradição oral numa comunidade do Brasil rural. Em um de seus trechos, por exemplo, em que comparece a fala de uma moradora da comunidade, fica clara a passagem da experiência individual para a experiência coletiva:

"[...] a história vai se afirmando como relato do que se passou, como testemunho do passado, do "tempo de dantes".

⁴² Benjamin, Walter, 1936, pg. 197: "É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção."

⁴³ Benjamin utiliza o termo "**narrativas orais**"? Em "O narrador...", ele se refere diversas vezes à "*tradição oral*" (vide, por exemplo, na pg. 201), já na pg. 198, ele se refere às "*histórias orais*" como a melhor referência dentre as narrativas, portanto, se seu uso não é explícito, está, até certo ponto, implícito no texto. No entanto, "narrativa" para Benjamin não seria equivalente a "narrativa oral", por exemplo, existiriam boas narrativas escritas, como as de Leskov. Consideramos que o termo "narrativa" utilizado por Benjamin aproxima-se da expressão "narrativa tradicional", como aquela oriunda de uma comunidade, de uma sociedade tradicional.

⁴⁴ Benjamin, W., op. cit., pg. 201.

⁴⁵ Idem, pg. 211.

“Se nós contarmos um caso, fica uma história. É o mesmo da vida da gente. Qualquer coisa é uma história. Então é por isso que ficou, as histórias. Mas só podia ser por isso, por que como que ficou a história? A história é a vida mesmo, acho que é. Foi a real que passou-se de *dantes*. A real. Porque todas as coisas têm uma história. A história foi isso: coisa que passou-se. Então, ficou por história. Você sabe, tudo que é de passado, fica por história.”⁴⁶

Essa será a concepção de narrativa que adotaremos neste texto, uma concepção baseada naquelas duas citações de Benjamin, que compreende as *narrativas* como podendo se tratar de histórias que ainda não se tornaram tradicionais, que ainda não se transmitem de geração em geração - e que na maioria das vezes nunca o serão - mas que têm sua origem na experiência e na interpretação que dela fazem os homens. Assim, faremos um uso ampliado da noção de “narrativa” de Benjamin, que incluirá também quaisquer narrativas de vida, como “causos”, episódios, histórias familiares, assim como lendas, contos-de-fada e contos populares. Quando nos referirmos à “narrativa” para Benjamin deixaremos isso explícito, ou utilizaremos a expressão “*narrativa tradicional*”, que é aquela que pertence à tradição cultural e passa de geração em geração. Para as finalidades desta pesquisa utilizaremos ainda a expressão “**narrativas orais**”, que tem para nós a utilidade de diferenciar as narrativas que são faladas de uma pessoa para outra(s) pela voz (e alma, mão e olho⁴⁷) de outros tipos de narrativas, como aquelas que estão na forma da palavra escrita, de encenação teatral ou de filmes. Assim, “narrativas tradicionais” e “narrativas orais” são categorias distintas, embora nas sociedades tradicionais praticamente a totalidade das narrativas tradicionais fossem narrativas orais.

Ao pensarmos que as histórias⁴⁸ expressariam concepções de vida, valores e ideais daqueles que as contam - e ao se considerar que as histórias narradas os transmitiriam - uma das possíveis implicações do declínio das narrativas orais na modernidade poderia ser o não compartilhamento dos mesmos valores e ideais culturais entre as diferentes gerações. Assim como, o conseqüente declínio dos valores tradicionais frente a outros.⁴⁹

⁴⁶ Schmidt, Maria Luísa. “O passado, o Mundo do Outro e o Outro Mundo: tradição oral e memória coletiva”, 1995, pg. 91.

⁴⁷ Benjamin, op.cit., pg. 220.

⁴⁸ Neste texto adotaremos o termo “**história**” para tratarmos de narrativas, em detrimento do termo “estória”. Isso, embora toda “estória” ser uma narrativa e nem toda “história” o ser, mas, por outro lado, o termo “história” tem uma aceção mais ampla, que engloba “estória” e não está restrita a “narrativas de cunho popular e tradicional”, como “estória” (cf dicionário Houaiss da Língua Portuguesa).

⁴⁹ Por outro lado temos de considerar o efeito da *televisão* para a disseminação dos valores. A televisão poderia operar justamente no sentido de uma maior homogeneidade nos valores e ideais culturais entre as gerações. Ela poderia ser um fator homogeneizador de valores, particularmente dos valores do consumo e da posse de bens e capital, visto o seu caráter majoritariamente comercial e mercantil.

Diz Marshall Berman (1986), que cita Karl Marx, do Manifesto do Partido Comunista:

“A burguesia transmudou toda a honra e dignidade pessoais em valor de troca; e em lugar de todas as liberdades pelas quais os homens têm lutado colocou uma liberdade sem princípios - a livre troca” [Marx]. O primeiro ponto aqui é o imenso poder do mercado na vida interior do homem moderno [...]. Quando afirma que todos os demais valores foram "transmudados" em valor de troca, Marx aponta para o fato de que a sociedade burguesa não eliminou as velhas estruturas de valor, mas absorveu-as, mudadas. [...] Com isso, qualquer espécie de conduta humana se torna permissível no instante em que se mostre economicamente viável, tornando-se "valiosa"; tudo o que pagar bem terá livre curso. Eis aí a essência do niilismo moderno.”⁵⁰

Esse seria um viés para se pensar a questão do aumento das atitudes violentas: com a Modernidade teria se processado essa transmutação dos valores em geral - aparentemente ainda válidos, como a vida humana, a honra, a dignidade e a justiça - para o valor único, o equivalente geral⁵¹, o capital.

Assim, poder-se-ia criar uma brecha, para atitudes que não respeitem a vida humana, mas que se pautem ou girem em torno do valor econômico, inclusive para ações de violência ou de desrespeito à integridade do outro. Por esse viés, essas transformações atingiriam, em maior ou menor grau, todo o Mundo Ocidental, todas as classes sociais e países de diversas condições sócio-econômicas.⁵²

A violência que procuraremos abordar especificamente trata-se então, da assim chamada “**violência gratuita**”, ou violência sem motivo aparente, ou aquela em que os motivos parecem mínimos ou “absurdos” frente à gravidade do ato violento. Nosso foco não estará, portanto, na questão da criminalidade ou dos conflitos político-territoriais, mas sim, na facilidade ou não, de se executar o ato violento. Ele estará sobre um tipo específico de violência, que teria se destacado nos últimos anos.

Talvez o aumento tão acentuado de jovens como vítimas de homicídios se relacione (como mais um elemento a ser levado em conta) a essas transformações apontadas por Berman. Pois o jovem teria sido aquele afetado por essa cultura da

⁵⁰ Berman, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar, 1986, pg. 108.

⁵¹ A partir de anotações de aulas do Professor Paulo Silveira, de seu curso “O inconsciente e o social” (2000).

⁵² No entanto, para cada cultura em particular tais transformações viriam numa determinada época e com uma determinada intensidade e cada cultura reagiria a essa tendência também de uma forma particular.

ultramodernidade, ou da modernidade mais atual, na sua infância e adolescência. Assim como, caso o declínio das narrativas orais seja gradual e tenha avançado nas últimas décadas no Brasil, os atuais jovens seriam aqueles que menos teriam escutado narrativas orais na infância. Tal declínio das narrativas pode se relacionar também ao pensamento imediatista de nossa época e à auto-exposição a situações de risco, que podem levar inclusive à morte.

A questão das narrativas orais se coloca também como relevante frente à questão da violência, visto o "contar histórias" estar se difundindo como uma prática educativa entre diversas instituições e públicos. Como em escolas, bibliotecas, centros culturais e inclusive na FEBEM, onde este pesquisador teve a oportunidade de desenvolver atividades grupais que envolviam narrativas de histórias, por cerca de quatro anos (2000-2004). Nesse período, durante conversas com os jovens nos grupos, grande parte deles disseram que não tiveram acesso - por meio de familiares - a histórias na infância, particularmente aos contos tradicionais, o que nos estimulou a uma pesquisa mais detalhada a respeito.

Embora o processo de transformação das práticas culturais seja amplo e perpassa a sociedade como um todo, pensamos especificamente no efeito desse processo sobre *os adolescentes*. Isso, devido principalmente a dois fatores: o elevado crescimento das taxas de homicídio nessa faixa etária nas últimas décadas; e o fato de, por terem nascido há menos de vinte anos, os adolescentes poderem ter sofrido as consequências das transformações sócio-culturais mais recentes desde suas infâncias.

C - Embora muitos fatores de diversas origens estejam envolvidos no fenômeno da violência contemporânea, tal estudo se apoiará na contribuição que a psicologia social e a psicanálise possam dar para a melhor compreensão dos fatores psicológicos de tal fenômeno. Pois, como a vida social, econômica e cultural está intimamente imbricada com a vida psíquica, as mudanças sócio-culturais das últimas décadas terão gerado transformações subjetivas, que, por outro lado, terão consequências sobre a vida social.

Por sua vez, a questão do *declínio das narrativas*, tal como formulada por Benjamin (1936), merece atenção, justamente por, caso realmente esteja se verificando, ser uma das mudanças culturais a incidir sobre a subjetividade.

Seria uma alteração no modo de transmissão dos valores entre as gerações, um dos motivos dessa suposta mudança na subjetividade?

Nesse sentido, o **objetivo central desta pesquisa** é o de *investigar as possíveis relações entre ouvir ou não narrativas orais na infância e a prática posterior de atos de violência, particularmente na adolescência e no contexto da cidade de São Paulo.*

Teriam os jovens que estão internados na FEBEM-SP escutado histórias na infância? Que tipo de histórias? Qual o lugar dessas histórias na vida desses jovens?

As histórias ouvidas por um jovem, que incidiu em um ato infracional mais grave, se diferenciariam das de um outro jovem? E as narrativas de suas experiências, de sua história e das histórias que ouviu, se diferenciariam?

Como poderiam, a psicanálise e a psicologia social, contribuir para o esclarecimento dessas questões?

1 - As narrativas orais e a Modernidade

1a - A partir de Walter Benjamin. O declínio das narrativas tradicionais na Modernidade

“[...] sabia-se bem o que era a experiência: as pessoas mais velhas sempre a passavam aos mais jovens. De forma concisa com a autoridade dos anos, em provérbios; ou de forma prolixa, com loquacidade, em histórias; ou ainda através de narrativas de países estrangeiros, junto à lareira, diante de filhos e netos. Mas para onde foi tudo isso? Quem ainda encontra pessoas que saibam contar histórias como devem ser contadas? Por acaso, os que hoje estão em seu leito de morte dizem palavras tão duradouras que possam ser transmitidas de geração em geração, como um anel? Quem ainda tentará lidar com a juventude invocando sua experiência. A quem ajuda, hoje em dia, um provérbio?”⁵³

Quem ainda tentará lidar com a juventude invocando sua experiência? O quanto que crianças e adolescentes escutam, respeitam e se interessam pela palavra e histórias de pais e avós? Uma das conseqüências da Modernidade, segundo Walter Benjamin, seria o declínio da arte de narrar, como isso afeta a vida social e a vida de cada um? Existiria alguma relação com a questão da violência em nossos dias? A partir, principalmente, do texto de Benjamin *"O narrador: considerações acerca da obra de Nikolai Leskov"*, procuraremos nos aprofundar em tais questões.

Nesse texto Benjamin aborda a transformação que se operava nas narrativas na passagem de uma vida numa época tradicional para a vida na época moderna. Consideramos como eixo de seu texto a tese do ***declínio das narrativas***. Logo no primeiro parágrafo do texto diz Benjamin:

"a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma

⁵³ Benjamin, W.. "Experiência e pobreza", in Matos, O.. "A narrativa: metáfora e liberdade", 2001, p. 22.

faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo.”⁵⁴

Para Benjamin, tal declínio do ‘saber narrar devidamente’ estaria intimamente relacionado com o declínio do valor da **experiência**⁵⁵. Pois o material das narrativas é a experiência. E só faz sentido falar da experiência, transmiti-la de boca em boca quando ela tem *valor*, quando ela não *desmoraliza* o falante⁵⁶. Mas num mundo em que o valor se resume cada vez mais ao valor de troca o valor da experiência é cada vez menor.

Em outro texto, “Experiência e Pobreza”, de 1933, um pouco anterior a “O narrador...”, Benjamin abordou com mais detalhes o fenômeno da *pobreza da experiência* no mundo atual. Segundo ele, um dos fatores para tanto seria o desenvolvimento das tecnologias, que, sobrepondo-se ao homem, levariam a uma nova forma de miséria, a da experiência. Seria como se as criações tecnológicas estivessem em uma outra ordem de grandeza, para além da compreensão imediata humana, para além da dimensão humana⁵⁷.

Assim, na modernidade, experiências pouco valoráveis seriam cada vez mais comuns, como, por exemplo, a experiência do *trabalho mecânico e monótono*, como no trabalho em uma fábrica. Como afirma Ecléa Bosi,

“A sociedade industrial multiplica horas mortas que apenas suportamos: são os tempos vazios das filas, dos bancos, da burocracia, preenchimento de formulários...”⁵⁸

⁵⁴ Benjamin, W.. “O narrador...”, 1985, pgs. 197 e 198. A experiência só não perderia o valor na medida em que pudesse ser convertida em valor de troca, mercadoria ou capital.

⁵⁵ Segundo Ecléa Bosi (2003, pg. 42), etimologicamente o termo “**experiência**” deriva daquilo que salta fora, “*ex-*”, do *perímetro* de um círculo já percorrido. Remete, portanto, à ampliação do já sabido, à ruptura dos estereótipos, à saída de si.

Segundo Jeanne Marie Gagnebin (1999, pg. 58), o termo alemão *Erfahrung* (experiência), utilizado por Benjamin, deriva do radical *fahr*, utilizado no antigo alemão com o sentido de percorrer, de atravessar uma região durante uma viagem. Os dois termos, no entanto, teriam um significado próximo, de saída de uma região já conhecida, do alargamento do que pode ser conhecido ao se *percorrer* uma região.

⁵⁶ A partir de Benjamin, 1985, pg. 198: “No final da guerra [a 1ª Guerra], observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. [...] Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação...”

⁵⁷ Benjamin, W.. “Experiência e Pobreza”, in *Magia e técnica, arte e política*, 1985, pg. 115. Ao falar do retorno da primeira guerra mundial, Benjamin conclui: “Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras estava o frágil e minúsculo corpo humano”.

⁵⁸ Bosi, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, 2003, pg. 24.

Dessa maneira, as pessoas teriam menos experiências relevantes para contarem umas às outras e mais experiências monótonas ou iguais entre si, como a do trabalho numa repartição pública, numa loja de departamentos, numa seção de *telemarketing*, experiências que, muitas vezes, mais *humilhariam* do que valorizariam o trabalhador. O intercâmbio de experiências estaria então cada vez menor. Também conta para isso o fato de que os próprios ambientes modernos não favorecem as conversações, como o barulho em uma fábrica ou no metrô, a competitividade ou a pressão por produtividade entre funcionários em grandes empresas.

Para Benjamin a narrativa tem sempre uma dimensão utilitária, essa utilidade

“pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida”.⁵⁹

Utilidade (*valor de uso*) que se demonstra claramente quando a narrativa é realizada na forma de um conselho. Para Antonio Cândido a arte de narrar

"se traduz em algo que circula como um bem, útil para preencher as necessidades de sonho da comunidade;"⁶⁰

Mas, diz Benjamin,

"se "dar conselhos" parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em conseqüência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder uma pergunta do que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: *sabedoria*." ⁶¹

Benjamin afirma que o narrador é alguém que sabe dar **conselhos**. Para tanto a narrativa teria de vir já inserida no contexto do coletivo, inserida na história do ouvinte. O narrador, tendo já conhecimento da história daqueles a quem vai narrar, narraria uma outra história, que poderia servir como uma sugestão às histórias pessoais dos ouvintes. Poderíamos pensar que haveria uma espécie de enganche psíquico entre aquelas histórias que são narradas e as histórias dos ouvintes, como se a historia narrada desse continuidade

⁵⁹ Benjamin, op. cit., pg. 200.

⁶⁰ Lima, Francisco A. de Sousa. Conto popular e comunidade narrativa, pg. VI.

⁶¹ Benjamin, op. cit., pg. 200.

à cadeia de histórias e de vidas, como se fosse mais um elo entre um nó e outro da existência, da trama da vida e das vidas que se entrelaçam.

Já o romance, gênero literário moderno, distingue-se da narrativa para Benjamin:

"O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los." ⁶²

Narrar, dar conselhos, são habilidades que se aprendem. Mas o indivíduo moderno, ao não poder narrar sua vida, falar exemplarmente sobre ela, passa a não mais *saber narrar* a sua vida, nem para os outros nem, conseqüentemente, para *si mesmo*. Ao não transformar em narrativas o que viveu, impediria outros – e a si próprio – de conhecerem a sua história, o que impossibilitaria que recebesse "conselhos" sobre a continuidade da mesma. "Conselhos" inclusive de si próprio, na forma de reflexões, lembranças, recordações de histórias ou casos. Conselhos que servissem como guias para ações do futuro, ou frente a dificuldades do presente, ou mesmo relativo a *erros* cometidos no passado. Sem a sua própria história o indivíduo perderia também, em certa medida, a possibilidade de *elaboração de um sentido* para sua vida, sentido que se construiria a partir história, do passado, que incidiria sobre o momento presente e que apontaria para um tempo futuro.

Perderia também uma possibilidade de **elaboração da própria experiência**, que se faria ao narrar o vivido para um outro, gerando reflexão ou elaboração simbólica tanto para o narrador como para o ouvinte. Raciocínio que faz ressonância com o que Schmidt (1995) fala sobre a tradição oral numa comunidade:

"A tradição oral comporta, neste caso, pelo menos três aspectos relevantes para a *elaboração da experiência* do grupo: a repetição dos relatos tradicionais; o empreendimento de *comentários e reflexões*, atualizando valores e cosmologias; e a acolhida dos "casos" como acréscimos ao acervo tradicional que vai se sedimentando, ao mesmo tempo em que se expande."⁶³

Uma experiência, no caso, que não é apenas individual, mas grupal, coletiva; e uma elaboração da experiência que se faz em grupo.

Por outro lado, por ser isolado, por não contar, como ficaria a continuidade da história do indivíduo moderno? Sem a experiência e sem os "conselhos" o que guiaria a

⁶² Benjamin, op cit., pg. 201.

⁶³ Schimidt, M. L., 1995, pg. 98. Os itálicos são meus.

sua ação? Qual seria o seu grau de decisão, de autonomia e de consciência sobre a continuidade de sua vida?

O homem moderno também não poderia dar "conselhos" sobre a continuidade de outras vidas (por ninguém contá-las ou por não saber narrar), mas antes disso, conseguiria ele *escutar* realmente o que o outro tem a dizer?

Benjamin fala que é da *autoridade* das últimas palavras de alguém que está a morrer que o narrador retira a sua autoridade. Que é “da morte que ele deriva sua autoridade” e que a “origem da narrativa está nessa autoridade”⁶⁴, ou seja, a origem da narrativa encontra-se vinculada ao acontecimento da **morte**. Consideramos que haveria, então, uma certa "*superação da morte*" nessa derivação da autoridade - sem negá-la - superação essa representada pela permanência das últimas palavras ou gestos do vivente no mundo⁶⁵. Ou da permanência com os presentes aos últimos instantes de um homem, de uma história a ser contada, e no interior daquela(s) história(s), completada com os últimos momentos, poderia residir algo que desvelasse um pouco do mistério da vida, que revelasse um pouco do sentido daquela vida.

De modo próximo ao que refletimos agora, diz ainda Benjamin:

“Não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução.”⁶⁶

Segundo Benjamin, narradores e ouvintes têm grande interesse em conservar o que é narrado, são movidos por esse interesse. Ao reproduzirem adiante no tempo a história, tornam presente novamente a experiência que a motivou e mais uma vez a revivem. Assim, consideramos que a história narrada se opõe ao fim da experiência em si mesma (enquanto fato vivido) e em quem a viveu, se opõe, portanto, à *morte* como um fim absoluto e propõe uma forma de continuidade. Da mesma maneira, o personagem da história revive na narrativa, e assim se perpetua através do tempo, num movimento de superação simbólica da morte. É o fio da narrativa a conduzir, reproduzir, transmitir a vida, seja a individual ou a coletiva, da cultura.

⁶⁴ Benjamin, op. cit., pg. 208. Vide também as pgs. 207 e 209.

⁶⁵ Poderíamos pensar na proximidade com o significado de “palavra” e “ação” entre os gregos antigos, segundo Hannah Arendt (vide A condição humana, 1995). As ações e feitos “gloriosos” dos homens poderiam se imortalizar após a morte dos mesmos através da palavra, essa seria a imortalidade possível para os mortais.

Poderíamos pensar também na palavra substituindo a perda, o ausente, segundo o modelo psicanalítico (a partir do exemplo dado por Freud: do carretel e do *fort-da*).

⁶⁶ Benjamin, op. cit., pg. 210.

Mas o mundo atual impediria em grande parte esse processo de superação, visto carecer cada vez mais de espaços de narrativas, inclusive impedindo muitas vezes as últimas palavras do indivíduo, ao isolá-lo, por exemplo, em hospitais. Com isso, enfraquece-se a autoridade das narrativas, enfraquecem-se as narrativas em geral e o sentido na vida social.

"Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte. Morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo [...] Hoje, a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos." ⁶⁷

Se antes morrer era um acontecimento público, como coloca Benjamin, com as portas das casas abertas ao público, como um acontecimento exemplar, no qual a sabedoria e a experiência podiam circular, hoje a morte é escondida, mais do que privatizada, é expulsa do universo da vida, como se todos quisessem negá-la, como se a vida não tivesse um final e a morte não existisse e como se não se devesse pensar a esse respeito. Sabemos que a tentativa de negação dos limites, e conseqüentemente da morte, é característica do pensamento *onipotente, narcísico*. Sabemos também que a negação da morte já foi objeto das inúmeras religiões e crenças humanas e que, ao menos o seu adiamento, é um dos objetivos da moderna ciência da medicina. Consideramos então esse movimento de **negação da morte** como uma das características da Modernidade, ao qual se liga também as características do projeto de domínio da natureza, da valorização do novo e da desvalorização do velho, assim como, atualmente, o avanço do *narcisismo na cultura*⁶⁸. Uma desvalorização do velho que atinge também o homem velho, idoso, o ancião, aquele que antes poderia ser o portador de narrativas, experiências, da sabedoria coletiva da comunidade. Hoje é provável que o envelhecimento, talvez por lembrar a proximidade da morte e da finitude, também precise ser “escondido” (asilos) ou negado (plásticas, “terceira idade”).

Benjamin fala do indivíduo isolado na Modernidade (pg. 26 deste), esse também é um fator a incidir sobre a perda do sentido. Pois o *sentido* é algo do campo da coletividade, da linguagem, ele só se dá em coletividade, em inter-relações, na intersubjetividade. A *comunidade de ouvintes* seria justamente um lugar privilegiado para a constituição e estabelecimento de significados e sentidos, um viveiro de sentidos. Do

⁶⁷ Benjamin, op. cit., pg. 207.

⁶⁸ Vide Christopher Lasch, *A cultura do narcisismo*, 1983.

homem que é isolado de sua coletividade e vive solitário, seria de se esperar que sua vida e o que faz, perca, *aos poucos*, o sentido.

Segundo David Levy, às questões: qual é o meu destino? A quem fui destinado? A quem vim? É justamente aí, nesse procurado *sentido da vida*,

"... que intervém a função narrativa pois são suas qualidades que podem responder pelo sentido ou significado da história." ⁶⁹

As histórias narradas na substância viva da existência, embora talvez sem nunca responderem diretamente à questão, cercavam-na, delimitavam-na, em seu conjunto constituíam um campo de sentido, e, em muitos casos, serviam de apoio à moral e davam substância a uma mitologia ou cosmologia. Segundo Schmidt, as narrativas, referendadas pela observação do mundo, "dão acesso a visões da própria origem do mundo humano e servem de auxílio na configuração de cosmologias."⁷⁰

Seria o oposto do romance, que tem como preocupação central o sentido da vida⁷¹, talvez justamente pela vida tê-lo perdido na Modernidade, enquanto que a narrativa convida o "ouvinte" à reflexão sobre *a moral da história*.⁷²

Mas como pensar num *sentido* para a vida, para o mundo, numa sociedade sem contadores de história? Estaria essa questão relacionada à expansão da psicanálise e das psicoterapias? Estaria essa questão relacionada com o aumento das "violências gratuitas" nos EUA e no Brasil, como os adolescentes assassinos em escolas dos EUA e crimes homicidas cometidos por jovens de classe média no Brasil (como colocar fogo em moradores de rua e índios, como casos de parricídio)? E mesmo com certas "síndromes psicopatológicas do momento" (como a "síndrome do pânico") e o grande aumento dos diagnósticos de "depressão"? Seria o *isolamento* do indivíduo moderno, sua segregação de uma vida comunitária, de maneira a não contar mais ao coletivo suas preocupações e experiências mais importantes, um fator sócio-cultural de nossa época a contribuir tanto com as *psicopatologias* quanto com as *violências* mais atuais?

Pois o *sentido* só se faz presente com a retomada da *história*, seja a história social, de um coletivo, de uma instituição, uma família, uma relação ou a história de vida de cada

⁶⁹ Levy, David, "Psicanálise e Narratividade", pg. 44.

⁷⁰ Schmidt, M. L. S., 1995, pg. 94.

⁷¹ Vide Benjamin, op. cit., pgs. 212 e 213.

⁷² Por que a narrativa não se movimentaria em torno da questão do sentido da vida? Talvez porque numa comunidade tradicional o sentido da vida não seja uma questão. Talvez o mais importante então, o que estava em questão, fosse o estabelecimento de uma moral e de uma sabedoria, para a convivência em comunidade e a vida no mundo, ou o estabelecimento do que seria o "bem conviver" e o "bem comum".

um; não existe sentido possível sem a *memória*. E sem o sentido a vida humana corre o risco de cair na *coisificação* (presente na automação das atitudes humanas, no “homem/mulher-objeto”, mercadoria, na frieza com o outro), ou numa espécie de *vegetação* (presente no silêncio, na ausência de fala significativa ou na vida dirigida apenas para a autoconservação, a sobrevivência e a reprodução biológica) ou em algo próximo de uma *animalização* (a satisfação imediata, o mundo das necessidades, o império da “lei do mais forte”, o não respeito às leis humanas).

Poderíamos também pensar numa aproximação aos processos de alienação (em termos marxistas) e de imediatização na satisfação dos desejos, proposta pela publicidade atual, com os quadros narcísicos e certas psicopatologias. Pois seria possível um paralelo entre o processo de reificação no capitalismo e a busca de soluções em coisas, mercadorias, homens/mulheres-objeto, produtos químicos, drogas, e não no universo narrativo, discursivo, intersubjetivo e político humano. Pensaríamos numa falta de “*polis*”, de lugares públicos de discussão, fala e escuta, que propiciassem o exercício e a emergência de mediações simbólicas.

A respeito da questão que fizemos relacionando o isolamento do homem moderno, o fim de uma vida comunitária, e a maior emergência de certos tipos de psicopatologias e de violências (que podem ser consideradas também patologias, seja do indivíduo seja do corpo social), Benjamin, no excerto “Conto e Cura”, de “Imagens do Pensamento”, nos fala do poder de cura da narrativa, como quando uma mãe conta histórias para seu filho doente ao pé da cama e ele se cura, Benjamin se questiona então, não das conseqüências da falta de narrativas na vida, como fizemos, mas acerca do poder de sua presença, como no trecho a seguir:

“Daí vem a pergunta se a narração não formaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças curáveis se apenas se deixassem flutuar para bem longe - até a foz - na correnteza da narração. Se imaginarmos que a dor é uma barragem que se opõe à corrente da narrativa...”⁷³

Concordamos com Benjamin, mas apontamos o outro lado: se as narrativas curam, a falta de narrativas não levaria ao adoecimento? A imagem da dor como uma barragem, sólida, se opondo à fluidez/fruição da corrente narrativa nos recorda também o conceito

⁷³ Benjamin, W.. “Imagens do Pensamento”, in Rua de mão única - Obras Escolhidas II, 1987, pg. 269.

freudiano de trauma, a questão da humilhação social⁷⁴ e um fragmento de Adorno e Horkheimer, da Dialética do Esclarecimento, “Sobre a Gênese da Burrice”:

“Diante de um obstáculo, a antena [do caracol] é imediatamente retirada para o abrigo protetor do corpo, ela se identifica de novo com o todo e só muito hesitantemente ousará sair de novo como um órgão independente. Se o perigo ainda estiver presente, ela desaparecerá de novo, e a distância até a repetição da tentativa aumentará. Em seus começos a vida intelectual é extremamente delicada. [...] O corpo é paralisado pelo ferimento físico, o espírito pelo medo. Na origem, as duas coisas são inseparáveis. [...] A burrice é uma cicatriz. Ela pode se referir a um tipo de desempenho entre outros, ou a todos, práticos e intelectuais. Toda burrice parcial de uma pessoa designa um lugar em que o jogo dos músculos foi, em vez de favorecido, inibido no momento do despertar.”⁷⁵

Poderíamos compreender a incapacidade de narrar atual como uma “burrice parcial” (assim como as psicopatologias ou mesmo certas atitudes violentas)? Frente os perigos, adversidades, golpes e humilhações impostas pelo mundo o narrador se recolheu, a corrente narrativa se interrompeu, a cura cessou, o medo dominou, à mostra restou a cicatriz, da violência e das psicopatologias.

Mas retornemos para Benjamin: para ele, mais ameaçador à narrativa do que o romance é a “**informação**”. Segundo ele,

“[...] o saber que vem de longe encontra hoje menos ouvintes que a informação sobre acontecimentos próximos.”⁷⁶

Tal saber que vinha de longe era característico das narrativas, e corresponderia ao saber da distância espacial, das terras e povos desconhecidos, e ao saber da distância temporal, do passado, dos antepassados e da tradição.

Enquanto a informação tenta dar conta de tudo, tudo explicar,

“Metade da arte narrativa está em evitar explicações.”

O leitor na narrativa

“[...] é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.”⁷⁷

⁷⁴ Temos como referência para pensar a humilhação social as aulas do professor José Moura Gonçalves Filho, de seu curso “Humilhação Social: alguns elementos para o exame psicológico de um sofrimento político”, 2002.

⁷⁵ Adorno, T. & Horkheimer, M.. *Dialética do Esclarecimento*, 1985, pgs. 239 e 240.

⁷⁶ Benjamin, op cit., p. 202.

⁷⁷ Benjamin, op cit., p. 203.

A *informação* - característica dos meios de comunicação de massa, das mídias, como os jornais, revistas e telejornais atuais - seria algo que tenderia para o fechado, unívoco, que já vem pronto, pré-interpretado e explicado. Ela limita as possibilidades da experiência, reduz. Caberia ao leitor, ao telespectador, apenas aceitá-la, com pouco espaço para recusá-la e para o pensamento. Já a narrativa possibilitaria um espaço maior para o ouvinte, para a sua interpretação. É graças a esse espaço que seria possível o enganche do que é narrado com a história do sujeito. Por outro lado, a informação, por tudo explicar, pelo espaço para o sujeito ser mínimo, não seria incorporada enquanto experiência, mas enquanto algo que vem de fora e atinge o sujeito, podendo ou não ser carregada ou incorporada por ele. A informação, em geral, não se acrescentaria, de maneira integrada, à subjetividade como a narrativa, mas poderia ser, às vezes, como que um peso sobre ela, que iria se avolumando, de maneira muitas vezes *fragmentada* e com um sentido não coerente para o sujeito.⁷⁸

Segundo Benjamin,

"A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver."

"Heródoto não explica nada. Seu relato é dos mais secos." Por isso, uma história sua do antigo Egito ainda é capaz, depois de milênios, de suscitar espanto e reflexão.⁷⁹

A narrativa deixa livre um espaço para o ouvinte. Nela o maravilhamento, o espanto e a reflexão, são sinais de que a narrativa atingiu seu objetivo: acrescentar algo novo, romper com o esperado, ir além da visão anterior do sujeito sobre o mundo, as relações e as coisas.

A narrativa não visa o lucro ou um público/mercado consumidor, o narrador visa um público de ouvintes. Não se trata de uma emoção instantânea, de "novidade", passageira e "sem perda de tempo", como o noticiário de um telejornal ou um filme *blockbuster* de Hollywood. O mundo das narrativas é, muitas vezes, um território fora do

⁷⁸ Seria interessante uma pesquisa acerca dos estudos já realizados sobre a possível relação entre excesso de "exposição" à informação e desenvolvimento de problemas psíquicos.

⁷⁹ Benjamin, op cit., p. 204. Trata-se do episódio em que rei persa Cambises tentou humilhar o rei egípcio Psammetit, após derrotá-lo.

tempo e do espaço. Um território propício ao fantasiar, um “pássaro de sonho” possível graças ao “tédio”. O que pode ser uma *abertura*, uma janela.

Pois pela porta aberta da fantasia, do sonho, por sua linguagem metafórica, com desvãos e brechas, as histórias e proposições podem chegar ao eu (sem sofrerem a censura do superego), podem lançar elementos para a construção de intermediários simbólicos, novas pontes e elos de contato e troca com o mundo, novas possibilidades de se relacionar com o social e os outros.⁸⁰

Diz ainda Benjamin:

"Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente *se assimilará* à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. Esse *processo de assimilação* se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro. Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta."⁸¹

Benjamin fala que a assimilação se dá em camadas muito profundas, camadas que poderíamos considerar como inconscientes, que só seriam atingíveis quando a pessoa está num estado de *distensão psíquica*⁸². Esse estado seria como um 'pássaro de sonho', que precisa de um espaço seguro para chocar os ovos da experiência, à menor aparência de ameaça o pássaro de sonho, a abertura ao inconsciente, bate as asas e se vai, e assim o vivido não pode ser chocado, vir à luz e ser assimilado como experiência própria. A falta de “ninhos” adequados, de espaços que possibilitem uma distensão psíquica, tranqüilidade, segurança, pode contribuir com uma não incorporação da experiência do Mundo.

Aqui, poderíamos dizer que a potencialidade do ovo é ser um "pássaro de sonho", mas que só a partir da Experiência ele alcançaria uma sabedoria bastante para perseguir a realização de seus sonhos no mundo, através do domínio da arte do voar/narrar.

Como se faria esse processo de assimilação do narrado? Na medida em que o narrador renuncia à análise e às minúcias psicológicas ele abriria espaço para as sutilezas

⁸⁰ Vide o conceito de intermediário e a função do pré-consciente, a partir de Kaës, que exploraremos no capítulo seguinte.

⁸¹ Benjamin, op cit., p. 204. Os itálicos são meus.

⁸² Poderíamos pensar num paralelo desse estado psíquico necessário para as narrativas com o estado de atenção ego-flutuante, necessário à clínica psicanalítica.

psicológicas do ouvinte, para sua imaginação, para o estabelecimento de uma ponte entre o que foi narrado e a própria experiência de quem escuta, para que a história narrada faça *sentido* a quem escuta. Quando isso acontece, o que foi narrado é então **assimilado** como se fora a própria experiência do ouvinte. Há a incorporação do narrado ao mundo de Experiências do ouvinte e à sua *memória*. E, numa situação propícia, tal experiência emergirá exemplarmente, como uma história ou um conselho. Tal processo de assimilação trata-se, então, de um processo de *aprendizagem* a partir das Experiências.⁸³

Em muitas vezes seria por meio da narração que, pela primeira vez, seria integrado à experiência de vida da pessoa o que ela viveu. Narrativa que implica em elaboração do vivido e, por vezes, certa tomada de consciência acerca do vivido. Na medida em que é dito para um outro ou transformado em *linguagem, socializado*, se transforma então em Experiência.⁸⁴

Mas no mundo atual, “sem tempo a perder”, há a perda dos “ninhos da experiência”, dos espaços de distensão psíquica e dos tempos de tédio e, com isso,

"[...] desaparece o dom de *ouvir*, e desaparece a *comunidade dos ouvintes*. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido." ⁸⁵

No "corre-corre" da vida moderna como é que está a capacidade para *ouvir o outro*? Há espaço para ouvir o que o outro diz, suas narrativas? Ou as pessoas estariam com falta de tempo, concentradas apenas no trabalho, concentradas em ganhar dinheiro ou em perdê-lo (consumir), ou mesmo concentradas em se distrair, como ao assistir a um jogo de futebol ou à novela pela televisão? Quantos são os momentos em que as pessoas se esquecem de si mesmas e de seus interesses para poderem ouvir o outro? Não seria a

⁸³ Benjamin (1892-1940) utiliza o mesmo termo, “assimilação”, que Jean Piaget (1896-1980), para descrever um processo de aprendizagem. Haveria uma proximidade conceitual? Segundo Piaget, na aprendizagem não ocorreria apenas a *assimilação*, mas também a *acomodação* de novos conteúdos, nesse sentido haveria um distanciamento conceitual, no entanto, a aprendizagem não ocorreria sem a assimilação do novo ao pré-existente. E no caso da informação, quais os processos que ocorreriam segundo Piaget? Apenas a assimilação a estruturas já pré-existentes, sem real aprendizagem? Piaget publicou várias de suas obras nas décadas de 20 e 30, teria Benjamin tido algum tipo de acesso a elas? São questões pertinentes, talvez para um outro estudo.

⁸⁴ Essa é uma interpretação nossa, a partir do texto de Benjamin. Grafamos aqui o termo “Experiência” com maiúscula, para diferenciarmos uma experiência que foi verbalizada ou compartilhada pela palavra, de uma vivência ou “experiência” que não necessariamente o foi.

⁸⁵ Benjamin, op cit., p. 205. Os itálicos são meus.

partir dessa mudança, dessa “falta de tempo”, que teria surgido a figura do psicoterapeuta, como alguém basicamente disposto a escutar o outro?

Mas, retomando a questão do declínio das narrativas, para Benjamin,

"A arte de narrar está definindo porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção." ⁸⁶

O que nos faz pensar que, com os avanços tecnológicos e científicos da modernidade - cada vez mais velozes - uma certa sabedoria de como viver nesse mundo haveria se deslocado, daqueles que teriam mais Experiência, os mais velhos em geral, ou os narradores em geral, para os mais jovens, que mais abertos estão às atualizações tecnológicas e às novidades científicas (novas informações), e para o próprio "cientista", ou o seu representante, o "especialista", como por exemplo, o engenheiro, o médico e o psicólogo. Assim, a **sabedoria** da Experiência e a cultura da tradição perderiam suas forças frente um novo mundo, um mundo em constante e veloz transformação. Esse processo não ocorreu "naturalmente", mas a **tradição** e o "**velho**" foram frontalmente atacados, desvalorizados pelo discurso da ideologia modernista, pelo pensamento cientificista e pela lógica da mercadoria.

Será que os contos tradicionais não dão mais conta da realidade da Modernidade e da atualidade? Conseqüentemente, então, o seu declínio e substituição pelo romance, contos modernos, outras formas de narrativas e de comunicação. Por outro lado, é notável a reprodução dos contos tradicionais sob nova forma, não mais como *narrativas orais tradicionais*, mas na forma de livros infantis, desenhos animados, peças de teatro e filmes. Essa sobre-vivência dos contos tradicionais talvez se deva ao caráter básico, fundamental (“arquetípico” para Jung) de algumas histórias, de dizer acerca das relações humanas e do estar num mundo social.

O que nos leva a perguntar: se no âmbito manifesto da cultura a cadeia da tradição oral tem sido rompida, como seria no âmbito não manifesto? Teriam se criado outros mecanismos sociais para que se cumpra a "função narrativa"? De uma maneira suficientemente fechada para que seja coerente e estruturante, e suficientemente aberta para que não vincule a subjetividade⁸⁷ e a coletividade a um conjunto praticamente fixo de valores como numa sociedade tradicional?

⁸⁶ Benjamin, op. cit., pg. 200.

⁸⁷ "Subjetividade" será entendida neste texto segundo a definição do dicionário Houaiss da língua portuguesa, como "característica do que é subjetivo, da realidade psíquica, emocional e cognitiva do ser

Poderíamos supor que a Experiência e a sabedoria, que não têm sido mais transmitidas manifestamente via narrativa oral tradicional, estariam sendo transmitidas por outras vias (como a televisão, o cinema, o rádio, certos livros, canções e crônicas de jornais) e sendo incorporadas, pela cultura⁸⁸ e pelo sujeito, de alguma maneira?

Nesse sentido, pensamos que certos programas de *televisão* poderiam transmitir algo da Experiência coletiva, como por exemplo, algumas novelas brasileiras e os programas de entrevistas; assim como um bom *filme* ou *peça de teatro* teria essa capacidade; e também as narrativas *escritas* que não se afastassem das narrativas orais populares, conforme pontua Benjamin⁸⁹; o mesmo seria válido para o *rádio* e as *canções*.

No entanto, nesses meios de comunicação o sujeito está colocado apenas no lugar de “ouvinte”, receptor, não no de *narrador*⁹⁰. E como essas narrativas poderiam funcionar como “conselhos” se os “narradores” não conhecem a história dos ouvintes? Seriam as histórias dos ouvintes todas iguais ou parecidas, corroborando a tese de uma “sociedade de massas”? No caso ainda do receptor da comunicação não contar a história - ou trechos dela - recebida para um outro, ele a transformará em Experiência? Há um risco de que não.

Caso ele ainda não conte nem as histórias “ouvidas” nem os “fatos” que viveu para um “outro”⁹¹, **aprenderá ele com a experiência**, a sua própria experiência e a de outros?

No caso de ‘não aprender com a experiência’ o “sujeito-receptor” deixaria de caminhar no sentido de uma “sabedoria de vida”, por outro lado, estaria ele mais apto à vida na ultramodernidade? De qualquer maneira, nesse caso, parece-nos que a heteronomia estaria favorecida frente à autonomia do sujeito, ideal da Modernidade. Isso, ao substituir um momento de diálogo vivo, por narrativas prontas recebidas, “pré-

humano, passível de manifestar-se simultaneamente nos âmbitos individual e coletivo, e comprometida com a apropriação intelectual dos objetos externos”, em oposição à *objetividade*.

Uma outra referência é o conceito de subjetividade, a partir de Kaës (1997, pg. 100): “A subjetividade se constituirá, pois, de dois níveis interdependentes: intra-subjetivo e intersubjetivo; pela sua falta dever-se-á considerar um nível *a*-subjetivo que é o da despsiquização, o do fato (corporal, social, econômico) em bruto, fora de qualquer processo de apoio e de intersubjetividade.”

⁸⁸ Neste texto consideraremos o termo “**cultura**” como referente exclusivamente à cultura humana. De acordo com as seguintes acepções do termo: “o cabedal de conhecimentos, a ilustração, o saber de uma pessoa ou grupo social”; “conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social”; “forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais (de um lugar ou período específico); civilização” (*cf* Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa).

⁸⁹ Vide Benjamin, op. cit., pgs. 198, 200, 203, 204 e 221.

⁹⁰ Isso ao pensarmos nos receptores da comunicação, que são a grande maioria, não nos autores nem nos “atores”.

⁹¹ Um outro que pode estar internalizado.

fabricadas”, que podem não representar o melhor conselho para a continuidade de uma vida específica, mas que assim seriam vendidas, de maneira massificada e cumprindo funções ideológicas, além de econômicas.

Em relação aos novos meios de comunicação, como o *telefone*, poderíamos pensar que nele é possível o sujeito narrar histórias, Experiências, que o telefone pode inclusive propiciar e facilitar as narrativas. Mas por outro lado, haveria uma perda significativa da qualidade da comunicação e, possivelmente, com conseqüências para a transmissão da Experiência, em relação a uma narrativa cara-a-cara. No caso da *internet* o benefício seria semelhante ao do telefone (mas em uma dimensão para além deste), mas a perda na transmissão poderia ser ainda maior que a do telefone, tanto devido à mediação da escrita, quanto devido à característica da rapidez do uso que se tem feito dela (em geral devido ao excesso de comunicações ou informações que se tem via correio eletrônico), oposta ao necessário “tédio”.

1b - Características da Modernidade

Para compreendermos tanto o fenômeno do declínio das narrativas orais tradicionais quanto o da violência em nossa sociedade atualmente, pode ser útil nos determos um pouco na análise e na caracterização da época em que vivemos. De maneira esquemática, a partir do referencial de Walter Benjamin, poderíamos subdividir as épocas históricas - ou as sociedades - em época pré-moderna, das sociedades tradicionais, e época moderna, das sociedades modernas. Como referencial histórico teríamos um acontecimento demarcando o início da época moderna, a Revolução Francesa, numa concepção que aproximasse a eclosão da Modernidade com o Iluminismo. O que estaria de acordo com o pensamento da chamada Escola de Frankfurt, a qual Benjamin pertenceu. Embora as origens da Modernidade remontem ao Renascimento, ou, para sermos mais rigorosos, até aos gregos antigos, conforme o exposto no texto “Ulisses ou Mito e Esclarecimento”, da obra Dialética do Esclarecimento, de Adorno e Horkheimer, isso, ao tomarmos a Modernidade como fruto do avanço do Esclarecimento sobre a vida social, e aproximarmos “esclarecimento” e “iluminismo”, a partir do alemão “*Aufklärung*”.⁹²

⁹² O título original da obra é *Dialektik der Aufklärung – Philosophische Fragmente*.

Assim, desde o século XVIII, o mundo passa por radicais transformações: transformações tecnológicas, como o início da utilização da energia elétrica, das lâmpadas, o surgimento dos trens, automóveis e aviões, do telefone, telefone celular, computadores, internet, do rádio e televisão; transformações econômicas, como as do advento da industrialização; sociais, como a urbanização e a proletarização; transformações políticas, como a Revolução Francesa, a queda das aristocracias, o avanço do liberalismo e a ascensão das democracias representativas; e culturais, com o advento das ciências naturais, do cientificismo e o avançar do processo de racionalização, num todo que se convencionou chamar de Modernidade. Tais transformações acentuam-se cada vez mais e é de se supor que operem também transformações na subjetividade.

Para Marshall Berman, na Modernidade os indivíduos

"São todos movidos, ao mesmo tempo, pelo desejo de mudança - de autotransformação e de transformação do mundo em redor - e pelo terror da desorientação e da desintegração, o terror da vida que se desfaz em pedaços. Todos conhecem a vertigem e o terror de um mundo no qual "tudo o que é sólido desmancha no ar".⁹³

Tal é o mundo das experiências da Modernidade. Experiências como

"... encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade na desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e *angústia*."⁹⁴

Vive-se uma época em que a **memória** da coletividade é constantemente soterrada, esquecida, que cultua cada vez mais o presente, o instantâneo, a transformação por ela mesma, o **novo**, o jovem, e tem ojeriza pelo antigo, o passado, o velho e o tradicional.

⁹³ Berman, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade, 1986, pg. 13. Nesse trecho, Berman cita Karl Marx, do Manifesto do Partido Comunista.

⁹⁴ Berman, M., op cit, pg. 15. O itálico é meu.

Benjamin, no texto “Experiência e Pobreza”, nos fala da **pobreza da experiência** de nossa época:

“Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. [...] Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? [...] Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie. [...] Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a *começar de novo*, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda.”⁹⁵

A pobreza da experiência (não apenas ela) limita o acúmulo da experiência, o aprender com a experiência (a nossa, dos outros ou a da cultura), e impele o homem a começar de novo, *do zero*, como se não houvesse nenhuma experiência anterior que pudesse ser de valia, como se ninguém tivesse feito algo de valor anteriormente, ou como se o homem fosse cego para as outras experiências (de sentido semelhante e já feitas) que estão ao seu redor, e se contentasse já, suficientemente, em ter realizado algo “novo” (não no sentido de “original”), sem avaliar a qualidade do feito comparando-o com outras experiências. Um caso ilustrativo seria o da arquitetura (um outro exemplo interessante poderia ser o de alguns trabalhos acadêmicos).

Assim, as transformações do último século vão no sentido da valorização da “novidade”, do imediato, da **velocidade**, em oposição ao cultivo da experiência, da memória, da sabedoria e da tradição.

A respeito da velocidade, em “O narrador”, há um trecho em que Benjamin compara a narrativa ao trabalho minucioso de um artesão, a narrativa seria

“como "o produto precioso de uma longa cadeia de causas semelhantes entre si". O acúmulo dessas causas só teria limites temporais quando fosse atingida a perfeição. [...] "e já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado.”⁹⁶

A abreviação, a velocidade invadindo o fazer do homem, sua comunicação, sua capacidade narrativa, o tempo de estar com o outro e o de estar consigo, mas também a arquitetura, as artes, o trânsito, a vida como um todo, que por vezes também se abrevia, seja em tempo seja em experiências.

⁹⁵ Benjamin, W.. “Experiência e Pobreza”, 1985, pgs. 115 e 116. O itálico é meu.

⁹⁶ Benjamin, “O narrador...”, 1985, pg. 206. O autor cita nesse trecho Paul Valéry.

A respeito da perda da **tradição**, diz Olgária Matos:

“O enraizamento numa *tradição* significa nosso pertencimento a pontos de origem, porque só podemos saber quem somos hoje se reconhecermos nosso ponto de partida. O que significa, pois, a perda da tradição ou a dissolução da tradição? Antes de mais nada, significa *desenraizamento*, expatriamento. Foi a isso que Lukács denominou expatriamento transcendental: a própria condição de possibilidade de compreender o mundo ou de se alojar no mundo, de pertencer a uma tradição desaparece.”⁹⁷

A perda da tradição implica então em impossibilidade de sabermos quem somos, em perda de nossa **identidade**, e significa **desenraizamento**, perda das raízes. Como se fôssemos sugados para o turbilhão a que se referiu Berman e perdêssemos nossa capacidade de orientação, de compreender o mundo. Mas no entanto, se perdemos nossas raízes nos juntamos a muitos outros que também as perderam: surgem as **massas** desenraizadas. Continua Matos:

“Esta circunstância foi analisada por Adorno, Horkheimer e também por Hannah Arendt como o preceito básico do Totalitarismo. Quer dizer, para *massas desenraizadas*, sem ponto de origem, sem nenhuma referência, a figura do ditador ou do autocrata aparece como um recurso substitutivo. Aparece como um ponto de referência estável, como origem.”⁹⁸

Segundo Matos, para Benjamin essa é a tragédia moderna: o desenraizamento como perda de uma tradição, como perda da história e como perda da memória.⁹⁹

De maneira convergente, a respeito do declínio da memória, Hobsbawn descreve o homem ao final do século XX:

“No fim deste século, pela primeira vez, tornou-se possível ver como pode ser um mundo em que o *passado*, inclusive o passado no presente, perdeu seu papel, em que os velhos mapas e cartas que guiavam os seres humanos pela vida *individual* e *coletiva* não mais representam a paisagem na qual nos movemos, o mar em que navegamos. Em que não sabemos aonde nos leva, ou mesmo aonde deve levar-nos, nossa viagem.”¹⁰⁰

⁹⁷ Matos, Olgária. “Memória e História em Walter Benjamin”, 1992, 3º parágrafo. Os itálicos são meus.

⁹⁸ Ao nos lembrarmos do que diz Freud em *Psicologia de Massas e Análise do Eu* (1921), veremos que a figura do ditador vem a ocupar o lugar do ideal de Eu das massas (vide pgs. 2592 ou 2600).

⁹⁹ Matos, O., 1992, 4º parágrafo.

¹⁰⁰ Hobsbawn, E.. *Era dos extremos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pg. 25, in Fernandes, 1999, pg. 45. Os itálicos são meus.

Sem o passado, a memória, as origens, nossa viagem - tanto a individual quanto a coletiva - perde o rumo, o **sentido**. O sentido se faz com a memória, mas como fixar algum sentido em meio ao turbilhão? E, sem sentido, como se pensar e se agir para o **futuro**? Cai-se no **imediatismo**, no 'aqui e agora' sem ontem ou amanhã, num presente *sem perspectivas*¹⁰¹ e sem direção, a não ser a da *satisfação imediata* das vontades, o que poderia facilitar - ou deixar de impedir - a emergência de *atos violentos* contra o outro.

Uma outra questão pertinente seria: sem a memória, como superar a morte? E como superar a perda?¹⁰²

A respeito da memória diz Benjamin:

“Somente uma *memória abrangente* permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e *resignar-se*, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com o poder da *morte*.”¹⁰³

Somente através de uma *memória abrangente*, que tanto o indivíduo quanto o coletivo conseguiriam superar o *imediatismo*, o aqui e agora, característico da irracionalidade animal, dos bebês e de crianças pequenas, na dificuldade em *fazer planos para o futuro*, em relativizar as angústias e medos, que por isso podem chegar a proporções terrificantes. “Resignar-se” com o poder da morte aqui não significa conformar-se, de “conformismo”, mas antes resgata a origem da palavra, trata-se antes de re-sagnar, re-significar a morte, os desaparecimentos, as perdas, através do uso da palavra. Para a partir de então se lidar com a morte. A linguagem é que possibilitaria a convivência com a experiência do desaparecimento dos objetos amados, da perda e da morte.

O indivíduo detentor dessa memória abrangente (trans-individual, da cultura) pode apropriar-se do curso das coisas, superar o imediato da vivência, retomar o passado enquanto Experiência e sabedoria, situar-se no mundo humano, de maneira a poder pensar e planejar o futuro, na direção de seu desejo.

¹⁰¹ Vide o texto “Moral e Perspectiva Temporal”, de Kurt Lewin, in Lewin. Problemas de Dinâmica de Grupo. Particularmente interessantes são suas afirmações de que “a criança vive essencialmente no presente. Seus objetivos são imediatos” (pg. 121); das dificuldades para a ampliação do âmbito de mundo e da perspectiva temporal, que se colocam para os adolescentes (pg. 137); da relação entre persistência e perspectiva temporal (enquanto houver esperança o indivíduo se esforça), da relação entre o passado e uma perspectiva temporal positiva, estimulante, da relação entre valores, expectativa de futuro e objetivos individuais, da relação entre um objetivo mais amplo, menos individual, e um “moral” mais elevado (pgs. 123 a 135).

¹⁰² E sem superar a morte, como não cair no imediatismo, no desespero ou no niilismo?

¹⁰³ Benjamin, op cit., pg. 210. Os itálicos são meus.

Mas para essa ressignificação das perdas, seria necessário também o **tempo**, um tempo para se elaborar o vivido, do qual participa a memória. Conforme René Kaës,

O tempo pós-traumático “é um tempo pelo qual se reorganizam o vivido e as representações que não estavam disponíveis no momento quando o evento traumático ocorreu. [...] é um tempo de re-significação, ele permite ao sujeito se movimentar em uma reversibilidade do tempo, de tal modo que o que ocorre não se fixe de uma vez por todas, já que o sentido pode transformar retrospectivamente o passado, agir sobre ele.”¹⁰⁴

Mas teríamos esse tempo na ultramodernidade? Segundo Kaës, esse não seria qualquer tempo, mas um tempo em que os processos psíquicos estão acionados, que pode comportar conflitos e sintomas, um tempo em que o sujeito está consigo mesmo, um “tempo de compreender” e um “tempo de experimentar”, necessário à elaboração do traumatismo psíquico. Pensamos que a velocidade é inimiga desse tempo e que há uma correspondência entre ele e o tempo do “tédio”, de que nos fala Benjamin, que ao menor sussurro das folhagens se assusta e parte em revoada.

Segundo Berman, para Nietzsche, assim como para Marx, as correntes da história moderna eram irônicas e dialéticas: os próprios ideais cristãos, como a aspiração à verdade, levaram a implodir o cristianismo, resultando nos eventos que Nietzsche chamou de "a morte de Deus" e "o advento do niilismo”:

“A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades.”

"Em tempos como esses, “o indivíduo ousa individualizar-se”. De outro lado, esse ousado indivíduo precisa desesperadamente “de um conjunto de leis próprias, precisa de habilidades e astúcias, necessárias à autopreservação, à auto-imposição, à autolibertação”. As possibilidades são ao mesmo tempo gloriosas e deploráveis.”¹⁰⁵

Como se individualizar nesse contexto? Por onde começar? Para onde se dirigir? Como sobreviver sem render-se à autopreservação apenas, ao reino das necessidades? Como se libertar, auto-impondo-se restrições? Como estabelecer leis próprias em meio ao rodamoinho?

¹⁰⁴ Kaës, R.. “O intermediário na abordagem psicanalítica grupal”.

¹⁰⁵ Berman, op. cit., pg. 21. Nesse último trecho Berman cita Nietzsche, de Além do Bem e do Mal.

"[...] se a sociedade burguesa é volátil, como Marx pensa que é, como poderão as pessoas se fixar em qualquer espécie de individualidade "real"? [...] Assim, juntamente com a comunidade e a sociedade, a própria *individualidade* pode estar desmanchando no ar moderno." ¹⁰⁶

São questões que apontam para a dificuldade da constituição de uma identidade e de uma individualidade na época moderna. Na medida em que a sociedade se desfaz, o indivíduo também se encontra ameaçado. Numa visão ainda mais pessimista, Berman parte de Max Weber, de A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, para pensar que os homens modernos não passam de

“"especialistas sem espírito, sensualistas sem coração; e essa nulidade caiu na armadilha de julgar que atingiu um nível de desenvolvimento jamais sonhado antes pela espécie humana". Portanto não só a sociedade moderna é um cárcere, como as pessoas que aí vivem foram moldadas por suas barras; como seres sem espírito, sem coração, sem identidade sexual ou pessoal - quase podíamos dizer: sem ser.” ¹⁰⁷

Estaríamos frente à quase impossibilidade de um sujeito autônomo, de um indivíduo no mundo atual, promessa e projeto da própria Modernidade.

A esperança estaria no surgimento de uma nova espécie de homem,

“que, "colocando-se em oposição ao seu hoje", terá coragem e imaginação para "criar novos valores"”.¹⁰⁸

Criar novos valores, mais adequados à Modernidade. Mas como? Para nós, tal questão está relacionada ao declínio das narrativas orais e à crise das utopias, procuraremos retomar essa questão no próximo capítulo.

Mas e a proclamada **pós-modernidade**? Em nosso entendimento, no sentido do exposto até aqui, a época atual não faria jus a ser chamada de “pós-modernidade”, pois embora desde a década de 60, muito da vida social tenha se alterado, as alterações apontariam para a exacerbação e aprofundamento de valores e características centrais da Modernidade, para a sua realização cada vez maior e com suas características tomando cada vez mais lugar na formação da subjetividade e na vida social como um todo. No entanto o termo “Pós-modernidade” é útil para se marcar a diferença entre a época atual e o início da Modernidade, embora não seja preciso. Termos talvez mais fidedignos para

¹⁰⁶ Berman, op. cit., pg. 108. O itálico é meu.

¹⁰⁷ Berman, op. cit., pg. 26, que cita Max Weber, nesse trecho.

¹⁰⁸ Berman, op. cit., pg. 22. Nesse trecho Berman cita Nietzsche.

marcar a diferença entre as últimas décadas e a Modernidade anterior seriam "*ultramodernidade*", ou mesmo "*hipermodernidade*"¹⁰⁹, pois acentuariam o caráter de continuidade e decorrência dos mesmos princípios, do mesmo processo, sem negar uma significativa diferença. Assim, não haveria uma ruptura entre moderno e pós-moderno, mas uma acentuação de determinadas características até o ponto de questionarmos se compartilhamos das mesmas maneiras de se viver, da mesma subjetividade, enfim da mesma Modernidade que se vivia e se pensava no século XIX e na primeira metade do século XX.

Assim, na ultramodernidade, com a amplificação do capitalismo e das leis de mercado sobre a vida, realizar a "potência" do homem equivaleria (no extremo) a realizar suas potencialidades de consumo. A "felicidade" se afastaria do ideal de um bom relacionamento, de constituição de uma família ou de uma vida gloriosa ou santa, e se aproximaria do sonho de posse de coisas (consonante a um processo de reificação), entre elas o próprio homem (ou mulher ou filhos) coisificados. A racionalidade não é aquela das finalidades sociais, das utopias. O único valor¹¹⁰, o equivalente geral, aquele que é a medida de todas as coisas, passa a ser o capital (e não mais o "homem é a medida de todas as coisas"). Como já foi dito na Introdução,

""A burguesia transmudou toda a honra e dignidade pessoais em valor de troca; e em lugar de todas as liberdades pelas quais os homens têm lutado colocou uma liberdade sem princípios - a livre troca" [Marx]."¹¹¹

A racionalidade se converteu, então, em apenas instrumental, do interesse, do cálculo e da técnica. A liberdade, um dos valores da Modernidade, se aplica somente às mercadorias, não aos homens. A tecnologia e o discurso da eficiência atropelam velozmente os já antigos valores e a reflexão. Ao perder os valores o homem teria perdido a capacidade de julgar, de diferenciar o *bem* do *mal*, o único julgamento para o qual estaria apto seria o econômico, do lucro financeiro (daí o uso tão comum de argumentos econômicos para tentar se justificar uma ação estatal, na área da saúde ou da segurança, por exemplo). Não se pensaria na ética dos atos e dos discursos. Como é possível a "sabedoria" se não há "verdades"? Se toda a *verdade* vem, não da reflexão do sujeito, ou da Experiência, mas é ditada pela seja pela "informação", seja pela "ciência" do momento?

¹⁰⁹ Termo utilizado por Gilles Lipovetsky.

¹¹⁰ Vide Marcuse, Herbert. *One-Dimensional Man (A Ideologia da Sociedade Industrial)*.

¹¹¹ Marx, K.. *Manifesto do Partido Comunista*, apud Berman, M., op. cit., pg. 108.

Tais transformações também incidiriam no sentido da diminuição da prática social de se contar experiências de vida e histórias para um outro, num mundo onde a velocidade e o cálculo capitalista são colocados à frente da possibilidade de comunicação e de entendimento com o outro, o diferente.

1c - Considerações Finais do capítulo

Na atualidade, é provável que o *declínio das narrativas orais* esteja relacionado com o *trabalho* sem sentido (para além da autoconservação e da auto-reprodução) que domina a vida e à proclamada “*falta de tempo*”, decorrência da característica da velocidade, própria da modernidade. E também com o surgimento dos meios de comunicação de massa, particularmente o rádio, a *televisão* e o cinema, que desfazem a comunidade de ouvintes e narradores (embora estabeleçam outras modalidades de narrações e outros coletivos de ouvintes).

Pensamos ainda que poderiam estar relacionados ao declínio das narrativas orais transformações que ocorreram na sociedade brasileira há pouco, como o processo de urbanização, o avanço das relações mercantis sobre aspectos da vida e das novas tecnologias.

Transformações que resultaram em modificações nas relações familiares, particularmente entre pais e filhos. O aumento do trabalho assalariado feminino, sendo uma dessas transformações, teria contribuído para uma diminuição das oportunidades de narrativas, em termos de tempo disponível, entre as mães e seus filhos? Se antes a alienação do ser humano no trabalho, a expropriação de seu tempo livre, incidia basicamente sobre o homem, ao final do século XX a mulher também estaria diretamente assujeitada ao capital e à exploração capitalista de sua mão de obra.¹¹²

Somando-se a esse fenômeno poderíamos incluir o aumento do espaço da *escola* na vida de crianças e adolescentes. Ambos fenômenos, somados ainda à presença da *televisão* e de outras mídias nos lares, poderiam contribuir para um possível enfraquecimento da *família* como espaço privilegiado de educação e socialização. Pois se as crianças estão na escola, elas estão deixando de estar em algum outro lugar, por

¹¹² O lugar do homem na família também tem se alterado nas últimas décadas (tem havido um relativo enfraquecimento de seu papel). É de se questionar quais as conseqüências dessa alteração para a formação de crianças e jovens.

exemplo, na família nuclear ou extensa, ou na casa de conhecidos, ou nas ruas do “bairro”, ou mesmo em algum tipo de trabalho (junto à família ou não).

Por outro lado, a escola pode privilegiar a transmissão de conteúdos culturais via narrativas. No entanto, ela pode também não o realizar, prendendo-se a métodos distantes das narrativas e a conteúdos (informações) e conceitos que pouco se relacionam com a vida do jovem, que não falam à sua história nem lhe transmitem uma sabedoria de vida, um saber viver. Além disso, a escola seria portadora de um discurso que não é, necessariamente, o da família (ou o da comunidade), família que, em geral, é a origem das primeiras ofertas de transmissão cultural. Há ainda a questão da falha da escola: a escola brasileira proporia uma socialização outra que não a da família ou a da comunidade, no entanto, para muitos adolescentes, particularmente do sexo masculino, tal promessa não se cumpriria, seriam os casos de “abandonos” escolares, em que o jovem deixa de frequentar as aulas e sai para as ruas, mas dessa vez não as da comunidade, mas as da “cidade”, em que prevaleceriam os vínculos entre seus pares de geração.

Uma cadeia, que transmitia Experiências e valores de uma geração para a outra pode estar sendo rompida.

2 – A questão dos ideais e a violência. Contribuições psicanalíticas

Percorreremos neste capítulo o terreno da psicanálise, o leitor pode se questionar acerca do salto que demos, no entanto, se nossa questão tem seu fundamento na teoria de Walter Benjamin, é a partir da psicanálise que procuraremos as possíveis respostas.

Ademais, embora Freud e Benjamin sejam autores muito distintos, foram, entretanto, contemporâneos e tinham alguns pontos em comum. Benjamin era mais novo, no entanto morreram na mesma época, Freud em 1939, aos 83 anos, de câncer, na Inglaterra, já Benjamin em 1940 suicidou-se ao fugir do nazismo, na fronteira da França com a Espanha, aos 48 anos. As relações entre o pensamento de ambos foram estudadas já em detalhe, por exemplo, no Brasil por Sérgio Paulo Rouanet (1981), segundo o qual Benjamin fora leitor de Freud, o inverso provavelmente não se aplica. Ambos são de origem judaica e ambos tinham como língua materna o alemão e a cultura alemã também era compartilhada. Em ambos também a preocupação com a história e com o não-contado da história fez-se central em suas obras, mas enquanto em Benjamin o foco se dava sobre o processo histórico social em Freud o foco recaía sobre o indivíduo.

Os conceitos psicanalíticos que se conectam com a questão das narrativas orais e da violência são vários e podem ser abordados de diversos ângulos. Não nos cabe, no entanto, recuperá-los inteiramente nesse texto, assim, nos deteremos brevemente apenas sobre alguns deles, aqueles que consideramos que poderão nos auxiliar em nossa pesquisa.

2a - Os ideais em Freud

"... não há dúvida que o homicídio hoje ocorre como forma de resolver um problema prático e que a morte passou a ser uma linguagem corrente para a qual não existe impedimento moral." ¹¹³

Quais seriam as conseqüências para o psiquismo do declínio das narrativas orais? Essas conseqüências poderiam se relacionar com a questão da violência? De que forma?

Como as narrativas orais se relacionam à transmissão dos valores, podemos questionar: qual o lugar dos valores na constituição da subjetividade? Como se daria a relação entre valores e transmissão de valores com a questão do ato violento na atualidade?

Um caminho possível de ser trilhado na busca de respostas a essas questões, que envolvem a compreensão dos atos individuais inseridos numa coletividade e na história, é a recorrência à psicanálise. Na teoria psicanalítica freudiana teríamos um conceito que é central para a compreensão dos fenômenos sociais em sua relação com os indivíduos, o conceito de ideal. Os **ideais** têm a característica de se colocarem como um conceito limite, entre a psicanálise e os outros saberes. Conforme Matheus considera num trabalho recente:

“Os ideais, para a psicanálise, apontam para o lugar particular que o *outro* ocupa na constituição do sujeito e, assim, carregam concomitantemente a dimensão social ou política que funda o ser psíquico...”. “A investigação dos ideais em psicanálise [...] remonta a uma área de estudo que poderíamos chamar de *limite*, se considerarmos que, neste ponto, este saber se aproxima em particular de outros, que têm a dimensão social ou política como tradição de sua especialidade - tal como a história e a sociologia. [...] Limite entre as fronteiras, na própria psicanálise, e desta com outros saberes;” ¹¹⁴

Particularmente o conceito freudiano de **ideal de Eu** (ideal de ego) realiza essa função de intermediário, de ligação, entre o individual e o social. Pois enquanto instância psíquica, o ideal de Eu se formaria, a princípio, a partir de figuras familiares, às quais se

¹¹³ Lima, Renato Sérgio de (sociólogo, pesquisador da Seade), in Criminalidade Urbana, Ed. Sicureza (a partir de tese de mestrado) (fonte: Folha de São Paulo, 17/11/02).

¹¹⁴ Matheus, T.. Ideais na adolescência: falta (d)e perspectivas na virada do século, 2002, pgs. 41 e 42.

somariam durante a vida figuras modelares, ideais, provenientes da cultura. Como diz Freud no texto Introdução ao Narcisismo (1914):

“O estímulo para a formação do Eu ideal, cuja observância está encomendada à consciência, teve seu ponto de partida na influência crítica exercida, de viva voz, pelos pais, aos quais se agrega logo os educadores, os professores e, por último, toda a multidão inumerável das pessoas do meio social correspondente (os companheiros, a opinião pública).”¹¹⁵

Daí os ideais serem também articuladores importantes para a psicologia social, neles se encontram o individual e o social. Mas, nesse trecho Freud não se refere ao termo “ideal de Eu”. Segundo Laplanche e Pontalis¹¹⁶, Freud não estabelece uma diferenciação conceitual clara entre *ideal de Eu* e *Eu ideal* (ego ideal). A diferença teria sido estabelecida posteriormente. Nesse trecho em particular, parece-nos que Freud está se referindo ao que posteriormente se estabeleceu considerar como o ideal de Eu. Interpretação que se reforça a partir de outro trecho de Freud, na mesma obra:

"Del ideal de *yo* parte un importante cambio para la comprensión de la psicología colectiva. Este ideal tiene, además de su parte individual, su parte social: es también el ideal común de una familia, de una clase o de una nación."¹¹⁷

Assim, pode-se compreender o ideal de Eu, como composto também por ideais comuns de um grupo, uma coletividade, uma cultura, em outras palavras, *valores* comuns a serem respeitados e seguidos, ideais a serem alcançados, que guiam, apontam uma direção, como por exemplo, a liberdade, a igualdade, a virilidade, a honestidade.

“Cada indivíduo forma parte de vários coletivos; encontra-se ligado, por identificação, em sentidos muito diversos, e teve seu ideal de Eu construído

¹¹⁵ Freud, Sigmund. Introducción al narcisismo (1914), pg. 2029. As traduções do espanhol serão de minha responsabilidade. A seguir o texto não traduzido: "El estímulo para la formación del *yo* ideal, cuya vigilancia está encomendada a la conciencia, tuvo su punto de partida en la influencia crítica ejercida, de viva voz, por los padres, a los cuales se agrega luego los educadores, los profesores y, por ultimo, toda la multitud innumerable de las personas del medio social correspondiente (los compañeros, la opinión pública)."

¹¹⁶ Laplanche, Jean. Vocabulário da Psicanálise / Laplanche e Pontalis, 1992, pg. 139. Segundo Laplanche & Pontalis, o termo “Eu ideal”, além desse texto, seria citado por Freud apenas em outra obra, O Eu e o Isso (1923). Uma diferenciação possível de ser pensada é a que dispõe o **Eu ideal** como ligado aos processos narcísicos geneticamente anteriores à formação do supereu, ligado ao ideal narcísico de *onipotência* e à identificação do sujeito com o ideal, por outro lado, o *ideal de Eu* apontaria para a falha do Eu, à distância que há entre o Eu e o ideal. A respeito da diferenciação entre *ideal de Eu* e *Eu ideal* vide também Matheus, 2002, pgs. 47 e 48.

¹¹⁷ Freud, 1914, pg. 2033. René Kaës (1997, pg. 263), considera que o ideal de Eu “é uma formação comum à psique singular e aos conjuntos sociais”.

conforme aos mais diferentes modelos. Participa assim de muitas almas coletivas: a de sua raça, sua classe social, sua comunidade confessional, seu estado, etc.”¹¹⁸

O ideal de Eu trata-se, portanto, de uma instância complexa, que recebeu a contribuição para sua constituição de modelos diversos, conforme os coletivos que o indivíduo participou, desde sua família, passando pela religião, instituições a que pertenceu, classe social, pela comunidade local, até a nação em que viveu. Tais modelos podem, no entanto, muitas vezes refletir valores distintos, contraditórios, o que nos levaria a pensar na existência de conflitos internos ao ideal de Eu.

As origens do ideal de Eu remontariam, no entanto, ao complexo de Édipo e à sua solução, para o menino, via identificação com o pai e colocação do mesmo no lugar de seu ideal de Eu a ser alcançado.

“Não é difícil mostrar que o **ideal de Eu** satisfaz todas aquelas exigências que se colocam para a parte mais elevada do homem. Contém, em qualidade de substituição da aspiração em direção ao pai, o nódulo de que partiram todas as religiões. A convicção da comparação do Eu com seu ideal dá origem à religiosa humildade dos crentes. No curso sucessivo do desenvolvimento é **transferido** aos mestres e àquelas outras pessoas que exercem autoridade sobre o sujeito o papel de pai [...]. Os sentimentos sociais repousam em identificações com outros indivíduos, embasados no mesmo ideal de Eu.”¹¹⁹

Seria a partir dos ideais compartilhados de um grupo social que se daria a identificação entre os indivíduos, seria essa comunhão de ideais que embasaria os sentimentos sociais.

Segundo Matheus, em O Mal Estar na Cultura, Freud fala nos *ideais da cultura*, naquilo que “deve ser almejado pelos membros de cada cultura, em oposição à condição animal. São referências culturais que constituem uma sequência histórica, resultante das

¹¹⁸ Freud, Psicología de las masas y análisis del yo, 1921, pg. 2600. “Cada individuo forma parte de varias masas; se halla ligado, por identificación, en muy diversos sentidos, y ha construido su ideal de *yo* conforme a los más diferentes modelos. Participa así de muchas almas colectivas: la de su raza, su clase social, su comunidad confesional, su estado, etc.”

¹¹⁹ Freud, S., El “yo” y el “ello” (1923), pg. 2715. Os negritos são meus. “No es difícil mostrar que el ideal del *yo* satisface todas aquellas exigencias que se plantean en la parte más elevada del hombre. Contiene, en calidad de sustitución de la aspiración hacia el padre, el nódulo del que han partido todas las religiones. La convicción de la comparación del *yo* con su ideal da origen a la religiosa humildad de los creyentes. En el curso sucesivo del desarrollo queda transferido a los maestros y a aquellas otras personas que ejercen autoridad sobre el sujeto el papel de padre [...]. Los sentimientos sociales reposan en identificaciones con otros individuos basados en el mismo ideal del *yo*.”

conquistas das várias gerações, herdadas pelas gerações seguintes”¹²⁰. Ideais que levariam os indivíduos para além do “aqui e agora”, do imediato, e para além de si mesmos.

Os ideais implicariam na presença do outro para o psiquismo individual, um outro diferente de si, que seria o ideal de ser do indivíduo, o que necessariamente o colocaria numa perspectiva temporal descolada do presente, voltada para o futuro e com referências no passado. Segundo Fernandes (1989):

“O outro está necessariamente presente. Ora, a presença do outro carrega implicitamente alguma coisa que não se é. Se “o outro é diferente do eu”, é porque existe alguma coisa que eu não sou, mas que posso vir a ser. O Ideal então se dirige para um futuro, para um vir a ser.”¹²¹

Também é de nosso interesse a questão: qual o papel dos ideais no funcionamento psíquico na atualidade? Para respondê-la devemos primeiro compreender melhor qual o papel dos ideais para o funcionamento psíquico segundo a psicanálise. Questão essa que se relaciona à temática da violência, pois para Freud o ideal de Eu está intimamente relacionado às funções do supereu (superego)¹²².

Segundo Freud, em Introdução ao narcisismo, a “formação de um ideal seria, por parte do Eu, a condição do recalque”¹²³. Em O mal-estar na cultura (1930), Freud postula como sendo o **supereu** o responsável pela contenção pulsional da agressividade em nome de algo mais além, seria o possibilitador da *consciência moral*, das *atitudes éticas* e do *sentimento de culpa*.

“A agressão é introjetada, internalizada, devolvida, em realidade, ao lugar do onde procede: é dirigida contra o próprio Eu, incorporando-se a uma parte deste, que em qualidade de *supereu* se opõe à parte restante, e assumindo a função de

¹²⁰ Matheus, T., 2002, pg. 20.

¹²¹ Fernandes, Maria Inês A.. “A questão do narcisismo e da alteridade”, in De como emerge a questão do narcisismo e da alteridade no grupo operativo, 1989, pg. 69.

¹²² Segundo Laplanche e Pontalis (1992, pgs. 222 e 223), em 1923, em O Eu e o Isso, quando do surgimento do termo “supereu”, *ideal de eu* e *supereu* foram considerados sinônimos para Freud, voltando a surgir uma distinção em 1932, nas Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Nesse texto de Freud o *ideal de Eu* aparece como uma das funções do *supereu*, assim como a *auto-observação* e a *consciência moral*.

¹²³ Freud, S.. Introducción al narcisismo (1914), pg. 2028: “La formación de un ideal sería, por parte del yo, la condición de la represión.”. Segundo Laplanche & Pontalis (1992, pgs. 430, 457 e 458), a tradução para o termo espanhol “*represión*” seria “recalque”.

Cabe-nos, então, uma sucinta diferenciação entre recalque e repressão, para Laplanche & Pontalis, **recalque** seria a “operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão”. Para **repressão**, optamos pelo sentido mais amplo presente em Laplanche & Pontalis (1992): “operação psíquica que tende a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno: idéia, afeto, etc. Neste sentido, o recalque seria uma modalidade especial de repressão”. Outras formas se deveriam ao caráter consciente da operação, pelo fato do conteúdo tornar-se apenas pré-consciente, ou no caso da inibição ou supressão de um afeto.

“consciência” [moral], descarrega frente ao Eu a mesma dura agressividade que o Eu, de bom grado, havia satisfeito em indivíduos estranhos. A tensão criada entre o severo *supereu* e o Eu subordinado ao mesmo a qualificamos de *sentimento de culpa*; se manifesta baixo a forma de necessidade de castigo.”¹²⁴

O supereu seria o modo encontrado pela cultura para tentar conter o indivíduo, de dentro dele mesmo, em relação a atitudes agressivas contra os outros:

“a cultura domina a perigosa inclinação agressiva do indivíduo, debilitando a este, desarmando-o e fazendo-o vigiar por uma instância alojada em seu interior, como uma guarnição militar na cidade conquistada”¹²⁵

Mas, e quando a cultura, os superegos, não conseguem conter a agressividade e os indivíduos agem, muitas vezes em infração à lei, até serem contidos por forças externas? Seria esse o caso de alguns adolescentes que manifestaram sua agressividade até o limite de virem a ser detidos pela polícia e encaminhados à FEBEM paulista? Ou mesmo o caso de alguns daqueles vítimas de homicídio? Observaríamos em tais jovens uma “necessidade de ser castigado”, expressão do sentimento de culpa originário da tensão entre Eu e supereu?

¹²⁴ Freud, Sigmund. *El malestar en la cultura*, (1930), pg. 3053: "La agresión es introyectada, internalizada, devuelta en realidad al lugar de donde procede: es dirigida contra el propio yo, incorporándose a una parte de éste, que en calidad de *super-yo* se opone a la parte restante, y asumiendo la función de "conciencia" [moral], despliega frente al yo la misma dura agresividad que el yo, de buen grado, habría satisfecho en individuos extraños. La tensión creada entre el severo *super-yo* y el yo subordinado al mismo la calificamos de *sentimiento de culpabilidad*; se manifiesta bajo la forma de necesidad de castigo."

¹²⁵ Idem: "la cultura domina la peligrosa inclinación agresiva del individuo, debilitando a este, desarmándolo y haciéndolo vigilar por una instancia alojada en su interior, como una guarnición militar en la ciudad conquistada."

2b - O intermediário e a crise dos intermediários

"Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas estórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida que as estórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego."

Bruno Bettelheim ¹²⁶

- O intermediário e o conto

Esse estar de acordo com as requisições do ego e do superego, dando validade às pressões do id, como afirmou Bettelheim, caberia bem a algo que tivesse uma função de intermediário, conforme conceitua Kaës. Em Kaës, a noção de **intermediário** é abordada em vários textos, em "A categoria do intermediário e a articulação psicossocial" (1994), Kaës fala do intermediário como portador de uma função articuladora ou vinculadora entre elementos descontínuos, elementos esses que, se estiverem em conflito, o intermediário pode desempenhar um papel de reduzir os antagonismos e colocá-los em comunicação. Uma outra característica do intermediário o associa ao tempo e ao movimento, aos processos de transformação e de passagem, por exemplo, entre um estado qualquer e outro estado se faz presente o intermediário, como o elemento que possibilitou a passagem. Por exemplo, no processo dialético (de Hegel) a antítese seria o intermediário entre a tese e a síntese.¹²⁷

Em *Contes et Divans*, um texto anterior, Kaës fala na noção de mediador (equivalente à de intermediário):

“A noção de mediador é associada à de separação, de heterogeneidade e de conflito. Essas três dimensões são concernentes à mediação psíquica. Elas remetem à função de mediador, função que pode ser exercida por um sujeito (Moisés, entre Jeová e seu povo), por uma instância (por exemplo o pré-

¹²⁶ Bettelheim, B.. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, 1978, pg. 14.

¹²⁷ Kaës, R., "A categoria do intermediário e a articulação psicossocial", 1994, pg. 130.

consciente) ou por um objeto mediador, aqui o conto, ou toda a variedade dos objetos transicionais.”¹²⁸

Para Kaës, no pensamento freudiano a noção do intermediário está presente, por exemplo, na noção de *formação de compromisso*. A formação de compromisso seria a resultante do conflito entre as forças repressoras e as forças das representações reprimidas. A categoria de conflito é aí central, as forças se reconciliam pelo compromisso que representa a formação dos sintomas.

“Essa idéia de compromisso, que aparece ligada aqui à idéia de conflito, vai ser estendida em seguida a todo sintoma, mais tarde ao sonho e por fim ao conjunto das produções do inconsciente”¹²⁹

São formações de compromisso ou *representações intermediárias*, portanto, formas mistas, como os lapsos e atos falhos, que surgem quando se trata de expressar verbalmente conteúdos inconscientes, através de transformações como o deslocamento e a condensação.¹³⁰

Na *primeira tópica* freudiana, segundo Kaës, o intermediário ocupa um lugar central e se identifica com a categoria do **pré-consciente**, que seria a instância tópica onde se realiza a maior parte das transformações que constituem as passagens entre o inconsciente e a consciência.¹³¹

Para Kaës, na *segunda tópica* a instância do *Eu* se identifica com a função intermediária, responsável pela articulação entre dentro e o fora, entre o Isso (id) e o Supereu. O Eu teria como tarefa conciliar as diversas exigências do Isso, do Supereu e da realidade, em *O Eu e o Isso* (1923) Freud escreve que o Eu

“está submetido a uma tripla servidão e dessa maneira está ameaçado por três tipos de perigos, os que provêm do mundo externo, os da libido do Isso e os da severidade do Supereu [...] como instância fronteira o Eu trata de fazer a mediação entre o mundo e o Isso”¹³²

¹²⁸ Kaës, R. (1996), *Contes et Divans: médiation du conte dans la vie psychique*, pg. III. Tal obra teve sua primeira edição no ano de 1984. As traduções do francês serão de minha responsabilidade. A seguir o trecho original em francês: “La notion de médiation est associée à celle de séparation, d’hétérogénéité et de conflit. Ces trois dimensions sont concernées dans la médiation psychique. Elles renvoient nécessairement à la fonction de médiateur, fonction qui peut être accomplie par un sujet (Moïse, entre Yawhé et son peuple), par une instance (par exemple le Préconscient) ou par un objet médiateur, ici le conte, ou toute la variété des objets transitionnels.”

¹²⁹ Kaës, R., 1994, pg. 134. A tradução do espanhol é minha. Na citação, Kaës se refere a Freud, a partir da obra deste, *Nuevas aportaciones sobre la neuropsicosis de defensa* (1896).

¹³⁰ Vide Kaës, 1994, pgs. 134 e 135.

¹³¹ Kaës, R., 1994, pg. 135.

¹³² Freud, S., apud Kaës, 1994, pg. 136. A tradução do espanhol é minha.

Segundo Kaës, no jogo do carretel (Freud, Mais além do princípio do prazer (1920)) é nítido o carretel na função de *objeto intermediário* - assim como mais tarde falaria Winnicott a respeito do *objeto transicional* - um objeto que é utilizado para representar a presença e a ausência da mãe, articular o dentro e o fora, até que se realize uma passagem e se chegue à articulação ativa da **palavra** como uma elaboração mental que faz possível um manejo permanente e insuficiente da ausência e da presença. Há então uma semelhança, entre a posição e a função do objeto intermediário e da **linguagem**, "de intermediário em intermediário se constituem os significantes, suas substituições, suas diferenças e suas correspondências".¹³³

Para Kaës, o **conto** ocuparia um papel de intermediário entre o mito e a fantasia (*"fantasme"*), entre a realidade cultural e a realidade psíquica, assegurando o trânsito entre uma e outra, como um objeto transicional. O conto desempenharia uma função de mediador na vida psíquica:

"Essa mediação é assegurada em parte em virtude das qualidades estruturais internas ao conto". Por outra parte o conto pode ser utilizado para o restabelecimento dos processos de ligação intrapsíquica, justamente onde eles são falhos, com base na inscrição originária do conto nos laços intersubjetivos, especialmente nos laços de grupo.¹³⁴

O uso do conto no restabelecimento dos processos de ligação intrapsíquica, sua propriedade de religar o que está com a ligação falha, confirma seu papel de mediador para o psiquismo. Kaës continua:

"o conto é considerado como uma formação da imaginação, cuja organização interna, enquanto obra, e o uso psíquico na intersubjetividade são ordenados pelo projeto de estabelecer ou de restabelecer as condições de ultrapassagem de uma desregulação ou de uma descontinuidade psíquica."¹³⁵

"o conto é a narrativa de uma desregulação e uma resposta a uma desregulação"¹³⁶

Ressaltamos então, a utilidade do conto para a ultrapassagem de uma descontinuidade psíquica, assim como, também, seu uso para restabelecer a regulação ou a continuidade psíquica, por sua característica como mediador, de por em contato

¹³³ Kaës, R., 1994, pgs. 135 e 136.

¹³⁴ Kaës, R., 1996, pgs. III e IV.

¹³⁵ Idem, pg. III. "le conte est considéré comme une formation de l'imagination, dont l'organisation interne, en tant qu'œuvre, et l'usage psychique dans l'intersubjectivité, sont ordonnés par le projet d'établir ou de rétablir les conditions de dépassement d'un dérèglement ou d'une discontinuité psychiques."

¹³⁶ Idem, pg. 11: "le conte est le récit dun dérèglement et une réponse à un dérèglement".

elementos estranhos, distintos ou opostos. O que seria válido tanto para o caso de crianças, como para o de adultos, por exemplo, na superação de traumas e de certas neuroses. Entendemos por “regulação psíquica”, então, uma maior fluência ou plasticidade do aparelho psíquico.

Kaës elabora também a hipótese do *aparato psíquico grupal*, como um espaço transicional (Winnicott) ou um objeto intermediário (Róheim) entre o dentro e o fora¹³⁷. E aponta a relação entre a falta de um aparato psíquico grupal e a psicose.

Ao lembrarmos que as narrativas orais se realizam em geral em grupo, que o conto é útil para restabelecer a regulação psíquica e para restabelecer as ligações intrapsíquicas, pensamos também na relação entre a falta de narrativas orais e a ocorrência de transtornos mentais, conforme questionamos no capítulo anterior.

Para Róheim (psicanalista húngaro) o *objeto intermediário* se caracteriza por sua dualidade, entre o amor objetal e o narcisismo, entre o social e o individual, e por aparecer em meio a um processo. Trata-se de um ganho de segurança obtido pelo homem em sua luta contra o perigo da perda do objeto, contra os perigos imaginários do psiquismo infantil e constituem a base libidinal da *cooperação social*. O objeto intermediário mantém *o vínculo entre o vivo e o morto*, esse é o dinamismo e a origem da cultura e da civilização. É um produto de Eros, que constitui unidades cada vez maiores, Eros, que ainda quando aceite substitutos, não renuncia ao desejo de recobrar o objeto original e é nessa eterna busca que se formam a família, a tribo e a nação.¹³⁸

O grupo, enquanto objeto intermediário, é uma das formas substitutas mais privilegiadas frente à perda do objeto primário (a mãe). Num grupo, para Róheim, se trata de

“ser rodeado, estimulado, contido, ligar-se; rechaçar a separação, o desprendimento, a perda. Para o homem o “grande perigo é estar só”: na luta contra a separação última o grupo é chamado como uma última proteção contra a morte, no desejo e na aposta na cena social do *morrer-rodeado*.”¹³⁹

No capítulo anterior abordamos o vínculo entre narrativa e morte, podemos pensar agora realmente se tratar de um vínculo para a superação da morte através de um objeto intermediário ou substituto, a narrativa. Frente ao perigo da perda de objeto - que no caso

¹³⁷ Kaës, R., 1994, pg. 140. O espaço transicional seria também "o espaço da cultura", conforme Kaës, 2003, pg. 21.

¹³⁸ Kaës, 1994, pgs. 140 e 141.

¹³⁹ Kaës, 1994, pg. 141. A tradução do espanhol é minha.

de morte acarreta tanto a necessidade da realização do *luto* frente à perda de entes queridos, quanto a situação de desamparo que a morte pode representar para o próprio sujeito enquanto prenunciadora de sua própria morte - a narrativa pode se configurar como uma possibilidade de superação, de circunscrição do perigo, de ganho de segurança através do grupo, do social, da linguagem e dos significantes compartilhados, sem desfazer o vínculo entre o vivo e o morto, sem substituir de fato o objeto perdido, mas provisoriamente, parcialmente, como uma maneira culturalmente inscrita de se lidar com a perda. A aposta do morrer-rodeado, destacada também por Benjamin, nos remete às narrativas orais tradicionais enquanto fruto de um trabalho grupal, coletivo, coletividade *essa* que estaria em crise na Modernidade.

Schmidt também destaca o papel de ligação das histórias numa comunidade tradicional:

“No contexto de isolamento no qual a comunidade viveu e, relativamente, ainda vive, as histórias cumprem um papel de ligação, não só com o mundo anterior e primordial, mas também com aquele mais amplo, estrangeiro.”¹⁴⁰

Poderíamos pensar também as histórias cumprindo um papel de ligação, de intermediário, entre os membros da comunidade, tecendo uma rede de valores, ideais, significantes e significados compartilhados pelo grupo¹⁴¹, o que teria, também, efeitos de maior coesão grupal.

- A crise dos intermediários e os atos violentos

Nosso mundo, no entanto, não é mais o mesmo, não se vive mais numa sociedade tradicional, com valores, histórias, significantes e significados compartilhados por todos, tão pouco se trata, também, do mesmo mundo que Freud conheceu, nem da mesma modernidade que Benjamin viveu. As transformações no modo de vida das sociedades ocidentais do último século - transformações essas que abordamos na Introdução e no capítulo 1 - tiveram conseqüências sobre o psiquismo e, particularmente, sobre as formações intermediárias, pois as

¹⁴⁰ Schmidt, M. L., 1995, pg. 97.

¹⁴¹ Numa analogia com o conceito de E.C.R.O. (Esquema Conceitual Referencial Operatório), de Pichon-Rivière, que veremos no capítulo 4.

“estruturas psíquicas intermediárias são particularmente frágeis. São estruturas “plásticas”, extremamente sensíveis às transformações. As novas formas do mal-estar do mundo moderno ameaçam estas estruturas. Pois bem, estas estruturas psíquicas intermediárias são também estruturas da transmissão da vida psíquica.”¹⁴²

Dentre as formações psíquicas intermediárias poderíamos destacar três, a princípio, o Eu, os ideais, particularmente o ideal de Eu, e os processos e funções do pré-consciente. Diz Kaës acerca dessas transformações da modernidade:

“O mal-estar do mundo moderno nos confronta com um conjunto de turbulências que afetam as funções do intermediário no campo da vida social e da cultura. Eu evocaria a mutação das *estruturas familiares* e a *fratura dos laços intergeracionais*; a notável mudança (advinda em apenas duas décadas) nas relações entre os sexos (notadamente no estatuto da mulher); a transformação dos laços de sociabilidade, de estruturas de autoridade e de poder; e a confrontação violenta resultante do *choque entre as culturas*. Todas estas transformações põem em xeque *as crenças e os mitos* que asseguram a base narcísica de nosso pertencimento a um conjunto social. Elas comprometem os fundamentos da *identidade*.”¹⁴³

Nesse trecho, Kaës explicita um conjunto de transformações sociais e culturais marcantes que afetam as funções do intermediário. Transformações, essas, advindas com a modernidade, como a mutação das estruturas familiares e a fratura dos laços intergeracionais, ou mesmo transformações mais atuais, ultramodernas, como as mudanças na relação entre os sexos e no *status* da mulher, transformações que, conforme apontamos na Introdução, estão presentes no Brasil também.

Ao nosso ver, tais transformações incidem na direção do *declínio das narrativas orais tradicionais*, narrativas que fazem parte do processo de manutenção e transmissão intergeracional das crenças e mitos. Tal declínio, por sua vez, retroalimenta tais (e mais) mudanças, como por exemplo, a *fratura dos laços intergeracionais*, na medida em que sem as narrativas se enfraquece o elo simbólico de experiências compartilhadas entre as gerações, assim como a própria troca de experiências intergeracional e o compartilhamento de valores e mitos/narrativas explicadores ou doadores de sentido à

¹⁴² Kaës, 2003, pg. 31.

¹⁴³ Kaës, René. “O intermediário na abordagem psicanalítica da cultura”, 2003, pg. 15. Os itálicos são meus.

vida humana. Alimentaria também a crise das *crenças* e dos *mitos* compartilhados socialmente, que por sua vez comprometeria os fundamentos da *identidade*.

Para Kaës as turbulências por que passa o mundo põem em xeque as crenças e os mitos que asseguram a base narcísica de um *pertencimento* a um grupo social. Põem em xeque a identificação comum entre os membros de um grupo, que se dá a partir de crenças e mitos compartilhados, *identificação* que provavelmente passa pela referência a ideais de Eu semelhantes. Configura-se então uma crise de pertencimento ao grupo social, e do ideal de Eu, que ataca o fundamento da própria *identidade*, conforme também já apontou Berman¹⁴⁴.

“Resulta disso que as formas modernas da patologia psíquica não são mais aquelas que, face à neurose da civilização, suscitavam em Freud o desejo de uma psicoterapia nova. A patologia à qual nos referimos concerne cada vez mais freqüentemente à falha (*défaul*) nos processos de apoio, às perturbações da continuidade e das fronteiras de si mesmo, às carências de funções intermediárias e sobretudo das funções mediadoras do pré-consciente. À medida que as formações intermediárias não realizam mais seu papel, estas perturbações e estas carências agravam uma série de situações. Falamos das dificuldades de integração das pulsões no espaço psíquico e no espaço social; do excesso de estimulações que põem em xeque a formação do recalque; da **violência incontrolada**; das perturbações do pensamento e da submissão arrasadora aos ideais arcaicos.”¹⁴⁵

Gostaríamos de destacar a relação entre as patologias psíquicas mais comuns na atualidade com uma *falha nas funções intermediárias* do pré-consciente, o que tem como consequência uma maior dificuldade de integração das pulsões tanto em termos individuais quanto coletivos e com uma emergência de um tipo específico de violência, uma *violência incontrolada*. Configura-se uma **crise das funções intermediárias** no coletivo e no sujeito.

Diz Kaës:

"La falla en las *formaciones intermediarias* produce una *desintegración* en lo articulado colectivamente por el *mito* o por el *cuento*, por la *creencia* y por el rito, y esta desintegración afecta tanto a la capacidad singular de formar *pensamientos*, que se apuntala sobre la cultura y la socialización, como a la capacidad común de

¹⁴⁴ Berman, M., 1986, pg. 15.

¹⁴⁵ Kaës, R., 2003, pg. 16.

erigir obras colectivas para asegurar el dominio y la *protección*, la *organización* y el orden diferenciador, que se basa en este apuntalamiento sobre el pensamiento, la palabra y la acción individuales."¹⁴⁶

Uma **crise do intermediário**, que produz uma desintegração no que deveria ter sido articulado coletivamente pelo mito, pelo conto, pela crença e pelo rito, que tem efeitos na capacidade de *ação coletiva*, particularmente dos sistemas de *proteção* dos indivíduos, assim como efeitos sobre a capacidade individual de formar *pensamentos*, de *falar* e de *agir*¹⁴⁷. E produz efeitos nos sistemas de proteção contra a violência (entendida aqui de maneira ampla), diminuição da capacidade de pensar e de se articular verbalmente, que implicariam, a nosso ver, num aumento da possibilidade de irrupção de “atos não pensados”, não mediatizados pela palavra, entre os quais os *atos violentos*.

Assim, a partir de Kaës e de Freud, a questão da emergência de **atos de violência** poderia ser pensada, também, de maneira semelhante ao *sintoma neurótico* segundo a *primeira tópica freudiana*: um *afeto* que não é simbolizado, uma "representação-coisa" que não é reorganizada em representação-palavra, que não pôde passar, por falha do *sistema pré-consciente*, ou das *formações intermediárias*, do *processo primário* para o *secundário*. Mas, diferentemente do sintoma neurótico, quando a representação-coisa permanece inconsciente e gera sintoma, o afeto transbordaria e se converteria em *ato* (retomaremos tal questão no capítulo seguinte).

Segundo Kaës, Freud estabelecerá um vínculo entre intermediário, ruptura e crise (em Mais Além do Princípio do Prazer), através de sua concepção de **trauma**, pois o trauma seria o resultado do fracasso da formação intermediária.¹⁴⁸

No momento de *crise* há o fracasso das funções intermediárias: há a desjunção, o aumento dos antagonismos, a separação, a descontinuidade, a desorganização, a clivagem, o não-vínculo, a individualização, a desarticulação. Como saídas para essa situação o *sintoma*, a formação de compromisso, o paradoxo, podem reintroduzir um vínculo, abrir uma passagem na descontinuidade. Pode ocorrer também que os

¹⁴⁶ Kaës, 1994, pg. 138. Os itálicos são meus.

¹⁴⁷ Crise que poderia ser entendida, ao meu ver, como um momento de *desfusão pulsional*, onde a pulsão de morte poderia se independentizar, ou se avolumar, e gerar um *ato violento*.

Kaës reconhece o papel articulador e organizador do mito, do conto, das crenças, mas parece estabelecer uma relação causal entre a crise das formações intermediárias e a desintegração daquilo que foi articulado pelo mito e pelo conto. Mas a questão, a nosso ver, não é unidirecional, também o conto, o mito, não articulam mais, devido às transformações da modernidade, e isso implicaria na crise das formações intermediárias subjetivas. Não haveria apenas a ruptura do articulado, há a não articulação.

¹⁴⁸ Kaës, R., 1994, pg. 136.

intermediários psíquicos defeituosos sejam substituídos por formações exteriores isomórficas, os *intermediários psicossociais*, como um líder, um ideal de grupo, um grupo, uma idéia, um mito.¹⁴⁹

Kaës aponta ainda uma outra possibilidade frente à crise dos intermediários, o *pensamento ideológico*, mas esse seria um pensamento que anularia a articulação psicossocial, seria um pensamento extremo, último, contra a crise, ele já não articularia nada, nem no pensamento, nem na cadeia associativa, nem no vínculo social¹⁵⁰.

2c – O pacto social, as alianças inconscientes e o mito

"Mais de 70% das mortes foram premeditadas, os autores eram homens, jovens e mataram para remover um obstáculo de suas vidas. Hoje, o homicídio é sobretudo uma forma de resolver um problema.";
*"nas teias de um relacionamento em que a violência aumenta a cada dia, a morte começa a fazer parte das regras do jogo. Nesse contexto, o indivíduo que mata não é mais considerado anormal."*¹⁵¹

Em 1913, a partir de estudos de antropologia e de seus conhecimentos da psicologia individual, Freud estabelece uma teoria que chamaremos aqui de “teoria da horda primitiva”, em Totem e Tabu, teoria que será retomada por ele em outros textos cruciais da psicologia social, como Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921) e Mal-estar na Cultura (1930). Tal teoria guardaria uma simetria ou analogia muito grande, em termos sociais, com o que ocorre na psicologia individual, para Freud nela estariam as origens da psicologia individual.

Nela estaria “o fato” (não comprovado) que distinguiu o homem dos outros animais, em termos da constituição de uma cultura propriamente humana. Poderíamos considerá-la como o mito original, o mito fundador da cultura (ou da humanidade) para a psicanálise. Segundo Freud¹⁵², nos primórdios os homens viveriam em hordas, que, à maneira de outros mamíferos, teria um líder macho o qual seria o pai dos mais jovens e

¹⁴⁹ Vide Kaës, 1994, pgs. 138 e 139.

¹⁵⁰ Kaës, 1994, pgs. 138 e 139.

¹⁵¹ Manso, Bruno Paes (jornalista e pesquisador do Instituto Fernand Braudel), "O Homicida na virada do século XXI" (texto realizado a partir do depoimento de 12 homicidas e análise de 800 inquéritos de homicídios) (fonte: Folha de São Paulo, 17/11/02).

¹⁵² A partir de Freud, Totem y Tabú (1913), pgs. 1838 a 1841.

que teria livre acesso sexual às fêmeas do grupo, impondo sua “lei” a todos do grupo, o que impediria todos os outros homens do grupo de manter relações sexuais com as mulheres. Uma das soluções para esses seria a união entre si, num pacto, para matarem o pai. No entanto tal morte por si só não fundaria a cultura humana, pois a horda poderia se dissolver em lutas fratricidas entre os irmãos pelo posto de líder, anteriormente ocupado pelo pai. Quando e se um dos irmãos vencesse, uma nova horda poderia se iniciar. Tal situação apenas iria se modificar, segundo Freud, quando, devido aos sentimentos carinhosos que nutriam os irmãos pelo pai, que teriam vindo à tona após o assassinato do mesmo,

“surgiu o remorso e nasceu a consciência de culpa, confundida aqui com o remorso, e o pai morto adquiriu um poder muito maior do que havia possuído em vida [...]. O que o pai havia impedido anteriormente, pelo fato mesmo da sua existência, proibiram-se logo os filhos a si mesmos em virtude daquela «obediência retrospectiva» [...]. Desautorizaram seu ato [o assassinato], proibindo a morte do totem, substituto do pai, e *renunciaram* a recolher os frutos de seu crime, recusando o contato sexual com as mulheres, acessíveis já para eles. Deste modo é como *a consciência de culpa* do filho engendrou os dois tabus fundamentais do totemismo, os quais tinham de coincidir com os desejos reprimidos do complexo de Édipo.”

153

Os dois tabus fundamentais de que trata Freud são as proibições do incesto e do assassinato, esse último se desdobra em proibição do *fratricídio*¹⁵⁴ e da *morte do totem*. Essas proibições estão todas inter-relacionadas e são necessárias para a constituição da cultura humana. O totem é a figura simbólica que ocupa o lugar do pai, ele dará origem, através da consciência de culpa e do remorso, às religiões, ele será o sustentáculo das leis sociais, com um poder ainda maior que o do antigo pai. No entanto, para que isso ocorra, ninguém pode ocupar o lugar do pai morto, ninguém pode, portanto, substituir o totem, “matá-lo”. Da mesma maneira, os irmãos (os homens) não podem mais lutar entre si para terem a posse das mulheres, o fratricídio está proibido pelo totem, assim como o acesso às mulheres mais próximas, o incesto. É o totem quem vai especificar (imaginariamente) as leis de acesso às mulheres. As proibições do assassinato e do incesto relacionam-se, respectivamente, ao desejo de matar o pai e ao de ter relações sexuais com a mãe, presentes no Complexo de Édipo.

¹⁵³ Freud (1913), pg. 1839.

¹⁵⁴ Freud (1913), pg. 1841: “A la prohibición de matar al totem, que es de naturaleza religiosa, se añade ahora otra de carácter social, la del fratricidio”.

A proibição ao fratricídio poderia se relacionar também à *inveja primitiva* entre irmãos, como aquela do irmão mais velho frente o irmão mais novo que nasce. Para Freud, o companheirismo e o sentimento social repousam, derivam, da transformação de um sentimento a princípio hostil, num enlace positivo via identificação:

“Ninguém deve querer sobressair; todos devem ser e obter o mesmo. A *justiça social* significa que nos recusamos a nós mesmos muitas coisas para que também os demais tenham que *renunciar* a elas, ou, o que é o mesmo, não possam reclamá-las. Esta reivindicação de *igualdade* é a raiz da consciência social e do sentimento do dever e se revela também de um modo totalmente inesperado na “angústia de infectar” dos sífilíticos [...] pois, por que não de padecer somente eles da temível infecção que tantos gozos lhes proíbe, enquanto que outros se encontram sãos e desfrutam de todos os prazeres?”¹⁵⁵

Assim, poderíamos dizer que um dos três interditos inaugurais da cultura humana refere-se diretamente ao *homicídio*, o **interdito do fratricídio**. Que o **interdito de ocupar o lugar do pai morto** refere-se indiretamente ao homicídio, de duas formas, a primeira é aquela que se refere à proibição de ocupar o lugar do assassinado, a segunda é aquela que proíbe o “assassinato” do totem. E que o **interdito do incesto** refere-se à causa do homicídio do pai, o livre acesso às mulheres da horda.

O interdito ao *fratricídio* se relaciona ao consenso cultural geral condenatório ao *homicídio*, embora a ênfase na condenação varie local e historicamente. O interdito ao fratricídio, para uma dada sociedade, implicaria no interdito ao homicídio *entre os seus* membros.

Segundo Kaës, os irmãos, que se associam para matar o pai, apenas têm sucesso em instaurar entre eles uma ordem simbólica quando substituem o assassinato repetitivo do pai arcaico pela organização do grupo,

“que passa, então, a ser estruturado pelos interditos fundamentais: *proibição do incesto, interdição de matar o animal totêmico e o irmão*. O pacto que eles selam, sobre o qual se fundam as identificações simbólicas, é uma formação intermediária. Este pacto liga, mediatiza e transforma os vínculos sociais e a vida psíquica; ele é gerador dos processos da cultura.”¹⁵⁶

Apenas a violência, os irmãos que se compactuam para perpetrarem um ato de violência, não fundaria a ordem simbólica, a cultura tal como a conhecemos, teriam sido

¹⁵⁵ Freud, *Psicología de las masas y análisis del yo* (1921), pg. 2595. Os itálicos são meus.

¹⁵⁶ Kaës, R., 2003, pg. 16. Os itálicos são meus.

necessárias antes, as *interdições* fundamentais, em torno das quais - e dos símbolos a elas referentes - se estabeleceu um novo **pacto**, desta vez civilizacional. No entanto, a cultura carregaria a marca dessa violência originária.

O aspecto da renúncia para o estabelecimento do pacto civilizacional chama a atenção de Kaës. Segundo ele, a análise de Freud, em O mal-estar na cultura, converge em direção à necessidade da **renúncia** à realização direta dos fins pulsionais. É o que se deve perder em relação ao prazer para que o vínculo, o contrato social possa se formar e se manter. A civilização é construída sobre a repressão das pulsões e sobre a renúncia¹⁵⁷.
Escreve Freud:

“O homem civilizado trocou uma parte de felicidade possível por uma parte de segurança”¹⁵⁸

“O resultado final deve ser a edificação de um direito ao qual todos, ou ao menos todos os membros suscetíveis de aderir à comunidade, que têm contribuído ao sacrificar sua impulsão instintiva pessoal, não devem deixar nenhum dentre eles se tornar vítima da força brutal, com exceção daqueles que não aderiram.”¹⁵⁹

O homem teria trocado uma maior satisfação instintiva, uma realização mais direta dos fins pulsionais (pensamos nas pulsões sexuais e nas pulsões destrutivas), por uma maior segurança, uma proteção legal (simbólica) contra a violência de outros homens, e a possibilidade do amor, da formação de um laço social, entre os indivíduos. A coletividade "garante a cada um a segurança necessária para a formação do pré-consciente, para o trabalho do pensamento e a manutenção dos vínculos (laços)" (Kaës)¹⁶⁰. Iniciar-se na ordem simbólica, constituir uma comunidade humana, não mais uma horda, teria significado, além de um domínio da própria natureza (pulsões), também uma maior proteção frente aos perigos naturais e com o tempo uma dominação crescente da natureza para além do próprio homem.

“Evidentemente, ao homem não lhe resulta fácil renunciar à satisfação destas suas tendências agressivas [...]. Por outro lado, um núcleo cultural mais restrito oferece a vantagem muito apreciável de permitir a satisfação deste instinto mediante a hostilidade frente aos seres que ficaram excluídos dele. Sempre se poderão vincular amorosamente entre si o maior número de homens, com a condição de que sobre outros em quem descarregar os golpes.”¹⁶¹

Estamos no campo da segunda tópica freudiana, a pulsão de destrutividade é constitutiva do homem, não se trata de tarefa fácil ou simples impedir que se realize sobre

¹⁵⁷ Kaës, idem, pg. 18.

¹⁵⁸ Freud, 1930, pg. 3048.

¹⁵⁹ Freud, *apud* Kaës, R., 2003, pg 18.

¹⁶⁰ Kaës, 2003, pg. 19.

¹⁶¹ Freud (1930), pg. 3047. “Evidentemente, al hombre no le resulta fácil renunciar a la satisfacción de estas tendencias agresivas suyas [...]. Por otra parte, un núcleo cultural más restringido ofrece la muy apreciable ventaja de permitir la satisfacción de este instinto mediante la hostilidad frente a los seres que han quedado excluidos de aquél. Siempre se podrá vincular amorosamente entre sí a mayor número de hombres, con la condición de que sobre otros en quienes descargar los golpes.”

outros homens, no entanto, segundo Freud, o laço social (baseado no vínculo amoroso) poderá sempre se expandir, desde sobre outros homens fora desse laço, do grupo, em quem se possa satisfazer a pulsão agressiva. Esses de fora podem se tratar de homens de outros clãs, outras tribos, nações, países. Mas também de outros grupos "gangues", partidos, classes, etc. A violência seria aceita contra aqueles de fora do grupo ou contra aqueles que não aderiram ao restrito código cultural (por exemplo, os comunistas, na época do nazismo ou da ditadura militar brasileira, ou os não católicos romanos na Idade Média européia) ou os "foras-da-lei", assim como no caso das vítimas sacrificiais.

O caso do **sacrifício** religioso seria ilustrativo de uma maneira que a cultura criou para lidar com a agressividade interna ao grupo, ele seria uma violência alternativa, substituta de outra que não pode se realizar (e é reprimida): um homem seria escolhido, não apenas para a expiar a culpa do assassinato originário (do pai) frente aos deuses (tese de Freud), mas também realizar a agressividade, que, de forma ritualizada, recairia sobre o sacrificado de maneira violenta, retirando-lhe a vida. No caso do sacrifício humano, em geral o sacrificado era escolhido entre aqueles da comunidade que poderíamos considerar como os de menor vínculo social (como crianças ou moças) ou os mais diferenciados (como o caso de reis e os considerados a "escória da sociedade"), que poderíamos considerar então como aqueles que foram "excluídos", ou os "bodes expiatórios" grupais, aqueles que não suscitariam o desejo de *vingança* por parte de membros da comunidade. O caso dos sacrifícios animais obedeceria à mesma lógica, mas matar-se-ia um animal no lugar de um homem¹⁶². Segundo René Girard, antropólogo francês:

"Os homens obtêm tanto mais êxito na eliminação da violência quanto mais este processo de eliminação não for reconhecido como seu, mas sim como um imperativo absoluto, como a ordem de um deus cujas exigências são tão terríveis quanto minuciosas. O pensamento moderno, ao expulsar completamente o sacrifício para fora do real, continua a ignorar sua violência."

A violência, caso "não seja saciada, ela continua a se acumular até transbordar, espalhando-se em torno com os mais desastrosos efeitos. O sacrifício procura controlar e canalizar para a "boa" direção os deslocamentos e substituições espontâneos que ocorrem nesse momento."¹⁶³

¹⁶² Essa análise baseia-se na obra *A violência e o sagrado* (1972), de René Girard (1990, pgs. 14 a 28). A respeito dos bodes expiatórios grupais, um conceito de Pichon-Rivière, vide o capítulo 4, deste.

¹⁶³ Girard, R., 1990, pgs. 27 e 23, respectivamente.

Em uma sociedade que nega a possibilidade ritual, legal e controlada do sacrifício, como a civilização ocidental atual, poderíamos pensar que ele retorne à realidade de uma forma não ritual, não programada e descontrolada, ou mesmo que a violência não seja desviada para uma "boa" ou "menos pior" direção, mas se realize diretamente sobre o objeto do ódio, caso em que, segundo Girard, poderia levar à "bola de neve" desestruturante do tecido social que é a *vingança*. No entanto, não é isso o que ocorre, pois as sociedades modernas dispõem de algo que não havia nas sociedades "primitivas", um *sistema jurídico*, responsável por uma *vingança pública*, coletiva, reconhecida por todos e em nome de todos, assim como o sacrifício, que estancaria as vinganças pessoais.¹⁶⁴

Mas, e no caso de uma falha no "sistema jurídico"? Pensamos que haveria a possibilidade de um *retorno parcial do mecanismo do sacrifício*, dessa vez de uma forma não ritualizada, não compartilhada entre todos da sociedade. Poderíamos pensar, por exemplo, nos ataques que "os excluídos" ou marginalizados socialmente vêm sofrendo no Brasil contemporâneo, à maneira do "bode expiatório" grupal, daquele que vai expiar a culpa - e ser objeto do ódio - pelas frustrações individuais e coletivas, poderíamos pensar, por exemplo, nos jovens infratores, nos "delinquentes", "bandidos", que diariamente são atacados em programas sensacionalistas de televisão, que são atacados e mortos pela própria sociedade, muitas vezes por seus semelhantes, às vezes até pela polícia, sumariamente, em grande parte das vezes sem que os responsáveis pelos crimes sejam descobertos e devidamente julgados e punidos, o que seria um estímulo ao círculo da vingança. Eles corresponderiam à parte mais frágil da sociedade, aquela em que as possibilidades de vinganças seriam menores, assim como também indígenas e moradores de rua.

¹⁶⁴ Girard, R., 1990. Vide particularmente as pgs. 20, 21, 28 e 29. O *sacrifício* significaria, para certos povos, "uma verdadeira operação de transferência coletiva, efetuada às custas da vítima, operação relacionada às tensões internas, aos rancores, às rivalidades e a todas veleidades recíprocas de agressão no seio da comunidade. [...] A vítima não substitui tal ou tal indivíduo particularmente sanguinário. Ela simultaneamente substitui e é oferecida a todos os membros da sociedade, por todos os membros da sociedade. É a comunidade inteira que o sacrifício protege de *sua* própria violência, é a comunidade inteira que se encontra assim direcionada para vítimas exteriores. O sacrifício polariza sobre a vítima os germes de desavença espalhados por toda parte, dissipando-os ao propor-lhes uma saciação parcial." (pg. 20)

A respeito da *vingança*: "A vingança constitui portanto um processo infinito, interminável. Quando a violência surge em um ponto qualquer da comunidade, tende a se alastrar e a ganhar a totalidade do corpo social, ameaçando desencadear uma verdadeira reação em cadeia, com conseqüências rapidamente fatais em uma sociedade de dimensões reduzidas. A multiplicação das represálias coloca em jogo a própria existência da sociedade" (pg. 28).

A outra possibilidade frente a uma falha do sistema jurídico seria justamente a da *não repressão da violência direta*, de seu não desvio para outros objetos. Podemos pensar dos vários casos que se noticiam pelo Brasil, principalmente no Nordeste, de cadeias de vinganças entre famílias, aparentemente intermináveis, sem fim. Casos mais próximos se dariam por toda a sociedade, em que a violência física é utilizada como a forma de resolução de conflitos, mas são particularmente comuns e notáveis (pelo grau a que chegam) entre grupos de infratores, em que muitas vezes vinganças sucessivas disparam uma pequena "guerra", local, conforme veremos nos relatos de alguns jovens na análise das entrevistas (relatos de Mateus e Émerson). Novamente, há quase a ausência de um poder acima dos indivíduos que interrompa o círculo fatal de vinganças, e que proponha uma vingança de outro tipo, um desvio da vingança, que se trataria da punição de acordo com a lei social, uma punição aceita por todos e realizada em nome de todos, no caso do Brasil tratar-se-ia da detenção no sistema prisional (ou na Febem) por certo tempo.¹⁶⁵

Uma hipótese, além dessas duas, para o direcionamento da violência na ausência do sacrifício ritual - questão tocada apenas parcialmente pelo sistema jurídico - seria a do discurso do ideal de se *negar qualquer exteriorização da agressividade*, nesse caso, a violência poderia se voltar contra o próprio indivíduo. Conforme Girard,

“Só é possível ludibriar a violência fornecendo-lhe uma válvula de escape, algo para devorar.”¹⁶⁶

Assim, se a violência não se realizou contra qualquer objeto exterior, ela foi “ludibriada”, e recai sobre o *próprio indivíduo*. Seja sob a forma de autopunições, somatizações, neuroses ou mesmo, num limite, através do ato do *suicídio*.¹⁶⁷

¹⁶⁵ O aspecto da "**recuperação**" do detido para o convívio social trata-se de um ideal, provavelmente introduzido no discurso social a partir da modernidade, e muitas vezes relegado apenas a "ideal", como se a recuperação se desse pela punição, seja no sistema prisional seja na Febem, com a preponderância da realização do que está de fora do discurso legal e, por vezes, inclusive da lei, a vingança ou o sacrifício social descontrolado (por exemplo, no caso do massacre do Carandiru).

¹⁶⁶ Girard, op. cit., pg. 16.

¹⁶⁷ Um dado pertinente em termos mundiais é o baixo índice relativo de **suicídios** no Brasil e uma elevada taxa de homicídios. Isso se repete para a América Latina e a África (a região de menores taxas de suicídios frente às de homicídios), mas justamente o inverso se observa em grande parte da Europa e em muitos países asiáticos, principalmente os mais orientais, como o Japão (com taxas de suicídio 7 vezes superiores às de homicídio). Uma hipótese seria a de um baixo grau relativo de *desvio* (e recalçamento) ou de *sublimação* das pulsões destrutivas nos primeiros, em contraposição a um alto grau de desvio ou de repressão da agressividade nos segundos. Onde, caso a agressividade tenha *totalmente negada* as vias de se manifestar a última opção seria o retorno violento contra o próprio eu: a somatização ou o suicídio. Nesse sentido, temos que raríssimos são os países com altos índices relativos de suicídios e de homicídios (caso haja algum), mas há vários com índices muito baixos em ambos, por exemplo, os países do Mediterrâneo Oriental, isso, talvez devido a desvios, substituições e sublimações melhores sucedidas em termos de nossos padrões culturais. (baseado em dados da O.M.S.: *Informe Mundial sobre la violencia y la salud: resumen*, 2002)

Segundo Girard, em sociedades que adotam o sacrifício ritual, a violência é parcialmente desviada e parcialmente recalçada. Postulação que não se distancia muito da freudiana, segundo a qual, para o surgimento da sociedade humana como a conhecemos hoje, foi necessário primeiro um esquecimento, um **recalque** coletivo do assassinato do pai¹⁶⁸. Seria apenas a partir do recalque desse ato de violência que um símbolo, o totem, pôde se colocar no lugar do pai morto, inaugurando a cultura tal como a conhecemos. Dessa vez a lei social não dependia da presença real do pai para se cumprir, pois estava internalizada em cada um dos membros da comunidade. Concomitantemente ao surgimento do totem e dos tabus sociais (as leis e os interditos), supomos também que se erigia uma **mitologia** fundadora, que “explicasse” a presença e a proeminência do totem e dos tabus instituídos. A partir desse compartilhamento de deuses, tabus, recalques e mitologias, que colocavam aqueles pertencentes ao grupo num patamar de igualdade frente ao totem, funda-se o **pacto social**.

Assim como Kaës (1996)¹⁶⁹, vemos uma proximidade entre os *contos* - as narrativas tradicionais - e o *mito*. Para nós ambos seriam formas de narrativas, embora distintas. Para Kaës, em ambos a representação de objeto seria figurativa, ambos mobilizariam os processos primários e secundários, assim como as defesas neuróticas e psicóticas, a temporalidade também seria a mesma, sincrônica, assim como a representação do outro, ambivalente e também as identificações, que seriam dirigidas aos heróis da narrativa. Difeririam principalmente em relação ao registro da realidade, que é imaginário para o conto, mas a verdade para o mito; e em relação à função sócio-cultural, que seria pedagógica e moral para o conto e de atribuição (*assignation*) e adesão para o mito (além de transmissão para ambos).

Assim como Benjamin, diferenciamos o conto-de-fadas do mito e concordamos com sua assertiva de que o conto foi um instrumento para a libertação da humanidade do pesadelo mítico¹⁷⁰, porém, consideramos que os mitos, assim como os totens, seriam frutos do recalçamento originário, do assassinato do “pai” da horda, e teriam participado da libertação da “humanidade” de um pesadelo ainda anterior, o da violência impulsiva e da ausência de leis propriamente humanas.

* * *

¹⁶⁸ Kaës tem interpretação semelhante: vide Kaës, R., *O grupo e o sujeito do grupo*, 1997, pg. 94.

¹⁶⁹ Kaës, R., *Contes et divans*, 1996, pgs. 21 e 22.

¹⁷⁰ Benjamin, W., 1985, pg. 215. “O conto de fadas nos revela as primeiras medidas tomadas pela humanidade para libertar-se do pesadelo mítico.”

O recalçamento grupal do assassinato do pai, no entanto, não selaria “apenas” a emergência do totem e da lei, mas também a fundação de um pacto grupal, de um elo, de algo que selaria o vínculo entre os participantes do grupo, em torno daquilo que foi *negado*. Operação próxima à ocorrida no que Kaës denomina como **alianças inconscientes** grupais.¹⁷¹

Segundo Kaës, as alianças inconscientes são regidas tanto pela lógica de conjunto, de grupo, quanto pela lógica dos processos individuais. Elas contribuem para organizar a tópica, a economia e a dinâmica intrapsíquica e têm efeito nas funções *recalcadoras* e na formação da *negação*¹⁷². Elas “são formações da aparelhagem psíquica dos sujeitos de um conjunto intersubjetivo: casal, grupo, família, instituição”. A aliança inconsciente é uma

“formação psíquica intersubjetiva construída pelos sujeitos de um vínculo para reforçar, em cada um deles, certos processos, certas funções ou certas estruturas de que eles tiram um benefício, tal como o vínculo que os liga adquire para sua vida psíquica valor decisivo.”

“Dizer aliança inconsciente é inseri-la de imediato e fundamentalmente no processo do recalçamento, sem dúvida na formação do próprio inconsciente. As alianças inconscientes estão a serviço da função recalcante”.¹⁷³

Segundo Kaës, os humanos, para se associarem em grupo, mas também para associarem representações e pensamentos, não somente identificam-se com um objeto comum (como ideais e ídolos) e daí, igualmente entre eles, mas selam também “um acordo inconsciente segundo o qual, para manter seu vínculo e o grupo que o contém, não se dará atenção a um certo número de coisas: elas devem ser recalcadas, rejeitadas, abolidas, depositadas ou apagadas”.¹⁷⁴

Para Kaës, o **contrato narcísico** seria uma forma de *aliança inconsciente* (assim como o *pacto denegativo*), tal noção teria sido introduzida por Piera Aulagnier para sublinhar que cada sujeito vem ao mundo social sendo portador da missão de ter de assegurar a continuidade da geração e do *conjunto social*, que o sujeito é portador de *um lugar em um conjunto* (como a família, a comunidade) e, para assegurar essa continuidade, o conjunto deve, por sua vez, investir narcisicamente esse elemento novo,

¹⁷¹ Segundo Kaës, alianças inconscientes já teriam sido descritas por Freud no *pacto de proibição* que os irmãos selaram após o assassinato do pai originário (vide Kaës, 1997, pg. 271).

¹⁷² Vide Kaës, 1997, pg. 107.

¹⁷³ Kaës, op.cit., pg. 269.

¹⁷⁴ Kaës, 1997, pg. 257.

de forma que é designado e oferecido a cada um, pelo grupo, *um lugar*, que lhe “é *significado* pelo conjunto das vozes que, antes de cada sujeito, manteve um certo *discurso* conforme ao *mito fundador do grupo*. O discurso inclui os *ideais* e os *valores*; ele transmite a cultura e a palavra de certeza do conjunto social. Cada sujeito deve, de certa maneira, retomar esse discurso por sua conta. Por ele o sujeito fica ligado ao ancestral fundador. A função *identificante* do contrato narcísico é assim posta em evidência”. Toda nova adesão do sujeito a um grupo, assim como qualquer mudança na relação do sujeito com o conjunto, põe novamente em questão, e em certos casos em trabalho, os percalços do contrato narcísico, que são motivados por uma dúvida e fecham-se sobre uma nova certeza¹⁷⁵. Gostaríamos de destacar um paralelo que pode ser feito entre esse discurso que transmite a cultura, a palavra, os ideais e os valores e as narrativas, retomaremos tal questão mais adiante.

Kaës diferencia “contrato” de “pacto”: no *contrato* está presente tanto o conflito entre as partes como sua resolução, que se dá através de um terceiro a garantir o contrato; já o *pacto* resultaria de uma paz imposta, ele contém e transmite *violência*. O *pacto narcísico* designaria uma destinação unívoca ou mútua a um lugar de perfeita coincidência narcísica, um lugar que não vai suportar nenhum afastamento relativo a essa coincidência. Já o **pacto denegativo** - necessário para a construção do recalque¹⁷⁶ - designaria aquilo que, num vínculo intersubjetivo, se impõe ser recalcado, denegado, negado, desaprovado, rejeitado ou enquistado¹⁷⁷.

Segundo Fernandes

“O recalque só se dá na dimensão intra-psíquica, mas exige, para sua manutenção, que aquilo que foi retirado da “dimensão consciente” seja garantido pelo grupo. Temos aqui a figura do Negativo operando na constituição e manutenção do Recalque. Ela exige que algo seja mantido “fora” para benefício do *Sujeito* e para benefício do *Grupo*.”

“a negatividade está na base da construção do vínculo, do laço social.”¹⁷⁸

Temos então que o **laço social**, da mesma forma que o vínculo entre os integrantes de um grupo, encontra-se dependente da negação, do pacto denegativo e do recalque. Mas

¹⁷⁵ Vide Kaës, 1997, pgs. 263 e 264. Os itálicos são meus.

¹⁷⁶ Segundo Fernandes, M. I. A.. “O Trabalho Psíquico da Intersubjetividade”, in *Psicologia USP*, 2003, pg. 53

¹⁷⁷ Kaës, 1997, pg. 264. A partir de Laplanche & Pontalis (1992, pg. 236 a 238), teríamos que uma boa “tradução” do termo “denegação” seria “*recusa*”, já utilizado por Freud (*Verleugnung*), note-se, no entanto, que o *pacto denegativo* seria mais amplo do que o significado de “recusa”, incluindo a negação em geral.

¹⁷⁸ Fernandes, 2003, pgs. 53 e 54.

também o recalque e a manutenção da negação são dependentes do grupo. O recalque (e o negativo) se *transmite* ao sujeito ver-se confrontado com sua inserção numa cadeia que o precede, quando percorre os percalços do contrato narcísico, em que deve realizar recalque semelhante aos que o precederam, para que seja membro do grupo e compartilhe de seus significantes e significados, recalques e negações, identificações e ideais.

Seria em torno das *alianças inconscientes* que se estruturam os grupos, sem elas os grupos não se vinculariam, não chegariam ao “agrupamento”, não passariam do estágio anterior, o serial (da fila num banco), do conglomerado de pessoas.

Segundo Kaës¹⁷⁹, a partir desse estágio anterior, passar-se-ia para um momento onde estariam presentes várias fantasias individuais, até o momento em que o grupo se configura como uma organização a ser defendida pelos seus membros: **o grupo** “é a construção narcísica comum dos membros do grupo. Essa coerência e essa satisfação primeira deverão manter-se contra qualquer nova irrupção das tendências destrutivas e, especialmente contra toda manifestação de outra fantasia”, pois essa colocaria em perigo as várias conquistas do grupo, como o sentido, a reparação narcísica e a organização de um todo. A defesa contra a irrupção de outra fantasia mobiliza uma espécie de *pacto implícito* do qual todos participam. A ilusão de mesma forma unifica todos em uma única massa (seria nesse momento que se instala a aliança inconsciente).

Trata-se do **momento ideológico grupal**, quando há a sistematização do pensamento, que dá uma base racional para as anteriores contradições e vacilações de certezas. É uma *elaboração secundária* que torna coerentes - a partir das *racionalizações* - os *nomes* elaborados pelo grupo para manter o sistema de vínculos que suporta a projeção dos grupos internos (dos grupos internalizados de cada um sobre o grupo externo que se configura). As fantasias que circulam pelo grupo se reduzem, com um empobrecimento do mesmo no sentido da qualidade e da quantidade das fantasias; o objeto transicional transforma-se em *fetichê*, com o qual os membros do grupo procuram afastar os perigos e as limitações.

Trata-se de um momento “ideológico” pois, segundo Kaës, a *ideologia* fundamenta-se sobre uma idéia, um ideal e um ídolo e desenvolve um discurso suficientemente universal para que ele resista à representação das diferenças, características semelhantes

¹⁷⁹ Kaës, 1997, pgs. 214 e 215.

às que ocorrem nos grupos nesse momento, onde “a comunidade de crença e de adesão à idéia capital, aos Ideais constitutivos e ao Ídolo” faz sustentar o grupo em sua unidade.¹⁸⁰

Após o momento ideológico grupal, seria possível um outro momento grupal, dessa vez com um sentimento de segurança maior e com o início de processos de simbolização complexa, o **momento figurativo transicional**, com a utilização de espaços e objetos transicionais e a freqüente construção de um *sistema utópico*.

Como efeito do momento anterior e da simbolização, as representações são tomadas como diferentes das coisas, o grupo se coloca como uma organização simbólica de relações de diferença entre sujeitos, numa *diferenciação* crescente, em detrimento do espaço de ilusão comum. Trata-se de um momento especialmente *criativo*, o **momento mitopoético** (próximo ao ‘grupo de trabalho’, de Bion)¹⁸¹. Nesse momento há a *personalização* dos membros do grupo e uma redução das funções do grupo, implicando num momento de *crise*, “na medida em que o enfraquecimento do grupo põe também seus membros em perigo. O resultado dessa crise pode ser a idealização de um membro do grupo ou o começo de uma nova posição ideológica.”¹⁸²

Poderíamos traçar um paralelo entre tais momentos grupais com o momento originário do grande “grupo humano”, conforme postulado por Freud (teoria da horda primitiva): o momento ideológico grupal seria aquele imediatamente após o assassinato do pai originário e selaria o pacto entre os irmãos, particularmente em torno das proibições (tabus), do negado e do recalcado, e se elegeria um “totem” (um objeto transicional?) e um mito fundador para aquele grupo; o momento mitopoético seria posterior, nele se erigiria uma mitologia, explicativa e diferenciadora da realidade e dos homens. É pertinente, nesse sentido, a consideração que Girard faz imputando a violência à *indiferenciação cultural*. Na ausência da diferença (que muitas vezes se dava via dimensão religiosa ou mitológica) perder-se-ia o sentido de um em relação ao outro, qualquer ordem cultural e a violência poderia se estabelecer e se propagar pelo tecido social, sem desvios, sem barreiras.¹⁸³

¹⁸⁰ Vide Kaës, 1997, pgs. 256 e 257.

¹⁸¹ Ou ao momento de realização da tarefa e constituição de um projeto grupal, para Pichon-Rivière (que abordaremos no próximo capítulo).

¹⁸² Vide Kaës, 1997, pg. 216.

¹⁸³ Vide Girard, R., 1990, pgs. 69 a 71. Para o autor a ordem e a paz baseiam-se nas diferenças culturais, a diferença “é o que permite que os seres situem-se uns em relação aos outros e que as coisas tenham um sentido no seio de um todo organizado e hierarquizado” (pg. 70).

Assim, no grupo, “no lugar” daquilo que foi recalçado, tirado de circulação e da consciência, emergiria um discurso, no entanto, para o reforço, manutenção e transmissão do recalque, que não deixaria de ser, simultaneamente, índice e indício do mesmo. As *narrativas* de uma coletividade - ou de um grupo - que perduram, que se transmitem de uma geração para outra, não poderiam ocupar para a coletividade e seus integrantes o lugar desse discurso, que é dito ou experienciado por todos na coletividade? Um discurso que transmitiria certos valores, que seriam base de identificação comum aos membros da coletividade, que fortaleceria sua moral interna, suas leis, e também seus interditos, aquilo do que não se pode falar, muitas vezes nem se pensar, outras vezes é o impensável, pois inconsciente, recalçado ou recusado. Sob esse ponto de vista as histórias teriam funções pedagógicas e morais, que se **transmitiriam** através delas (caso dos valores e das proibições), mas, assim como o mito, teriam funções de transmissão também, não apenas do que dizem, mas também daquilo que encobrem, que negam, do que não pode ser dito ou pensado, funções de transmissão intergeracional de um certo recalque.¹⁸⁴

Embora Kaës, em *Contes et Divans*, diferencie *contos*, *mitos* e *lendas*, e chegue a dizer que o conto está situado em posição antípoda à da *utopia* e da *ideologia*, ele os situa na mesma “tábua” para compará-los e os nomeia a todos como “formações coletivas da mentalização (“*mentalisation*”)¹⁸⁵. A “posição antípoda” significaria posições opostas, mas, arriscaríamos dizer “lados opostos da mesma moeda”, pois é inegável a contribuição de mitos, lendas, contos de cunho pedagógico ou moralizante para a manutenção, perpetuação e reprodução das *ideologias*. Poderíamos pensar também que contos e lendas forneceriam modelos ou casos exemplares para as *utopias*. A relação entre mito e utopia parece-nos mais complexa, mas tenderíamos a pensar no retorno dos mitos nas utopias ou na presença dos mitos por detrás das utopias, como simbolizações ou fantasias arcaicas, que se repetem.

¹⁸⁴ Kaës (1997, pgs 266 e 267) aponta, também, que a transmissão das *proibições* estaria a serviço dos *ideais comuns* e do *já-recalçado* pela psique parental.

¹⁸⁵ Vide Kaës, 1996, pgs. 21 e 22. Entre as principais diferenças entre *contos*, *lendas* e *mitos* - grupo que poderíamos considerar como o das *narrativas* - e *ideologia* e *utopia*, Kaës aponta para que no primeiro grupo a representação de objeto seria figurativa, enquanto que no segundo seria não-figurativa. No plano intersubjetivo, para o primeiro grupo as identificações se refeririam aos heróis enquanto que para o segundo estariam referidas ao sistema. Outra diferença significativa seria a utilização de defesas perversas pela *ideologia*, que teria também o Eu ideal e o fetichismo como formações psíquicas predominantes. Mas haveria várias semelhanças, como as de registro da realidade: *verdade*, tanto para o mito quanto para a ideologia, e a função cultural ou social, que poderia ser de *adesão*, tanto para a utopia, a ideologia e o mito, ou a de *contestação* e *edificação*, para a utopia e a lenda, e de *coesão*, para a ideologia e a lenda.

A **ideologia** encobre, nega um determinado aspecto da realidade substituindo-o por outro(s), que passa a ser *A realidade*. Assim também o fariam o *mito* e a *aliança inconsciente*. Nessa operação, sempre, o discurso ideológico que se impõe acabará privilegiando certos aspectos da realidade em detrimento de outros, que serão proibidos ou deverão ser renunciados ou reprimidos. No caso da estruturação mítica ou religiosa de uma sociedade, certos membros acabarão mais privilegiados do que outros para exercerem certas funções (diferenciação de papéis) ou terem acesso a certos bens, embora essa não seja a função psíquica dos mitos, no entanto seria sua conseqüência. Poderíamos entender então a ideologia como fruto do uso *perverso* de tais discursos míticos, perverso no sentido da ruptura do pacto fraterno, na medida em que esse propunha a igualdade entre os irmãos, para benefício de alguns. Mas essa seria uma adequação do significado do termo “ideologia” para aquele oriundo do marxismo e compartilhado por grande parte das ciências humanas atualmente. Ao sermos rigorosos com nosso raciocínio até aqui, deveríamos redefinir ideologia como ‘*o conjunto de idéias a respeito da realidade compartilhado por um determinado grupo social*’, idéias que sempre vão estar presentes onde houver um agrupamento social humano ou um laço social, e sempre vão estar equivocadas a respeito da organização da realidade social, pois sempre estarão encobrindo algo que foi negado, que não pode nem chegar a ser mencionado. Mas, e se o for? O laço social, baseado naquela aliança inconsciente do grupo estaria desfeito. Aquele grupo terminaria? Talvez, mas caso outra aliança seja feita imediatamente após, o que teria ocorrido seria um momento de crise seguido por um momento ideológico, consubstanciando uma substituição de ideologias. Segundo esse ponto de vista, o que poderíamos desejar seria a substituição de uma ideologia mais perversa por outra menos perversa. Seria como a “metáfora da cebola”, por trás de uma camada de ideologia sempre haveria outra, até se chegar ao núcleo, onde não haveria mais nada, nenhuma cebola, ou nenhuma sociedade humana (o mesmo raciocínio seria válido para a repressão no indivíduo, ao retirarmos toda a repressão não teríamos mais um ser humano, conseqüentemente isso não seria desejável, no entanto, o combate à “mais-repressão”, conforme conceituou Marcuse¹⁸⁶, seria desejável). Uma outra possibilidade, desejável e complementar à anterior, seria a de aproveitarmos e tentarmos viver cada vez mais e melhor os momentos transicionais e mitopoéticos, superando as crises, rupturas e

¹⁸⁶ Vide Marcuse, H. *Eros e Civilização* (1952), pg. 140.

desorganizações com constructos simbólicos cada vez mais elaborados, poéticos e diferenciados.

3 – Violência, delinquência e adolescência na atualidade

Neste capítulo mudaremos um pouco o foco, da constituição da subjetividade e da vida em sociedade e da relação entre elas e as narrativas, para a adolescência e a questão da violência contemporânea, sob o ponto de vista *psicanalítico* e, na confluência entre as duas últimas, a questão da delinquência juvenil; a questão do declínio das narrativas orais estará presente como “pano de fundo”. Tal mudança se justifica devido ao nosso objeto de pesquisa, a questão da violência na atualidade e devido aos nossos sujeitos da pesquisa de campo, adolescentes que teriam delinqüido. Nossa abordagem agora partirá de autores mais contemporâneos ou com reflexões mais próximas à questão da violência e da delinquência juvenil.

3a - Adolescência e delinquência juvenil

“[...] na prática eu não posso entrar no jogo se não me submeter; meu motivo para aceitá-lo é meu desejo de jogar; e uma vez que os homens só podem existir no plural, meu desejo de jogar é idêntico ao meu desejo de viver. Todo homem nasce numa comunidade com leis preexistentes às quais ele ‘obedece’, em primeiro lugar, porque não há outro meio de ele entrar no grande jogo do mundo. Posso querer mudar as regras do jogo, como fazem os revolucionários, ou abrir uma exceção para mim, como fazem os criminosos; mas negá-las, em princípio, não significa ‘desobediência’, mas a recusa a entrar para a comunidade humana.”¹⁸⁷

Hannah Arendt

Segundo Jean Jacques Rassial, psicanalista francês atual, a abordagem da *delinquência* exigiria uma teoria da *adolescência*, uma teoria daquilo que faz *laço social* e uma concepção de *modernidade* e de *pós-modernidade*, que nos permita dar conta do *valor psíquico* da conduta delinquente, de sua função de *sintoma*, não somente para o *sujeito*, mas também para o *corpo social*, e da evolução das práticas delinquentes.¹⁸⁸

A respeito de uma concepção de Modernidade e de “pós-modernidade” já tratamos no primeiro capítulo; uma teoria do que faz laço social tentamos esboçar no capítulo anterior; tentaremos abordar agora a *delinquência juvenil* e algumas noções a

¹⁸⁷ Arendt, H. “Da Violência”, in *Crises da República*, São Paulo, Perspectiva, pg. 165, *apud* Fernandes, M. I. A., 1996, pg. 70.

¹⁸⁸ Rassial, Jean Jacques, “Aula 1”, 2003, pg. 1.

respeito da *adolescência*; mais adiante abordaremos a evolução das práticas delinquentes nos últimos anos.

Adolescência

A respeito dessa temática da adolescência nos basearemos principalmente no trabalho de Matheus (2002), acerca dos ideais na adolescência contemporânea.

Uma compreensão possível para a **adolescência** é a de que se trata de

“um *fenômeno da modernidade*, que atinge o jovem no Ocidente por ocasião da eclosão da puberdade, quando, por falta dos dispositivos em geral presentes nas organizações societárias pré-modernas ou não ocidentais, a passagem da criança ao jovem se tornou problemática.”¹⁸⁹

Quais seriam tais dispositivos em geral presentes nas organizações societárias pré-modernas? A grosso modo trata-se dos **rituais** de passagem, entre a infância e a fase adulta, rituais muitas vezes relacionados à concepção de homem e de mulher da cultura em questão, por exemplo, se a concepção de homem envolvia o valor ‘ter coragem’, muitas vezes o ritual era um teste de coragem, não que não se configurasse como um problema para a criança púbere tal passagem, obstáculo ou desafio, mas trataria-se de algo ritualizado e preparado por toda a comunidade e comum a todos os jovens, uma vez ultrapassado essa prova, o jovem seria equiparado a um adulto. Seria uma passagem pontual, com apoio e valorização social, não se configurando, portanto, como uma fase extensa da vida, muitas vezes carregada de representações negativas, o adolescente sendo visto como ‘aquele que não é’: nem criança, nem adulto.

A partir de um ponto de vista mais intrapsíquico poderíamos entender a adolescência como a fase de um *trabalho psíquico* que procura processar a passagem do universo infantil para o adulto. O sujeito em constituição se veria obrigado a produzir significantes que operem as mudanças pulsionais que eclodem com a puberdade e as mudanças de sua imagem na relação com o outro¹⁹⁰.

Seriam de três ordens as questões que os adolescentes têm de se posicionar: da ordem *sexual*; da ordem de seu posicionamento no universo familiar; e da ordem da

¹⁸⁹ Ruffino, R.. “Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito”, in Rappaport (org.). *Adolescência - Abordagem Psicanalítica*, São Paulo: EPU, 1993, pgs. 25-58, *apud* Matheus, 2002, pg. 86. Os itálicos são meus.

¹⁹⁰ A partir de Ruffino, R., op. cit., *apud* Matheus, 2002, pg. 21.

formulação de uma **ética** que sustente suas escolhas e ações¹⁹¹. Na adolescência, o jovem reviveria o complexo de Édipo, resignificando sua posição na família e sua identidade sexual, o que teria consequências para o supereu e sua postura ética frente aos outros, outros da vida social mais ampla. A adolescência seria um momento de passagem, entre o grupo familiar, de um lado, e o grande grupo da sociedade e os vários novos grupos aos quais o sujeito se ligará no decorrer da vida, para isso poderíamos pensar num grupo intermediário ou transicional, o *grupo de pares*.

"O adolescente, na busca por distância do modelo familiar, se volta para as referências que a cultura lhe oferece, em particular aquelas que são compartilhadas por seus **pares de geração**. Constituem-se assim, os *ideais da geração*, como formação de compromisso entre a oposição e a reafirmação das referências legadas pelas gerações precedentes, assim como do momento histórico vivido pela sociedade de que fazem parte."¹⁹²

O adolescente, na busca por se diferenciar do modelo *familiar*, se volta para outros modelos possíveis, que deve encontrar na *cultura*. Tais modelos seriam uma formação de compromisso entre a negativa e a afirmação dos modelos familiares. Em geral, os jovens os compartilhariam entre seus pares de geração, na forma de ideais comuns.

Na adolescência as *identificações horizontais* se sobressaem, há uma reescritura ativa do pacto civilizatório pela *frátria* (grupo de irmãos, de iguais), pelo grupo de adolescentes, capaz de alterar o campo simbólico, a partir do questionamento das verdades da cultura.¹⁹³

No entanto, na atualidade

“pergunta-se quais os elementos que cumprem a função de **ideais da cultura**: Dinheiro, Organização, Bem-estar e Amor? Consumo, Lazer e Trabalho? Alguns autores, tais como Costa e Abramo, apontam para uma "crise nos modelos de sociedade", o que pode ser entendido como etapa de reformulação dos ideais que vive nossa cultura. Neste quadro, os adolescentes, que se encontram num processo de reformulação dos próprios ideais, estariam numa encruzilhada, pois teriam como desafio a construção de um percurso a partir de **frágeis referências**.”¹⁹⁴

¹⁹¹ A partir de Matheus, 2002, pg. 55.

¹⁹² Matheus, 2002, pg. 20. Os negritos são meus.

¹⁹³ A partir de Matheus, 2002, pg. 93.

¹⁹⁴ Matheus, T. C., 2002, pg. 20. O autor cita nesse trecho J. F. Costa, *Sem fraude nem favor* (1999) e H. Abramo, *Cenas Juvenis - punks e darks no espetáculo urbano* (1994). Os negritos são meus.

Se os modelos de sociedade estão hoje em **crise**, os adolescentes teriam um desafio a mais, pois lhes caberiam(?) construir um caminho em meio a um terreno movediço. Como formar um compromisso entre o modelo familiar e as referências culturais, se essas últimas não se apresentam claras ou sólidas?

Para Lagache (psicanalista francês), a adolescência é classicamente descrita pela psicanálise como

“um conflito entre o id e o superego: as pulsões do id são reforçadas organicamente; a autoridade dos pais e a identificação com o superego parental são postas em questão; o conflito se resolve pelo abandono dos objetos incestuosos e o investimento em objetos novos. Tal descrição não esgota o aspecto estrutural do conflito; não leva em conta, em particular, o fato dos devaneios do adolescente não serem somente eróticos, mas também ‘megalomaníacos’. O ego ideal é reinvestido, ou seu investimento é reforçado, muitas vezes com o apoio das novas identificações com personagens prestigiados. O adolescente se identifica novamente com o *ego ideal* e tenta desta forma se desligar do *superego* e do *ideal de ego*.”¹⁹⁵

Na adolescência surge uma nova imagem de si, a partir do espelho do olhar do outro, que impõe a morte da imagem anterior. O **Eu ideal** será reeditado na nova imagem, na forma de alguém que já pode cumprir a promessa do “quando você crescer...”, a promessa de potência; a promessa justificadora da não realização instintual no presente e que a postergava para “quando você crescer”. Quando a criança cresce e a identificação com o superego parental é posta em questão: ela está de volta à idade da potência, “por que limitar-me?”, se “eu posso tudo”? Haveria um retorno do funcionamento Eu ideal (vide o capítulo anterior).

Seria o momento da concretização de antigas fantasias? Isso poderia se relacionar com as várias **passagens ao ato** da adolescência, que se colocariam como uma expressão da realização dessas fantasias. Mudanças no vestuário, no cabelo, tatuagens procurariam dar concretude à esse momento dos jovens.¹⁹⁶

No entanto, a imagem especular do Eu ideal sofrerá quedas no contato com a realidade. Então, a partir da ressignificação de seus fragmentos pode se construir um projeto para o futuro, o **ideal de Eu**, como projeto de uma nova imagem, sempre incompleta, nos moldes de uma formação de compromisso, das ambivalências paternas e

¹⁹⁵ Lagache, D. *Agressivité - structure de la personnalité et autres travaux*, pgs 227 e 228, *apud* Matheus, 2002, pg. 56. Os itálicos são meus.

¹⁹⁶ A partir de Matheus, 2002, pg. 90.

dos filhos. Na adolescência o ideal de Eu sofre os efeitos de um intenso processo de ressignificação de suas inscrições, os significantes que até então prevaleciam são postos em xeque em função dos novos vínculos identificatórios estabelecidos, no entanto, as marcas anteriores não são descartadas, são ressignificadas.¹⁹⁷

Matheus, em pesquisa realizada em 1997, com grupos de adolescentes que estudavam em escolas públicas paulistanas, constatou que tais adolescentes, frente a uma percepção da realidade como adversa e pouco receptiva, encontravam dificuldades na sustentação de seus ideais, o que lhes favoreceu sobretudo uma atitude cética e questionadora:

“Frente à dificuldade de encontrar possibilidades reais de inserção social, a condição marginal adolescente se potencializa, intensificando o sentimento de impotência, o que produz a *restrição de seus ideais* e, ao mesmo tempo, uma *predisposição agressiva*.”

“É neste sentido que se entende que a agressividade que permeia o discurso dos jovens está atrelada à violência das desigualdades sociais que os circunscrevem e constituem: é a uma só vez, uma mensagem de impotência, raiva, inconformidade e *ceticismo*, frente a uma realidade que se mostra refratária e impermeável, tal como lhes é apresentada.”¹⁹⁸

“O desamparo em que se encontram tende a mantê-los num estado de frustração e angústia que cerceia as possibilidades de elaboração e postergação de seus anseios”¹⁹⁹

O *ceticismo* é resultante do descrédito, da dificuldade em sustentar ideais em meio a uma realidade pouco acolhedora. Permeia os jovens uma condição de *desamparo*, frente à qual reagem de diferentes formas. Embora não estejam totalmente ausentes, percebeu-se uma *fragilidade dos ideais* nos jovens pesquisados²⁰⁰.

Frente a tal restrição dos ideais, ao ceticismo quanto à sociedade como um todo e às reais possibilidades de ascensão social e, também, ao sentimento de insegurança em relação ao futuro, as “saídas” adotadas podem pender para o imediatismo e a agressividade, atitudes anti-sociais e delinquentes. Mas a insegurança não se refere apenas ao futuro, mas também ao presente, na medida em que a realidade social vivida pelos adolescentes, principalmente das classes populares, lhes é já adversa, ameaçadora e

¹⁹⁷ A partir de Matheus, op. cit., pgs. 92 e 163.

¹⁹⁸ Matheus, op. cit., pgs. 142 e 143. Os itálicos são meus.

¹⁹⁹ Matheus, op. cit., pg. 171.

²⁰⁰ A partir de Matheus, op. cit., pg. 167.

violenta, pois pode compreender conflitos que ponham em risco suas integridades psíquicas e/ou físicas. Nesse contexto, “a *identificação com o agressor* surge como possibilidade de sobrevivência psíquica e, conseqüentemente, como ponto de referência no processo de constituição destes adolescentes”²⁰¹. Identificação que por sua vez desencadeia mais agressões e insegurança.

Uma compreensão da emergência da *violência* por parte de adolescentes em nossa sociedade seria aquela que a coloca como a última forma (ou a única acessível), o *último recurso* para se fazer escutar socialmente. Visto vivermos em um meio social frequentemente amortecido e surdo aos problemas coletivos, particularmente o desamparo e falta de perspectivas dos jovens, particularmente aqueles das camadas mais populares²⁰². Tal último recurso muitas vezes conseguiria seus objetivos - embora a um alto preço - romper com a indiferença, seja através dos sentimentos de ódio, medo, de respeito, admiração ou inveja que suscitam, ou mesmo na reação de contenção por meio da força (polícias, confinamento forçado numa instituição), pois essas - ao menos parcialmente - apresentam um limite, um contorno, uma conformação aos jovens, em nome da sociedade, algo que escapa da indiferença e indiferenciação.

3a2- A delinqüência juvenil

Segundo Rassial²⁰³, a noção de **delinqüência**, assim como a de adolescência, é uma noção moderna, e viveu seu apogeu na Europa durante cerca de um século, entre os anos 1850 e 1950, aproximadamente. Ela se constrói a partir de uma diferença, originária do século XVIII, entre os diferentes níveis de transgressão à lei, particularmente entre crime e delito, filiando-se ao segundo²⁰⁴. O termo “delinqüente”, e em especial “juventude delinqüente”, se referencia também a uma realidade mais ampla do que a individual, se não social pelo menos grupal. Enquanto que a criminalidade permanece uma questão individual. Nos debates da psiquiatria (principalmente na França e Inglaterra a partir de meados do século XIX) a delinqüência é uma questão social e política, testemunha do declínio da autoridade paterna, quando o pai passa a ter--lhe retirado o filho em caso de

²⁰¹ Matheus, op. cit., pg. 161.

²⁰² A partir de Matheus, op. cit., pg. 174.

²⁰³ Rassial, Jean Jacques, 2003.

²⁰⁴ Segundo o dicionário Houaiss “**delinqüência**” significaria delito, infração, desobediência a leis, regulamentos ou padrões morais e teria sua origem no latim *delinquentia*: falta, falha, delito, pecado.

internação, um declínio do poder paterno visto (pelo discurso dominante) como natural no proletariado e acidental na burguesia (pgs. 4 e 5).

Ao final do século XIX, com o predomínio das teses higienistas e da degenerescência, surgem sanções que pretendem ser *reeducadoras* e as “casas de correção”. A imagem que se tem do delinquente é a do adolescente que ao mesmo tempo escapa do circuito escolar e não se integra no mundo do trabalho, a partir daí desenvolveram-se as idéias sobre uma escolarização forçada e do trabalho como ferramenta para a esperada reeducação (pg 5). Podemos compreender o delinquente como justamente aquele que rompe com a ideologia capitalista do trabalho e da escolarização obrigatoria.

Por essa época, surge na psiquiatria um diagnóstico para designar esses comprometimentos juvenis com a delinquência: o diagnóstico de **psicopatia**. Anteriormente, no século XIX, psicopatia, como se depreende da etimologia, designava genericamente as patologias psíquicas, o que se modifica a partir do psiquiatra alemão Kurt Schneider, que propõe reservar esse diagnóstico a uma situação precisa: quando o sofrimento, o *pathos*, é ao mesmo tempo, e com a mesma intensidade, o sofrimento de um indivíduo e de um grupo social, definição, portanto, que englobaria a de delinquência juvenil. Mas em seguida Schneider identifica a delinquência como uma psicopatia *transitória* e *comum* na adolescência, que na maior parte das vezes desaparece progressivamente com a idade e, portanto, não requer nenhum tratamento psiquiátrico específico, além de um tratamento social coletivo, não se tratando, então, de uma patologia psiquiátrica (pg. 7). Poderíamos pensar que tal delinquência comum e transitória na adolescência tratar-se-ia de um *teste de realidade*, um **teste** da lei social (e da potência individual) realizado pelo adolescente, na passagem que realiza da lei familiar para a lei do grupo de pares e a lei social mais ampla, e na atualização do complexo de Édipo por que passa.

Na Europa, no início do século XX, a delinquência é um fenômeno que afeta sobretudo o sub-proletariado (“lumpen-proletariado”), que constituiu também a massa de manobra privilegiada dos regimes nazista, facista e colaboracionista (França). Mas a partir dos anos 60 e 70 os locais de delinquência irão se modificar, se deslocar das periferias das cidades para os centros e as populações delinquentes não serão predominantemente as de origem estrangeira, mas se generalizarão para o conjunto da população e das classes sociais, o que terá como efeito provisório uma maior

psicologização do problema e secundarização do ponto de vista culturalista e socializante (pg. 8).

Segundo Rassial, isso vem de encontro aos primeiros sinais da *pós-modernidade*, particularmente o declínio das figuras familiares de autoridade e o declínio da função estruturante das famílias, que começariam a se desestruturar.

E uma noção começa a se destacar nos tratamentos, a da infância desadaptada, com a substituição da idéia de proteção pela de sanção, e uma maior individualização, pedagogização e psicologização do tratamento, com as noções de carência educativa e carência afetiva (ligadas respectivamente à paternidade e maternidade?). Dominará então uma *ideologia educativa*, para sanar os déficits, e não tanto *reeducativa*, de uma correção de uma degenerescência., e o delinquente passa a ser encarado predominantemente como *uma vítima*, com o declínio dos centros de internação fechados (na França) (pg. 9).²⁰⁵

Rassial coloca-se numa posição crítica em relação à vitimização excessiva do jovem delinquente, baseando-se para tanto em Freud. Como na posição freudiana em acordo com Hobbes e contra Rousseau, sustentando que “o homem é o lobo do homem” e que o selvagem não é naturalmente bom (pg. 6). A lei civil é que limitaria a lei natural, a barbárie.

Rassial aponta como uma das causas da **delinquência juvenil** o que ele chama de conflito entre os supereus²⁰⁶, para isso recorre às origens do supereu, e tem como embasamento o pensamento freudiano, particularmente quando Freud (1930) se refere ao supereu cultural:

“Ainda pode nos levar muito mais longe a analogia entre o processo cultural e a evolução do indivíduo, pois cabe-nos sustentar que também a comunidade desenvolve um *supereu*, sob cuja influência se produz a evolução cultural.”

“Ao levá-las [as exigências do supereu] à percepção consciente se comprova que coincidem com os preceitos do respectivo *supereu* cultural. Ambos processos - a evolução cultural do coletivo e o desenvolvimento próprio do indivíduo - sempre estão aqui de certa maneira aglutinados. Por isso muitas expressões e qualidades

²⁰⁵ Na França, a exceção dessa tendência à vitimização do adolescente referir-se-ia aos atos violentos mais graves, como homicídios, que não são considerados como delitos ou atos delinquentes, mas sim como atos criminosos, nesses casos os jovens seriam encaminhados para prisões especiais. Tal exceção ou distinção não se configurou no Brasil, havendo mais uma disputa entre duas ideologias: a criminalização total (haja vista a semelhança entre as FEBEMs e os presídios) e a absolvição/vitimização total (discurso da necessidade *apenas* de atividades sócio-educativas).

²⁰⁶ Vide Rassial (textos produzidos para os três cursos que ministrou no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do IPUSP, 2003).

do *supereu* podem ser reconhecidas com maior facilidade em sua expressão coletiva do que no indivíduo isolado.²⁰⁷

Segundo Rassial, muitos jovens que cometem atos delinquentes podem estar vivendo um conflito interno entre o *supereu originário da família*, muitas vezes de origem rural ou de pequenas cidades do interior, e os ideais, valores e práticas da *sociedade urbana metropolitana* e do grupo de amigos. E, sob tal crise do arcabouço de ideais, conseqüentemente uma crise superegóica, soluções que não passem pela palavra, mas sim pelo recurso à força e a atos violentos poderiam passar de "último recurso" a recurso "comum" ou usual, para certos grupos de jovens.²⁰⁸

Segundo Rassial momentos de irrupção da delinquência na história europeia coincidiram justamente com momentos de intensa migração do campo para as cidades, mas não seriam propriamente os migrantes que se envolveriam em atitudes delinquentes, mas seus filhos e netos, devido ao conflito que incidiria sobre esses entre a cultura familiar e a da sociedade urbana. No Brasil, aparentemente, isso poderia ter se dado também, particularmente entre as décadas de 1970 e 2000 (mas talvez ainda não tenha cessado), ao pensarmos nos processos de urbanização e no acentuado aumento da violência nessas décadas.

Rassial fala, também, do uso de **apelidos** que substituem o todo pela parte, por uma característica, como uma *metonímia*, como característicos de um comportamento delinqüente. Temos que nas entrevistas grupais que realizamos Adriano foi chamado de “pezinho” pelo grupo (não tinha uma perna), Émerson de “vesguinho” (não enxergava bem), Pedro de “pretinho” (era negro), Paulo de “foguinho” ou “mascarado” (tinha marcas de queimadura pelo corpo).²⁰⁹

²⁰⁷ Freud, S. (1930), pg. 3065. As traduções do espanhol são de minha responsabilidade. Seguem-se os originais: "Aún puede llevarse mucho más lejos la analogía entre el proceso cultural y la evolución del individuo, pues cabe sostener que también la comunidad desarrolla un *super-yo* bajo cuya influencia se produce la evolución cultural."

"Al llevarlas a la percepción consciente se comprueba que coinciden con los preceptos del respectivo *super-yo* cultural. Ambos procesos - la evolución cultural de la masa y el desarrollo propio del individuo - siempre están aquí en cierta manera conglutinados. Por eso muchas expresiones y cualidades del *super-yo* pueden ser reconocidas con mayor facilidad en su expresión colectiva que en el individuo aislado."

²⁰⁸ Tal raciocínio se aproxima também do de K. Lewin, que ao comentar sobre mudanças de cultura ou de superego fala dos riscos de tais mudanças não se realizarem completamente, o que poderia levar ao indivíduo tornar-se um “marginal”, situado entre a cultura anterior e a nova (vide Lewin. “Conduta, conhecimento e aceitação de novos valores”, in *Problemas de Dinâmica de Grupo*).

²⁰⁹ O uso do sufixo “inho”, diminutivo, seria outro traço relevante nesses apelidos, mas dessa vez de uma realidade mais ampla, talvez referente à cultura brasileira (são comuns, por exemplo, a muitos jogadores de futebol). Especificamente para os jovens, talvez tenha função de uma certa depreciação do interlocutor, ao infantilizá-lo, ao negá-lo características de grande, seja, por exemplo, ‘grande concorrente’ ou ‘grande ameaça’, obtendo, como consequência, uma maior facilidade para o sujeito se aproximar do interlocutor e

3b - Violência, Delinquência e Ultramodernidade

Há uma questão importante acerca do pacto social na ultramodernidade, a questão do **homicídio**: é hoje este o interdito principal da cultura? Rassial tem como hipótese que, diferentemente do início do século passado, quando o **parricídio** era o crime visto como o mais abominável culturalmente, que hoje em dia o principal interdito seria sobre o **infanticídio**, ao que se relaciona a atenção que volta a mídia sobre os crimes de pedofilia.

Segundo Rassial²¹⁰ há numerosos indícios que apontam no sentido de uma **pós-modernidade** a partir da segunda metade do século XX, como a substituição da *moral* por um retorno do *higienismo* (ao qual o termo “delinquência juvenil” se relaciona) e como o *declínio da função paterna*, entendido aqui como o

“fim da centralidade do parricídio como crime primordial originário e fundador. No direito penal, tornado internacional, o maior crime não é mais o parricídio, mas o crime contra a humanidade, isto é, contra o semelhante, em relação ao qual renuncio ao laço fraterno.”

Rassial considera que tal alteração, que apontaria no sentido da igualdade de todos perante a lei, poderia consistir num progresso moral²¹¹ (no sentido dos laços fraternos), no entanto, ela é seguida pela elevação da **pedofilia** como único crime sexual e pela consideração do **infanticídio** como único crime imperdoável (no direito penal internacional). Para Rassial haveria um deslocamento, então, dos interditos sociais sobre as relações entre adultos para as relações entre adultos e crianças, o que terá consequências, como

“o delinquente, a partir dos anos 50, será *a priori*, enquanto criança, considerado antes de tudo como uma **vítima**, o que atenuará a culpa, e até mesmo a responsabilidade em relação a seus atos, idéia inconcebível no século dezoito.”²¹²

A vitimização unilateral e excessiva da criança e, por extensão, do adolescente, pode ter sérias consequências, tanto para os próprios, que deixam, em certa medida, de se haver com a *responsabilidade* pelos próprios atos e com a questão dos *limites* para os atos,

também o inverso, uma vez que, ao interlocutor aceitar o tratamento diminutivo o outro também não representaria uma séria ameaça, já que ele o trata de maneira semelhante a que um adulto se refere a uma criança de seu círculo “familiar”.

²¹⁰ Rassial, 2003, texto “aula 1”, pg. 3.

²¹¹ À elevação do fratricídio (entendido aqui como o crime de homicídio entre iguais, pertencentes a um mesmo grupo social) frente ao parricídio, poderíamos relacionar o processo de democratização que vivem as sociedades ocidentais nos últimos 30 anos e o lema “igualdade”, do projeto iluminista da Modernidade.

²¹² Rassial, idem, ibidem. O negrito é nosso.

quanto para o corpo social, o que inclui a excessiva *idealização da infância e juventude* por parte dos próprios adultos, o que por sua vez pode contribuir para o processo sócio-cultural de infantilização dos mesmos e com a perda de referenciais de futuro para os adolescentes (uma vez que os adultos gostariam de ser jovens como os jovens podem querer ser adultos?)²¹³.

Rassial aponta ainda para uma mudança na delinquência nos últimos vinte anos: **mais violência direta**, seja uma violência assassina ou sexual, não legitimada por uma lógica de guerra ou de conquista de território; e o fim progressivo das gangues em benefício do “grupo fusão” instantâneo, um grupo que se forma em torno de um ato coletivo (como um saque ou uma depredação).

Relacionados a essa violência direta poderiam estar alguns traços, que, segundo o autor, passam a ser não mais apenas locais, mas globalizados, sinais de uma *pós-modernidade*. Como o aumento da distância entre o *discurso social*, de lógica capitalista, que garante um laço social inscrito numa língua e numa cultura, e o *discurso do “pai”*, aquele que faz da *família* o mediador da socialização. Se a distância é muito grande, a criança se veria obrigada a escolher entre um e outro (numa semelhança com os conflitos superegóicos consequentes das migrações):

“a criança deve obrigatoriamente escolher entre os imperativos familiares (o superego edípico) e os imperativos coletivos (o superego cultural)”²¹⁴

Um segundo traço é a importância dos modos de vida urbanos, com a existência dos subúrbios e *periferias*. Diversas migrações modificaram a paisagem urbana, provocando uma segregação da população segundo seu local de vida, uma modificação do espaço ao mesmo tempo externa e psíquica, que suscitam reações dos jovens isolados nos subúrbios, longe dos centros, que exclamam: “estamos fechados do lado de fora!”.

Um terceiro traço seria relativo à organização da delinquência em *gangues*, que estariam perdendo em rigidez (relativa às regras e aos ritos de iniciação e de virilização), em seu aspecto estruturante, portanto, e ganhando em fluidez. Sobre a ação das gangues, diz Rassial:

“o tipo de violência mudou de vários modos: primeiro, esses atos violentos não obedecem mais à oposição às figuras de autoridade ou às diferenças sociais de classe; é o vizinho ao lado que é a vítima, às vezes até mesmo aquele que na

²¹³ A esse respeito vide a pertinente discussão de Contardo Calligaris (2000).

²¹⁴ Rassial, J.J., 2003, “Aula 1”, pg. 10.

véspera participou de uma violência coletiva. Não se trata mais de garantir um território, o da gangue, ou de aumentar o motim, mas de exercer uma *violência selvagem*, des-socializada, de onde um certo número de fenômenos: explosões brutais, sem nenhum sinal precursor, mas também sem prosseguimento, com violências criminais individuais e coletivas, que podem às vezes lembrar os crimes familiares de antigamente.”²¹⁵

Essa **violência direta** ou **violência selvagem** a que se refere Rassial teria proximidade com a “**violência gratuita**”, que citamos na Introdução como a possível nova forma de manifestação da violência nas últimas décadas, que seria um dos focos de estudo desta pesquisa. O fato de Rassial falar a partir de sua experiência na Europa, particularmente na França, deve ser levado em conta por nós, para não correremos o risco de reduzirmos uma realidade à outra, mas por outro lado, caso tal tipo de violência esteja aumentando nas duas sociedades isso confirmaria nossa hipótese de se tratar de um fenômeno da atualidade (ou da ultramodernidade), em certa medida globalizado para os países de cultura ocidental, conforme anunciamos na Introdução.

Consideramos que no Brasil também, particularmente na cidade de São Paulo pode-se observar certas características dessa modalidade de violência, embora muitas vezes sob outras formas de manifestação. Aqui não haveria tanto a explosão brutal de uma “violência coletiva selvagem” - com exceção, talvez, de episódios ligados a torcidas de futebol, notadamente as metropolitanas e paulistanas - mas haveriam outros três tipos de fenômenos, que se sobressaem na última década (1995-2005), que poderiam ser exemplos dessa violência direta mais atual:

Os “*crimes familiares*” *fatais*, que podem abranger desde uma vítima a toda uma família (notadamente os parricídios);²¹⁶

Os crimes, atos de violência física interpessoal, decorrentes de desentendimentos no *trânsito* da capital;

E os crimes fatais das *chacinas* e dos *desentendimentos* nas periferias (estes últimos com exemplos nas entrevistas grupais).²¹⁷

²¹⁵ Idem, pg. 11. O itálico é meu.

²¹⁶ Suspeitamos que haja, também, nas últimas décadas, um possível aumento dos casos de assassinatos em série (“*serial killers*”) (infelizmente não dispomos de dados estatísticos).

²¹⁷ Consideramos que alguns homicídios resultantes de **assaltos** (latrocínios) e **sequestros** poderiam também figurar nessa categoria. Seriam os casos em que a morte da vítima não seria consequência de um ato de defesa, de chantagem ou de um acidente, mas sim de uma “violência selvagem”, casos em que as vítimas já satisfizeram todas as condições que lhes foram impostas e que não representam grande perigo aos infratores, mas acabam sendo mortas como que por “vandalismo”.

Todos esses crimes teriam em comum os fatos: de não se darem por oposição a figuras de autoridade ou de classe (com exceção dos parricídios); do vizinho, do “igual” poder ser a vítima; de serem explosões brutais de violência.

Em relação às **chacinas** e **desentendimentos pessoais**, no entanto, muitas vezes podem se tratar sim de conflitos territoriais ou de luta pelo “motim” (como se observa na “História dos tios de Émerson”, na segunda entrevista grupal) e em algumas outras haver sinais precursores (como ameaças ou indícios), no entanto, o grau de brutalidade seria tamanho que, para um observador externo, a luta territorial ou o motivo do desentendimento poderia parecer quase que um pretexto, um disparador de uma violência que já estava lá, como num estado de guerra latente.²¹⁸

Rassial propõe uma explicação para essas “violências selvagens”: o engajamento em uma guerra poderia ser considerado como um resto iniciático estruturante. No caso da não ocorrência de guerras, como é o caso da França e do Brasil (mas não dos EUA), e como na sociedade moderna não há mais o rito de passagem da infância para a fase adulta, mas sim um período intermediário - a adolescência - isso poderia gerar, entre outras consequências, atitudes de uma “violência selvagem” entre os jovens²¹⁹:

“Quanto menos a sociedade assume a parte de violência que presidiu sua fundação, violência dos irmãos contra o pai que se repete em toda a sua evolução, menos fornece um quadro de repetição/representação desta violência original, então, mais essa violência faz retorno nos jovens de um modo selvagem, bárbaro, porque não fundador.”²²⁰

Conforme vimos no item referente ao pacto social, a **violência** estaria presente desde a fundação da cultura, quando teria como consequência o recalque do ato do

²¹⁸ Na Grande São Paulo, entre 1994 e 2000, o número de *mortos* em **chacinas** teria evoluído **228%**, embora representando um número baixo frente ao total de homicídios (2,3%) enquanto que o número de *chacinas* teria aumentado 179%, de 34 em 1994, para 95 em 2000. (fonte: Menandro, Paulo. e Souza, Lídio, *in* Souza, Lídio e Trindade, Zeidi (orgs.), 2004)

²¹⁹ Interessante nesse sentido como nos **EUA** pré 11 de setembro 2001 (data do atentado terrorista às torres gêmeas e ao Pentágono) houve como que um surto de violências coletivas, de adolescentes e também de adultos abrindo fogo indiscriminadamente em lugares públicos (como escolas, lanchonetes, empresas), mas que, após essa data, tal fenômeno em muito diminuiu. A esse respeito várias hipóteses seriam possíveis, mas as que destacamos são a da maior coesão intra-grupo com a eleição de um inimigo externo claro que possa ser o receptáculo psíquico das pulsões de destrutividade e o representante do objeto persecutório. Assim se explicaria também o fenômeno desses **assassinatos coletivos** de pouca discriminação terem surgido num período pós queda do muro de Berlim, queda da União Soviética e fim da Guerra Fria, e pós Primeira Guerra do Golfo. A segunda hipótese seria a colocada por Rassial, a partir do próprio engajamento de jovens e adultos em batalhas reais (Afeganistão, Iraque), cumprindo uma função psíquica de repetição/representação/atuação de uma violência original.

²²⁰ Rassial, 2003, “Aula 1”, pg. 12.

assassinato originário. Em termos subjetivos a operação seria semelhante (no assassinato edípico do “pai”).

O próprio recalcar já seria em si um ato também de violência, necessária, ao que se conjuga o surgimento das representações, o surgimento do mundo *simbólico*, conforme a postulação de Fernandes (1996):

“[...] a violência é e está presente na gênese e estruturação do psiquismo. Vale dizer que a constituição de um sujeito psíquico é atravessada pelo inevitável caminho cuja exigência é de que se siga uma oferta de sentido dada pelo outro. Há dessa forma uma inevitabilidade da violência. Somos assim obrigados a introjetar e ingerir significados muitas vezes sem a garantia do ganho de sentido particular. Começa aqui a luta do homem pela entrada no mundo simbólico e cultural, essa margem de violência necessária. Se, no entanto, a cultura é a imposição de uma seleção de significações ela é tanto mais violenta quando retira certas significações do universo de reprodução cultural”²²¹

Assim, se há uma violência originária na *cultura* e na imposição de certas significações, há uma violência ainda maior quando certas significações são retiradas do universo de reprodução cultural, o que levaria a uma situação próxima à da *crise dos intermediários*, conforme vimos a partir de Kaës. Situação essa que pode colocar a própria cultura em xeque, pois

“Essa “violência necessária” deve, no entanto, resguardar condições de *proteção* ao sujeito, pois o insere num mundo de signos partilhado, retirando-o da ameaça anunciada por Freud de que, toda cultura que não possa proteger o Eu da ameaça representada pela impotência e desamparo original do sujeito, é uma cultura malograda ou prestes a fracassar.”²²²

Nesse trecho, Fernandes fala da questão da **proteção** ao sujeito, que passa pela inserção do mesmo no mundo de *signos compartilhados*. Proteção que seria a moeda de troca da cultura, tanto em termos sociais, para o estabelecimento do pacto social, quanto em termos subjetivos, edípicos, para que haja o recalque e o estabelecimento do supereu²²³. Mas estaria nossa cultura cumprindo com a sua parte de proteção?

Fernandes continua:

²²¹ Fernandes, M. I. A. “A população diante da implantação de programas políticos: Efeitos da Violência”, in Camino, L. e Menandro, P. (orgs.). *A sociedade na perspectiva da Psicologia: questões teóricas e metodológicas*, 1996, pg. 71.

²²² Fernandes, M. I. A., op cit, pg. 72. Os itálicos são meus.

²²³ A esse respeito vide também Pellegrino, H., 1983.

“Essa discussão nos conduz a pensar o que tem sido produzido por nossa cultura em relação aos *ideais* e quais exigências estão sendo requeridas aos sujeitos nela constituídos. Nesse ponto, falar do conjunto de ideais de um corpo social fragmentado onde a oferta de *modelos identificatórios* é marcada pela ambigüidade, onde lei e violência se complementam e se alternam, seria tarefa praticamente impossível. A *cultura da violência* marcada pela impossibilidade de construção de um *futuro*, seja pela falta ou excesso de significações, pela confusão dos valores, mostra como o malogro dos ideais acenando, com o pânico narcísico, desequilibra a economia dos sujeitos e compromete seriamente o bem estar da comunidade”²²⁴

Em nossa cultura a lei não teria a sua ação ligada à proteção tanto quanto seria de se esperar, mas muitas vezes andaria de mãos dadas com a violência, numa ambigüidade presente também nos modelos identificatórios (que podem passar, por exemplo, pelo policial violento, o político corrupto, pela justiça que só funciona em favor de quem tem dinheiro, ou pelo traficante “bem-feitor da comunidade”, justo e disciplinador), o que atinge a formação dos ideais e dos intermediários culturais.

Estaríamos vivendo então uma **cultura da violência**, caracterizada pela impossibilidade de construção de um futuro, pela confusão dos valores, falência dos ideais e desequilíbrio da economia libidinal dos sujeitos, com sérias conseqüências tanto para a saúde (noção ampla) individual quanto para a coletiva.

Fernandes continua sua reflexão, tomando agora o modelo da **adição** para pensar a cultura da violência, num paralelo muito pertinente para nós, tanto por si próprio quanto, também, pela frequente concomitância atualmente entre atitudes delinqüentes e uso de drogas. Segundo Fernandes, na adição a *atuação* representa

“uma maneira *compulsiva* de evitar o transbordamento afetivo. Segundo esses estudos o que parece ser essencial nesses tipos psicológicos é a *incapacidade para pensar* e a substituição do pensamento pela *ação*: a pessoa se torna *incapaz de codificar sua tensão em termos verbais e transmitir a mensagem*. Trata-se de uma *falha simbólica do caminho intrapsíquico* a qual conduz a pessoa a uma procura constante fora de si próprio para solucionar problemas internos.”²²⁵

A violência interpessoal poderia também - até certo ponto - ser entendida segundo tal modelo. A **atuação violenta** como uma maneira de evitar o transbordamento afetivo,

²²⁴ Fernandes, op. cit., pg. 72.

²²⁵ Idem.

por vezes até *compulsiva* (como argumenta Rassial²²⁶). A incapacidade para *pensar*, para codificar a tensão na forma de palavras, somada à incapacidade de se *transmitir* uma mensagem nessa forma a um outro, ocasionaria a substituição do pensamento pela ação violenta (ou de delinqüência). Trata-se de uma falha simbólica, conforme refletimos com Kaës, da função intermediária no caminho entre afeto e representação. Incapacidade de verbalizar e de transmitir uma mensagem, que pode ser também uma incapacidade de *narrar*, como vimos a partir de Benjamin.

Miriam Debieux Rosa relaciona também o *ato delinqüente* à repetição e, de certo modo, à narrativa, acrescentando a questão da transmissão psíquica intergeracional:

“O comportamento [delinqüente] como repetição presentifica o que não pode ser lembrado. Presentifica a repetição, definida aqui como o agir algo não elaborado da história dos pais.”²²⁷

Algo que não foi pensado e verbalizado pelos pais, talvez algo da ordem do trauma ou do recalcado, algo que foi negado mas que retorna como ato na história dos filhos.

Mas retomemos a analogia de Fernandes a partir do modelo da *adição*: um objeto ou situação do mundo exterior é tomado para suprir a falha na simbolização, na tentativa de resolução de conflitos internos²²⁸. Seu efeito será sempre transitório e deverá sempre ser renovado caso não haja uma transição para o registro da linguagem e do pensamento. É o caso da drogadição, quando se instala uma relação de dependência com o objeto.

Seria essa transitoriedade, essa necessidade compulsiva de renovação/repetição do ato, característica também de casos de atos de violência ou delinqüência? Segundo Rassial, os atos delinqüentes poderiam se dar devido a uma **culpa** anterior a eles, que momentaneamente se ligaria ao ato executado, estando nesse momento a culpa referida a uma representação consciente (do ato recém realizado). Após o qual poderia ou não haver a punição, no caso afirmativo essa se justificaria pelo ato externo recém realizado. Mas e a culpa anterior, estaria aplacada? Por quanto tempo?

O raciocínio de Fernandes continua a respeito da adição, a qual apresentaria um funcionamento psíquico que propiciaria o desenvolvimento de quadros “**místicos**”, com forte presença de entidades transcendentais no pensamento. O sofrimento insuportável, advindo da falha simbólica

²²⁶ Rassial, 2003.

²²⁷ Rosa, Miriam. D. “O discurso e o ato na produção do laço social: reflexões sobre a delinqüência”, 1999, pg. 283.

²²⁸ Fernandes, M. I. A., op. cit., pg. 72.

“desperta urgência da criação de entidades poderosas, idealização necessária com a qual se espera comungar; união para abolir a angústia diante da experiência adversa, para colocar (em realidade) *o objeto no lugar dos ideais*. Para substituir o caminho doloroso do encontro com o *ideal*, sempre futuro e portanto ausente pelo caminho mais rápido e aplacador da angústia: colocar um *objeto* no lugar de uma instância psíquica. Tentativas do reencontro das representações internas perdidas. O objeto aí colocado vem a se assemelhar a uma *prótese psíquica*. Funcionam então de uma forma postiça: são próteses destinadas a abolir a angústia, a tapar o buraco representado pela ausência dos ideais.”²²⁹

Assim como o uso de drogas anterior, essa adesão a uma religiosidade de cunho *místico* intenso (como a de várias igrejas neopentecostais, onde são comuns tranSES, “milagres”, “possessões”, exorcismos) é algo muito observado em presídios²³⁰. Essa religiosidade ocuparia no psiquismo um lugar semelhante à droga, ao produto químico, tapando o buraco deixado pela ausência de ideais, abolindo a angústia frente à frustração, mas diferentemente dos ideais, que supõem uma passagem pela frustração, pela não coincidência entre Eu e ideal de Eu, a busca nesse misticismo é a do contato pleno, da vivência fusional anterior, que não pressupõe uma singularidade individual e tão pouco um outro. Em ambas as situações, da drogadição e da “religiosidade mística”, e mesmo a da entrada para a *criminalidade*, em alguns casos,

“A saída encontrada foi a busca desesperada, pelo encontro do caminho mais curto, eliminando a distância entre desejo e satisfação.”

Segundo Fernandes, o grande alastramento dessas instituições religiosas poderia ser lido como um sintoma da vida social atualmente:

“Que fenômeno social é esse senão aquele que denuncia a necessidade de uma “oferta de equilíbrio” em torno de um meio social com seus ideais falidos, meio social desequilibrado? Procura-se trocar a angústia a que nos referimos por uma experiência que proporciona uma vivência de “pertencimento” e de comunhão atingidas pela construção de *normas e rituais* bastante rígidos. Estas normas, rituais e princípios complementam (também como próteses) uma organização psíquica desfeita pela perda dos ideais, proporcionando uma vivência de *segurança e proteção*.”²³¹

²²⁹ Fernandes, op. cit., pg. 73. Os itálicos são meus.

²³⁰ É algo que ocorreria também na FEBEM-SP (temos esse dado a partir de nossa experiência), embora não saibamos precisar com que intensidade.

²³¹ Idem.

Nesse trecho aparecem outros pontos importantes que poderiam ser índices do que nossa sociedade atual deixa de suprir, comparativamente a épocas anteriores, como a vivência de *pertencimento*, fundamental para que se estabeleça um grupo humano²³², e a vivência de *comunhão*, presente anteriormente numa sociedade tradicional; como a presença de *normas* e *rituais* rígidos, cada vez mais escassos na ultramodernidade; assim como a vivência de *segurança* e *proteção*, fundamentais para o laço social.

Também a *delinqüência juvenil* caracterizaria uma tentativa de laço social que se revela um **sintoma social**.

“Trata-se [a delinqüência juvenil] de *um apelo de reconhecimento* diante da impossibilidade que o individualismo ofusca, de autoconstituir-se, prescindindo do investimento do outro.”²³³

Um apelo de reconhecimento, diante da impossibilidade de constituir-se sem o investimento do outro. *Individualismo* que, enquanto ideologia, diz prescindir do *outro*. Ausência do outro - enquanto diferente - que encontramos também na adição e na “religiosidade mística”.

Assim, vivemos numa cultura que, por uma falha simbólica que afeta particularmente a constituição dos ideais, indivíduos e coletividades teriam três fortes tendências: para o uso de produtos químicos de efeitos psicoativos e para a *adição* (e nisso se enquadra o uso de psicofármacos e de álcool e não apenas o de drogas ilícitas); para a vinculação a uma *religiosidade mística* como uma prótese, uma muleta frente a incapacidade de elaborar a frustração; e também para a própria atuação *violenta* ou delituosa, que por vezes pode assumir a forma de delinqüência juvenil, criminalidade ou mesmo de atos violentos em desentendimentos interpessoais. Viveríamos na **cultura da violência**, conforme Fernandes considerou:

“A cultura da violência sarrupia o quanto pode da sensibilidade e da imaginação e nos deixa atrelados à coisa, à posse imediata do benefício e à prevalência do imediato. Sem história, sem memória, vamos sendo progressivamente silenciados.”²³⁴

Sem história, sem memória, ficamos também sem a possibilidade do outro: de outras sociedades, outras cidades, outras experiências, outros modelos. Segundo Matheus, o *ceticismo* dos jovens de hoje vem junto com a falência dos ideais da cultura.

²³² Vide Pichon-Rivière, 1982, pg. 104.

²³³ Rosa, Miriam D., 1999, pg. 286. Os itálicos são meus.

²³⁴ Fernandes, op. cit., pg. 75.

"Dessa forma, o *descrédito*, que inicialmente atinge a *justiça* e a *lei*, generaliza-se, passando a comprometer *qualquer projeto* (coletivo) de *mudança* e o *futuro* em geral. Na "**cultura da violência**", os ideais coletivos passam a desaparecer, cabendo a cada indivíduo suportar, com seu imaginário, a condição de sua existência."²³⁵

Os jovens descrevem em outras possibilidades de futuro que não aquelas que se lhe apresentam ao seu redor. Como diz Jurandir F. Costa:

“Na **cultura da violência**, o futuro é negado, ou representado como ameaça de aniquilamento ou destruição. De tal forma que a saída apresentada é **a fruição imediata do presente**; a submissão ao ‘status quo’ e a oposição sistemática e metódica a qualquer projeto de mudança que implique em cooperação social e negociação não violenta de interesses particulares.”²³⁶

A **cooperação social** representa, além de um investimento no outro, um investimento para o futuro, não para o presente, representa perder o foco do presente, do imediato, do aqui e agora. E qual a forma mais rápida de se obter o que se quer (especialmente em termos materiais)? Sem mediações, sem as mediações das leis sociais, sem a mediação do trabalho, por vezes sem a mediação da palavra, sem “blá, blá, blá”, ou seja, pelo uso da força (disponível a todos através da posse de uma arma de fogo).

Retomemos agora a questão das falhas das formações intermediárias, dos processos de simbolização e elaboração, para pensarmos a questão do ato violento a partir de Kaës.

Falhas nas formações intermediárias e nos processos de elaboração necessariamente nos coloca frente à questão do trauma psíquico. Nesse sentido, Kaës considera:

“Nós podemos considerar as *patologias do traumatismo* como uma das grandes fontes do sofrimento contemporâneo. Trata-se sempre de patologias conjuntas do narcisismo, dos contratos intersubjetivos e dos espaços intermediários ou da transicionalidade. Estes traços são comuns a diferentes tipos de população: populações de psicopatas, certas categorias de desempregados de longa duração e pessoas traumatizadas sob o efeito da violência social e política.”²³⁷

Conforme já vimos no capítulo anterior, estaríamos vivendo um momento de crise dos intermediários, o qual propicia a emergência das patologias do traumatismo, uma vez que os traumas não são suficientemente elaborados. Sublinharemos que trata-se de

²³⁵ Matheus, 2002, pg. 17, que se baseia nesse trecho em Costa, J. F., *idem*, *ibidem*. Os negritos são meus.

²³⁶ Jurandir Freire Costa, *Narcisismo em tempos Sombrios*, pg. 170, *apud* Matheus, T. C.. *Ideais na Adolescência*, 2002, pg. 17. Os negritos são meus.

²³⁷ Kaës, R., 2003, pg. 30. Os itálicos são meus.

patologias ligadas a falhas no narcisismo e dos espaços intermediários, para as quais contribuem não apenas o indivíduo ou sua família, mas os aspectos da sociabilidade e da cultura contemporâneos. Segundo Kaës, seriam patologias comuns a certos tipos de população, mas nos perguntamos se na ultramodernidade elas não estariam se tornando comuns a um público mais amplo. Talvez as falhas nos espaços intermediários e transicionais, nos contratos intersubjetivos e no narcisismo atinjam um público cada vez maior. Pode ser que tal raciocínio faça mais sentido no Brasil, também, devido aos altos níveis de desemprego nos últimos anos e à alta incidência de violência social e política.

“A falência (*la mise en faillite*) do pré-consciente tem como efeito a introdução de uma confusão entre o dizer e o fazer, entre a ação e a representação. Os mesmos efeitos operam nos laços (vínculos) inter-subjetivos.”

“Nesta perspectiva, a relação entre as falhas (*défauts*) do pré-consciente, os *actings* violentos e a raiva do pensamento são uma constante.”²³⁸

As falhas do pré-consciente impedem o pensamento e uma situação, que poderia levar a uma reação do indivíduo pela palavra, a tem pelo meio de um ato (uma outra possibilidade é a palavra ser tomada como ato e levar a uma reação pela palavra, mas, também, tomada como ato)²³⁹, algo que o indivíduo ouviu é tomado como um ato, o que lhe suscita uma atuação impulsiva e violenta como resposta, ele se confunde entre ação e representa-ação, entre palavra e ato, o que o leva a confusões nas relações com os outros. Assim, por exemplo, frente a uma ofensa, uma ameaça ou mesmo uma suspeita de humilhação verbal, a resposta pode ser uma ação violenta, com consequências nos vínculos inter-subjetivos. O pensamento por si só não consegue conter, desviar ou transformar a raiva para outro objeto ou objetivo e ela recai sobre o objeto que a provocou (ou mesmo outros homens) na forma do ato violento. Segundo Kaës, nesse momento,

“As funções de colocar em latência e de representar a fala ficam paralisadas ou inexistentes. Além disso a cultura do imediatismo, com um horizonte temporal curto, mantém a excitação e orienta a descarga pulsional em direção ao *acting-out*. Nós poderíamos abrir um debate sobre os efeitos da sociedade de consumo rápido e sobre a incitação a manter uma excitação frente ao objeto que será somente um **objeto de necessidade** (*besoin*) e que não poderá ser elaborado como um objeto de renúncia, quer dizer, de desejo.”²⁴⁰

²³⁸ Kaës, R., 2003, pgs. 30 e 31.

²³⁹ A confusão poderia se dar também no sentido inverso, o ato ser tomado como palavra e suscitar uma reação via palavra?

²⁴⁰ Kaës, op. cit., pg. 31. Os negritos são meus.

Gostaríamos de sublinhar a característica (já apontada anteriormente) de nossa cultura atual como sendo a **cultura do imediatismo** e sua intrínseca relação com a emergência da violência, particularmente através do *acting out*, da pulsão que se faz diretamente presente na forma de um ato violento²⁴¹. Na **sociedade de consumo rápido** em que vivemos, há a incitação a se manter uma excitação sobre o objeto, que pode ser tanto uma mercadoria, um objeto sexual ou um objeto do ódio, mas que, de qualquer maneira, será um *objeto da necessidade*²⁴², um objeto como que anterior à renúncia pulsional por parte do sujeito, não seria, assim, um objeto do desejo humano, de sua escolha, quando há uma passagem pelo Eu, mas, antes, das pulsões.

Na cultura do imediatismo faltaria a mediação e, conseqüentemente, as funções intermediárias. Segundo Kaës, o **ato** poderia ser entendido como a ausência de intermediário: ele é “uma descarga pela via motora, ele resolve a tensão que não logra se transformar nem no espaço imaginário, nem no espaço da fala. Ele coloca o pré-consciente em curto-circuito.”²⁴³

Falta de mediação, falta de limites, falta de delimitação e freios para as pulsões, teriam, entre outras conseqüências, segundo Kaës, a dificuldade atual dos pais em definir limites para os filhos, a qual

“se inscreve em uma dificuldade mais geral, que concerne à sua própria sedução pela sociedade de consumo.”

“Há aí uma grave confusão entre o objeto e o sujeito. O que a sociedade de consumo suscita é precisamente que o sujeito se torne idêntico ao que ele consome. Como o que é proposto é uma multiplicidade de objetos que não têm vínculos ente si, a dificuldade é grande para o sujeito se reencontrar no vínculo com certos objetos e poder recusar outros.”²⁴⁴

A sociedade de consumo rápido têm como conseqüência que o sujeito se torne mais uma mercadoria, a ser comprado e vendido, mais um *objeto*, que, como uma máquina, necessita de outros objetos para funcionar, objetos que lhe são sugestionados pelas mídias

²⁴¹ Segundo Laplanche e Pontalis (1992, pgs. 6 a 8, 44 e 45), “*acting out*” se diferenciaria de “atuação” (*mise en act*, em francês), embora ambos sejam a tradução de *agieren*, termo utilizado por Freud. A diferença seria que este termo refere-se à atuação e atualização de pulsões, fantasias, desejos, mas não apenas na forma da ação motora, característica essa do *acting out* (ação motora que poderia ser violenta ou não).

²⁴² O que nos recorda Arendt, 1995, e a *esfera da necessidade* - para os gregos antigos - como não sendo propriamente, especificamente, humana.

²⁴³ Kaës, R., a partir de anotações da conferência “O intermediário na abordagem psicanalítica da cultura”, ministrada em 14/10/2002, no IPUSP.

²⁴⁴ Kaës, idem.

e para os quais se volta como se fosse uma aptidão instintiva sua, irrecusável, uma necessidade anterior a ele mesmo. Ele se reduz a objeto e a animal. Consequentemente, as relações entre os sujeitos passam a ser relações entre objetos ou entre animais²⁴⁵. A “naturalidade” da violência contemporânea, com que é vista e efetuada, sua banalização, torna-se mais compreensível, então. Kaës continua seu raciocínio, dizendo que o

“domínio das pulsões depende do modo como os pais podem, eles mesmos, controlar a solicitação pulsional que os objetos imprimem a seu psiquismo. É neste sentido que a noção de *renúncia à realização direta dos fins pulsionais* toma toda sua importância. Não se trata de renunciar à realização da satisfação pulsional, mas à sua *satisfação direta*. Quer dizer, renunciar a uma realização que não tolere nenhuma *postergação*, nenhuma *temporalidade*. Estamos lidando aqui com questões que dizem respeito ao tempo da satisfação e ao adiamento deste tempo. É importante que os próprios pais tenham esta representação de que adiar a satisfação, adiar a realização de sua finalidade é um espaço de *pensamento*, um espaço onde o sujeito pode encontrar o sofrimento e a dor do *não imediato*. Dito de outro modo, o que não está funcionando aqui é toda uma *cultura da mediação*, do *tempo* para pensar.”²⁴⁶

Tempo para pensar, tempo para ouvir o outro, tempo para narrar para um outro, poder postergar para um futuro a satisfação, tempo de frustração, de poder aprender a partir do passado, tempo de cultura, tempo para si mesmo, para o humano, tempo do tédio, são todos tempos para os quais não há tempo na ultramodernidade. A indústria cultural e as mercadorias clamam insistente e ininterruptamente por consumo, das mais variadas formas, consumo de “bens” “duráveis”, de alimentos, de drogas, de medicamentos, de programas de televisão, *internet*, informação, revistas, vídeos, entretenimento em geral, viagens, objetos sexuais, e do outro. O tempo acaba sendo pouco e é o sujeito que acaba consumido, sem tempo no pouco tempo que lhe sobraria para além do trabalho, transporte e manutenção das necessidades básicas, esgota-se a si próprio, da mesma forma que ao outro.

* * *

Talvez algumas dos traumas e ansiedades que não podem ser elaborados ou aquele algo que não pode ser lembrado da história dos pais (conforme Rosa), relacione-se ao **sofrimento social**, que envolve os sentimentos de humilhação, vergonha e falta de

²⁴⁵ Enquanto que as relações entre as mercadorias passam a ser relações entre sujeitos.

²⁴⁶ Kaës, *idem*.

reconhecimento, vividos pelas categorias subalternizadas, do qual nos fala Teresa Carreiro²⁴⁷. O sofrimento social não teria **visibilidade**, ele se inscreve no interior das subjetividades sem, no entanto, *ser compartilhado coletivamente*. Benjamin também teria abordado acerca do sofrimento ou humilhação que não são compartilhados coletivamente, quando disse acerca das experiências que não se narram, como a experiência da guerra.

Segundo a autora, são os integrantes das categorias mais subalternizadas os que vivenciam de forma mais acentuada “situações que lhes desvalorizam, humilham, fazendo-os sentirem-se *envergonhados*. Eles participam de dinâmicas sociais que lhes depreciam e invalidam a importância dos seus códigos culturais, desqualificando as *experiências* vividas.”. Tais lógicas de invalidação e depreciação não almejavam somente, através da violência real e simbólica, criar indivíduos dóceis, mas se apropriariam do mais fundo das subjetividades, pretendendo fazer com que os sujeitos se simbolizem como inadequados ou inúteis à sociedade.²⁴⁸

As pessoas se sentem desvalorizadas e inferiorizadas e raramente compartilham esses sentimentos, pois se por um lado a expressão desses sentimentos sofre censura do próprio sujeito, por outro a sociedade dispõe de poucos suportes para auxiliar a expressão dos mesmos (*cf.* Kaës: os intermediários culturais estão em crise em nossa sociedade). “Os afetos, frutos do processo de exclusão, são relegados a passar por um processo que pretende apagá-los, anulá-los, enfim, torná-los inaudíveis. A esse processo de silenciamento dos afetos, dos quais participam as instituições e os sujeitos individuais e grupais, denominamos *lógica da invisibilidade do sofrimento*.”²⁴⁹

Quais seriam as consequências da lógica da invisibilidade do sofrimento? Se no plano social teríamos a perpetuação da dominação, no plano subjetivo um afeto não poderia simplesmente ser suprimido, mas retornaria de outra forma e/ou em outro lugar, seja no corpo, na personalidade ou no comportamento, ou em atos..

Segundo Carreiro²⁵⁰, na origem dos processos sociais de **vergonha** encontra-se a *violência*, seja ela *física* ou *simbólica*. Tais violências engendram um processo de invalidação da própria pessoa e de seus grupos de pertença.

"A vergonha objetiva barrar a reação de quem a vivencia. Há sempre um custo psíquico importante quando a resposta é impossibilitada de ocorrer".

²⁴⁷ Carreiro, T. C.. “Sofrimentos sociais em debate”, in Psicologia USP, 2003, São Paulo, 2003, pg. 59.

²⁴⁸ Carreiro, 2003, pg. 60. Os itálicos são meus.

²⁴⁹ Carreiro, idem, ibidem. O itálico é meu.

²⁵⁰ Carreiro, idem, pgs. 67 e 68.

Frente à vergonha, haveriam duas formas básicas de resposta: a *reativa*, que levaria à construção de processos de *revolta*. Uma ação restauradora, baseada na lógica da virilidade e na violência se enquadraria nessa forma. A outra forma seria a *silenciada*, quando não há uma reação explícita, nesse caso o sentimento de invalidação é interiorizado e o sujeito se conforma à vergonha sentida, reproduzindo e transmitindo sua própria invalidação social.. Ambas respostas tratar-se-iam de maneiras estereotipadas, quase congeladas, de lidar-se com a realidade.

Conforme a autora²⁵¹, haveria um **contrato narcísico** entre o sujeito e o conjunto social, mas o investimento narcísico só seria possível se a trama social da qual os sujeitos participam puder lhes investir narcisicamente, o *reconhecimento social* seria, portanto, portador de narcisismo. Mas o que acontece quando o contrato narcísico não é sustentado pelas instituições, mas, ao contrário, é constantemente atacado? Seriam produzidas marcas no psiquismo individual e grupal que contribuiriam, gradativamente, para a formação de um *déficit narcísico*. Uma das consequências do déficit narcísico seria a **lógica da virilidade**, através da qual se restauraria, de modo defensivo, uma imagem narcísica ultrajada. No entanto, os procedimentos de ação ficariam enrijecidos. A *lógica da virilidade* tem na *violência* um de seus principais instrumentos e se expressa pela violência real ou simbólica que se impõe ao outro. Suas ações, além de recompor uma imagem narcísica, visariam obter o respeito do grupo onde se exerce o ato viril.

“A possibilidade de se cometer violência é uma construção social sustentada individual e grupalmente. O exercício da virilidade se rebela contra qualquer tipo de humilhação, desonra ou não reconhecimento.”

Para Carreteiro²⁵² a lógica da virilidade perpassa todos os espaços sociais, embora se faça mais presente em alguns. Um exemplo é a presença da lógica da virilidade entre alguns rapazes de classe média ou alta do Rio de Janeiro, denominados de “*pitboys*” (de *pitbul*, raça de cão famosa por sua violência, portanto: ‘garotos bravos’ ou ‘garotos-cães-bravos’), que, confrontados com um problema qualquer quando estão em grupos ou em ambientes festivos, evitariam qualquer forma de diálogo, sendo a briga a sua resposta estereotipada, sua forma de “resolver”, ou atacar, os conflitos.

A lógica da virilidade perpassaria também o *tráfico de drogas* em nossa sociedade, pois a lógica do tráfico de drogas se constrói sobre um modelo que intensifica a virilidade,

²⁵¹ Carreteiro, idem, pgs. 61 e 62. A autora se baseia em Piera Aulagnier, 1978, para pensar a questão do contrato narcísico.

²⁵² Carreteiro, idem, pgs. 62 e 63.

a força física e o poder das armas. Os grandes traficantes surgem como figuras de identificação, modelos de uma “identificação heróica”, que secretam prestígio, respeito e dinheiro. Assim, a questão do tráfico de drogas “não deve se reduzir, apenas, ao lado econômico, mas também à economia psíquica”.

Pensamos que poderíamos aplicar tal raciocínio à questão da delinquência como um todo no Brasil: o envolvimento com a criminalidade envolve questões relativas ao psiquismo individual, como as relativas à identidade, aos ideais, aos processos de elaboração, às alianças inconscientes, aos traumas e ao tipo de resposta frente a possíveis humilhações.

4 - Método

4a - Fundamentação Teórica para as entrevistas

A pesquisa adotará, como base para a coleta de dados, a realização de entrevistas com adolescentes. Entrevistas fundamentadas teoricamente na *técnica da entrevista psicológica*, a qual pode se dar tanto em grupo, quanto individualmente (um grupo de dois), conforme explicitada pelo psicanalista argentino José Bleger²⁵³. Optamos por tal fundamentação teórica devido à capacidade de investigação dos aspectos inconscientes que ela proporciona, tanto da personalidade do entrevistado, quanto do ocorrido durante a entrevista, particularmente quando a entrevista se desenvolve num grupo de mais de dois participantes. A opção pelo grupo deveu-se a questões metodológicas, por pensarmos o grupo como um local privilegiado para a ocorrência de narrativas, a emergência de memórias e o estabelecimento de alianças grupais. Poderíamos pensar também no pequeno grupo como um intermediário entre o social e o individual, um local de passagem entre o individual e o social e entre o social e o individual.²⁵⁴

Segundo Bleger, há na entrevista psicológica o interesse em constituir um campo com características ideais para a investigação da personalidade. Para se obter o campo de entrevista o enquadramento deve ser rígido, com algumas variáveis constantes: o papel do entrevistador, os objetivos, o lugar e o tempo de entrevista. Se alguma variável se modificar ela deve ser levada em conta.

Para Bleger, a entrevista psicológica visa o estudo e a utilização do comportamento total do indivíduo, durante o tempo que for necessário, sem reduzi-lo a um mediador entre sua vida - as informações que deteria - e o entrevistador. A pressuposição na entrevista psicológica não é a de que o sujeito conhece sua vida e, portanto, está capacitado a fornecer dados sobre a mesma, mas a de que cada um tem organizado uma história de sua vida e um esquema de seu presente, e que a partir desses

²⁵³ Bleger, José. "A entrevista psicológica - seu emprego no diagnóstico e na investigação", in Bleger, J.. *Temas de Psicologia: entrevista e grupo*, 1998.

²⁵⁴ Kaës (1994, pg. 140) postula a hipótese do *aparato psíquico grupal* como um intermediário entre os grupos internos dos sujeitos e o grupo social. Como espaço transicional o aparato psíquico grupal seria um espaço de ilusão, um lugar de experiência cultural e de elaboração. O grupo familiar seria um exemplo de um grupo que construiria um aparato psíquico grupal.

o entrevistador pode deduzir algo que o sujeito não saiba. As lacunas, dissociações e contradições de uma entrevista são elementos referentes à personalidade do sujeito e de interesse para a entrevista, assim como o estudo da transferência, que pode acrescentar elementos importantes no conhecimento da estrutura de personalidade e do caráter dos conflitos do entrevistado. É a partir dos aspectos irracionais da personalidade trazidos na transferência, que o entrevistador poderá descobrir o que o entrevistado espera dele, sua fantasia da entrevista, assim como possíveis resistências e desejos. A contratransferência, as reações que o entrevistado provoca no entrevistador, deve ser também registrada, a partir da auto-observação, como um emergente da situação.

Bleger fala em dois tipos de entrevistas: a entrevista fechada, na qual as perguntas do entrevistador já estão previstas, assim como a sua ordem e a maneira de executá-las; e a entrevista aberta, na qual o entrevistador tem liberdade para as perguntas e para as suas intervenções, de tal maneira que possa permitir que o entrevistado configure o campo da entrevista segundo a sua estrutura psicológica e personalidade. Assim, a entrevista aberta possibilitaria uma investigação mais ampla e profunda da personalidade do entrevistado.

Nesta pesquisa optou-se por entrevistas semi-abertas para as entrevistas-piloto, nas quais o entrevistador tem um guia de temas a serem explorados, um roteiro, mas sem uma ordem rígida e previamente estabelecida, de tal forma que o entrevistado possa ter uma certa liberdade para configurar o campo da entrevista segundo sua personalidade. Já para o caso das entrevistas em grupo, optou-se por entrevistas abertas, onde o objetivo poderia variar de dia para dia, numa adaptação do roteiro da entrevista-piloto.

Para a análise das entrevistas em grupo recorreremos também à teoria dos **grupos operativos**, desenvolvida por Pichon-Rivière, psicanalista também argentino, teoricamente muito próximo a Bleger. No texto O processo grupal²⁵⁵, Pichon desenvolve a teoria da técnica do grupo operativo como instrumento de investigação dos princípios do funcionamento psíquico.

Segundo Pichon (1982), haveria dois medos básicos: o **medo da perda** do objeto - ansiedade depressiva - e o **medo do ataque** ao eu - ansiedade paranóide - que são coexistentes e cooperantes, e alternativamente manifestos e latentes. Medos que podem paralisar a ação do Eu. As chamadas estruturas patológicas têm a característica da *mobilidade*, o seu caráter é instrumental e são um recurso adaptativo²⁵⁶. Já a **estereotipia**

²⁵⁵ Pichon-Rivière, E.. O Processo Grupal, 1982.

²⁵⁶ Pichon-Rivière, op. cit., pgs. 100 a 102.

seria a situação de paralisia do Eu e dos mecanismos de defesa, característica da posição esquizo-paranóide.

Pichon define o **grupo** como

“o conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade.”²⁵⁷

Num grupo, cada integrante ocuparia um **papel**, os papéis de cada um num grupo “são definidos a partir da tarefa, que se volta para o objetivo, seja para alcançá-lo, seja para negá-lo”²⁵⁸. Poderiam ocorrer duas situações básicas: a *estereotipia dos papéis*, quando os papéis estão fixos a cada integrante, ou a *funcionalidade e plasticidade dos papéis*, que permite aos integrantes assumirem papéis complementares e suplementares.

Segundo Pichon, aquele que enuncia um acontecimento é considerado o **porta-voz** de si mesmo e das fantasias inconscientes do grupo. O porta-voz é o revelador do grupo, que traz um *emergente* do grupo. Através da exposição de um segredo seu, traz à tona um conteúdo latente da fantasia grupal. Ele atua como um radar, por um processo de identificação subliminar detecta as fantasias inconscientes do grupo e as explícita,

“Qualquer coisa que aconteça em um grupo, seja por informação direta ou por interação subliminar (identificação), está manifestando, por intermédio do **emergente** (o porta-voz), o conteúdo implícito da situação de grupo.”²⁵⁹

“Podemos afirmar que todo processo implícito chega a se manifestar pelo surgimento, dentro do campo de observação, de uma qualidade nova nesse campo, a qual denominamos emergente”²⁶⁰

René Kaës também aborda as funções do **porta-voz** nos grupos, as quais relaciona à **cadeia associativa grupal**, segundo ele,

"as funções do porta-voz nos grupos podem ser exercidas por um indivíduo, por vários indivíduos sucessivamente ou simultaneamente, ou por um conjunto como tal. Elas são identificáveis na **cadeia associativa** que desdobra (no discurso do grupo) os significantes e os afetos não disponíveis para os sujeitos. A cadeia associativa se organiza em um movimento triplo: um movimento que produz significantes, um movimento que levanta o recalque através de representações significantes produzidas e um movimento que vai manter a censura. Isto quer dizer

²⁵⁷ Pichon, op. cit., pg.177.

²⁵⁸ Fernandes, M. I. A., 1989, pg. 47.

²⁵⁹ Pichon-Rivière, op. cit., pg. 110. O negrito é meu.

²⁶⁰ Pichon-Rivière, O processo grupal, pg. 156, *apud* Fernandes, M. I. A., 1989, pg. 42.

que em um grupo, toda fala proferida por A contribui para formar um discurso que é formado do discurso de B, de C, de X e de Y. Há então dois níveis de discursos que se formam no grupo: o discurso de cada sujeito e o discurso do conjunto dos sujeitos. Eu suponho que cada um destes discursos possui uma lógica coerente própria. O discurso que o grupo produz através das contribuições de cada um de seus membros e o discurso que cada membro do grupo produz (modulado pelo discurso do grupo). O processo associativo deve ser compreendido nestes dois registros, mas existem pontos de encontro entre estes diferentes discursos.”²⁶¹

Mas, retomando Pichon, o grupo, frente ao novo, à mudança, que pode despertar ansiedades psicóticas, pode se estruturar como “*grupo conspirador*”, para se opor à mudança, já que essa gera insegurança. O grupo defende-se, então, da novidade e imobiliza ainda mais a estrutura pré-existente. A conspiração é uma situação latente e comum em todo grupo social, e tende a deslocar o coordenador para o lugar de **bode expiatório**. Num momento de conspiração o grupo é um grupo frágil e aglutina-se

“intensamente em função de sua falta de segurança interna. Adquire uma pertença e uma agressividade maior que a normal, a tal ponto que se torna perigoso do ponto de vista social.”²⁶²

Tal situação de grupo conspirador é comum no início de um trabalho de grupo, e denomina-se **pré-tarefa**. Momento em que o grupo pode apelar a todos os mecanismos de cisão, instrumentando-se de técnicas da posição esquizo-paranoide, dissociando o sentir, o pensar e a ação. Se o grupo vier a se estancar nessa situação o estereótipo adquire uma rigidez crescente e a produtividade do grupo é nula. Conforme Fernandes²⁶³, no grupo o encontro das contradições próprias do ato de conhecer e de se conhecer gera um aumento de ansiedade suficiente para que se ergam técnicas defensivas de resistência à mudança, que têm como finalidade (entre outras) o “deixar para depois”, constituindo-se maneiras de se evitar a realização direta da tarefa.

Na pré-tarefa,

“todos os recursos, mesmos os mais dramáticos, são postos a serviço deste evitar a tarefa de elaboração [...]”.

Os mecanismos da pré-tarefa aparecem como dispositivos “destinados a pôr o sujeito a salvo do sofrimento, da *ambivalência* e da *culpa*, ao mesmo tempo que

²⁶¹ Kaës, R., “O intermediário na abordagem psicanalítica grupal” (pgs 8 e 9). O negrito é meu.

²⁶² Pichon-Rivière, op. cit., pg. 106.

²⁶³ Fernandes, op. cit., pg. 51.

o impedem de assumir sua identidade, o eximem do compromisso com um *projeto*.”²⁶⁴

Também podem dificultar a produção grupal a presença, seja num mesmo sujeito, seja no grupo, de diferentes **ideologias**, de modo não coerente. Segundo Pichon, “A coexistência interna, no grupo e no sujeito, de ideologias de sinais contrários determina diferentes montantes de ambiguidade, o que se manifesta como contradições e estancamento da produção grupal (estereotipia)”²⁶⁵. Para que isso não ocorra deve-se constituir um ECRO de caráter dialético, onde as contradições relativas ao campo de trabalho possam ser superadas.

Num grupo, a elaboração de um esquema referencial comum (ECRO - Esquema Conceitual Referencial Operatório) é condição para o estabelecimento da comunicação entre os membros, “que se dará na medida em que as mensagens possam ser decodificadas por uma afinidade ou coincidência dos esquemas referenciais do emissor e do receptor”.²⁶⁶

“A elaboração do ECRO quando alcançada se reflete pelas características que assumem os papéis dentro do grupo. Isto significa que de fixos e estereotipados, tornam-se funcionais, isto é, seguem as leis de complementariedade e suplementariedade.”²⁶⁷

Segundo Pichon²⁶⁸, a partir do momento em que o grupo deixa a situação de pré-tarefa, ele deixa a *estereotipia dos papéis* e pode-se configurar uma situação com lideranças funcionais, o que se expressa pela *rotação dos papéis*. Na medida em que os sujeitos adquirem uma maior *plasticidade*, podem assumir o papel de interpretadores, percebendo-se então um autocontrole, uma auto-alimentação e uma autocondução do grupo. O grupo está então numa situação de **tarefa**, quando apresenta as características da *pertença*, *cooperação* e *pertinência*, que são os três princípios básicos que regem a estrutura dos grupos humanos.

Segundo Fernandes (1989, pgs. 46 e 51), por tarefa entende-se o conjunto de ações que permite se chegar ao objetivo que o grupo se propôs, é o momento de elaboração propriamente dito. A partir dessa elaboração realizada, o grupo pode entrar no momento

²⁶⁴ Pichon-Rivière, op. cit., pg. 106. Os itálicos são meus.

²⁶⁵ Pichon, op. cit., pg. 178.

²⁶⁶ Pichon, op. cit., pg. 103.

²⁶⁷ Fernandes, op. cit., pg. 49.

²⁶⁸ Pichon-Rivière, op. cit., pgs. 104, 106 e 107.

de construção de um **projeto**, um momento de reorientar a ação e de redefinir o próprio objeto.

A **transferência** no grupo (segundo Pichon, pg. 113) se expressa através de um porta-voz, que expressa algo em relação (vínculo positivo ou negativo) ao *coordenador*. Num primeiro momento é dispersa, cindida, caótica, frágil e instável, mas à medida que progride o grupo na tarefa, vai se mostrando mais coesa. Segundo Fernandes, num grupo há múltiplas transferências, que emergem tanto em relação aos membros do grupo, quanto em relação à tarefa ou ao contexto em que se desenvolve a ação grupal. A transferência no grupo poderia ser entendida também como o “grupo interno” que se desliza sobre o “grupo externo”, ocorrendo uma transferência de uma cena sobre a outra. Entendendo-se aqui “**grupo interno**” como o conjunto de fatos, imagens, cenas que nos habitam em dinâmica interação, objetos internos que se olham, se desejam e se odeiam.²⁶⁹

Segundo Pichon, é possível se realizar um paralelo entre a *tragédia grega* (a partir de Aristóteles) e o *grupo operativo*:

Ambos tem um princípio, um meio e um fim, uma exposição, um núcleo e um desenlace, ou uma *abertura, desenvolvimento e fechamento* (terminologia do grupo operativo). O ator ou herói da tragédia corresponde ao porta-voz; há outros personagens ou atores; há uma catástrofe e um conflito, que serão esclarecidos ao final²⁷⁰. Segundo Pichon, ainda,

“A estrutura interacional do grupo não só permite, como também estimula, a emergência de fantasias inconscientes. [...] A fantasia inconsciente, [...] o grupo interno de cada integrante e o grupo externo possuem um denominador comum: a estrutura dramática.”²⁷¹

É possível realizarmos também um paralelo entre a tragédia, a narrativa e o desenvolvimento de uma sessão de grupo, que poderia ser lido como uma *narrativa grupal*, como se cada integrante fosse contando um elemento da história daquele grupo naquele dia.

Por fim, vem a lembrança de Pichon, em concordância a Freud e Kurt Lewin, de que toda investigação é acompanhada de uma operação, não há uma investigação pura, inócua.

²⁶⁹ Fernandes, op. cit., pgs. 52 a 54. A respeito do conceito de grupo interno Fernandes cita O'Donell, P., *La Teoria de la Transferencia in Psicoterapia Grupal*, Buenos Aires, N. Vision, 1977, pg. 15.

²⁷⁰ Pichon-Rivière, op. cit., pg. 112.

²⁷¹ Idem, pg. 164.

4b - Aspectos Éticos

Nessa pesquisa as considerações éticas são muito importantes. Em primeiro lugar, há a garantia, por nossa parte, de que aquilo que for falado pelo jovem não chegará aos funcionários da instituição, a não ser quando já no corpo da dissertação, mas sem identificá-lo nominalmente. Os nomes serão substituídos.

Quaisquer elementos que possam identificá-lo, como nome, sobrenome, endereço, nome de familiares, foram substituídos ou suprimidos, o que vai de encontro a determinações do E.C.A. (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Os jovens foram convidados a participar das entrevistas, no momento em que eles quisessem deixar a participação nenhum obstáculo seria colocado. Tais considerações constam todas do termo de consentimento livre e informado, que segue anexo, o qual informa também a finalidade da pesquisa e foi devidamente explicado e lido pelo pesquisador e apreciado pelo jovem, que o assinou, concordando em participar da pesquisa.

Para seu início, a pesquisa teve de se submeter à apreciação da direção da unidade de internação onde se realizou, dos órgãos gestores da FEBEM-SP e do poder judiciário paulista (DEIJ - Departamento de Execuções da Infância e Juventude), perante os quais obteve a autorização para a sua realização.

4c - Procedimento

A pesquisa de campo obedeceu às seguintes etapas:

1 - A escolha de uma unidade de internação da FEBEM-SP, no município de São Paulo, para a realização das entrevistas. Inicialmente pensávamos em realizar entrevistas em duas unidades distintas, unidades de gravidade do delito distintas também, para podermos comparar os discursos dos jovens, tanto se levando em consideração a suposta distinção da gravidade do delito, como as possíveis influências das duas instituições.

No entanto, por motivos de exigüidade de tempo e de dificuldades para a realização das entrevistas, optamos pela realização das mesmas apenas na primeira

unidade em que conseguimos a autorização, sem tentarmos conseguir autorização para uma outra unidade.

2 - Obtenção do consentimento da instituição.

A unidade em que foi possível para o pesquisador realizar as entrevistas foi a Unidade de Internação Araucária (UI-19), do Complexo do Tatuapé. A unidade escolhida se encontra entre aquelas consideradas pela instituição como de "primeira passagem" de delito grave, onde a maioria dos jovens está passando por sua primeira internação na FEBEM, porém devido a uma infração considerada mais grave. Ambas as características eram de interesse para a pesquisa: por ser de primeira passagem a influência do fator institucional poderia ser menor do que em uma unidade de "reincidentes"; por ser de "primários graves" (e não "leves") a probabilidade de nos depararmos com o fator violência na história dos adolescentes poderia ser maior.

Um dos critérios para a escolha de tal unidade foi a facilidade de contato com a direção da mesma, uma vez que o pesquisador era membro de uma O.N.G., a Associação Fique Vivo, que na época desenvolvia trabalhos na citada unidade. Mas, por outro lado, era uma unidade na qual o pesquisador não trabalhava, não sendo conhecido, portanto, dos jovens (ser conhecido foi um critério de exclusão).

Devido à citada facilidade de contato do pesquisador, a autorização para a pesquisa foi obtida inicialmente junto à unidade (UI-19). Através de reuniões com o diretor da unidade e com a "encarregada técnica" (chefe da equipe de psicólogas e assistentes sociais, segunda autoridade na hierarquia das unidades), a partir de então o pesquisador foi orientado a se dirigir ao setor responsável pelas pesquisas da FEBEM-SP. A assessoria da presidência da FEBEM o indicou a pedir uma autorização para a juíza responsável pela FEBEM-SP, do D.E.I.J. (Departamento de Execuções da Infância e Juventude). A autorização foi pedida e obtida. O fato foi comunicado à assessoria da presidência e à unidade. A unidade encaminhou o pesquisador para a diretoria do Complexo do Tatuapé, o mesmo em entrevista com o diretor do Complexo, obteve a autorização para a pesquisa. Esse trâmite durou vários meses.

3 – Realização de uma **entrevista-piloto individual**.

Antes da realização das entrevistas em grupo, optou-se pela realização de entrevistas-piloto. A opção por entrevistas individuais com um jovem deveu-se principalmente à maior simplicidade inicial para a sua realização.

A escolha do jovem foi realizada por um sorteio, dentre todos os jovens da unidade que se enquadrassem no perfil desejado: *a faixa etária entre 14 e 19 anos completos* (maior ou igual a quatorze anos e menor do que 19 anos) e a necessidade do adolescente *residir no Município de São Paulo*.

Em meados de outubro de 2002 entramos em contato com a unidade para a efetivação do início da pesquisa a partir das entrevistas-piloto. A princípio o pesquisador ficou sob responsabilidade do setor pedagógico da unidade, que lhe forneceu a lista de todos os jovens da mesma e lhe explicou acerca do funcionamento da unidade, dos horários mais convenientes para as entrevistas e da divisão em duas alas. Os jovens são divididos em duas alas, Ala A e Ala B, que não se misturam, a instituição procura evitar ao máximo a comunicação entre uma ala e outra, enquanto uma ala fica um dia no pátio (ou em outra atividade), a outra fica trancada nos quartos (ou em outra atividade). Assim, foi recomendado ao pesquisador trabalhar com jovens que já estivessem no pátio no dia em que houvesse a entrevista, o que acabou por se tornar mais um dos critérios de escolha dos jovens para entrevistas.

Para a entrevista-piloto foi sorteado um jovem para o consentimento informado, ele concordou em participar da entrevista, mas na semana seguinte, quando iria se realizar a primeira entrevista, já não estava mais na unidade, pois havia obtido liberdade. O jovem não estar próximo da data de obtenção de liberdade passou a ser um outro critério de escolha.

Em meados de novembro iniciou-se de fato a entrevista-piloto, com outro jovem. A entrevista contou com três encontros, um por semana, durante um mês. Isso, fora o encontro de convite para a participação na pesquisa, quando foi apresentada a proposta da pesquisa e da entrevista, obteve-se o consentimento informado e o preenchimento dos dados do mesmo.

Havia alguns itens que gostaríamos de explorar nas entrevistas, mas sem uma ordem pré-estabelecida, foram eles:

- a história de vida;
- *se* o jovem escutou histórias na infância;
- *quais* as histórias escutadas na infância que ele se lembra e *quais* os *tipos* de histórias escutadas (lendas, contos de fadas, contos, histórias religiosas, histórias familiares, outros);

- *de quem* teria escutado as histórias na infância, qual a origem das mesmas (de familiares, outros adultos, amigos, rádio, televisão, cinema, outros);

- a *frequência* com que escutou histórias na infância por parte dos adultos da família, de adolescentes e de outras origens; se escuta e conta histórias *hoje* em dia (no bairro, na FEBEM).

Seria estimulado que ele narrasse as histórias.

Assim, na primeira entrevista o objetivo da mesma foi conversarmos sobre a vida do jovem. Já a segunda entrevista teve como objetivo principal conversarmos sobre as histórias escutadas pelo jovem. Como foi necessária a abreviação de tal entrevista, optamos pela realização de um terceiro encontro, com o mesmo tema do segundo (as entrevistas-piloto seguem em anexo).

As entrevistas foram transcritas e avaliadas pelo pesquisador.

4 - Apresentação da pesquisa aos jovens e definição daqueles que seriam entrevistados em grupo

Observação: a partir dessa etapa o pesquisador ficou sob responsabilidade direta da encarregada técnica da unidade, havendo um acompanhamento, a cada etapa da pesquisa, por parte da mesma.

4a - A escolha dos adolescentes para a entrevista em grupo.

A escolha foi aleatória, foram sorteados sete adolescentes para a entrevista em grupo. Pensamos em tal número de jovens devido aos limites de tempo entre as instituições envolvidas na pesquisa, por pensarmos ser o suficiente para uma investigação razoavelmente detalhada, pela experiência de trabalho em grupo com adolescentes internados na FEBEM por parte do entrevistador, que indica ser entre cinco e oito um bom número para o trabalho em grupo.²⁷²

Para participarem do sorteio os critérios de idade e residência foram os mesmos da entrevista-piloto. Como no primeiro dia de apresentação da pesquisa e preenchimento do consentimento-informado era a ala A que estava no pátio, esse foi outro critério presente na entrevista: apenas participaram jovens da Ala A. Fomos informados pela unidade que não há critério algum para a colocação de um jovem em uma ala ou outra²⁷³.

²⁷² K. Lewin também se refere ao número de sete para uma boa investigação com pequenos grupos (vide Garcia-Roza, Luiz Alfredo. *Psicologia estrutural em Kurt Lewin*, Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1972).

²⁷³ A divisão em alas costuma ser uma prática comum na FEBEM em unidades com muitos jovens, excesso de jovens internados em comparação para o número para o qual a unidade teria sido construída ou excesso de jovens em comparação com o número de funcionários de contenção. Baseia-se no lema "dividir para

Os jovens foram sorteados um a um. O sorteio era realizado, em presença de um funcionário do setor técnico, em conjunto com a técnica que estivesse presente verificava-se a presença do jovem na unidade e pedia-se para o jovem ser chamado por um funcionário de pátio, o pesquisador aguardava o jovem numa ante-sala do setor técnico, ao chegar o jovem cumprimentava-o e conduzia-o para uma pequena sala (em geral usada para atendimentos pelas psicólogas ou assistentes sociais, as técnicas).

4b - **Proposta para participação** na pesquisa e preenchimento do consentimento informado.

Ao jovem entrar na sala o entrevistador fechava a porta, se apresentava, pedia para o jovem se sentar em frente a uma mesa e ocupava a cadeira do outro lado da mesa, dizia se tratar de uma pesquisa de cunho científico na área de psicologia social e perguntava se o jovem sabia se ele estava para ter liberdade ou não. Um dos jovens respondeu afirmativamente, e a conversa se encerrou ali então, pois nesses casos não haveria tempo para a participação nas entrevistas. Outro jovem, mesmo tendo assinado o consentimento em participar da pesquisa obteve liberdade ainda nessa fase, o que nos levou a realizar mais um sorteio e mais uma apresentação da proposta.

Na apresentação da proposta da pesquisa o pesquisador explicou quais eram os objetivos da pesquisa, o que era uma pesquisa, do que tratava a psicologia social, ilustrava o produto final escrito com uma dissertação já pronta (alguns jovens a folhearam)²⁷⁴, falava do uso do gravador nas entrevistas em grupo e do sigilo quanto à identificação do jovem, explicava o Termo de Consentimento Livre e Informado e perguntava o quê que o jovem achava de participar da pesquisa. Todos os jovens responderam afirmativamente, em geral com ênfase. Após um primeiro aceite verbal, o pesquisador procedia a uma leitura conjunta do termo de “consentimento informado”, procurando a confirmação de que o jovem estava entendendo o que estava escrito e explicando quaisquer dúvidas. Todos os jovens concordaram com o que estava escrito e mostraram entender o que estava sendo dito. Após a assinatura, procedia-se a coleta de alguns dados sobre o jovem (como tempo de internação, escolaridade, local de nascimento, local de origem do pai e da mãe, com quem mora), por parte do pesquisador, escrevendo-os na segunda página do consentimento informado.

governar”, e em geral jovens que juntos dão problemas aos funcionários são separados, ficando parte em uma ala parte em outra.

²⁷⁴ Tratava-se da dissertação de mestrado Delinquência: um lapso social?, de Déborah Steinberg (IPUSP, São Paulo, 2002).

Tais conversas demoraram entre vinte e quarenta minutos. Foram necessários vários dias e semanas para que se cumprisse essa etapa. A qual se realizou no período indicado pela unidade como sendo aquele em que os jovens menos estariam em atividade (no período diurno), entre as 17 e 19 h, com uma frequência de uma ou duas vezes por semana.

5 - A realização das **entrevistas em grupo**.

As entrevistas se realizaram numa sala de portas fechadas, sem a presença de funcionários da instituição, para minimizar possíveis constrangimentos. Tratou-se da mesma sala nas quatro entrevistas que se realizaram, era uma sala utilizada em geral pelo setor técnico da unidade (psicólogas e assistentes sociais), para o acompanhamento dos jovens, individualmente ou com a família. A sala fazia parte de um conjunto de quatro pequenas salas (já utilizadas na etapa anterior), fabricadas com compensados utilizados como paredes que iam até a meia altura entre o chão e o teto, deixando um vão livre de uns 2,5m, que permitia a audição do que se falasse dentro delas em voz alta e vice-versa.

As entrevistas em grupo contaram, além da presença do pesquisador como coordenador do grupo, com a presença de um **observador**, uma estudante de psicologia do quarto ano da USP, que tentou tomar nota do que era falado, do que ocorria no grupo e discutiu o ocorrido no grupo com o pesquisador posteriormente à realização do mesmo.

Realizaram-se quatro entrevistas em grupo com os adolescentes, de cerca de uma hora e dez minutos cada uma. O horário combinado para a realização das entrevistas era 19 h, mas ocorreram atrasos para a chegada dos jovens (entre 10 min e 1 h 15 min de atraso). Todos os sete jovens participaram de todas as entrevistas e elas ocorreram todas às quintas-feiras, durante quatro semanas consecutivas entre os meses de maio e junho de 2004.

Inicialmente havíamos pensado em realizar três entrevistas grupais, assim como se procedeu com as entrevistas-piloto, mas durante o processo consideramos mais conveniente a realização de uma quarta entrevista, visto o primeiro tema proposto, que era os jovens contarem da vida deles, não ter se esgotado minimamente na primeira entrevista, assim como a segunda temática, que era a respeito das histórias que eles já escutaram, não ter sido suficientemente abordada no terceiro encontro. Essa extensão não estava prevista e foi negociada com os jovens e a instituição com pronta aceitação por ambas as partes.

6 - As entrevistas grupais tiveram como tarefas:

1ª e 2ª entrevista grupal:

- Que contassem a história de suas vidas, desde a infância até os dias atuais;

3ª e 4ª entrevista grupal:

- Solicitar que os jovens dissessem se escutaram histórias na infância. *Quais* as histórias escutadas na infância das quais eles se lembravam e quais os tipos de histórias escutadas (lendas, contos de fadas, contos, histórias religiosas, histórias familiares, outros). Solicitar que eles contassem algumas das histórias lembradas.

- Solicitar que os jovens dissessem *de quem* teriam escutado as histórias na infância, qual a origem das mesmas (de familiares, adultos, amigos, rádio, televisão, cinema, outros);

- Solicitar que os jovens dissessem se eles escutam e contam histórias *hoje* em dia (no bairro, na FEBEM).

7 - A **transcrição** das entrevistas grupais.

As entrevistas foram transcritas pelo pesquisador, às transcrições se acrescentou o material anotado pela observadora, de forma que o material final referente às entrevistas é um pouco mais do que a verbalização do grupo, mas também menos do que o verbalizado, pois várias falas ficaram inaudíveis à transcrição ou de difícil identificação quanto a quem estava falando.

8 - Foi realizado um retorno das entrevistas para os adolescentes, na medida do possível (apenas para dois), pois muitos foram desinternados em um período relativamente curto após o término das entrevistas. Tal retorno englobou a conferência do material transcrito das entrevistas, ao término das transcrições.

9 – Concluída a dissertação, seria realizado um retorno para a instituição. Tal retorno envolveria a doação de uma cópia da dissertação para a instituição FEBEM-SP (que a solicitou), a unidade (UI-19) e provavelmente uma reunião com o setor técnico da unidade (e demais interessados) para a exposição e debate da pesquisa. Caso haja ainda algum jovem que foi entrevistado na unidade, seria realizado um retorno para ele também.

4d - Aspectos Institucionais: a FEBEM-SP

Segundo dados de outubro de 2004, os internos da FEBEM do Estado de São Paulo teriam o seguinte perfil:²⁷⁵

- **idade:** 6% acima de 18 anos, 22% com 18 anos, 66% entre 15 e 17 anos, 6% entre 12 e 14 anos.
- **sexo:** 96% dos internos são do sexo masculino
- **tipo de infração:**
 - descumprimento de medida sócio-educativa: 4%
 - furto: 6%
 - tráfico de drogas: 11%
 - porte de arma: 3%
 - roubo simples: 4%
 - roubo qualificado: 54%
 - sequestro: 1%
 - *latrocínio*: 3%
 - *homicídio*: 9%
 - outros: 2%

Podemos considerar como infrações com *alto grau de violência interpessoal* envolvida: o roubo qualificado (no qual se inclui o assalto a mão armada), o *latrocínio*, que é a realização do potencial de violência do roubo qualificado, o sequestro, pois envolve a possibilidade do homicídio, e o próprio homicídio. Seguindo essa classificação, 66% dos jovens estariam internados (em 2004) devido a infrações de alto grau de violência interpessoal, dois terços do total. Mas “apenas” **11%** estariam cumprindo medida sócio-educativa devido ao ato de assassinato de um outro ser humano.

Lembramos que tais categorizações são apenas um indício do envolvimento com atos violentos por parte dos jovens, pois dizem respeito à infração pela qual o jovem foi submetido à sanção, por exemplo, um jovem internado por porte de arma ou furto pode já ter realizado homicídios, dos quais o sistema judiciário não tem conhecimento, ou então um jovem pode estar internado devido a um homicídio que não cometeu, mas para o qual “assumiu o B.O.” (B.O.: boletim de ocorrência), para não incriminar um comparsa maior de idade.

A respeito da **idade**, cabe um esclarecimento, a maioria absoluta das internações ocorre quando o jovem tem entre 15 e 17 anos de idade, os 28% que têm mais do que 18

²⁷⁵ Fonte: Jornal da Tarde, 27/10/04.

anos completos são um reflexo de internações realizadas nessa faixa etária, principalmente aos 17 anos, uma vez que o prazo máximo de internação é de 3 anos.

Quanto à **reincidência**, a taxa para o estado de São Paulo de reincidência em infrações por parte de ex-internos da Febem seria de 33% ²⁷⁶. Segundo estudo realizado pela própria FEBEM-SP, a reincidência FEBEM-FEBEM seria de cerca de 22% ²⁷⁷. A título de comparação, no sistema carcerário brasileiro a reincidência (interna a ele) chegaria a 70% ²⁷⁸, no Estado de São Paulo, 42% dos presidiários seriam reincidentes²⁷⁹.

Segundo pesquisa realizada pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) (provavelmente no ano de 2003), haveria cerca de 9500 adolescentes infratores cumprindo medida de *internação* no *Brasil*, quase metade deles (46%) no Estado de São Paulo (que contaria com cerca de 23% da população brasileira). Segundo a pesquisa, cerca de 80% das famílias dos jovens tinham renda familiar mensal inferior a R\$ 400 ²⁸⁰. Segundo o ILANUD (Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a prevenção do Delinquente), no ano de 2004 haveria cerca de 5900 jovens internados no Estado de São Paulo, 1270 a mais do que a capacidade do sistema Febem²⁸¹.

A **pesquisa de campo** realizou-se especificamente na **UI-19** (Unidade de Internação Araucária). Uma, das 18 unidades (à época), do **Complexo do Tatuapé**, o maior e mais antigo complexo da FEBEM do Estado de São Paulo, talvez do Brasil. Tal complexo era dotado de várias estruturas destinadas, a princípio, aos jovens de todas as unidades, como campos gramados de futebol, piscina, Escola Profissionalizante, Escola normal e Biblioteca Central (ligada à escola), núcleo de saúde, prédio para atividades “culturais” e vários outros, mais relacionados à administração ou manutenção.

A UI-19 era uma das primeiras unidades para quem entrava no complexo a partir do portão principal, situava-se entre tal portaria e a casa da administração do complexo. Era uma das maiores unidades, tanto em espaço físico quanto em área construída, compreendendo dois prédios de dois andares (térreo e primeiro andar), em cada andar superior ficavam os dormitórios dos dois conjuntos de jovens, da Ala A e Ala B, assim divididos pela instituição, tais conjuntos eram impedidos de se misturar e de se

²⁷⁶ Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 20/03/2005, pg. C12.

²⁷⁷ Fonte: *Jornal O Estado de São Paulo*, 15/04/2003.

²⁷⁸ Fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 16/08/03.

²⁷⁹ Fonte: *Revista Época*, 05/04/2004.

²⁸⁰ Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 17/09/2003.

O Estado de São Paulo também concentraria 40% da população carcerária do país (fonte: *Revista Época*, 05/04/2004).

²⁸¹ Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 23/10/2004.

comunicar. Entre os dois prédios existia um pequeno pátio interno, em parte coberto (mas que pouco protegia da chuva) em parte não. Os jovens da UI-19, por se tratar de uma unidade de casos considerados mais graves, portanto mais perigosos à ordem institucional, não frequentavam o prédio da escola normal, mas tinham suas aulas em salas-de-aula localizadas dentro da própria unidade, ao fundo dos dois pavilhões. À direita de quem entra, comunicando-se com o pátio interno por uma porta de ferro havia um grande pátio, com quadra de futebol, área livre e dois pequenos prédios, de variadas utilizações, tal pátio era cercado por um alto muro.

No prédio da Ala A, cujas janelas davam diretamente para o exterior, situavam-se, no térreo, o setor pedagógico, a “enfermaria”, a administração, a direção e algumas outras salas, todos esses à direita de quem entra na unidade, à esquerda situava-se o setor técnico (salas das psicólogas e assistentes sociais), a coordenação (sala dos coordenadores, responsáveis manutenção da disciplina e do cumprimento das atividades cotidianas da casa), um vão livre ou *hall*, e quatro pequenas salas de atendimento técnico, local em que realizamos as entrevistas com os adolescentes. No térreo do prédio da Ala B situava-se à esquerda o refeitório e à direita várias salas de atividades para os jovens (em geral atividades artesanais manuais) e uma pequena biblioteca. Há ainda, na frente do prédio da Ala A, uma pequena recepção que medeia o interno e o externo da unidade, para se entrar ou sair da unidade era necessário se atravessar duas portas de ferro, para se chegar à ala dos dormitórios dos jovens havia mais duas portas gradeadas e os jovens dormiam em quartos fechados com portas de ferro, nessa unidade eram quartos pequenos, com cerca de 3 ou 4 jovens por quarto.

Em abril de 2004, quando realizamos a seleção dos jovens que iriam ser sorteados para a entrevista grupal, constatamos que havia na unidade 98 jovens internados, sendo 37 jovens da capital, 31 jovens da Grande São Paulo e 30 jovens do interior do estado de São Paulo. Não encontramos nenhum jovem abaixo de 14 anos nem acima de 19 anos completos.

5 – Dados Iniciais

5a - As Entrevistas-piloto (individual)

Devido à riqueza do material presente na entrevista-piloto consideramos pertinente a realização de uma breve descrição e síntese de seus aspectos mais relevantes para esta pesquisa.

De maneira geral várias das temáticas que surgiram na entrevista-piloto retornarão nas entrevistas grupais, quando serão melhor analisadas, aqui, vamos tratar basicamente de descrevê-las.

Dados do consentimento informado da entrevista-piloto:

Elton é um rapaz de 17 anos, residente de um bairro pobre da periferia de São Paulo, na Zona Sul. É natural de São Paulo, mas entre os 3 meses e os 9 anos de idade teria vivido no interior de Minas Gerais, com sua avó paterna; dos 9 aos 11 anos em Anápolis, cidade baiana, também com sua avó. Desde que saiu de São Paulo teria vivido com sua avó grande parte do tempo. Em São Paulo viveu com sua outra avó, por parte de mãe, depois com sua tia (um ano), depois com sua mãe (um ano e meio, depois dela voltar da *prisão*), depois com uma tia sua (uns 2 meses, depois de sua mãe voltar para a *prisão*), até que hoje em dia estaria vivendo sozinho (há 6 meses), antes de ser internado. No tempo em que viveu com sua avó paterna moravam junto com eles também o seu avó, sua tia e primos seus.

Cursou até a 5ª série, deixou de frequentar a escola aos 13 anos.

Seu pai é natural de São Paulo, sua mãe também.

1ª Entrevista-Piloto:

A princípio estavam previstas a realização de duas entrevistas, para essa primeira entrevista o entrevistador estabeleceu um objetivo junto ao jovem, que chamaremos arbitrariamente de Elton, que ele falasse um pouco de sua vida, das coisas que ele já fez.

Sinteticamente, a entrevista conseguiu atingir seus objetivos, Elton falou bastante de sua vida. A princípio havia uma maior dificuldade para que ele falasse de seu passado, ele não parecia à vontade (pgs. 1 a 4), mas quando iniciou a falar sobre seu envolvimento com a criminalidade, mais especificamente com o tráfico de drogas (pgs. 5 a 10), ficou mais à vontade para falar. A partir de uma intervenção do coordenador Elton deixa de falar de seu envolvimento com a criminalidade, um assunto que parecia dominar bastante, para voltar a falar de sua infância, até que o assunto chegou à sua relação com seus irmãos, tema que parece tê-lo emocionado bastante, e que dará a tônica dessa entrevista até o seu final.

Sua história é bastante atribulada, segundo nossa compreensão aos 3 meses de idade teria perdido o pai, passando a viver com a avó e com a mãe, a princípio na Bahia e em seguida em Minas Gerais. Com 11 anos se muda para São Paulo, para a casa de sua outra avó. Estudou até os 13 anos (5ª série), quando começou a fumar maconha. Relata que parou de estudar para ir trabalhar na feira com sua avó (pg. 1), mas que passado algum tempo (aos 14 anos) parou de trabalhar na feira e foi *trabalhar* no tráfico drogas: “Eu trampava à noite. (rápido)”, “Eu trabalhava à noite na biqueira.” (pg. 7), para “ganhar um dinheiro a mais”, “um dinheiro rápido e fácil” (pg. 1).

Essa não é sua primeira passagem na Febem, diz já haver sido internado outra vez, mas que continuou no tráfico após sair da Febem durante um tempo, após o qual parou de traficar e se entregou à polícia, que lhe encaminhou à Febem novamente.

Disse que se entregou pois ouviu o conselho de sua tia: “*Pelo menos uma vez na vida eu ouvi um conselho!*” (pg. 2). O motivo de ter se entregue, no entanto, se relaciona a poder visitar a sua mãe, que se encontrava na penitenciária, uma vez que seus documentos de identidade estavam em posse da Febem. Disse que visitava, desde então, sua mãe uma vez por mês.

A respeito de sua perspectiva de futuro, Elton é bastante franco: “Minha perspectiva é eu mudar, mas se eu ver que não tô ganhando dinheiro, aí também... (pausa) voltá de novo, sr..” (para o tráfico), “Prá ganhar 300 real aí nem vira, sr..”, “300 real não dá prá comprar nada, sr..”, “Eu ganhava um dinheirão ali na biqueira²⁸² ali...”, “He! He! Ali você ganha o dinheiro que você ganha no ano todo! Em dois mês!” (pg. 5).

Elton também mostra uma compreensão ampla da realidade brasileira:

²⁸² “biqueira”: ponto de venda de drogas

“- Porque o governo tá sem dinheiro, e tá devendo pro exterior e... e só tudo ladrão, pega o dinheiro e... só pro bolso... esses cara aí, do colarinho branco, pega o dinheiro e ninguém prende eles... Os governador aí e os presidente, você acha que não?

- (e) Eles roubam?

- Com certeza, sr..

- (e) E ninguém prende eles?

- Lógico... tudo no sapatinho!

- (e) Tudo no sapatinho?

- Lógico, ninguém descobre!

Hhaanh! (risada) Se descobre eles dão com o dinheiro, abafa.”

Ele defendeu ainda a liberação da venda de drogas, para diminuir o número de pessoas presas e para o governo ter mais dinheiro, através da administração do dinheiro (lucro) “do tráfico” para investir na população, como na criação de um salário para todo brasileiro, que trabalhe ou não, e chega a se colocar no lugar de presidente do Brasil: “Se eu fosse o presidente eu liberava!” (a venda de drogas) (pg. 6).

Disse também que para usar drogas a pessoa tem de ter uma “*mente estruturada*”, como ele tem. Que quem trabalha no tráfico “ou faz disciplinado ou já era, acabou-lhe a vida, arrependimento não tem na casa aqui” (pg. 8). Que se o “trabalhador” for pêgo usando drogas no trabalho ele fica com a fama de ser “nóia”. Ele “tem que ficar aceso (...) Nunca dá pé prá ladrão, tá ligado?”²⁸³. Poderíamos pensar que tal modo de trabalho, com a tensão constante, auto-controle e disciplinas elevados e vigilância externa punitiva seriam característicos não apenas do tráfico de drogas, mas dos negócios e empresas capitalistas de forma geral. Haveria ainda a competitividade, presente no “mercado formal” e também no mundo da criminalidade e do tráfico (conforme poderemos acompanhar a partir da leitura da quarta entrevista grupal, pgs. 3 e 4). A princípio, as maiores diferenças entre os dois modelos (criminalidade e “mercado formal capitalista”) estariam nos *meios*: a *competitividade* na criminalidade não colocaria obstáculos para o logro, o uso da força, da ameaça e dos assassinatos; e o *rigor da punição* devido a uma falha, se no mercado formal a pior consequência poderia ser o desemprego e a humilhação social (o que não é pouco, e que no limite coloca em risco também a sobrevivência, tanto física quanto psíquica), na criminalidade as falhas, se descobertas, teriam como punição a morte do faltoso (não haveria, em geral, espaço para uma pena intermediária, a reparação, o perdão social ou uma segunda chance).

Segundo Elton (pgs. 8 e 9), caso o “trabalhador” vire “nóia” seu *conceito* na criminalidade acaba, é execrado do grupo, se ele precisar de alguma coisa, como dinheiro ou uma arma, ninguém fornece. Ele não seria mais para a criminalidade um “*cara*

²⁸³ “dar pé”: cometer uma falha visível; dar motivo

guerreiro”, “que bate de frente” (expressões que exalam coragem e *virilidade*), mas se tornaria como um “*mendigo*”, “sem ninguém que cuide dele”, uma pessoa “largada no mundo”, com os vínculos com a criminalidade rompidos. Sabemos também que muitas vezes outros vínculos sociais também são rompidos (principalmente devido ao vício), como com a família, o trabalho, as amizades, de modo que a caracterização de “mendigo” não se afastaria muito da realidade.

Assim como para o mendigo, para o “nóia” a questão da autoconservação, da sobrevivência, estaria colocada diariamente, mas com um agravante, o maior risco de ser assassinado. Nessa situação haveria apenas uma solução, segundo Elton, a mudança de “quebrada”. Ir morar em outro bairro, em outro local da cidade, mas mesmo assim Elton explica que as chances de sobrevivência não seriam muito altas, pois a criminalidade local ficaria desconfiada do novo morador, e o investigaria até chegar ao bairro de origem, o que teria como consequência sua morte. Segundo Elton a melhor solução seria a mudança para uma cidade distante, mas nem mesmo assim a pessoa estaria a salvo, pois haveria o risco de “trombar” com alguém da cidade original no futuro.

Retornando à sua história, Elton diz que quando era criança ficava “trancado” dentro de casa, estudando para aprender a tocar violino. Vivia com sua “outra avó” (na Bahia e em Minas Gerais), que era “crente”, não deixava ele ir para a rua. Ia todos os dias da semana à igreja “Congregação Cristã”, além de participar das reuniões da igreja na própria casa dos fiéis. Segundo Elton tratava-se de uma igreja “bem rigorosa”, em que os homens não podem jogar futebol e colocar *short*, as mulheres não podem usar brincos, calça comprida, passar batom e cortar o cabelo.

Ao ser questionado, Elton diz que gostava dos cultos da igreja, mas se recusa a falar mais a respeito deles: “Não gosto de tocar tipo muito nesse assunto não, porque fui batizado, eu saí dessa igreja (rápido)”, “depois eu, desisti de tal forma, hoje em dia nem gosto muito de ficar falando muito, que atrasa mais a vida” (pg. 11). Parece haver uma cisão em Elton, entre o que ele era e acreditava antes e o que ele é e acredita hoje. Uma cisão que talvez tenha percorrido os caminhos da negação do que ele fazia e acreditava antes, talvez não pela via do pensamento, pois lhe parece custoso ou mesmo dolorido falar a respeito de tais crenças e vivências.

A ruptura teria se dado com a mudança do interior de Minas para a cidade de São Paulo. Descreve *sua* mudança como relacionada ao fato de que em São Paulo não havia ninguém para ir à igreja com ele e que sua avó (provavelmente a outra) não deixava ele ir sozinho, até o ponto em que ele “foi desistindo de ir” e começou a jogar bola, algo que

era proibido pela igreja, e no “campo mesmo aí eu comecei a conhecer os caras e fumar maconha. (...) aí já era, foi quando eu, abandonei a igreja” (pg. 12). Elton parece estabelecer uma relação entre fazer algo que era proibido pela igreja e envolver-se com a criminalidade, uma relação do tipo ‘quem quebra uma regra quebra por extensão a todas’ ou uma relação ‘quem quebra uma regra sofre uma punição por isso’?

Sobre sua infância disse ainda que era briguento na escola, que por isso fora expulso de três escolas, duas na Bahia e uma em Minas. Que sempre haviam uns colegas que iam “caçar assunto”, ou eram mais “folgadinhos”, mas que ele “não era bobo”, era mais forte e “quebrava porrada”, “quebrava eles”, que uma vez teria chegado inclusive a bater e a jogar uma pedra nas costas de uma diretora (pg. 12).

O entrevistador lhe pergunta por que ele achava que era tão briguento. Elton responde que ele não agüenta “desaforo”, até hoje, “eu sou daqueles que tipo, se falam um "a" comigo, eu falo "a", "b", "c" já. Quando me deixam nervoso, aí tipo é uma coisa que eu num penso na hora, eu saio falando mesmo, eu saio brigando logo” (pg. 13). Diz que é assim desde criança e que em casa brigava com seus dois irmãos, que eram mais velhos e muito unidos entre si. Foram irmãos que só veio a conviver com eles em São Paulo, embora fossem irmãos de mesmo pai e mesma mãe. Elton diz que os irmãos eram mais fortes e que se ele os desafiasse eles lhe batiam, mas que uma vez tentou matá-los à facadas, tendo chegado a desferir um golpe em uma briga. Desde outra briga que tiveram, em que ele tentou mais uma vez dar uma facada em um dos irmãos, ele e os irmãos se encontram distanciados, os irmãos já teriam chegado a lhe trair para inimigos seus e ele só não lhes mataria em respeito ao pedido que sua mãe lhe fez e devido ao sofrimento que iria causar para ela (pgs. 13 a 16).

Elton localiza a origem do desentendimento entre eles no fato dos irmãos lhe desprezarem, dizerem que ele havia sido “trocado na maternidade”, “porque tipo eles são branco, tá ligado?” (pg. 14). Os irmãos lhe chamavam de “macaco” e Elton diz que ouvia calado, pois se reagisse apanhava²⁸⁴. Além da questão da inveja entre os irmãos, aparece nesse trecho a questão do *racismo* e do *preconceito* em nossa sociedade, o que talvez se relacione com a própria negação dos laços fraternos por parte dos irmãos mais velhos. Elton continua seu raciocínio - nas duas vezes em que falou do racismo dos irmãos - dizendo que começou a fumar maconha e pegou “ibope”, *status*, até o ponto de “não querer saber mais dos irmãos” e de enfrentá-los tanto verbalmente quanto fisicamente (com uma peixeira). Ficamos com a impressão de que “fumar maconha” e “pegar ibope”

²⁸⁴ Elton poderia ser chamado de “mulato” ou “pardo”.

se referem a um envolvimento com a criminalidade de sua “quebrada”, e que tal movimento se relacionaria a uma forma de defesa e de fortalecimento, tanto externo quanto interno, narcísico, frente à força dos irmãos (pg. 15).

A questão da humilhação aparece com força na história de Elton, a hipótese de ser “briguento”, de não agüentar “desaforo” pode estar diretamente relacionada com o não tolerar e não permitir ser humilhado em hipótese alguma, se isso for possível. Ao entrevistador questionar se não seria possível as pazes com os irmãos hoje em dia, entre as suas falas que se seguiram, à sua resposta negativa, Elton diz “acho que eles qué que eu me humilho, tá ligado? (rápido)” (pg. 16). A respeito de sua entrada para a criminalidade, no entanto, um fator que deve ser levado em consideração é a sua mãe e seu avô terem envolvimento anterior com a criminalidade (não sabemos acerca da história de seu pai), o que provavelmente serviu de modelo e estímulo para ele.²⁸⁵

2ª Entrevista-Piloto:

Havíamos combinado previamente (o entrevistador com a unidade e com o jovem) uma duração para a entrevista de cerca de uma hora. Mas nesse dia, devido a um problema institucional, a entrevista, em vez de se iniciar às 15:00 h iniciou-se às 15:40h, estando restrita então a 15 min, pois o jovem teria também um outro compromisso em seguida. Devido a esse problema o entrevistador agendou uma outra entrevista com o jovem e com a unidade para a semana seguinte.

Logo no início dessa curta entrevista o pesquisador propôs um objetivo para a mesma: que o jovem falasse das histórias que ele ouviu na infância. O jovem lhe perguntou então se ele poderia falar de histórias que ouviu recentemente, o entrevistador respondeu que sim.

A primeira “história” lembrada por Elton, ele nos adverte tratar-se de uma história recente, mas, segundo nossa concepção, não se trataria propriamente de uma história, mas mais de uma idéia que se conversa, de uma idéia que circula, de uma expectativa de

²⁸⁵ Não podemos tão pouco descartar a hipótese de que uma imposição da religião de forma tão grande e rigorosa por parte de sua avó, que chegava ao ponto de trancá-lo e impedi-lo de sair para a rua, pudesse ser uma tentativa de protegê-lo desse histórico familiar, dessa influência. No entanto, com a chegada da adolescência e a mudança de ambiente social, Elton, assim como outros adolescentes, tem um movimento de oposição à autoridade familiar dos “pais”. Em seu caso tal movimento parece ter sido de oposição à autoridade “dos avós”, o que teria atingido também os valores e crenças que tentavam lhe transmitir.

história a se realizar no futuro. No entanto, segundo uma concepção bastante ampliada de “história”, como um fato de que se fala a respeito, seja ele fictício, futuro ou passado, tal idéia poderia ser vista como uma espécie de história. Por isso e para que a entrevista fluísse, o entrevistador respondeu afirmativamente quando o jovem lhe perguntou se se tratava de uma história.

Tal fato comentado pelos jovens da unidade ainda não havia se realizado, mas tratava-se de uma especulação pertinente acerca do próprio futuro deles. Para o pesquisador soou como uma espécie de *revelação* que Elton fazia para alguém de confiança, sob a proteção do sigilo da pesquisa, sobre o que se comentava no pátio, entre os jovens internados a respeito do futuro deles próprios. Pois o discurso da instituição (do qual sabemos a partir de nossa experiência), ou o discurso que muitas vezes os jovens se vêem compelidos a dizer é que eles estão arrependidos do que fizeram, que vão deixar a criminalidade e vão se esforçar por se regenerar, por meio do estudo e principalmente do trabalho honesto.

No entanto, Elton nos diz que no pátio “todo mundo fala que no futuro, ninguém vai querer trabalhar saindo daqui, tá ligado? Todo mundo vai querer roubar e já era!” (pg. 1). São frases de impacto, que dizem do “querer”, da vontade dos jovens de não trabalhar honestamente e de “continuarem” com os atos delinquentes, vontade essa que iria contra o objetivo oficial da instituição Febem, que seria o da “recuperação” do jovem para o convívio social mais amplo, longe da criminalidade. Mais abaixo Elton continua, dessa vez acrescentando à vontade dos jovens o que se fala de que na sociedade ninguém aceitaria eles (supomos que para trabalhar): “Ninguém quer trabalhar e tal! O mundo... o mundo fala que do jeito que tá sendo aí... na sociedade ninguém aceita nós aí e tal. O pessoal fala, né? É uma história que eu ouvi!”

Mais adiante, ele conta uma história propriamente dita, que teria ouvido também recentemente, na Febem, de um educador ou ator que lhes visitou e contou passagens de sua vida para os jovens (pgs. 2 e 3). Elton disse não ter gostado de ouvir a história, mas, no entanto, a conta para nós e tece comentários a respeito, talvez um sinal de que a história tenha sido bem contada e que ele a ouviu com atenção.

Ao ser questionado se ele não tinha ouvido outras histórias Elton responde que sim, mas que têm histórias que não têm sentido, como histórias sobre Deus. Como por exemplo, a história que o “pessoal fala também que Deus vai voltar e não sei quê... Pode até ser, né? Num duvido, né...” (pg. 3). Nessa frase aparece uma ambiguidade, uma dúvida, expressa tanto na negação da dúvida (“num”) quanto no “pode até ser”. Tal ambiguidade pode ser

um sinal de respeito em relação às entidades em que acreditava anteriormente, mas pode ser também sinal de um conflito interno ainda não resolvido, motivo talvez de ter recusado a falar a respeito do conteúdo dos cultos a que assistiu quando criança na entrevista anterior.

Mais adiante mostra-se mais decidido e com menos ambiguidades, quando diz que há muita “ficção” em ir à igreja, que isso não é necessário, que pode-se orar para Deus de qualquer lugar, e quando nega a moral sexual da igreja, chegando a dar risada dela. (pg. 3).

Diz que na época em que frequentava a igreja ouviu muitos “testemunhos” (pessoas que testemunhavam a ação de Deus em suas vidas). Ele nos conta três testemunhos, sem estabelecer uma crítica sobre eles. O primeiro parece ser o que mais lhe impressionou, diz de um aviso que fora dado a uma pessoa, na igreja, de que algo iria sair da televisão e atacar a pessoa, quando ela estava em sua casa uma águia teria saído da televisão e a machucado, “a finalidade mesmo era prá tirar a televisão dentro de casa, a televisão eles fala, que aaaa televisão é do diabo” (pgs. 4 e 5).²⁸⁶

Conta mais um testemunho, de uma pessoa que era pobre e fez voto a Deus, que a ajudou e a pessoa enriqueceu. Mas relativo a esse Elton mostra uma crítica, dizendo não saber se é verdade, se foi Deus mesmo que ajudou (pg. 5).

Ao ser questionado, responde que ouvia também muitas histórias da Bíblia na igreja, que eram lidas e depois explicadas pelo “cooperador” (pg. 6).

3ª Entrevista-Piloto:

Essa foi a entrevista em que o jovem mais falou, seu conteúdo foi muito rico, procuraremos nos ater àqueles trechos mais importantes para esta pesquisa. Para esse último encontro o entrevistador propôs a continuidade da temática anterior, que Elton falasse das histórias que escutou, das histórias de que se lembra.

Elton, a princípio, traz o mesmo assunto que iniciou a entrevista passada, o que o “pessoal” diz sobre sair da criminalidade, mas dessa vez sob um novo ângulo, o de que o “pessoal” diz que vai sair da criminalidade mas não sai. Um exemplo que ele citou foi o

²⁸⁶ Tal temática da televisão como ameaçadora ou uma porta aberta para o sobrenatural aparecerá também na terceira entrevista grupal.

da sua própria mãe, que disse que tinha parado com a criminalidade, que o crime “é ilusão, que não serve prá ninguém, muito mais prá mim, que era o filho dela”, mas foi presa de novo, pela terceira vez (pgs. 1 e 2). Essa referência ao mesmo tema, mas dessa vez sob um ângulo diferente (que mostra uma outra posição, dessa vez contrária à permanência na criminalidade), e logo como um dos primeiros emergentes dessas duas entrevistas, são uma mostra do conflito interno que devia estar presente em Elton, conflito que se projeta sobre seu futuro.

Após comentar sobre o dia-a-dia na Febem, contou a história que ouviu de outro “mano” internado: a da *maldição do corpo seco* (pgs. 3 e 4). Maldição que uma mãe teria jogado no filho porque ele a chamara de “velha”, por isso o filho teria ficado sem suas faculdades mentais normais, não reconhecendo os entes queridos, sem querer falar com ninguém, e com o corpo seco, esquelético, e com unhas e cabelos que cresciam desmesuradamente. Interessante nessa história é o lugar ocupado pela mãe, de alguém capaz de amaldiçoar o próprio filho, levá-lo a uma espécie de depressão ou loucura e como que sugar-lhe a vida, semelhantemente, talvez, ao lugar e às fantasias relativas à mãe de uma criança pequena, um bebê (e às suas próprias fantasias de sugar a mãe ao amamentar-se). A mãe que, de nutridora e benfeitora se tornaria malfeitora e deixaria de nutrir: fisicamente, deixando de *amamentar*, já seria o suficiente para se adquirir um corpo esquelético no caso de um bebê; deixar de *cuidar* do filho teria como consequência o crescimento das unhas e cabelos; ambos poderiam estar relacionados a uma ausência de nutrição *afetiva*, que levaria à alma seca. Ao nos lembrarmos da obra de Winnicott, *Privação e Delinquência*, poderíamos pensar nessa maldição como o pesadelo de muitos delinquentes.

Outra história que diz ter escutado de um “mano” na Febem, é a de um jovem que disse ter visto um disco-voador (pg. 4). A esse respeito Elton disse que não acreditava mas que também não ia desacreditar, numa postura de dupla negação, em que além de se manter numa posição de dúvida não corria o risco de confrontar a palavra do “mano”²⁸⁷. Nesse campo do sobrenatural ainda recorda-se que dizem que quando alguém da família morre, a alma passa pela casa dos parentes e faz barulhos com objetos, que ele mesmo já presenciou um caso desses (pgs. 4 e 5).

²⁸⁷ Essa discussão sobre discos-voadores e seres sobrenaturais vai aparecer também na terceira entrevista grupal, com posições semelhantes à que descrevemos de Elton acerca de acreditar e desacreditar.

Ao ser questionado se ele contava histórias como essa para os outros jovens, Elton diz que apenas de vez em quando, pois os outros dizem que é mentira (pg. 5). No entanto, diz que contava histórias “tipo reais” para os outros, de roubos, mortes, sequestros (pgs. 5 e 6), algumas das quais ele havia presenciado.

Diz que contam entre si muitas histórias, nos quartos em que ficam trancados, onde não há televisão nem livros, por “curtição”, prazer (pgs. 6 a 8), principalmente histórias envolvendo mulheres. Já as histórias dos crimes que teriam cometido ele diz que poucos falavam, pois “ninguém gosta muito deee ficar comentando não, senhor”, “de ficar lembrando do sofrimento, do que passou...”, “*Todo mundo gosta de fugir da realidade que nós tá.*” “Tipo ficar na imaginação, e tal... tem horas que eu fico imaginando as fitas... castelando e pá...”, como, por exemplo, fazer “castelos de areia” na imaginação sobre relações sexuais com funcionárias da instituição. Elton dá exemplos de “castelos” construídos *coletivamente* num quarto, no diálogo lúdico entre os jovens, em que “interpretam” a si mesmos comentando das aventuras sexuais que teriam tido com as funcionárias. Tais construções, no entanto, configuram-se enquanto histórias? Por um lado não, pois não teriam durabilidade no tempo, servem apenas ao momento, a um prazer momentâneo. Como diz Elton, seria uma maneira de “*fugir da realidade*”, assim como os castelos de areia, sumiriam depois de prontos. Por outro lado são construções simbólicas, que marcam lugares e constroem maneiras substitutas de se lidar com a sexualidade na ausência de contatos significativos com figuras femininas e no ambiente coletivo de convivência institucional com outros rapazes.

Outras maneiras daquela fuga, ou de se distrair nos quartos seria cantarem músicas de RAP, nesse caso poderíamos ter a presença de histórias compartilhadas (desde que a letra não fosse apenas repetida, sem um pensamento a respeito do que é dito).

Uma outra maneira seria dançarem, mas então Elton frisa que essa última seria restrita apenas aos quartos (pg. 8), pois no pátio “tem de mostrar postura, né sr.? Porque pá... um monte de vagabundo, né?”. Tal postura a ser mostrada se destinaria principalmente aos outros jovens, os “vagabundos”²⁸⁸, embora não exclua também alguns funcionários, que poderiam “sentir a fraqueza do mano e querer bater nele”. Conforme Elton explicita, “se não mostrar postura alguém vai querer sentir fraqueza com a tua pessoa, tá ligado? Vai querer ver que você

²⁸⁸ Em nossa sociedade (paulista) o termo “vagabundo” tem uma valoração muito negativa, associado àqueles que não trabalham e não gostam de trabalhar, não sabemos se o uso dele por parte do jovem se deu por uma internalização com o modo como são chamados os jovens por alguns funcionários da instituição, o que seria bastante negativo, ou se tal modo de se auto-referirem já viria de fora, do “mundo do crime” ou dos bairros em que moram.

é mais fraco que alguém, então... não tem que demonstrar isso prá ninguém, você tem de ser firme, tá ligado? (rápido) Se o cara falar “a” pro cê, cê tem que falar “b, c e d”, falar o abecedário todo prá ele, tá ligado?”. As fraquezas não podem ser mostradas, apenas as forças, a pessoa tem de ser “firme”, ligeiro, responder as provocações com outros ataques, maiores do que o que recebeu, demonstrando força e coragem (atributos viris) nesse momento (tal temática retornará na análise da 2ª entrevista grupal).

A “brincadeira”, que eles chamam de “mula” ou “galinhagem”, seria mais tolerada nos quartos. Caso o jovem faça muitas “galinhagens” no pátio ele pode ficar conhecido como um “galinha”, um “crianção”, e ficar sem “conceito” e excluído tanto entre o grupo de jovens quanto entre os funcionários (pgs. 8 e 9). Segundo Elton, o fazer “mula”, no sentido de brincadeiras “de mão”, envolvendo certa violência física contra outro jovem, seria uma maneira da “cadeia não pesar” para o agressor, “começo a tirar mula com ele, tirar, tirar, tirar todo dia, tá ligado? Aí tiro com ele, tiro com você, vou prá outro, volto prá ele... e sempre assim, sempre dando risada, fico o dia inteiro dando risada, aí quê que acaba acontecendo? Cê acaba esquecendo que cê tá preso, tá ligado?”, pois “geralmente fica mais alegre e tal...”, “só que aí, não vai tá pesando a dele vai tá pesando a de outro mano, tá ligado?”, esse seria um dos motivos do agressor ficar mal conceituado. No entanto, enquanto seja nos quartos a “mula” seria tolerada, pesaria menos para o agressor, pois haveria uma regra entre os jovens de que algo que “acontecer no barraco nós não pode descer prá baixo, falar prá ninguém”. Inclusive para se contar e ouvir histórias o quarto seria um espaço privilegiado, nele haveria também uma maior preocupação com o “mano” ao lado, onde um tentaria ajudar o outro: “cê quer saber o que tá se passando com o mano, tá ligado, vê se você pode dá uma assistência pro mano, na cadeia dele, tá ligado? “Ô, tá acontecendo alguma coisa, e tal?” Tipo pá, você escuta essas fita aí” (pg. 10).

Ao ser questionado, Elton diz que contam histórias da criminalidade nos quartos também, e cita algumas histórias que ocorreram com outras pessoas. Conta uma história de inveja e de traição dentro da criminalidade (pgs. 11 e 12) e diz que traição é algo que “o crime não admite”, como se fosse uma lei do “mundo do crime”.

Elton diz haver outra lei também na criminalidade, de que não se pode roubar os vizinhos e justifica-a: “Tipo nós tamo todo mundo tipo no mesmo barco, tá ligado, sr.? Todo mundo tááá se arriscando, tá colocando as cara no crime ali, tá ligado sr., pá...”, “Prá ter alguma coisa na vida! Então tá se arriscando pros outros? As fita que você tem, os outros vem roubar suas fita aí?”, “o pouco que ele conseguiu ganhar soube investir numas roupa e tal, umas moto, uns carro e pá, na família... O cara vai chegar e vai roubar?” (pg. 13). Mas tal justificativa não seria válida para a condenação do roubo para a sociedade em geral? A única diferenciação do argumento seria que na criminalidade haveria um “risco” maior, mas o argumento não continuaria válido se

substituímos “risco” por “sacrifício”, “esforço” ou “suor”? A lógica que parece operar nessa “lei” da criminalidade seria outra então, a nosso ver a da psicologia dos grupos, em que se faz um pacto de não agressão intra-grupal, um pequeno contrato social, que colocaria todos habitantes da “quebrada” como iguais, no “mesmo barco”, e aqueles habitantes de fora como diferentes, como passíveis de sofrerem a agressão do roubo²⁸⁹.

Ao ser questionado, Elton diz que quando era criança não costumava ouvir histórias de seus familiares e que tão pouco haviam rádio ou televisão em sua casa, pois sua avó não permitia (pgs. 14 e 15). Elton parece ter tido maior contato com a televisão e o rádio apenas quando se mudou para São Paulo (pgs. 15 a 17). Diz que gosta de ouvir mais pagode e RAP, gênero do qual cita os artistas: *Racionais, Sabotagem, [...] do Crime e Consciência Humana*. Sobre televisão, disse que costumava assistir às três novelas da Rede Globo (o que ainda fazia, talvez parcialmente, na Febem), “Malhação” e clipes de música (como muitos jovens de sua idade). Também disse que gostava de assistir a desenhos, como o “Dragon Ball GT” e o “Pernalonga”²⁹⁰. Assistia também filmes no vídeo-cassete, com seu tio, principalmente lançamentos, cita como filmes que mais gostou “Mais velozes, mais furiosos”, “Matrix” e “O caçador de vampiro”. Ao cinema relatou ter ido apenas uma vez, assistir a “Guerra nas Estrelas”.

O entrevistador lhe questiona o que ele fazia em casa, já que não podia sair nem assistir televisão ou ouvir rádio quando era criança, ele responde que ficava vendo o “Bona” e tocando violino. Chama a atenção ele não ter dito que ficava brincando com outras crianças ou mesmo sozinho, não sabemos acerca desse aspecto.

O entrevistador pergunta se ele se recorda de alguma história para crianças como uma lenda ou um conto de fadas, que ele tenha ouvido ou assistido, ele diz que não (pg. 17). Mas ao ser mais estimulado lembra-se de um desenho que assistiu já na Febem, que gostou muito e assistiu umas cinco vezes, ele não se recorda do nome, mas provavelmente tratava-se de “Shrek” (uma sátira aos contos de fada). Recorda-se também de “O rei leão” (pg. 18), mas diz que tomou contato com tais produções apenas a partir de sua mudança para São Paulo, quando teria ficado “mais apegado” à televisão.

²⁸⁹ Sabemos, no entanto, que o roubo a “pedestres” (a partir de nossa experiência) e idosos (vide 2ª entrevista grupal, pg. 9) é mal visto de maneira geral (em qualquer lugar) na criminalidade mais profissional (traficantes e ladrões experientes).

²⁹⁰ Caso ele conseguisse assistir a todos esses programas diariamente seria uma carga diária de televisão bastante elevada (maior do que 5 horas)!

Ao anunciar a proximidade do término da entrevista, o entrevistador fez algumas perguntas mais diretas para Elton, como o que ele achava das histórias que ele ouviu na sua infância (as da igreja), se ele achava que tinham feito bem para ele ou que ele houvesse aprendido algo com elas. Sua resposta (pgs. 18 a 20) é muito pertinente para a pesquisa, diz que achava que as histórias tinham feito bem para ele e que ele tinha aprendido alguma coisa com elas. Diz que às vezes ele pensa em fazer alguma besteira, mas então ele se recorda de sua infância, “Quem te socorreu, com quem que você viveu, no quê que você viveu”, e não a faz:

“Tipo igual hoje, tá ligado? Eu tava nervoso, e tal, deu uma hora que eu [...] pegar umas cadeiras, dar umas cadeiradas nos funça (funcionários) lá, tá ligado? E tal... Aí tipo eu fiquei pensando, “não, pá, vou fazer uma prá eu ir embora e tal”, tá ligado? Eu pensei... “tem minha vó lá fora que é crente e tal...”. Quando eu sair daqui vou parar com o crime também, tá ligado? Tipoooo, eu vou dar uma alegria prá ela, tá ligado? Ela tá de idade... eu vou dar uma alegria prá ela e voltar a ser crente de novo, tá ligado? Ficar de boa e tal...”, “Porque influi muito na sua vida hoje em dia... aquilo que você viveu lá atrás influi muito hoje em dia”

Nesse trecho vemos talvez mais a influência do amor que a família tinha para a criança do que propriamente das histórias que ela ouviu, mas as histórias seriam dissociáveis desse amor? O entrevistador lhe pergunta se as histórias que ouviu lhe influenciavam hoje em dia, ele responde:

“- Já é um motivo a mais prá você não ficar muito no crime, tá ligado?

- (e.) É? Por que, Elton?

- Porqueee tipoooo, tipo assim, na religião que eu ia, tá ligado? Falavam que tipooo, o pessoal do crime, que não vai prá igreja, não vai ter tipo a salvação prá sua alma, tá ligado? Então já é um motivo já, tá ligado? Você pensa e tal, “Não vou ficar no crime aí, tô a pampa e tal, vou salvar minha alma...”, certo?

- (e.) Anham.

- Tipooo... todo mundo tem que se apegar em alguma coisa, né sr.? Nessa vida... porque o certo é que, mais cedo ou mais tarde nós vai morrer, né sr.?

- (e.) Humhum.

- Todo mundo tem que se apegar em alguma coisa... então é nessa fita que eu me apego, né, sr.? Porque nós temo a alma e tal...”

Sua explicação prossegue com ele dizendo que a existência do homem no mundo tem que ter um sentido e que para ele o sentido era aquele que a religião em que ele foi criado desde pequeno pregava:

“- Que nem então, de que ia adiantar nós viver que nem nós no mundo aquiii, depois vai morrer e já era tal? Tudo tem que ser num, tudo tem que ser num sentido, né? (rápido)

- (e.) Humhum.

- E é esse sentido aí que eu venho... fui criado desde pequeno, né sr.?”

“Tipo tá lá, tá na Bíblia, tá ligado sr., tipooo aquele que não for salvo, tá ligado, nos fim dos tempos lá, tá ligado? Vai ficar queimando no fogo eterno, tá ligado? E aquele que Deus... for salvar, vai prá coroa dele, vai ficar do lado dele e não sei o quê... E não vai ter pecado lá em cima, tá ligado, onde [...] eu posso ficar lá em cima não tem pecado...”

Em seguida Elton diz que “lá em cima” não vai haver “aquela ambição de ganhar dinheiro e tal...”, o que nos faz supor que para ele um dos maiores pecados seja essa ambição. Mais adiante Elton continua:

“É por isso queeee, de vez em quando se fala queeee, que eu vou parar com o crime, tá ligado? Pelo seguinte”, “Porqueeee, eu tenho isso na minha mente, tá ligado? Tá na Bíblia: “Aquele que conhece a verdade e não segue na verdade, vai ser mais ainda amaldiç- amaldiçoado” e tal.”, “Tipo eu, já fui batizado e tal... E não tô lá na igreja e tal. Então, por esse motivo que eu tô preso então, sr.. Tipo eu quando eu saio da igreja e tal só vivo batendo a cabeça e tal. Fico só batendo a cabeça, batendo a cabeça, eee não ganho nada com o crime! E é uma bosta! Naquele lugar, moro no mesmo lugar ainda... Minha situação não num melhorou em nada, tá ligado? [...] vou voltar prá igreja, [...] coisa, tá ligado, sr.? O barato é o seguinte, porque eu nunca fiquei preso, nunca dei preocupação prá minha família, tá ligado?”, “E ainda tem esse bagulho da sua alma também, né sr.?”.

Nesse trecho Elton parece ter debitado seu insucesso na vida do crime a ter saído da igreja, como se fosse o cumprimento da maldição que estaria na Bíblia, uma *punição* por ele ter abandonado a religião. À essa frustração no presente ele acrescentou a frustração no futuro, da alma, e também a questão da segurança e da tranquilidade (que aparecerá também nas entrevistas grupais): fora do crime você

“fica seguro também, cê dorme mais sossegado na sua casa...”, “Acho assim que no crime, acho que ninguém dorme, né?”, “Você não sabe se você vai virar a esquina ali se alguém vai te matar! Ou se a polícia vai te matar! (interpretando, com suspense, prazer) Agora se você for crente assim... ninguém vai querer mexer com você, todo mundo vai te respeitar no bagulho...”.

O conflito entre os valores da religião e os da criminalidade, que já aparecera na primeira e na segunda entrevistas retorna com mais vigor nessa última. No início dessa Elton parecia em dúvida a respeito de qual opção tomar, talvez a lembrança de histórias em que não acreditava nem desacreditava naquele momento não tenha sido por acaso, tão pouco a lembrança da história da mãe ameaçadora e “amaldiçoadora”, pois o destino e a fala da mãe poderiam pairar como ameaças e maldições para ele. Qual havia sido a fala da mãe? Que ela tinha deixado a criminalidade, que essa era uma ilusão, que não servia para ninguém, muito menos para o filho dela. Mas no entanto, qual foi o destino imediato da mãe? Permaneceu na criminalidade (provavelmente) e foi presa. A ameaça seria ele também dizer que deixaria a criminalidade mas não conseguir, a *maldição* seria seguir o destino de sua família (particularmente da mãe). Ao contar a respeito das histórias da Febem e da criminalidade parece, no entanto, identificado com os valores da criminalidade. Mas ao final, quando lhe é demandada uma reflexão maior sobre o papel das histórias religiosas que ouviu quando criança, reconhece a importância dessas para ele e o sentido de seu estar no mundo e mostra-se convencido a deixar a criminalidade e se tornar “crente” novamente, opção que lhe daria inclusive respeito, podemos pensar, e também “conceito” e reconhecimento no local onde mora. No entanto, não afirma

categoricamente, com certeza, que iria deixá-la nem o que faria para se sustentar, o que nos faz pensar que o conflito continuava presente.

Para esta pesquisa surge uma questão: se ele ouviu tantas histórias religiosas que condenam a criminalidade e que transmitiriam outros valores que não apenas a conquista de dinheiro e *status* quando criança, por que ele se envolveu com ela quando adulto? Talvez outros fatores tenham pesado mais: como seu histórico familiar; o histórico de sua infância e suas relações familiares; a mudança de um ambiente muito restrito e recluso (sua vida no interior) para um ambiente muito amplo e aberto (sua vida em São Paulo); o conflito entre os valores da avó e do interior, anteriores, e os novos valores da cidade grande; a mudança de realidade social e de “família”, concomitante com a chegada da adolescência e o questionamento dos valores e das autoridades da infância, que são característicos na adolescência; a influência e a importância dos valores e atitudes do grupo de pares para o jovem.

Isso, no entanto, não significa que as histórias que ouviu não tenham nenhum peso em suas atitudes presentes, como ele mesmo colocou a influência existiria e lhe impediria de ter algumas atitudes pouco pensadas e agressivas. Consideramos, inclusive, que houve um momento em que as histórias foram muito importantes para suas atitudes, mas pelo negativo, um momento em que ele teria agido pelo oposto ao que elas abertamente defendiam, mas isso é uma especulação nossa.

5b - Dados dos consentimentos informados das entrevistas grupais

- idade na ocasião das entrevistas:

Adriano: 16 anos

Émerson, Marcelo, Mateus, Paulo e Pedro: 17 anos

Edson: 18 anos

- local de nascimento:

Adriano, Edson, Émerson, Mateus e Paulo: São Paulo

Marcelo: Guarulhos

Pedro: pequena cidade do interior de Pernambuco

- local de origem do pai e da mãe:

Adriano: Recife, Pernambuco, ambos

Edson: pequena cidade do interior de São Paulo, o pai; São Paulo, a mãe

Émerson: São Luís, Maranhão, o pai; Recife, Pernambuco, a mãe

Marcelo: pequena cidade do norte de Minas Gerais, ambos

Mateus: provavelmente Minas Gerais, o pai; Bahia, a mãe

Paulo: Belo Horizonte, Minas Gerais, ambos

Pedro: mesma cidade do interior de Pernambuco, ambos

- tempo de residência em São Paulo:

Adriano, Edson, Émerson, Marcelo, Mateus e Paulo: desde o nascimento

Pedro: desde os 10 anos

- local de residência no município de São Paulo:

Adriano, Edson, Émerson, Marcelo e Mateus: periferia da Zona Leste

Pedro: Zona Leste

Paulo: ? (local não identificado no mapa)

- com quem reside e desde quando:

Adriano: com o pai, a mãe e uma sobrinha (desde o nascimento)

Edson: com a mãe (desde o nascimento, mas apenas com ela há um ano e meio)

Émerson: com a mãe e 3 irmãos (desde o nascimento)²⁹¹

Marcelo: com sua namorada (há cerca de um ano e meio)

Mateus: com a irmã, o cunhado e uma sobrinha (há 2 anos)

Paulo: com a mãe e 2 irmãos (desde o nascimento)

Pedro: com o pai, a mãe e um irmão (desde o nascimento)

- tempo de internação na **UI - 19** quando do início da realização das entrevistas:

Pedro: 7 meses

Edson: 6 meses

Paulo: 5 meses

Adriano e Émerson: 4 meses

Marcelo e Mateus: 2 meses

- **escolaridade:**

Mateus: 1º colegial

Edson: 8ª série

Émerson e Paulo: 7ª série

Adriano: 6ª série

Pedro: 5ª série

Marcelo: 3ª série

Num primeiro momento, o que podemos depreender desses dados?

Primeiro, que para os jovens das entrevistas grupais a faixa etária pouco variou, estando na média em torno de 17 anos.

Já a *escolaridade* dos jovens mostra-se com uma variação bastante grande, da terceira série do 1º grau à primeira série do 2º grau. No entanto tal dado não diz com clareza a respeito da alfabetização dos jovens, do domínio da leitura e escrita. Quanto a essa última o único jovem que apresentou dificuldade para preencher de próprio punho

²⁹¹ A partir das entrevistas podemos supor, no entanto, um período em que viveu junto do pai também.

os “dados de identificação” do Consentimento Informado (nome completo, idade, local de residência e instituição em que estava) foi Pedro²⁹².

No entanto, podemos averiguar a defasagem entre série e idade para os jovens do grupo: todos os jovens apresentavam mais de 2 anos ou mais de defasagem entre a série que cursavam e a série em que poderiam estar de acordo com a idade deles. O jovem com a menor defasagem é Mateus, já aquele com a maior defasagem é Marcelo, 8 anos.²⁹³

Relativo ao *local de residência*, ao menos 5 dos 7 jovens residem na periferia da Zona Leste paulistana, um outro também na Zona Leste, mas num bairro mais central. Tal dado é um indício de compartilhamento de ambientes sociais em comum para os jovens do grupo, provavelmente também bairros com características bastante semelhantes entre si, pois quase todos seriam “de periferia”, habitados em sua maioria por classes sociais mais pobres.

Quanto ao *local de nascimento*, 5 dos 7 jovens nasceram no município de São Paulo, um deles num município vizinho e apenas um dos jovens é um migrante, tendo nascido num local completamente diferente, uma pequena cidade do interior de Pernambuco (talvez ainda na zona rural do município, conforme descrições de sua infância nas entrevistas grupais) e se mudado para São Paulo aos 10 anos²⁹⁴.

Já relativamente à *origem dos pais* o local se mostra quase que o inverso do quadro exposto anteriormente, pois com exceção de uma mãe, nenhum dos pais dos jovens é natural de São Paulo, sendo que além dessa apenas o marido da mesma seria paulista (trata-se dos pais de Edson). Haveriam ainda 7 pais nordestinos e mais 5 pais mineiros. Dos 14 pais 7 seriam de pequenas cidades, 6 de grandes cidades (capitais) e 1 de uma metrópole, São Paulo.

Chama a atenção o descompasso entre a origem dos pais e a origem e o local de vida dos filhos. No único caso em que a origem de ambos os pais e a do filho é a mesma (Pedro), haveria um descompasso entre o tempo e o período vividos pelos pais em São

²⁹² Apenas a primeira página do Consentimento Informado era preenchida pelo próprio jovem. Mas esclarecemos que tal preenchimento não tinha por finalidade averiguar a capacidade de escrita ou leitura do jovem.

²⁹³ De acordo com nossa experiência de Febem tal defasagem dos jovens do grupo é comum na instituição, embora venha caindo ano a ano.

²⁹⁴ Sob esse aspecto haveria uma semelhança com Elton, o jovem da entrevista-piloto, que teria se mudado para São Paulo aos 11 anos, vindo também de uma cidade do interior de um estado que não São Paulo e localizado a nordeste deste.

Paulo (apenas os últimos 7 anos, já na fase adulta) e o tempo vivido para o filho (quando 7 anos é muito e atinge a fase da adolescência).

Relativo a *com quem vivem e desde quando* foi o item que mostrou a maior variação. Chama a atenção, no entanto, que apenas 2 dos jovens disseram viver atualmente com o pai, por outro lado 5 dos jovens disseram viver desde o nascimento com a mãe e aqueles que vivem com o pai vivem com a mãe também²⁹⁵. Não há nenhum caso de jovem que viva apenas com o pai. Foge ao comum o caso de Marcelo, que vive com a namorada apenas desde os 15 ou 16 anos.

5c - Breve descrição do processo das entrevistas grupais

- Relativo ao processo das entrevistas grupais:

- Na terceira entrevista grupal realizamos uma mudança do enquadre, pois a primeira entrevista não se mostrou suficiente para que todos falassem das histórias de suas vidas (três não haviam falado), assim a segunda entrevista grupal teve uma tarefa semelhante à da primeira. Como para a segunda tarefa já prevíamos que uma só entrevista não seria suficiente, pois ela era complexa e ampla, recombinações com a instituição, primeiramente, e com o grupo de jovens a realização de uma quarta entrevista grupal.

- Entre a terceira e a quarta entrevistas o setor técnico da unidade (UI - 19) realizou um pedido para o pesquisador, que ele explicasse em algum momento para os membros do setor do que se tratava a pesquisa. O pesquisador agendou um dia e um horário com o referido setor e realizou a sua explicação, no entanto, em tal data poucas foram as técnicas que estavam presentes. O motivo das ausências seriam problemas institucionais inesperados.

- Relativo ao processo de transcrição:

As entrevistas foram gravadas em fitas cassete, as vozes eram as de um grupo de sete rapazes, alguns com vozes muito semelhantes entre si, talvez devido à mesma faixa etária, ao que se somou a voz do entrevistador, também masculina, fatores que

²⁹⁵ Sabemos das entrevistas grupais que Edson, Émerson e Marcelo já chegaram a viver com os pais (ou padrastos). Já da entrevista-piloto Elton mantém o padrão do grupo, não vivendo atualmente com o pai. E quanto a Mateus e Paulo?

dificultaram o processo de transcrição, particularmente a decifração de falas muito velozes, ou sobrepostas com outras falas ou barulhos (externos em geral), e a identificação quem estava falando na ocasião. Quando a identificação não se fez possível, grafou-se um *hífen* (-) onde deveria haver o nome de um jovem, ou mesmo do entrevistador. Quando algo foi dito, mas não se tornou inteligível, grafamos três pontinhos entre colchetes ([...]).

Um outro fator que pode ter sido um complicador da decifração das falas muito velozes é o grande número de gírias (ou utilizações com significado próprio de termos comuns) utilizadas pelos jovens, isso, mesmo levando-se em consideração que o pesquisador já conhecia grande parte delas.

6 - Análise

Esse capítulo de análise refere-se basicamente às entrevistas grupais, nele procuraremos nos focar no movimento grupal, com referencial teórico predominantemente da teoria psicanalítica de grupos de Pichon-Rivière e de René Kaës. Isso, sem deixar de estabelecer relações com outros autores de relevância para as finalidades da investigação, autores referenciados à psicanálise, mas também W. Benjamin. Salientamos que a análise baseia-se em dados de uma pesquisa realizada a partir do método da teoria de grupos de Pichon-Rivière, que tem seu foco no acontecimento grupal.

Seguem-se agora as quatro análises das quatro entrevistas grupais²⁹⁶:

6a - Análise da 1ª entrevista grupal

A fim de um melhor acompanhamento da análise e para facilitar a compreensão de cada entrevista, vamos subdividir a transcrição das entrevistas (que seguem em anexo) por etapas, e nomeá-las sinteticamente:

- Descrição sintética da 1ª entrevista:

Abertura	(pgs. 1 - 4 da transcrição)
Edson conta sua história.	(pgs. 4 - 6)
Émerson conta sua história	(pgs. 6 -11)
História de Émerson, outros e atualidades	(pgs. 11 - 16)
História de Adriano	(pg. 16)
Histórias da criminalidade	(pgs. 16 - 22)
Marcelo contou sua história	(pgs. 22 - 28)
Fechamento	(pgs. 28 - 31)

²⁹⁶ Lembramos mais uma vez que todos os nomes dos jovens foram trocados, assim como os seus apelidos e quaisquer referências a local de residência, parentes ou conhecidos que pudessem identificá-los, como especifica o E.C.A..

- Abertura

- O fato de o entrevistador ter lembrado em grupo o objetivo da pesquisa (pg. 2) pode ter colocado um *objetivo de fundo* - paralelo à tarefa explícita daquela entrevista em grupo em específico - para aquela entrevista, um objetivo de falar da violência, da adolescência e de histórias, ou melhor, através de histórias. Corroborando essa hipótese pôde se observar que embora a *tarefa explícita* tenha sido a de “*falar um pouco da vida*” desde a primeira infância, as primeiras lembranças, passando pela adolescência até hoje em dia (pg. 3), os assuntos tratados nessa entrevista grupal tiveram como foco principal ocorrências da adolescência, em geral associadas à violência e à criminalidade.

Esse “objetivo de fundo” não teria ocorrido apenas nessa entrevista, mas teria perpassado as demais. A esse respeito uma *hipótese* a ser destacada, é a da sobreposição para os jovens do lugar institucional do psicólogo da FEBEM com o lugar do coordenador do grupo, por esse também ser psicólogo. Como a FEBEM tem a sua ação institucional voltada para adolescentes que infracionaram ou cometeram uma violência socialmente intolerável e como um dos eixos da pesquisa é a questão da violência entre adolescentes, é possível que haja uma certa identificação, para os jovens, entre o psicólogo-pesquisador e o psicólogo-da-FEBEM²⁹⁷. Tal identificação poderia levar a uma transposição de um discurso de arrependimento e de “nunca mais retorno para a criminalidade”, fingido, comum em alguns jovens, para o pesquisador e a própria pesquisa.

A respeito dessa questão do guiar-se pelo citado “objetivo de fundo” outras hipóteses poderiam ser formuladas, como se tratar também de uma resposta aos questionamentos dos pais, dos adultos em geral, da mídia, dos funcionários da FEBEM, como um discurso explicativo. Uma outra - a ser melhor investigada - relaciona-se à questão do *sentimento de culpa*: o fato de explicarem seus envolvimento com a violência e a criminalidade poderia ser atribuído a uma necessidade de justificação que se imporia a partir de um sentimento de culpa (a “explicação” ocorreu para alguns jovens nesta entrevista: Émerson, Edson, Marcelo, e para Paulo, na segunda entrevista).

²⁹⁷ Para os jovens, a principal função do psicólogo da FEBEM é a de elaborar os relatórios, relatórios esses que irão ou não argumentar, para o juiz, que o jovem está apto para deixar o regime de internação. O psicólogo ocuparia então um lugar de poder, de respeito, de autoridade, daquele que pode proporcionar ou não o que a maioria dos jovens mais busca, sair do regime de internação, obter a “liberdade”. Por outro lado, muitos jovens adotam uma postura de falsear um arrependimento e um bom comportamento nas entrevistas com os psicólogos, numa atitude que busca a manipulação de tal poder. Alguns chegam a ameaçar o psicólogo visando à obtenção da liberdade. Para essa análise cabe a nós estarmos atentos em relação a essa possível identificação entre coordenador e psicólogo-da-Febem e às posturas dela decorrentes, particularmente à ocorrência do *discurso de arrependimento* e da *postura manipulativa*.

- O enunciado do objetivo da entrevista para aquele dia (pg. 3) é um pedido de narrativa oral, uma narrativa da vida de cada um. Tal proposta se deu com vários objetivos subjacentes, dentre os quais:

a - a observação da capacidade narrativa de cada um, da capacidade de narrar uma história ou uma experiência vivida para um outro. E essa não era qualquer história, mas a história resumida da própria vida. Nesse sentido, os buracos, as ausências podem ser significativas em relação, por exemplo, a possíveis elementos não simbolizados, não transformados em Experiência.

b - sabermos um pouco mais sobre a história de cada um, como ela foi vivida, como a violência, a delinquência, as narrações, a família, a escola, a infância e os valores se colocam para cada um no grupo.

- Após enunciar o objetivo para aquele encontro específico, no entanto, o coordenador mesmo inicia uma discussão a respeito da questão do *sigilo grupal* (pg. 3). Lembra do compromisso de sigilo, existente por parte dele e da observadora sobre o que foi dito nas entrevistas. Mas, coloca a questão da necessidade ou não de um sigilo entre os próprios jovens, para não se exporem para *os outros jovens* do pátio, ou mesmo para *os funcionários*, e fala de supostos riscos, que até então não se faziam presentes na entrevista. Com isso, o entrevistador cede o grupo, ao colocar diferenças entre ele e a observadora - os psicólogos - e o resto do grupo. O "nós", o grupo, perde força. Isso pode ter contribuído para aumentar o sentimento de persecutoriedade, comum em inícios de atividades em grupo, além de ter colaborado para o individualismo, uma vez que o grupo recusou a sua proposta de acordo entre os jovens, com soluções individualistas: "*não tenho nada a esconder de ninguém*" (Edson), "*vai da mente de cada um*". Embora Émerson tenha dito por duas vezes no início, que concordava com a proposta do entrevistador, ao final o grupo acaba concordando com o ponto de vista enunciado e argumentado por Edson, e acaba concordando não ser necessária a realização de nenhum novo contrato.²⁹⁸

Em termos pichonianos (de Pichon-Rivière), Edson é um porta-voz, talvez de um discurso da criminalidade ("*não tenho nada a esconder de ninguém*") ou do individualismo. Por trás da posição enunciada por Edson poderia estar a fantasia de que "não posso confiar em ninguém, a não ser em mim mesmo, seja aqui ou fora daqui".

²⁹⁸ Este é um momento em que a *cultura grupal do "pátio" da unidade*, dos jovens internados naquela unidade, que é muito semelhante com a da criminalidade e que pode ser considerada uma cultura da virilidade ("*não tenho nada a esconder de ninguém*"), acaba prevalecendo no pequeno grupo de entrevista.

Enquanto que Émerson é um porta-voz de uma fantasia de ruptura com aquele discurso, e com o “grupo do pátio” (os jovens internados daquela unidade, pois o pátio seria o local privilegiado de convivência de *todos* os jovens internados de uma unidade) em prol da formação de uma nova grupalidade, da formação de um pacto de confiança naquele grupo. Émerson seria também um porta-voz da *insegurança*, do receio de se expor, do qual falou o coordenador. Teremos oportunidade de averiguar o quanto tal divisão grupal e tais fantasias se fazem presentes nessa entrevista no decorrer da análise.

- Edson conta sua história (pgs. 4 a 6)

- O primeiro que toma a palavra após esse momento inicial é aquele cuja argumentação em defesa da não realização do sigilo entre os jovens foi aceita pelo grupo, **Edson** (pg. 4), que nessa entrevista vai ocupar, por vezes, um papel de liderança no grupo, muitas vezes em oposição a Émerson.

- Ao contar sua história Edson não pareceu muito confortável em dizer ser **filho adotivo**, mas verbaliza essa situação, embora pouco se refira aos pais adotivos ou aos pais biológicos (pg. 4). Fala da mãe adotiva, mas e o pai? Começa com 1 ano e 8 meses sua história, mas e antes disso? O que aconteceu? Quem são seus pais biológicos? Será que ele sabe quem são? Será que pertenciam à criminalidade?

Diz que é rebelde, relaciona ser rebelde com sair quebrando tudo (pg. 4)²⁹⁹. Sua **rebeldia** estaria relacionada com ter sido abandonado? Diz que a rebeldia seria muito maior se ele tivesse sido enganado por sua mãe adotiva, se ela tivesse dito que não era a mãe biológica dele quando ele fosse mais velho.

Fala do sentimento de *ser adotado*: “*eu num tava nem aí*”, “*tenho orgulho disso, né?*” (pg. 4), mas por outro lado, a **vergonha** se faz presente, tanto anteriormente quanto em “*eu sempre tiveee, eu nunca tive vergonha de falar disso daí*”, quando comete um pequeno lapso verbal (‘eu sempre tive vergonha’), e continua “*todo mundo tipo via eu andando de mão com minha irmã... [...] os pessoal olhava assim, um neguinho irmão de uma loirinha, o maior mistério, mas ninguém falava nada, aí eu chegava e falava*”.³⁰⁰

²⁹⁹ A **rebeldia** é um componente muitas vezes importante no discurso dos jovens na FEBEM. Provavelmente se relaciona também à atitude agressiva (“sair quebrando tudo”) e delinqüente.

³⁰⁰ Também se pode pensar em quanto a negação é uma maneira de dizer sobre o que não poderia ser afirmado, o reprimido, assim poder-se-ia falar a representação recalcada acrescida de uma partícula negadora (conforme Freud explicitou no texto “A negação”, 1925), funcionando no sentido de uma solução de compromisso.

- A mãe (adotiva) tem um lugar de importância no discurso de Edson: “*teve alguém que me criou, que deu amor prá mim, e se não fosse ela, eu podia nem tar aqui nesse momento*”, “*E com isso eu devia ter colocado a cabeça no lugar e dado só felicidade prá ela.*” (pg. 4).

Tal importância do lugar da **mãe** não está presente apenas no discurso de Edson, mas, pela nossa experiência de trabalho na FEBEM, se faz presente de maneira generalizada no discurso dos jovens. Cabe a nós, então, o questionamento: por quê? Seria algo de uma *cultura institucional*, incentivada pelos funcionários, no sentido de um “resgate” do vínculo familiar? Ou algo de uma cultura institucional dos próprios jovens, no sentido da afirmação da existência de um objeto bom, frente à situação adversa em que se encontram? Ou seria algo mais amplo, típico de uma *cultura da criminalidade*, ou mesmo de uma *cultura da periferia paulistana* atual? E nesse sentido, por que não questionarmos também: poderia ser algo mais específico, característica comum à *personalidade do jovem delinqüente*? Questões que se fazem necessárias, para as quais nos manteremos atentos no decorrer da análise.

Mas, segundo Edson, ele não conseguiu pôr a cabeça no lugar e dar felicidade à sua mãe, talvez devido à “sociedade”, pois “*a sociedade tipooo... acho que olhava meio torto prá mim*”. E a vergonha e a rebeldia se fazem entender de maneira mais clara: “*a sociedade*” “*não gostava de mim assim, ah tipo via eu andando de mão dada com as minhas irmãs...*” “*já ficavam falando “você é adotado”, e eu não gostava*”, ele repete quatro vezes que não gostava (pg. 4). Nesse trecho fica nítida a derivação da rebeldia, da violência e posteriormente do envolvimento com a criminalidade (conseqüência dele não “ter posto a cabeça no lugar”), a partir do sentimento que lhe vem quando lhe apontam ser adotado, e também da forma que esse apontamento lhe era dirigido, provavelmente com *preconceito racial e atitude de superioridade* também presentes³⁰¹. Uma hipótese a ser pensada seria a de que Edson teria se rebelado frente a uma situação de humilhação social (cf. Carreteiro).

O afeto gerado pela ofensa (ou pelo tocar em algum trauma), parecia chegar a um ponto para além da possibilidade de simbolização naquele momento, e a *violência física* eclodia com força: “*Eu não gostava, eu não gostava da forma que ele se expressava, né?*”

³⁰¹ Dos componentes do grupo, Edson poderia ser considerado pardo ou “mulato”, assim como Marcelo e Adriano, já Mateus, Emerson e Paulo poderiam ser considerados “brancos” e Pedro “negro”.

Tipo “Ah, você é adotado e não sei o quê...” aí eu já ia prá cima dele, na escola” “e já dava uns murro e tal...” (pg. 4).

Edson continua: *“Eu catava e já ia prá cima, aí ia sempre prá lá, prá direção... Aí já começou daí os problema, né senhor?”* (pg. 5), trecho em que fica claro que para ele “os problemas” se iniciaram com a sua reação *violenta* contra outros colegas e com as conseqüências dessa reação: ir para a diretoria, ser expulso de uma escola, depois de outra, começar a trabalhar, realizar pequenos furtos.

- Em meio à fala de Edson ocorre o episódio da interrupção do “coordenador de turno” (pg. 5), justamente no momento em que ele explicava para o grupo sobre sua infância, sobre a reação que lhe vinha quando outras crianças lhe apontavam que ele era adotado, nesse momento o tom das vozes do lado de fora da sala se eleva, prejudicando a compreensão do que era dito no grupo e a própria narrativa de Edson. Como reação, algum jovem do grupo³⁰² se dirige a quem está do lado de fora elevando a voz: *“Faz uma aí, senhor, por favor!”*. Tal situação salienta a atenção que estava sendo dada a ouvir a narrativa de Edson e, de certa maneira, à própria proposta do grupo³⁰³. Esse movimento grupal, que mostra a atenção e o valor que o grupo dá à narrativa do outro, do igual, é relevante, aponta que a narrativa não está dirigida apenas aos coordenadores ou ao gravador (representante da pesquisa e de outros que a lerão), mas também aos pares. Tal direcionamento da fala e da atenção (escuta) não ocorreu apenas nesse momento, mas perpassou todas as entrevistas, sendo perceptível nessa entrevista durante as narrativas de Edson, Émerson e Marcelo, por exemplo.

Mas teria aparecido também algo do conflito entre jovens e funcionários de contenção (frente ao qual o entrevistador procurou manter uma postura neutra), principalmente através do tom ameaçador do coordenador *“Tudo bem?”* e a resposta - submissa ou estratégica - silenciosa e afirmativa dos jovens. Nesse conflito, algumas questões podem ser úteis para a compreensão do lugar das entrevistas e do processo grupal: qual o lugar que o grupo ocuparia para os jovens? Pensamos ser um lugar a favor deles, onde foi possível a palavra e uma certa liberdade. E qual o lugar do grupo para os funcionários? Um trabalho a mais? Algo útil, algo inútil?

³⁰² Sempre que nas análises nos referirmos a um jovem do grupo como “algum” ou “alguém” isso se deve ao fato de não termos identificado na transcrição qual dos jovens do grupo que pronunciou a frase.

³⁰³ Constantemente, durante todas as entrevistas, ocorreram barulhos e vozes de conversas que vinham de fora da sala, mas poucas foram as vezes que atrapalharam de fato o andamento do grupo, no entanto, posteriormente, descobrimos que tais interferências atrapalharam significativamente a compreensão do que estava gravado nas fitas, sendo responsáveis por vários dos trechos não compreendidos: [...].

- A transcrição não deixou claro, mas, provavelmente para “*mudar as coisas, mudar*” (pg. 5), com 10 anos Edson começou a trabalhar, numa lotação, e logo em seguida numa terceirizada dos correios, onde, com 14 anos, dirigia pela Avenida Paulista. Para ele, o trabalho parecia estar relacionado a comprar objetos: “*se eu não trabalhar assim (...) não vou ter as coisas*”.

Sobre esse trecho cabe a nós ao menos duas reflexões, a primeira: que coisas Edson queria mudar que o fez começar a trabalhar? Tratar-se-ia de uma tentativa de modificar algo, para que não mais “mexessem” com ele? Como uma espécie de defesa contra as agressões sentidas nas “ofensas” por outros colegas? E essa defesa o quê possibilitaria? Um “status” diferenciado por estar trabalhando? Ou um “status” diferenciado por estar podendo ter, comprar, usar certas coisas? A segunda reflexão seria a da importância que dava em “ter as coisas” como um fator para seu envolvimento com a criminalidade. Que coisas seriam essas? De onde viria tal importância? Veremos em outras ocasiões (particularmente na “história de Émerson”) novamente esse fator.

- Relacionado a esse fator, Edson diz logo em seguida (pg. 5) “*mas antes disso eu já tinha feito uns 155...*”, ele já tinha cometido *furtos*, antes mesmo de começar a trabalhar, citou um roubo na escola: “brigando com um, arrancando “buti”³⁰⁴ de outro...”. Eram pequenos delitos, como furtar bolacha de supermercado, chocolate...

- Com 12 anos, às vezes ele era pego nesses furtos e levado à delegacia, comenta que apanhava dos policiais, que “*só gosta de bater nos outros*” e que quando saía ficava nervoso, pensando “*quero ver se me batesse mesmo... com eu na cintura, se eu tiver um revólver na cintura... Era moleque, né senhor?*” (pg. 5). Esse trecho mostra a vontade do jovem de adquirir a arma como fator de **defesa**, contra alguém que é maior fisicamente do que ele e contra uma situação que lhe é adversa. A arma entraria secundariamente também como fator de *vingança*, vingança frente a uma violência já cometida pelos policiais, num ato de abuso de autoridade. Pois o que aconteceria se ele tivesse uma arma? Ou a arma lhe seria tomada (e ele sofreria as mesmas violências ou piores) ou ele atiraria antes (consumação imaginária da vingança), ou depois.

Edson não exprime qualquer pensamento que tenha tido na ocasião de postergação para o futuro, como, por exemplo, ‘eu pensei: quando eu for maior eu vou...’. Talvez a raiva reativa à violência policial tenha impedido uma reflexão mais ampla. Tão pouco exprime qualquer arrependimento sobre o ato de furto. No entanto, refere-se ao furto que

³⁰⁴ “buti”: de butina; tênis, calçado.

o levou para a delegacia como uma “falha”, por quê? Não nos parece um vocabulário da criminalidade para se referir a um delito, mas antes um vocabulário policial. Seria como se ele estivesse se expressando no “registro” em que fala com policiais. Não sabemos se esse mesmo registro lingüístico é utilizado pelos jovens com os funcionários da Febem em geral (provavelmente eles também o fariam) ou se com todo o mundo de fora do “mundo da criminalidade”.

Sua história segue, e Edson nos conta como adquiriu o primeiro revólver. Para a realização desse ato, que ganha destaque em sua narrativa, parecem ter contribuído várias motivações, dentre as quais as de defesa (e talvez de vingança dos policiais) já citadas; a vontade de ter um revólver, “*eu sempre queria ter um revólver... Eu queria ter um...*” (pg. 6), provavelmente relacionada ao poder, à potência, ao qual é associado o revólver; a influência do grupo social adolescente, dos colegas, “*Via os mano falando: ‘Ah! Eu peguei um revólver lá e não sei o quê... se o maluco tirar é daquele jeito...*’”; a questão da defesa, do “respeito” (*status*, honra) entre os iguais: “*se o maluco tirar é daquele jeito...*”, “*É, eu vou comprar um revólver também, prá me defender*”.

Mas rapidamente sua posse converte-se em instrumento de atos delituosos, não mais furtos, mas roubos, assaltos: “*Daí eu comprei (...) daí beleza (...) Daí começamo a roubar... daí fui preso uma vez... fui preso a segunda vez... terceira vez...*”. Edson se envolve com a criminalidade, sofre as conseqüências, é preso três vezes, presta serviço à comunidade, fica 9 meses em regime de Liberdade Assistida (L. A.), mas infraciona e novamente é preso. Sua internação na FEBEM - para quem olha de fora - já seria esperada; as prisões, a prestação de serviço, a L. A., não conseguem o efeito de mudar a sua conduta ou afastá-lo da criminalidade. Haveria um “aprender com a experiência”, de ser pego, preso, ou não? Seria um cálculo premeditado, ao final das contas, mesmo sendo internado, “o crime compensa”? A passagem pela FEBEM seria um erro de cálculo ou um risco calculado? Haveria uma reflexão sobre o futuro, ou o presente, o imediato, se imporia maciçamente?

Mais para frente (pg. 13) Edson fala que ele também, assim como Émerson, não pensava que iria preso: “*nunca imaginava que eu ia preso*”, “*prá mim deu tudo certo, então vou continuar roubando!*”. Isso parece contraditório com sua história: as detenções, a L. A., se incluem em “deu tudo certo”? No cálculo, no saldo final Edson sairia no “lucro”? Mas, mais contraditório ainda, aparece a afirmativa de que nunca imaginou que iria preso (na FEBEM ou presídio). Uma outra hipótese, a de ser preso e

internado na FEBEM para aplacar um sentimento de culpa, ser punido, não seria absurda nesse momento, pelo contrário, elucidaria tais aparentes contradições, e também o “azar” que teve: “*daí faltava dois dia prá mim terminar o L.A.,*” “*acabei vim preso aqui...*” (pg. 6).

- Ao final de sua história Edson se recorda do filho que está para nascer, e lhe surge um certo **arrependimento** da vida na criminalidade (pg. 6), devido ao sofrimento que está vivendo em estar internado e pela distância da família: “*E fazer que... que ele (o filho) não entre por esse caminho aí, que é muito louco... Só aqui dentro mesmo, que você percebe o que você sofre*”³⁰⁵. Parece tratar-se de um arrependimento calculista, que passa pela evitação do sofrimento, como se fosse fruto de um efeito pedagógico da *punição* de estar sem liberdade, preso na FEBEM. O arrependimento parece se referir também à perda da tranqüilidade de se andar na rua, ou mesmo dentro da própria casa, pois haveria como que a necessidade de uma atenção constante, de estar “sempre alerta”, um *medo*, um temor sempre presente. Mas o *sentimento de culpa* não aparece, alguém fala: “Direito de ir e vir aí, sem dever nada prá ninguém...”, a palavra “dever” traz dentro de si débito, dívida, e se relaciona com culpa e punição para quem não cumpre o dever. Mas não necessariamente se refere a um sentimento de culpa.

Como a frase anterior era “A liberdade mesmo é muito importante prá nós...”, poderíamos ler aí uma definição de liberdade: ‘*liberdade é ter o direito de ir e vir sem dever nada para ninguém*’. Algo que não conseguem na Febem, pois têm seus movimentos controlados, e que também não conseguem fora, como a fala de Edson que vem a seguir exemplifica, que na rua “você não anda com aquela tranqüilidade que você, andava antes...”, pois a polícia pode a qualquer momento aparecer. A polícia poderia estar no lugar de quem vem cobrar uma dívida, poderia ser quem vem cobrar uma dívida social de quem delinqüe.

- Edson vai ao encontro do objetivo explicitado e proposto para a entrevista, ele conta a sua história, com poucas interrupções, desde um ano de vida até o momento em que é internado na FEBEM. Fala de revolta contra a sociedade, de uma violência sua que eclode como uma resposta no momento em que se sente ofendido quando apontam que é adotado. Situa a origem de seus problemas em ter sido expulso da escola, em decorrência

³⁰⁵ Note-se a presença da partícula negativa “não”, como a distinguir o desejo de que o filho siga a criminalidade de seu oposto.

de um episódio seu de violência. Quando menciona a aquisição do revólver fala que pensava em se defender das ofensas.

Após uma primeira conclusão, quando fala da sua internação na FEBEM, começa a se lembrar de outras coisas e a se soltar mais, fala das “gatinhas”, do primeiro filho que está para nascer, de que gostaria de estar fora da FEBEM para vê-lo nascer. Nesse momento algo parece ter acontecido com ele e com o grupo: é quando Edson mostra um certo arrependimento de estar na vida da criminalidade, sua fala é então complementada pela de outros (pg. 6): “*viver sem os chegado...*”, “*a liberdade mesmo é muito importante prá nós...*”.

No momento em que iniciava a contar episódios de perseguições policiais é interrompido por Emerson, que diz que sua “*vida já foi mais diferente*”, mais uma vez Emerson pontua a sua diferença.

- Emerson conta sua história (pgs. 6 a 11)

No discurso de Emerson há mais interrupções de outros do que na história de Edson, principalmente por parte desse último, mas eram interrupções “sintonizadas”, que davam continuidade ou complementavam o raciocínio de Emerson.

Emerson começa sua história dizendo ser proveniente de um meio sócio-econômico mais alto: “*Eu nasci num lugar tipo (...) de “boy”*” (pg. 7) e ‘nunca passei necessidade’. A respeito desse aspecto são interessantes dois questionamentos: o quanto tal afirmação não teria como finalidade se diferenciar dos demais do grupo; e o quanto o vínculo entre ‘*passar necessidade*’ e se envolver com a *criminalidade* se faz presente no discurso dos outros jovens, uma vez que, segundo Emerson, esse vínculo não existiu para ele (também não seria o caso de Edson, segundo ele, nem apareceu explicitamente na história de nenhum outro jovem).

- Há muitas referências ao entrevistador no discurso de Emerson (através do uso do pronome “senhor”), o que poderia ser entendido como um pedido de legitimidade para a sua fala, frente o grupo, apoiando-se na autoridade do coordenador. Mas poderia ser também um pedido de maior exclusividade ou de diferenciação dele frente aos demais, como que para se destacar aos olhos do coordenador, como um pedido de relação mais dual, em detrimento da grupal. É provável uma identificação e uma transferência sua com a figura de coordenador, o que talvez já se apresente na fala inicial de sua história (pgs. 6 e 7): “*Minha vida já foi mais diferente, né senhor?*”, “*eu nasci num lugar tipo (...) de*

"boy""", ou seja, numa classe sócio-econômica diferenciada dos demais ali, mais próxima, talvez, à classe do coordenador³⁰⁶. Observa-se também que a identificação com a figura do coordenador já pode ter aparecido no início, quando se destaca ao lembrar do tema da pesquisa, após o coordenador ter inquirido o grupo a esse respeito, e quando se coloca favorável ao contrato entre os jovens, como propunha o coordenador. Ao entendermos a figura do coordenador como representando uma opção pela "vida honesta", poderíamos compreender Émerson como porta-voz de uma tentativa de se destacar, se diferenciar de uma imagem associada à criminalidade e se aproximar de uma imagem da honestidade.

- Na narrativa de Émerson de sua história, os seus tios, envolvidos com a criminalidade, ocupam um lugar importante. Eles aparecem já na terceira frase de sua história (pg. 7): "*Fui criado ali com meu tio*", quando, primeiramente, diz ter sido criado primeiro com o seu tio, depois se refere à família ("*tinha uma família mais unida*"), à mãe ("*minha mãe sempre foi evangélica*") e, ao final do parágrafo, ao pai ("*eu não levava desaforo prá casa, meu pai sempre falava: 'Se você apanhar em casa (...)'*"). Na segunda entrevista ele conta em detalhes uma história sobre seus tios. Dados que nos fazem supor que seus tios ocupassem um importante papel de modelo (conforme ele mesmo afirma na segunda entrevista), já desde a infância, para Émerson.

- Outro fator que se destaca é a presença da **religião** (evangélica) desde a infância, pontuada no início de sua narrativa, antes dele falar da escola. Religião à qual Émerson associa a mãe (pg. 7): "*minha mãe sempre foi evangélica, entendeu?*". Émerson fala que desde pequeno, uns oito anos, freqüentava a igreja com a sua mãe, "*a bem dizer eu nasci numa igreja, dentro de uma igreja, entendeu, senhor?*" (pg. 9). Nasceu dentro da igreja devido à religiosidade de sua mãe, que sempre se fez presente.

A igreja pode ser um local de audição de narrativas orais, em geral de conteúdo moral. Isso, caso houvesse a freqüência a uma igreja onde se contassem histórias. Mas, de qualquer maneira, a religião parece se configurar para Émerson um referencial em termos de valores, que a mãe pode (ou não) ter transmitido a Émerson (por via de histórias ou não). Mais adiante em sua história (pg. 8) Émerson debita a Deus e às orações de sua mãe o fato de ainda estar vivo: "*eu dou graças a Deus, senhor, que eu tô vivo e graças à minha mãe, por causa de muita oração, entendeu senhor? Prá minha vida...*", mesmo

³⁰⁶ "Boy", para muitos jovens internados na FEBEM tem uma conotação pejorativa, com uma carga de ódio subjacente. Ódio que provavelmente se relaciona à inveja, à desigualdade social paulistana, à injustiça social, mas também a uma bipartição do mundo, num esquema próximo ao "nós" e "eles", título de um texto de Hoggart sobre a temática da visão do mundo pelas classes trabalhadoras.

durante a internação, quando sua mãe vem visitá-lo ela fala “*uns negócio de igreja lá prá mim, eu fico só ouvindo*”. Tal audição, atenção, gratidão e explicação sobre sua vida referenciados à religião são uma mostra de que a religião se configurou para Émerson em um referencial importante.

- Para Émerson a **escola** aparece como lugar de destaque, e de onde foi expulso, assim como Edson, mas sua narrativa sobre a escola (pg. 7) se assemelha mais a de um menino ingênuo (“*bobão, um moleque bobão...*”) que estava descobrindo um outro mundo através da escola, descobrindo o cigarro, uma certa agressividade verbal (“*os moleque xingando*”), as meninas, os rapazes chegando de moto. Aparece, então, o desejo de ter uma moto, provavelmente relacionado a impressionar as meninas: “*ái eu colava nas menina, né senhor? Via moleque chegando de moto... e eu “Ah! Um dia eu vou tá assim...”*”. *Uma pá de menina ficava colada na porta da escola, uma pá de menina, senhor!*”. Mas Émerson diz que se mantinha humilde frente àqueles rapazes, fazendo lição, levando bronca, até que um dia uma *professora* lhe xingou e lhe agrediu, e ele revidou com uma vassoura. Como consequência desse ato de violência foi expulso da escola, contava com 12 anos. Ficou então dos 12 aos 16 anos sem frequentar escola.

- Nesse trecho, uma frase de importância para a pesquisa é a que mostra a injunção de **violência** a partir do discurso do pai: “*eu não levava desaforo prá casa, meu pai sempre falava: “Se você apanhar em casa, se você apanhar na rua você apanha aqui também”*” (pg. 7), no que é complementado e corroborado por Edson: “*Se você apanhar na rua, aí chega aqui em casa, vai apanhar dobrado!*”, numa mostra ou de semelhanças na educação dos dois, ou de uma proximidade cultural grande.

Embora seja um discurso que privilegie a autonomia do sujeito frente os pais, que privilegie a independência, pode ao mesmo tempo ser entendido como negação de uma proteção por parte do pai, se aplicado prematuramente - “se vire!” - e como um estímulo à reação: “reaja!”. Já a frase que diz para não levar desaforo para casa, ao ser lida como “reaja sempre”, “nunca se submeta” ou “nunca se deixe humilhar” é uma clara valorização da *reação imediata* e desvalorização da *postergação para o futuro* e, na medida em que uma reação imediata implica em geral, para bem ou para mal, numa reação pouco pensada, pode gerar reações violentas, seja a violência verbal ou a violência física interpessoal. Esse pode ser um exemplo de *transmissão intergeracional de uma certa predisposição agressiva*, através do discurso do pai e de seu negativo. A frase de Edson deixa ainda mais clara uma mensagem que não é dita explicitamente, mas que está

implícita na frase: ‘homem não apanha, se um filho meu apanhar deve ser punido por isso’. Uma mensagem simultaneamente de conteúdo segundo uma lógica da virilidade e incentivadora da violência, na medida em que a punição violenta é vista como uma maneira de correção, como solução de um comportamento errôneo, assim, frente ter apanhado, as duas únicas soluções possíveis seriam: revidar e bater ou apanhar dobrado em casa.

O negativo do discurso do pai, aquilo que se transmite inconscientemente, que está recalçado, o que seria? Se levarmos ao limite uma lógica machista, poderíamos chegar a: *‘homem não apanha, bate, se apanhou não é homem - é mulher! - que talvez goste ou mereça apanhar, e por isso deve apanhar em dobro...’*. Assim, transmitir-se-iam concepções de homem e de mulher, constituintes da identidade, que implicariam em atitudes, através do que não é dito no discurso.³⁰⁷

Há ainda um pequeno lapso na fala de Emerson: *“se você apanhar em casa”*, que é prontamente corrigido para *“se você apanhar na rua”*, o que nos leva a pensar no lugar que teve para ele ter apanhado em casa do pai, que assim como no lapso, o apanhar em casa pode ter antecedido, em vários sentidos, o apanhar na rua, e que a *transmissão intergeracional da violência* não se daria apenas pelo discurso, pelo não-dito do discurso, mas pelos atos também³⁰⁸.

- Mais adiante Emerson conta que após ser expulso da escola passou a ficar nas ruas de seu bairro, onde conheceu seus colegas e onde realizou seu primeiro roubo, com 13 anos, uma “bomboniere”, um local semelhante ao de Edson (mercadinho).

Nesse instante de sua narrativa, Emerson se lembra do que seu **pai** lhe falava, que ele não precisava roubar (*“Ah! Você não precisa disso...”*, pg. 8), que seu pai sempre trabalhou e lhe levava - e à sua mãe - a vários lugares, como estádios de futebol, e que *“Ele sempre dava o que a criança pedia, né senhor? Mas eu, nunca fui de depender assim dos meus pais, nunca gostei...”*. Aparece aí novamente a questão da independência, da autonomia em relação aos pais. O discurso de seu *pai* contra seu envolvimento na criminalidade, no entanto, abre margem a ter questionado sua coerência, pois logo em

³⁰⁷ Talvez não tenha sido apenas uma coincidência o fato de uma mulher, uma professora, ter desencadeado uma reação violenta por parte de Emerson, que desencadeou seu afastamento da escola e inserção no “mundo do crime”, de discurso marcadamente segundo a lógica da virilidade.

³⁰⁸ Não estamos querendo dizer com isso que o envolvimento com a delinquência seja uma consequência direta dessa “transmissão intergeracional da violência”, nem que o que se transmite é a delinquência, mas referimo-nos apenas a um tipo de reação comportamental que se faz pela violência, a qual pode se manifestar (ou não) de diversas formas e em diversos graus.

seguida Émerson conta de um episódio em que o pai reclamou com ele, de que quando ele fosse roubar que pelo menos cobrisse o rosto (pg. 8).

- Émerson diz o que fazia com o dinheiro após seus primeiros roubos terem sido bem sucedidos: ele foi “*se montando*”, “*comprando roupa boa*” (pg. 7), “*aí começou a vir uma pá de menina*”, “*aí eu fiquei... curtindo*” (pg. 8), roubar, então, ficou “*tipo um vício na minha vida*”.

Seriam esses fatores, relacionados à conquista de uma autonomia em relação aos pais e a uma elevação de seu *status* no grupo de pares (adolescentes), da qual faz parte a posse de objetos (roupas, moto) e tem como conseqüência um maior acesso à sedução das “meninas”, os detonadores de sua atitude delinqüente? Ao que parece sim, mas não tanto no sentido de detonação, do disparo do primeiro ato delinqüente, mas sim de sua estabilização, de sua continuidade, quando fala que roubar se tornou como que um vício em sua vida. Chama a atenção a equiparação que faz entre o roubar (o delinqüir) e um vício, pois o **vício** seria uma atitude que foge à racionalização, ao campo do simbólico, está na ordem da necessidade, não do desejo, que muitas vezes se opõe à vontade consciente. Poderíamos relacionar tal vício a conseguir o acesso à sedução de mulheres, algo que afirmaria sua virilidade, e negaria a possibilidade de ser ou estar no lugar de mulher (assim como negaria sua imagem anterior na escola, um “bobão”), justamente o que não pode ser pensado, representado, que está no campo do inconsciente e que já aparecia no discurso do pai.

Mas, para além de uma estabilização, Émerson descreve um aprofundamento na delinqüência, a partir da morte de seus tios: “*Aí, com a morte dos meus tios fiquei atacado já, aí nessa eu fui indo, fui indo...*” (pg. 8). A morte de seus tios devido ao envolvimento deles na criminalidade não teve o efeito que o pai desejava - ao menos num primeiro momento - de servir como advertência para Émerson, antes, parece ter sido o estopim de uma revolta maior - talvez relacionada ao sentimento da vingança - de um envolvimento maior com a criminalidade.

A partir de então Émerson diz que começou a fumar maconha e a freqüentar um centro de macumba. Diz que estava *cego* para as coisas do mundo: “*o mundão assim, não tava nem vendo, senhor*”, particularmente para as coisas boas do mundo,

“É, cego assim prá coisas boas, senhor, tava só com a mente totalmente...”

- Pro outro lado...

Émerson – Pro outro lado, ô! Prá roubar, prá fazer qualquer coisa, entendeu, senhor? Mas nada bom...

Edson – Só, só vinha no pensamento dele, de roubar...

Émerson – Só negativo,
Edson - ... usar droga...
Émerson - ... só negativo!
- Só aquele pensamento...
Edson - ... de matar...”

Como se fosse uma cegueira parcial, uma espécie de delírio, em que os pensamentos ficassem fixados ou voltados apenas para o lado do negativo, da “maldade”, o que incluía pensar em roubar, usar drogas, matar, “*só com o pensamento só nisso, só pensamento ruim*”, “*e nessa eu fui pegando um conhecimento lá onde (...) eu morava, senhor, e sempre qualquer coisa eu tava envolvido, briga, eu tava envolvido e...*”, “*Aí eu fiquei falado na quebrada lá*” (pg. 9). Mas para seus vizinhos, para o “Zé Povinho”, Émerson era “santo”, ele não demonstrava nada para quem morava mais perto de sua casa, era “*bonzinho, mas por trás...*”. Chamamos a atenção para a questão da *visão* e da **cegueira**, que vai retornar outras vezes nas entrevistas, mas sempre referenciada a Émerson, cujo apelido era “Vesguinho”, indicando alguém que pouco vê, ou que vê com dificuldade. No caso desse trecho, trata-se de uma cegueira seletiva, algumas coisas ele não enxergava, outras sim, até em demasia, mecanismo semelhante acontecia como “Zé Povinho” para com ele, que apenas o via como “bonzinho”. Um outro paralelo seria possível, entre “bonzinho”, “bobão” e “mulherzinha”, por um lado, e “mau”, “esperto” e “macho”, por outro.

A “negatividade”, a “maldade” em que parecia estar envolvido seria tamanha que “*Só Deus mesmo prá me tirar dessa vida...*”, o que talvez seja a expressão de um conflito que Émerson vivia entre valores religiosos cristãos, da família, do “bem” e do outro lado, valores da criminalidade, dos colegas, dos tios, da macumba, do “mal”. Conflito que naquele momento *pareceu* se resolver tendendo apenas para o lado da criminalidade (“*E nessa fui esquecendo da minha família*”).

Nesse “caldeirão de maldades” Émerson coloca também a **mulher**, que dominaria o homem como uma “*bruxa*” (palavra de Edson), o faria gastar milhares de reais em uma noite, podendo inclusive levá-lo à morte (“*me levou prá um lugar lá, aí quando eu vi um cara queria me ferrar...*”) (pg. 10). É interessante que Émerson toma o cuidado de não generalizar seu raciocínio, frisando que “*não é toda mulher... mas uma (...) boa parte*”. Quem, quais as mulheres ele deixaria de fora do estereótipo “bruxa”? A princípio, a abertura de exceções poderia ter sido suscitada devido à presença da observadora Marina, mas outras mulheres poderiam escapar também do estereótipo, como a mãe, uma figura quase que sagrada para o jovem na FEBEM, e talvez as irmãs e algumas namoradas.

- Émerson fala então de fidelidade e **confiança**, e cita mais uma vez a *mãe*, que vem lhe visitar depois que ele foi preso, ao contrário de outros, dos “colegas”, que não lhe visitam. O que lhe faz formular duas frases: “*o que me importa agora é mais a minha mãe*” e “*Porque depois que eu vim preso (...) Esses negócio de colega nós (da FEBEM) não tem não... Colega é dinheiro no bolso*” (pg. 10). O que dá mostra da falta de confiança em que se vive no “mundo do crime”. E há uma ambigüidade nessa última frase: num primeiro entendimento o dinheiro pode ser um colega, ele ajuda, faz as coisas acontecerem; num segundo entendimento os colegas são atraídos pelo dinheiro no bolso: “*E nessa é homem atrás de você, mulher atrás de você, cê fica meio doido assim*” (pg. 12). Ambos se complementam, mas o saldo final é de uma **solidão** bastante grande. O mundo seria cindido entre objetos bons (a mãe, por exemplo) e maus (os outros), frente a esses últimos o sujeito deveria estar sempre alerta, em estado de defesa ou de ataque (‘a melhor defesa é o ataque’).

Os colegas, as mulheres, seriam muitos quando Émerson tinha dinheiro, mas isso, devido ao seu dinheiro. Apenas os pais seriam realmente amigos: “*Amigo é dinheiro no bolso e o pai e a mãe*” (pg. 12). Mas e na ausência dos pais? O que se apresenta seria um mundo de interesses pessoais em conflito, como numa selva, sem lei humana, onde o sentimento de **desamparo** seria sempre uma possibilidade.

Mas de onde viria essa *falta de confiança*? Seria da disseminação pelo tecido *social* do modo de agir de uma “personalidade delinqüente”, próxima à psicopatia, numa situação onde as leis existem para serem desafiadas e o Estado e a sociedade nada garantem, não cumprem a sua parte garantindo segurança e proteção para os seus sócios, num caso de rompimento do **pacto social**³⁰⁹? Segundo Pellegrino, a ruptura com o pacto social (por parte dos indivíduos) poderia implicar, por retroação, no rompimento com a “Lei da Cultura”, redundando na emergência de impulsos delinquentiais pré-edípicos, predatórios, *parricidas*, *homicidas* e incestuosos.

Outra questão a ser pensada seria acerca do rompimento do pacto social com a sociedade mais ampla, mas o estabelecimento de um outro, interno à criminalidade. No entanto, nesse caso, esse seria ainda mais falho, na medida em que a contrapartida social, a segurança, não existiria segundo os jovens, talvez daí a necessidade de punições tão

³⁰⁹ Conforme conceituou Hélio Pellegrino, em “Pacto Edípico e Pacto Social”, Folhetim, *Jornal Folha de São Paulo*, 11/09/83. Segundo o autor, o lado dos indivíduos no pacto social seria o da renúncia ao princípio-do-prazer, sob a forma de trabalho.

drásticas como a morte serem corriqueiras: seriam uma tentativa extrema de tentar impedir a violência interna.

Um pouco antes, Émerson conta um caso que ilustra sua falta de confiança, um caso de **traição** por um “colega de trabalho” (no tráfico de drogas): assim que ele foi preso na FEBEM o colega o traiu em seu bairro. Por conta dessa *traição* Émerson diz que caso ele não tivesse uma testemunha a seu favor ele estaria jurado de morte onde mora³¹⁰, mas como ele tem essa testemunha o traidor é que já deve estar morto (pg. 11). Chamam a atenção nesse episódio dois fatos: a facilidade com que se lida com a vida ou a morte, numa espécie de julgamento sem tribunal nem advogados e o motivo da traição e, conseqüentemente, de uma morte, ou *o valor de uma vida*: “comprou uma pá de roupa lá, de Nike, doze molas, no pé, se montou (...) uma pá de negócio, moto” (pg. 10); e uma vontade de **consumir produtos de marca**, objetos de desejo (o “Nike doze molas”, a moto), atrelada, provavelmente, a um ganho de *status* dentro do grupo de pares (e fora dele também).

- História de Émerson, outros e atualidades (pgs. 11 a 16)

Na página 11 Émerson dá a entender que tinha concluído sua história, o coordenador assim interpretou, a partir daí vários começam a falar, principalmente sobre vivências recentes, da vida de adolescente. Mas Émerson continua a falar, como se não tivesse terminado de contar a sua história. O grupo parece se dividir a partir daí em dois movimentos: prestar atenção à fala de Émerson e tentar falar em meio a seu discurso ou, então, atitudes de rejeição e de pouco interesse ao que ele fala, como a ida ao banheiro.

- Edson toca em um **dilema** que se coloca para a adolescência contemporânea (se não para toda a sociedade) (pg.12). Logo após Émerson falar que tem 17 anos mas já curtiu “*prá caramba a vida já*”: “*moleque de 12 anos já curtiu mais que [...] de 33 aí... já...*”. Trata-se do dilema ‘**é melhor viver dez anos a mil ou mil anos a dez?**’. Tal questão, para muitos jovens internados na Febem e envolvidos com a criminalidade parece ter já uma solução, embora em tom de questão, que corresponde à opção pela criminalidade e à consciência do risco envolvido, ou seja, que seria melhor viver dez anos

³¹⁰ Não conheço uma estatística nesse sentido, mas por relatos ouvidos em minha experiência de Febem, vários jovens que saem da FEBEM são mortos poucas semanas após o retorno a seus bairros.

a mil³¹¹. Nessa entrevista, relacionado a esse tema podemos pensar também na temática do motor para a criminalidade que é a vida na “adrenalina” (pgs. 18, 20), e na consciência do risco (pgs. 6, 19, 20).

Por coincidência ou não, 33 anos era a idade do coordenador do grupo na ocasião. Isso significaria uma proposta, uma provocação de debate com a coordenação acerca dessa questão? Em caso afirmativo isso talvez significasse uma questão acerca do enquadre da entrevista, como que a perguntar: e o coordenador, não vai falar? Não vai se colocar, debater conosco? Mas a questão de fundo seria a da opção entre a vida na criminalidade, considerada por muitos como ‘*mais intensa, porém mais breve*’, e a vida na honestidade, vista como ‘*mais longa, porém mais chata*’. A coordenação do grupo, assim como os psicólogos da FEBEM poderiam representar para os jovens a opção pela “honestidade”.

Freud também toca na questão desse dilema, indiretamente, em sua obra O mal-estar na cultura (1930):

Para Freud, não é de se estranhar que o homem *rebaixe suas pretensões de prazer*, frente às pressões das possibilidades de sofrimento com que se defronta. Nem é de se assombrar que o ser humano se sinta feliz pelo mero fato de haver escapado à desgraça, de haver sobrevivido ao sofrimento. Não causa estranheza que a finalidade de *evitar o sofrimento* relegue a segundo plano a de se *conseguir o prazer*.

“Em primeiro lugar, a satisfação ilimitada de todas as necessidades se impõe a nós como norma de conduta mais tentadora, mas isso significa preferir o prazer à prudência, e suas conseqüências se fazem sentir por pouco que tenha sido praticada.”³¹²

No entanto, algo ocorre a muitos jovens paulistanos que parecem preferir o prazer à prudência, o prazer à evitação do sofrimento, o risco da imprudência à prudência. Não se trata, no entanto, de uma questão individual, mas antes social e cultural. Vários fatores estão envolvidos para essa “preferência”, por exemplo: a sociedade e suas instituições não garantem mais uma evitação do sofrimento satisfatória; a prudência tão pouco

³¹¹ Estatísticas apontam a violência como principal causa de mortes de adolescentes e adultos jovens. (40% das mortes na faixa dos 15 aos 24 anos se devem a homicídios; fonte: Jornal Folha de São Paulo, 08/06/2004)

³¹² Freud, S.. El malestar en la cultura (1930), pg. 3025. A tradução é de nossa responsabilidade, segue o texto citado, em espanhol: “En primer lugar, la satisfacción ilimitada de todas las necesidades se nos impone como norma de conducta más tentadora, pero significa preferir el placer a la prudencia, y a poco de practicarla se hacen sentir sus consecuencias.”

significaria segurança, uma vez que a sociedade não cumpre sua parte no pacto social, a de prover proteção e subsistência; a cultura tão pouco incentivaria o rebaixamento das pretensões de prazer, pelo contrário, haveria quase que um imperativo cultural para sua satisfação; a cultura tão pouco ofereceria fundamentação simbólica e condições de exequibilidade, seja para a sublimação seja para a repressão da satisfação imediata do prazer em nome de uma satisfação futura (como através de mitologias, contos e utopias).

Segundo Freud, ante os riscos de uma conduta guiada pela satisfação ilimitada das necessidades, restariam, portanto, os caminhos da evitação do sofrimento. Dentre eles o caminho de perseguir a moderação da vida instintiva, baixo o comando das instâncias psíquicas superiores. Caminho que, no entanto, produz

“uma inegável limitação das possibilidades de prazer, pois o sentimento de felicidade experimentado ao satisfazer-se uma pulsão instintiva indômita, não sujeita às rédeas do Eu, é incomparavelmente mais intenso que o que se sente ao saciar um instinto dominado. Tal é a razão econômica do caráter irresistível que alcançam os impulsos perversos e possivelmente da sedução que exerce o proibido em geral.”³¹³

Se à época de Freud a felicidade experimentada ao satisfazer-se uma pulsão indômita já elevaria quase que à irresistibilidade a satisfação de impulsos proibidos ou condenáveis, hoje a tal prazer se manteria, mas as outras possibilidades, de satisfação limitada das necessidades via o comando das instâncias psíquicas “superiores” teriam perdido, em parte, sua força. Muitas vezes a seguinte equação pode se colocar para os jovens: *‘prefiro passar minha vida inteira (digamos até os 60 anos) trabalhando muito (ao menos 8 horas por dia), ganhando pouco (por exemplo, R\$ 500,00 ao mês), sendo humilhado (por exemplo pelo patrão) e ainda correndo o risco de me tornar um desempregado (e perder o pouco que tenho), como meu pai (ou tio ou alguém próximo), ou prefiro ser plenamente feliz e satisfeito por alguns anos, mesmo que para isso eu tenha de pagar com a minha vida ou a minha liberdade, como o traficante da quebrada (ou algum outro exemplo de contraventor)?’*

³¹³ Freud, op. cit., pgs. 3026 e 3027. “cambio, prodúcese una innegable limitación de las posibilidades de placer, pues el sentimiento de felicidad experimentado al satisfacerse una pulsión instintiva indômita, no sujeta por las riendas de yo, es incomparablemente más intenso que el que se siente al saciar un instinto dominado. Tal es la razón económica del carácter irresistible que alcanzan los impulsos perversos y quizá de la seducción que ejerce lo prohibido en general.”

- Retornando à entrevista, logo em seguida Émerson retoma a questão do envolvimento com a criminalidade como se fosse um **vício**, num tom de *causalidade* (pg. 12): “cê vê aquele bolão (de dinheiro) na sua frente, que cê fala...” “Vou pegar mais”, “vou pegar mais, e mais, e mais...”, “e se quiser cê vai conquistando o que você quer, assim, com você mesmo... E nessa é homem atrás de você, mulher atrás de você, cê fica meio doido assim,”³¹⁴ “Depois que você entrou nessa vida aí, prá você sair é difícil, entendeu, senhor?”.

A descrição é como se fosse a de um círculo vicioso: o sujeito comete um crime, a recompensa é grande, um monte de dinheiro, ele não resiste e comete outro, e consegue outro monte de dinheiro, e o dinheiro atrai outras benesses, como “amigos”, mulheres e o que mais ele queira, tanta novidade que seria difícil até a convivência com elas (“*cê fica meio doido assim*”). Chama a atenção a frase de que se o sujeito quiser ele vai conquistando o que quer (aparece também na segunda entrevista), “assim, com você mesmo”, essa parece ser uma conquista solitária. Ou seja, não é uma conquista coletiva ou de grupo, não seria também conscientemente para um outro (como a mãe ou o pai), e “o que quer”, num primeiro momento, seria acessível pelo dinheiro. Num segundo momento, por exemplo, durante a internação na FEBEM, há a verbalização (logo em seguida) de que os amigos são apenas o pai e a mãe (pg. 12), que os colegas e as mulheres que se aproximavam antes eram movidos apenas por interesse, há uma relativização das conquistas anteriores.

- Edson vai ao **banheiro**, pede para ir (não consta da transcrição o momento exato em que ele pediu), o coordenador não soube o que responder, ficou em dúvida um momento e assentiu que sim com a cabeça. Foi então tomado de fantasias de tipo paranóide: será que haveria algum funcionário do lado de fora? Teria Edson saído para investigar se havia algum funcionário, com vistas a planejar uma fuga? Estaria o grupo maçante? Tais fantasias retornaram com a saída para o banheiro, em seguida à volta de Edson, de Pedro, mas cessaram após o seu retorno. Era o primeiro encontro do grupo, o vínculo entre coordenação e jovens praticamente inexistia, é de se supor que tal tipo de fantasia estivesse presente também entre outros membros do grupo, particularmente naqueles que pouco falaram.

Após Edson voltar do banheiro, durante a fala de Émerson, ele profere a sentença “*Só por hoje*” (pg. 12), frase que foi várias vezes repetida por Edson durante essa

³¹⁴ Haveria uma ambigüidade nessa frase? Pois “homem atrás de você”, além de significar homens atraídos pelo seu dinheiro que se aproximam de você, poderia significar homens que se aproximam com outras finalidades, finalidades sexuais.

entrevista, principalmente para indicar que Émerson estava falando demais, mas que se tornou emblemática das entrevistas de modo geral, talvez por ter um significado de uma atividade que se inicia, mas que só dura por um dia ou um momento, sendo que a garantia de que ela teria continuidade após não seria muito grande (apenas a palavra do coordenador). Era o caso daquela entrevista primeira em grupo, mas também das entrevistas de modo geral.

Por outro lado, significa 'um dia de cada vez', de acordo com a significação dada pelo grupo dos “Narcóticos Anônimos”, que frequenta a unidade também à noite. Talvez com a intenção de que o jovem deixe de usar as drogas “só por hoje”, mas que ao agir assim todo dia, dia após dia vai-se passando muito tempo sem o uso de drogas. Poderíamos fazer um paralelo também com o próprio processo de internação na FEBEM, que vai passando e sendo vivido dia após dia, ‘um dia de cada vez’, ‘um desafio de cada vez’ (pg. 14)³¹⁵. Ou mesmo com a vida na criminalidade (pelo imediatismo e precariedade).

Uma outra interpretação possível também seria a de ser um indicativo para cada membro do grupo falar um pouco, uma vez que a atividade era “só por hoje” e poderia acabar precocemente, antes de todos falarem, o que a princípio era válido para a tarefa de “contar a própria história”. Ou ainda poderia significar que quem estava falando (Émerson), assim como os ex-viciados em drogas, falava que iria fazer algo apenas por aquele momento, mas, de pouco em pouco, “anos”, muito tempo iria se passando, numa crítica direta, mas cifrada, à fala, vista como em demasia, de Émerson.

- Émerson dá então uma **explicação** explícita de porquê entrou para a criminalidade (pg. 13): *“Acho que tô nessa vida aqui porque da primeira vez que eu fui eu já peguei e já, dei uma sorte assim, agora acho que quando eu fui roubar na primeira vez viesse preso, acho que eu já parava na hora já! Porque aqui é o maior sofrimento, ô, eu nunca imaginava ficar preso não”*.

Podemos pensar a partir daí na relevância da questão da **impunidade** no Brasil e em como *um ato de delinqüência* da adolescência (normal para Racial) pode se transformar numa *conduta delinqüente*, caso não haja uma sinalização de limites por parte da sociedade. Outro aspecto que chama a atenção é a compreensão de estar na FEBEM como estar “*preso*” (como ocorre com os adultos) e não “internado” ou “cumprindo

³¹⁵ “Só por hoje”, também, pois a decretação da liberdade, a saída da internação pode acontecer a “qualquer dia”, após um período mínimo usual de seis meses, pois pela lei não se trata de uma penalidade de prazo fixo, mas de um processo sócio-educativo com uma duração entre 6 meses e 3 anos.

medida”, termos que teoricamente seriam os mais adequados. Há também a presença de um certo arrependimento, mas mais uma vez em meio a um cálculo de perdas e ganhos prevalecendo sobre um possível sentimento de culpa, ao menos manifestamente.

O modelo “punição recebida lição aprendida”, transparece no discurso de Émerson sobre seu arrependimento. A próxima fala de Émerson (pg. 14) - “*Próxima vez é cadeia, 30 anos, 15 anos, 10 anos, não tô podendo ficar não!*” - aparece de acordo com o discurso de boa parte dos funcionários de contenção (a partir de nossa experiência na instituição) e da sociedade, como se estar preso na FEBEM fosse uma **punição** e ele tivesse “aprendido a lição”, do sofrimento, de estar distante da família, das pessoas queridas e obedecendo a ordens. Não aparece aí o arrependimento, mas o cálculo de que não compensaria ser preso outra vez.

Caso esse discurso reflita o pensamento dos outros jovens (Émerson como o porta-voz grupal)³¹⁶, duas interpretações se fazem possíveis a respeito do “efeito Febem” para os jovens: a primeira é aquela da ‘punição eficaz’, a punição como instrumento pedagógico ou disciplinador, e do cálculo instrumental (não infringir a lei para não me deparar com a coerção externa); a segunda, a da punição eficaz para aplacar a **culpa**.

O sentimento de culpa pode ser originário, a princípio, do desenvolvimento edípico, mas secundariamente teríamos também a infração das leis sociais e, especificamente, pode estar relacionado à não correspondência das expectativas ou do amor dos pais, particularmente da mãe (para Émerson vide pgs. 8, 9 e 10). Ter feito a **mãe** sofrer, mãe que seria o objeto bom mais valorizado no discurso dos jovens na FEBEM, seria o crime ou infração de que são culpados. Sofrer, na FEBEM ou por meio de outras punições, seria o meio para se pagar pelo crime. O que nos faz pensar, conforme Rassial, também, na possibilidade, anterior, de que ‘fazer a mãe sofrer’ seja uma maneira de ligar a culpa, já sentida, inconsciente, a um ato palpável ou consciente: ‘fazer a mãe sofrer’. Por outro lado, estar na FEBEM também pode fazer a mãe sofrer, o que poderia gerar mais sentimento de culpa.

- Uma fala comum ao grupo nesse trecho foi a de que eles **não imaginavam que iriam presos**, verbalizado por quase todos no grupo (ao menos por Émerson, Edson, Adriano, Marcelo, Paulo) (pgs. 13, 14, 16). Paulo chega a explicar: “*Você acha que quem vai preso é porque vacila*” (pg. 17), o que é compreensível pela *lógica da virilidade* -

³¹⁶ O discurso poderia não refletir o pensamento próprio de Émerson, pode ser apenas uma repetição do que a instituição lhe “pede” para repetir, seja a instituição o corpo de funcionários seja o grupo dos jovens internados.

‘quem é derrotado é porque vacila, como eu não sou “vacilão” isso não vai acontecer comigo’ - e pelo *imediatismo*, pois o pensamento se dobra à chance imediata do ato criminoso falhar, que deve ser relativamente baixa, quando a médio e longo prazo a probabilidade do delinqüente ser preso ou morrer ou ter um comprometimento físico grave não deve ser baixa.³¹⁷

Ainda nesse trecho aparece outra fala de interesse, o realizar um roubo atrás do outro, sem parar, como numa *compulsão*, às vezes três ou mais assaltos no mesmo dia (verbalizado pelo menos por Edson, Émerson, Paulo e Marcelo, pg. 13): “cê tava pegando o dinheiro ali da vítima cê já tava pensando em outra... (sobreposição de falas, Edson e Paulo)”. Émerson diz que isso é por causa da “ganância do dinheiro”, Edson que isso dava ponto prá ele como bandido, logo em seguida Émerson fala que sua vida na criminalidade foi só “*curtição*”. Talvez tenha um pouco de cada um desses fatores nessa “compulsão ao roubo”, somado ainda à “adrenalina” do ato em si, numa dinâmica viciante, com alguma semelhança à drogadição, conforme acompanhamos a partir de Fernandes no terceiro capítulo.

“dos 13 prá 17 anos foi curtição, só curtição! E nunca imaginava que eu ia ficar preso, nunca imaginava, senhor!” (pg. 14)

Émerson verbaliza uma vida só de “curtição”, de prazeres, como num *sonho*, até que tal vida é quebrada por uma punição inesperada, uma passagem “do 80 para o 8”, um acordar abrupto. Émerson expõe a contradição num parágrafo.

Na sua fala seguinte Émerson diz que ficar na FEBEM “*É uma experiência, senhor, pode passar o quanto tempo for que eu nunca vou esquecer, senhor!*”, e em seguida complementa “*E quando eu ter meus filhos, senhor, eu vou contar isso aí prá eles...*”. Nesse sentido seria uma **experiência** conforme vimos no primeiro capítulo, uma narrativa que transmitiria um episódio de vida no sentido de que algo possa ser apreendido com isso, no caso, para que o episódio não se repita, haveria, então, um aprender com a experiência. Mas surge uma dúvida e Émerson já não sabe se seria melhor contar para seus filhos ou não: “*agora eu não sei, né senhor, se vai ser melhor contar isso aí ou não contar... esconder isso aí, aí eu não sei ... porque ficar aqui sem a nossa liberdade é o maior sofrimento.*” Tal dúvida vai ao sentido do que Benjamin fala: que os homens têm a tendência a contar a experiência que os valoriza e não aquilo que os humilha. Aparece,

³¹⁷ Não tenho conhecimento de pesquisas nesse sentido, mas em quatro anos de trabalho na FEBEM, muito poucos foram os relatos de “sucesso” na vida do crime após os 25 anos de idade que ouvi por parte dos adolescentes. O discurso dos funcionários da instituição vai na mesma direção.

então, uma certa *vergonha* de ter estado internado na FEBEM, quando Émerson diz que talvez fosse melhor *esconder* tal passagem da história de sua vida³¹⁸.

Caso déssemos um salto lógico poderíamos pensar que, como estar internado na FEBEM é uma conseqüência de seu envolvimento com a criminalidade, tal vergonha se estenderia também a tal envolvimento, e seria mostra de um **arrependimento** com o envolvimento na criminalidade, o que é complementado com a sua próxima fala sobre seu futuro: “*curtir, mas curtir de um jeito saudável, entendeu, senhor? Tipo sem roubar, sem usar drogas, curtir assim com os meus amigos assim, curtir e voltar normal... pretendo fazer isso aí quando sair daqui...*”. Há um projeto para o futuro que foi explicitado por Émerson, que, somado à vergonha, dá mostras de um funcionamento mental pelo *ideal de Eu*, e não pelo *Eu ideal*, na medida em que seu ideal nega o Eu presente e projeta-se como outro para o futuro.

A respeito da questão da **vergonha**, Fernandes (1999) a contextualiza com a ideologia de nossos tempos:

“ “Não menos do que a culpa, a vergonha tem que ser vista como uma insuportável humilhação...”[Lasch]³¹⁹

A produção da vergonha é o complemento necessário, no campo psíquico, para a manutenção da ideologia do sucesso, no campo social. A experiência de fragilidade e sofrimento se traduz pela derrota, e sua contrapartida, ou seja a de grandiosidade e de desprezo narcisista se revela pela vitória.”³²⁰

Vemos que a questão da vergonha se relaciona com a humilhação e com aspectos narcísicos, com a *fragilidade* que não pode ser vista e é a contrapartida da **ideologia do sucesso**. Ideologia essa que se apresentaria fortemente, portanto, na criminalidade, particularmente sob a forma do discurso da *virilidade*.

Fernandes continua seu texto, que embora voltado à questão do trabalho e do desemprego na atualidade parece se aplicar à situação da “queda” na FEBEM e do discurso da criminalidade.

³¹⁸ No caso de Émerson conseguir “esconder” essa passagem de sua história, haveria uma possibilidade de que ela passasse às próximas gerações como um não-dito, algo que foi representado, inscrito, mas negado. Talvez para Émerson não chegue a configurar um *trauma*, mas para as gerações seguintes se configuraria como um não-representado, não ouvido e não compreendido, mas com existência psíquica.

³¹⁹ Lasch, Christopher. *A rebelião das elites e a traição da democracia*, Rio de Janeiro, Ediouro, 1995, pg. 230, *apud* Fernandes, 1999.

³²⁰ Fernandes, M. I. A.. Uma nova ordem: narcisismo expandido e interioridade confiscada, in Fernandes (1999), pg. 44.

“A “retomada do caminho” pelos sujeitos a essas condições submetidos, na modalidade sugerida pelos novos valores, supõe um esvaziamento de ideais: estranha “prescrição para a saúde mental ... curar a vergonha com a falta de vergonha” (Lasch, 1995, p. 235). Somos convidados a assumir uma posição cínica.”³²¹

Ao pensarmos na “retomada do caminho” que se faria no retorno do jovem internado ao convívio social aberto, ele se veria então simplificarmente diante de duas opções: a primeira seria a continuidade ou aprofundamento na atitude delinqüencial, nesse caso, os valores e ideais poderiam tanto se esvaziar e o jovem assumir uma postura cínica, como não se esvaziar, e o jovem se identificar com os valores da criminalidade; a segunda opção seria a da vida na “honestidade”, nesse caso também poderia haver um esvaziamento dos ideais e o assumir uma postura cínica relativa aos valores ou o não assumir uma postura cínica (como por exemplo no caso do desenvolvimento de uma drogadição ou de uma adesão a uma “religiosidade mística”, conforme abordamos no capítulo 3), seja devido à experiência de internação que poderia apontar para o descompasso entre discurso e valores e a prática social, seja devido tal opção ser fruto apenas de um cálculo “custo-benefício”, uma outra opção seria a do não esvaziamento dos valores e ideais nessa “opção” pela honestidade.

- Após Émerson demonstrar uma certa vergonha em ter sido preso na FEBEM, após verbalizar o seu plano de deixar a “vida do crime” quando sair da FEBEM, Edson pronuncia novamente seu “só por hoje”, e ele, Émerson e outros do grupo começam a falar do quanto é ruim estarem “presos”, longe da família, da namorada, convivendo apenas com outros homens. Surge então um **ato falho** (pg. 15), pronunciado por Edson: “Todo dia, você acorda com homem do seu lado, escova os dente com *seu* homem do lado...”. O pronome possessivo “seu” é deslocado, de “seu lado” para “seu homem”; ninguém faz menção ao ato falho no grupo. A nosso ver tal lapso, como um emergente grupal, revela algo do grupo, do pacto grupal, das *alianças inconscientes* do grupo, algo esse relacionado à sexualidade. Mas o quê? Não sabemos ao certo, mas podemos levantar hipóteses: como talvez algo relacionado à questão do confinamento por vários meses no meio apenas de outros do mesmo sexo, e isso durante uma fase de definição da sexualidade que é a adolescência. Algo relacionado à *relação sexual* e/ou *afetiva entre dois homens*, algo que seria proibido e deve ser negado ou excluído do pensamento e da

³²¹ Idem.

fala, o que também se relaciona à questão da identidade. Talvez, também, relacionado à figura do coordenador e da observadora, pois essa última rompe com aquela “monossexualidade”, embora também não se coloque acessível à satisfação dos desejos; a “relação desejada”, mas “proibida” pela presença do coordenador, irrompe quando de sua ausência (pg. 25), conforme comentaremos posteriormente.

Posteriormente, estavam todos se lamentando das condições da internação e da FEBEM, quando Émerson lembra que foi preso dia 07 de dezembro (pg. 15), “*Faltando acho que 19 dias pro Natal...*”, e relata de maneira emocionada o momento em que foi preso, quando durante um roubo foi cercado pela polícia, e seu parceiro, então, lhe abraçou e começou a chorar. Logo em seguida, Edson pronuncia outro “só por hoje”, talvez numa referência a possíveis “confissões” pessoais emocionadas do grupo dos Narcóticos Anônimos. Há **críticas** à continuidade da fala de Émerson, alguém fala, provavelmente, ‘*vai falar a fita (do gravador) inteira*’. Paulo diz querer falar. Émerson abre mão de continuar o seu raciocínio, dizendo que iria dar seu espaço para Adriano, que instantaneamente começa a falar de sua vida então.

Mas antes algumas considerações se fazem pertinentes: Émerson já não estava mais contando sua história linearmente desde a página 11, havia um diálogo grupal, com a participação de vários, em torno dos mesmos assuntos, embora Émerson se destacasse, ao narrar episódios de sua vida e ao refletir sobre eles. Pode ser que não estivesse claro para o grupo que Émerson havia concluído sua história na citada página, e que outros poderiam iniciar suas narrativas quando quisessem (embora não tenha se instituído nenhuma regra no grupo nesse sentido). Mas talvez a reação contra a fala de Émerson se deva a ele ter sido o porta-voz de uma **fragilidade**: “*meu parceiro me abraçou assim, senhor, e começou a chorar...*”. A fragilidade não aparecia em Émerson nessa ocasião, a não ser pela sua emoção ao narrar, mas aparecia em seu discurso na pele de um igual, o parceiro, que lhe abraçou e chorou. Não só a fragilidade apareceu, mas o *medo*, a *emoção* e o *afeto* entre dois homens, quando se abraçam. Temas talvez “tabus” no **discurso da virilidade** que predomina na criminalidade, discurso esse que deve se aguçar num ambiente de confinamento forçado e de convivência obrigatória apenas com outros iguais, outros rapazes, como é a Febem.

No ambiente “de pátio” o **interdito** poderia ser *a relação afetiva* entre dois rapazes?³²² Quais seriam as **fantasias inconscientes** que esse *emergente* do grupo pode

³²² Tal interdito não impediria, no entanto, relações sexuais, uma vez que o “ativo” seja considerado viril.

revelar? Talvez fantasias como ‘se eu for frágil eu serei menos homem, serei *mulher*’, ou ‘o afeto entre dois homens leva à *homossexualidade*’. Por outro lado, Émerson teria se colocado como o porta-voz de que ‘o afeto entre homens é possível e legítimo’. Nesse sentido, Émerson continua como o porta-voz da possibilidade de confiança entre os homens, conforme comentado no início da análise.

O discurso do “pátio”, a ideologia, a lógica, seria a da **virilidade**: “homem não chora”, “homem é frio, duro, não titubeia e é capaz de atitudes cruéis”, “mulher boa só a mãe”. A **aliança inconsciente** no grupo do pátio se faria pela *negação do afeto* (ou da expressão de uma “carência afetiva”) para com outros homens? Tal interpretação esclarece e vai de encontro à interpretação anterior a respeito do ato falho. Ato que revelaria justamente o negado, a possibilidade de *relação afetiva entre dois homens*, pois a ela se conectariam outras representações que devem ser afastadas, conjuradas, exorcizadas, como a de ser “bobão”, “vacilão”, de ocuparem o lugar de “*mulherzinha*”. No entanto, o recalcado retorna. Talvez mais do que a relação afetiva entre dois homens, o que deveria ser afastado, aquilo do que cada um do grupo teria medo e negaria em si próprio, como um *fantasma*, seria a fantasia inconsciente de *estar no lugar de mulher*, ou de *ser homossexual*. Talvez em torno da repressão dessa identificação que se ergueria o discurso da virilidade e se constituiria o grupo.

A respeito da **lógica da virilidade**, diz Carreteiro:

“O reforço desta lógica invalida qualquer expressão de sentimentos vinculados à humilhação e à vergonha. E estes mesmos sentimentos são utilizados para manter os valores grupais. A construção de defesas coletivas impede a visibilidade dos afetos que não reforcem a virilidade. Qualquer membro do grupo que se mostre fragilizado é hostilizado e se torna objeto de ataques dos companheiros. [...] A expressão destes sentimentos (como medo ou vergonha) o distancia dos valores grupais de reforço a atitudes de coragem e de convivência com o perigo.”³²³

Émerson teria expressado sentimentos próximos à vergonha (de ter passado pela Febem) anteriormente, depois teria sido o porta-voz de uma fragilidade, do medo e poderíamos até supor do sentimento de humilhação ao ser pego pela polícia. É provável que isso se relacione à hostilização que sofreu nesse momento que analisamos e também num momento seguinte (pgs. 17 e 18)³²⁴. Por outro lado, sintomaticamente, o discurso que se seguiu após a “História de Adriano” é justamente aquele de valorizar atitudes de

³²³ Carreteiro, T., 2003, pg. 63.

³²⁴ Émerson seria hostilizado pelo grupo também na terceira entrevista (pgs. 20 e 21).

coragem, de risco, envolvendo “adrenalina” (“Histórias da criminalidade”). Edson, por sua vez, chega a valorizar positivamente a passagem pela Febem, dizendo que ela daria maior “ibope” (pg. 21) a ele, o que confirmaria nossa hipótese relativamente à hostilização que sofreu Êmerson. O próprio Êmerson percebe que estava na contracorrente do discurso hegemônico no grupo e que o mesmo se dava segundo o eixo da virilidade, ao ironizar o tom do discurso predominante naquele momento, dizendo que ele estava se sentindo “bicha” ali (pg. 18) (veremos com mais detalhes essas passagens adiante).

- História de Adriano

Adriano, que pouco falou em todas as entrevistas, conta sua história em poucas palavras. Sua primeira frase é: “*Eu nasci praticamente dentro de uma igreja*” (pg. 16)³²⁵. E continua: “*minha mãe ia prá igreja*”, “*eu comecei a freqüentar a igreja dos, desde quando eu nasci até os, 12 anos de idade...*”. Esse início é algo que diz dos valores, valores dos pais, provavelmente, mas seriam os valores dele? É provável que tenha havido um movimento de negação dos valores dos pais na adolescência e assunção pública dos valores do grupo da mesma faixa etária. Esse movimento é comum na adolescência, conforme apontam Calligaris (2000) e Matheus (2002). É provável que a situação atual seja conflitiva entre os valores dos pais e os valores do grupo da mesma geração, rumo a uma formação de compromisso. Por isso Adriano teria iniciado a sua história falando que nasceu praticamente dentro de uma igreja .

Adriano continua: “Com os 12 anos”, na chegada da adolescência³²⁶, “eu comecei a *desviar* e tal, a escola, eu comecei a parar de ir prá escola, usar droga... (risadas)”, mais uma vez, assim como Edson e Êmerson, deixar de freqüentar a escola aparece como um divisor de águas entre um caminho da “honestidade” e o envolvimento com a criminalidade. Em Adriano aparece também a questão das drogas, tal “início” parece ser compartilhado por outros do grupo, como apontam as risadas. A partir de então, segundo Adriano, sua vida se transformou radicalmente: “*aí minha vida virou às avessas tudo*”, “*Minha vida virou um inferno*” (pg. 16). São frases que mostram um desgosto pelo envolvimento com a criminalidade. Talvez esse desgosto se explique pelas conseqüências de seus atos,

³²⁵ É irresistível não tecermos uma analogia entre o interior de uma igreja e um útero protetor e maternal, que, conforme a criança vai crescendo, passa a ser visto como sufocante e aprisionador.

³²⁶ Segundo o E.C.A. (Estatuto da Criança e do Adolescente), artigo 2º, considera-se adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade.

particularmente *vir preso e perder uma perna* (pg. 16): “*nós fomo que nem ia preso*”, Adriano também acreditava que não seria preso, “*e nós fomo preso e fiquei sem uma perna e tal (rápido)*”, a rapidez se explica pela dor da perda, pela dificuldade em falar sobre ela e em assumir a perda e, em certo sentido, a derrota, em público e para um público - os jovens da Febem - onde o posar de forte é a regra (um outro público seria “a sociedade”, possível leitora desta pesquisa, onde também estaria presente uma ideologia do sucesso, conforme vimos através de Fernandes).

Diz Adriano: “*perdi muita coisa de valor, mas... de repente sair daqui e daí mudar de vida...*”. Aparentemente Adriano teria se deprimido com as perdas (*posição depressiva*, para M. Klein), tomado contato com a sua realidade, mas não parado aí (“*Aí, hoje eu tô sem uma perna, mas agradeço a Deus que eu tô vivo...*”), aparenta ter aprendido com a experiência (“*Aí eu vi que... prá mim o crime não dá certo, não me deu nada, [...] só perdi*”) e estabelecido outras possibilidades para o seu futuro.

Uma outra hipótese (não excludente da anterior) seria a de que Adriano haveria infringido a lei de várias maneiras, dentre elas o roubo, o tráfico, o homicídio, e que a perda da perna e a internação foram interpretadas por ele como uma *punição*, o que fecharia um ciclo e lhe permitiria uma abertura para um outro envolvimento com a vida, talvez dessa vez mais em acordo com a primeira formação de valores que recebeu, a religiosa. O que está em acordo com a negatização de seu passado acima dos 12 anos e com o agradecimento a Deus pela vida. Nesse sentido, a partir de então, Adriano teria uma lei para seguir, a lei de Deus.

- Uma frase sua (pg. 16) “*vários conselho e tal, de amigo, de pai e mãe, nunca escutei e tal... hoje em dia eu fico lembrando... ‘Caramba, se eu tivesse escutado isso eu não taria aqui...*””, nos lembra Benjamin e a narrativa como um **conselho**. Qual terá sido a forma desses conselhos que ouviu? Seriam narrativas, histórias, provérbios, ditados populares? Teria ele escutado muitas histórias na igreja que freqüentava desde o nascimento, seriam tais histórias contadas de forma vívida, como quem viveu uma experiência e a narra a um amigo? São questões que devem nos acompanhar no decorrer das análises das entrevistas.

Adriano tem uma fala curta, sucinta e sintética (pg. 16). Durante sua fala Edson, Emerson e Paulo fazem comentários. Após Marcelo e Edson iniciarem falas mais prolongadas, a respeito da vida na criminalidade, Adriano não fala mais. Adriano pouco falara até contar a sua história, após esse momento sua voz não é mais reconhecida na

transcrição pelo pesquisador (é provável que ele tenha feito breves comentários, mas sua voz não foi reconhecida).

- Histórias da criminalidade (pgs. 16 a 22)

Nesse trecho, um dos principais temas trazidos pelo grupo é o “**IBOPE**” que proporciona a vida na criminalidade (pgs. 17 a 21), o *status* no grupo de iguais: você “fica tipo falado, senhor ... cê vai gostando do negócio, é... tipo... ficando lá em cima no IBOPE” (Edson, pg. 17). Há um *prazer e uma excitação em descrever* as conseqüências positivas da criminalidade.

Logo em seguida (pgs. 17 e 18), Emerson entra com outro assunto em meio à conversa sobre o “IBOPE” social que dá a vida na criminalidade, quando Edson falava em como o *dinheiro* atraía *mulheres*, Emerson fala que quase “**fechou o corpo**”, fez pacto com o diabo, de lhe entregar “o corpo” (em geral é a alma) em troca de ter um “corpo fechado”: “Eu ia até fazer uma besteira na minha vida, né senhor?”, “eu ia fechar meu corpo, ia dar meu corpo pro...”, o que talvez possa ser lido como um momento em que o “pêndulo” dos seus valores tendeu para os da criminalidade, ou ainda para o *inverso* dos valores da religiosidade de sua mãe, seria o diabo que iria lhe dar proteção (“corpo fechado”) e não Deus. Refletindo sobre esse momento Emerson pronuncia a palavra “**arrependimento**”, um arrependimento que “ia ser”, mas que não é assumido para o presente: “*Agora eu penso, se eu tivesse feito isso daí eu tinha me arrependido até hoje! Ia ser o maior arrependimento da minha vida, fazer isso...*”. E complementa: “*Acredito agora em Deus e mais ninguém...*”.

Edson lhe chama a atenção, desde a primeira frase de Emerson, quando se sentiu interrompido, até o final, quando se ouvem tosses (propositais) a interromper Emerson. Diz que Emerson atravessava o grupo e falava demais. Emerson diz que iria ficar só ouvindo e arrasta para trás sua cadeira: “*Vou ficar só ouvindo...*” (pg. 18).

Realmente, Emerson entra com um assunto que é o negativo, o oposto ao que estava sendo falado: fala da tentação que é a vida na criminalidade, da proximidade entre a vida na criminalidade e o “capeta” e de arrependimento. Ele foi um emergente do outro lado do discurso em que o grupo vinha então expressando, que poderia ser lido como ‘as boas conseqüências da criminalidade’. Emerson pode ter sido porta-voz de uma angústia grupal, **angústia** essa talvez relativa à **culpa**. A fantasia inconsciente de que foi porta-voz seria a de que eles eram culpados? Culpados por ‘cair em tentação’? Faz sentido, ao falar

em “diabo” (ele procurou não pronunciar a palavra), fala-se indiretamente também em Deus, em valores socialmente aceitos, em lei (como não roubar, não matar), em bem e mal.

Émerson, além de interromper Edson, se diferencia daquele caminho que o grupo trilhava e é repreendido por Edson, que ficou exaltado:

“Edson - Nós, nós pedimos a ele a sua colaboração, aí (devagar), de ficar quietinho...

e - Não, acho que ele...

Edson - Não, só um pouquinho, só por hoje...”

O coordenador tenta garantir a possibilidade de palavra para Émerson, mas é interrompido. Em seguida (pg. 18), Edson enuncia uma **explicação** para a criminalidade, para o envolvimento deles com a criminalidade: “*é a maior adrenalina, entendeu senhor? Por causa disso que se rouba*”. Tal explicação, além de ser em si um elemento que poderia ir no sentido da hipótese que levantamos no início desta análise, sobre a relação entre as explicações e a culpa, traria também um lado positivo do envolvimento com a criminalidade, a “**adrenalina**”, a emoção, como se fosse uma *aventura* ou um esporte radical. Poderia ser lida também como uma justificativa para o envolvimento dos jovens com a criminalidade, seria um emergente de uma postura grupal contrária à trazida logo antes por Émerson, de um viés mais moralizante e provavelmente mais culpabilizador.

Edson fala, por exemplo, da “adrenalina” que dá sair correndo da polícia, “*Aí quando vinha (a polícia), era uma beleza então*”, no que era complementado por Paulo e outros, com exceção de Émerson (pgs. 18 e 19):

“Paulo - Cada curva louca, senhor! Aí de moto, de moto, de carro,

Edson - ... dando fuga... trocando tiro...

Paulo - ...a polícia atrás, a sirene tocando... cê, dando cavalo louco de moto!... (voz alta)”

Uma comparação possível seria com os *esportes radicais*: que doariam um sentido perdido à vida, o próprio sentido de viver, no entanto; a plenitude da busca pela vida justamente quando ela está por um fio, a busca da evitação da morte; o “viver perigosamente”.

Dizem que dá medo, “mas quando chega na quebrada, cê fala: “Vixe! A viatura veio atrás...””, “troquei tiro... deu fuga...”, “Aí cê já pegou IBOPE”. Quando chegam onde moram **narram oralmente** suas “façanhas”, pois *é algo que os valoriza*.

Dizem das câmaras de segurança dos lugares que são assaltados (pg. 20), que eles pegam as fitas e depois assistem num momento de descontração, como que a se gabarem da ação executada, “Cê pega as fita e leva embora, “Ó a cena que eu fiz!””. Poderíamos pensar que na falta uma aceitação social ampla e oficial de suas “façanhas” e “atos heróicos”, que possibilitassem a programas de televisão exhibi-los (embora alguns programas tenham

chegado próximos a isso), tais fitas cumpririam o papel do “espetáculo” na cultura da criminalidade, dentro de uma “sociedade do espetáculo” (noção de Guy Debord).

- Um pouco antes (pg. 19), Paulo esboça que iria contar a sua história: “*Eu comecei com (...) roubando chocolate (...) Depois eu comprei um revólver, comecei a (...) roubar uns carro...*”. Mas parece que a excitação do grupo em falar da “vida do crime” foi maior.

- Após ter dito que iria ficar em silêncio a partir daquele momento (na pg. 18), Émerson tece o seguinte comentário, no instante em que Edson e Paulo descreviam a cena de fuga e troca de tiros com a polícia: “*Ah! Deixa eu sair prá outro lugar que eu tô me sentindo bicha aqui!*” (pg. 18). O que nos parece uma crítica ao discurso da virilidade, típico da criminalidade, que Paulo e Edson adotavam e do qual ele parecia não compartilhar. A questão da *sexualidade* e da *homossexualidade* é explicitada claramente por Émerson, como forma de tentar se defender dos ataques que recebia e de tentar quebrar um discurso que se pautava pela afirmação da virilidade apenas.

Um pouco antes havia acabado o lado da fita (pg. 18), no lapso de tempo em que o coordenador estava ocupado com o gravador, Edson se refere à observadora, tratando-a como uma igual a eles, uma “mina”: “*A mina tá até cansada de escrever por causa do Émerson*”, no que nos parece uma tentativa de aproximação com a observadora (o que estaria também em acordo com uma lógica da virilidade), além de uma crítica a Émerson.

Émerson permanece algum tempo sem se pronunciar, mas retorna a fazer comentários na pg. 21, justamente para se contrapor a uma generalização de Edson, de que “as mina” gostavam dos rapazes que tinham passado pela FEBEM:

“Edson – O seu IBOPE, o seu IBOPE vai subindo, ainda bem que... o meu IBOPE tava subindo, mas... aí vim prá FEBEM...

e – É?

Edson - ... e já... desmoronou foi tudo! (voz baixando no final)

Ah! Mas quando eu sair ainda vou ter IBOPE! Por causa tava na FEBEM e tudo,

e – É?

Edson - ...aí sim, as mina corre, as mina tudo gosta, tudo gosta!

(reações: várias sobreposições)

Émerson – Não, não, não! Não é todas mina, né senhor? Eu falo é... é mais aquelas menina que... gosta de zueira, entendeu, senhor?

É... bem... não é todas, não é todas não!”

Nesse trecho, aparece a continuidade do discurso de Paulo e Edson, descrevendo situações de assaltos bem sucedidos e do alto “IBOPE” que desfrutavam por isso, até que Edson reflete, com tom de voz triste, que a fama havia desmoronado com a ida para a FEBEM. Mas seria como se o contato com a frustração não pudesse ser mantido por muito

tempo, pois logo em seguida inverte a reflexão feita, afirmando que ainda teria “IBOPE” entre as mulheres, pois elas gostavam de quem havia passado pela FEBEM.

Já Émerson, discorda da *generalização*, afirmando que não eram todas as mulheres que gostavam de ex-internos da Febem, e ataca ainda a onipotência do discurso anterior, ao afirmar que as mulheres que gostavam eram mais as que gostavam de “zueira”. Interessante que Émerson retoma sua fala no grupo justamente para atacar um pensamento “generalizador” a respeito das mulheres e para atacar a onipotência e um discurso que pregava a ausência de conseqüências negativas da *criminalidade*.

O que, por sua vez, abre espaço para a fala de Marcelo, que também pouco havia se colocado até então (pg. 21):

“Marcelo – Eu já penso assim, ó: “Ah! Se eu ficar, se eu ficar com aquele cara ali ninguém vai mexer comigo e tal... se mexer ele vai...” (interpretando) [...] é...

- E todas, e todas essas meninas aí, senhor ...

Émerson – Ah! Eu já penso assim, senhor, e todas, e todas

Marcelo – ... “[...], saiu da FEBEM, ele vai dar tiro...”, já pensa em morte, entendeu, senhor? Matança, e tal...

Émerson – E todas, e todas essas menina aí, é menina que não vai dar certo prá você! Qualquer...

Marcelo – Te leva pro túmulo...

Émerson – Não dá certo porque... só quer gastar seu dinheiro...”

“Marcelo – E... tudo que é fácil não presta! Entendeu, senhor?

- “O que vem fácil vai fácil...” É igual água...”

Marcelo que, no momento, seria porta-voz também de um discurso que atacaria a lógica da virilidade, ao atacar as mulheres que preferem aqueles rapazes que já estiveram na Febem. Ele realiza ainda um movimento de ir até o *outro*, de mostrar o pensamento do outro, no caso então o pensamento do outro sexo, o não viril, ao se colocar no lugar de uma mulher e interpretar sua fala, numa dupla ruptura, então, com a lógica da virilidade por um lado, mas que coloca a *mulher* atuando segundo a mesma lógica, num discurso crítico à posição da mulher, o que, por sua vez, é típico da lógica da virilidade. Eles mostram o ponto de vista feminino como a outra face da mesma lógica, sem a qual a lógica da virilidade não se sustentaria, a do pensamento e da ação da “mina”, da “**mulher de bandido**”, que não apenas valoriza, mas que acaba por estimular certas atitudes violentas. Como Marcelo colocou, a “mina” “já pensa em morte” e “te leva pro túmulo”. Ou, então, quando Émerson fala que a “mina” só quer gastar o dinheiro que se conseguiu no “crime”, aparece um *consumismo* que seria comum tanto para o adolescente masculino

quanto feminino, um consumismo feminino que também pode estimular os atos infracionais.³²⁷

Já a frase de conclusão (a da “moral da história”), “tudo que é fácil não presta” e particularmente “o que vem fácil vai fácil” é também uma crítica que se aplica ao próprio ato criminoso, uma frase muito repetida pelos jovens da Febem (sabemos através de nossa experiência na instituição).

Logo adiante (pg. 21), Émerson se contrapõe mais uma vez ao discurso da criminalidade, dizendo que ficar conhecido tem seu lado negativo, pois traz o medo, a desconfiança, “*É capaz de você ficar mais em ponto de fuga*”, alerta, tenso, tanto, que pode chegar a ponto de deixar a pessoa louca, “*Indo prá lá, prá cá, prá lá, prá cá... é capaz de você ficar até louco, nessas vida aí, senhor!*” (pg. 22) (temática já trazida por Edson anteriormente). Mas Émerson é seguidamente interrompido, a princípio por Edson, depois por Paulo e ao final por Mateus, sendo impossibilitado de continuar. O grupo se coloca contra a fala de Émerson mais uma vez, inclusive Mateus (pgs. 21 e 22), que pouco havia falado até então.

Émerson tenta passar a vez de contar a história para Mateus, provavelmente como uma forma de reação contra esse último, mas Edson intervém e pede a palavra para a história de seu “primo”, Marcelo, que aceita o convite.

- Marcelo conta sua história (pgs. 22 a 28)

É uma narrativa emocionada, como se fosse uma confissão, palavra por palavra pensada, gestada, com o processo de simbolização em curso, a função intermediária operando (ao lidar com afetos conflitivos, provavelmente relacionados a representações reprimidas e, através do trabalho do pré-consciente, transformá-los em palavra), provavelmente com a sua vivência se tornando uma Experiência, principalmente quando fala da relação com seu pai.

Marcelo inicia dizendo que a sua história não é muito diferente da dos outros (pg. 22), uma fala oposta a de Émerson. Ele tenta afirmar a semelhança, talvez como forma de reforçar o pertencimento ao grupo, mas sua história e a maneira como a contou foram as mais distintas nas entrevistas. Sua história, embora semelhante em muitos aspectos

³²⁷ A questão da participação feminina na lógica da virilidade e na vida da criminalidade mereceria ser mais aprofundada. Nossa hipótese, a princípio é que a cultura da criminalidade e a lógica da virilidade estejam presentes em jovens da periferia (mas não apenas e não todos) de ambos os sexos.

com a dos outros jovens presentes, continha o diferencial dele ter vivido vários anos “na rua”, ele fora um “*menino de rua*”, o que configura uma categoria própria no discurso social e talvez na FEBEM também³²⁸. Conta sua história com muita emoção, pausadamente, palavra por palavra, principalmente no trecho em que fala de sua infância e da relação com seu pai (pgs. 22 a 24).

Segundo o que nos conta a questão do **pai** parece ser central em sua história. Os pais se separaram quando ele tinha 1 ano. Segundo ele, o padrasto era seu amigo, mas ele queria um “pai” (pg. 22).

Também fala da presença da *igreja* em sua vida, “praticamente cresci dentro de uma igreja também”, por influência de sua mãe, assim como Adriano e Émerson, mas diz abertamente que não gostava de ir (pg. 22). Já a escola parece não ter tanta importância na sua história, como teve nas histórias anteriores.

Sua primeira fuga de casa foi aos 3 anos de idade (pg. 22), a motivação teria sido uma revolta contra o castigo de ter de ficar em casa por não gostar de ir à igreja: “eu não gostava de ir prá igreja, mas minha mãe me obrigava a ir se não tinha de ficar de castigo dentro de casa... e aí eu... comecei a fugir de casa”. Eram fugas breves, entre os 3 e os 7 anos, mas com essa idade teria passado a viver no centro da cidade. Viveu 11 anos “nas ruas” (e em abrigos e instituições), dos 7 aos 18 anos, até ser internado na FEBEM.

Diz que aos 9 anos foi preso a primeira vez, por roubar compasso e lapiseiras, pois queria “uns negócio da hora prá ir prá *escola*”, “de marca”, que nessa época já cheirava *cola* e começou a fumar *maconha*, “fumava maconha que nem um condenado! Ia prá escola, ficava vegetando, em vez de ficar prestando atenção na... no que a professora tava passando lá” (pg. 23).

Aos 14 anos, após passar 2 anos numa clínica para drogaditos, teria voltado a viver com seus pais, mas teria tido problemas com seu padrasto e saído de casa. Tentou viver então com seu pai biológico, que ainda não conhecia, mas segundo Marcelo, o pai não correspondia à imagem que fizera de ‘um pai feliz e compreensivo’, e não lhe tratava bem, assim como a sua madrasta, então ele teria saído de casa. No entanto, retornou, mas “meu pai pegou e me bateu! Caramba! Eu fiquei pensando: “Por que ele me bateu?””. Marcelo retorna a viver no Centro, onde conseguiu uma arma de fogo, mas tenta novamente se reconciliar com seu pai, os dois discutem e Marcelo lhe aponta a arma e lhe xinga. Volta

³²⁸ Décadas atrás (anos 70 e 80) os “meninos de rua” eram muito comuns na FEBEM-SP, provavelmente maioria, mas hoje em dia são relativamente raros (não tenho dados) nas faixas etárias mais velhas.

para o Centro, “muito frustrado com aquilo, porque... eu fui pensando numa coisa, aí aconteceu outra coisa e tal, e eu, sempre me frustrava com, com coisas assim em relação a meu pai, sempre eu pensava uma coisa quando eu ia ver era outra...” (pg. 24).

A violência se faz presente na história de Marcelo, assim como a falta, que Marcelo localiza na falta de um pai. O pai ausente é idealizado, quando o conhece de fato o contato é decepcionante e turbulento, mas uma violência reativa de sua parte não se consoma, antes, sim, a frustração da quebra da idealização e o retorno à realidade das ruas.

A *morte* também se faz presente (e próxima) em sua história, por exemplo, quando fala do “esporte radical” que praticava, o “surfe de trem”. (pg. 27)

- No meio de sua narrativa um funcionário chama o entrevistador para fora da sala (pg. 25):

“(a porta se abre)

funcionário - Vem cá!

e - Com licença...

(entrevistador sai, funcionário lhe explica que o tempo estava terminando, o entrevistador lhe pergunta se ainda tinham uns 15 min para o fechamento, o funcionário responde que sim, que até às 21 h havia tempo)”

Enquanto o coordenador está fora, surgem questões:

“(conversas paralelas, voz baixa)

- Que será que tá acontecendo?

- Tsum! (expressão de desgosto)

- Isso aí é embaçado, o Vesguinho...

- [...]

- Ele é seu pai? (sobre o entrevistador, para a observadora)

- O quê que o gravador tá gravando? (para observadora)

Edson - E aí, princesa?... (se aproxima mais e pergunta para observadora)”

Observamos nesse momento a emergência de possíveis fantasias grupais: fantasias de *persecutoriedade*, voltadas para a instituição ou para a relação entre ela e o pesquisador, “*Que será que tá acontecendo?*”, ou ainda “*O quê que o gravador tá gravando?*”, a respeito da gravação, que é um elemento em geral disparador de persecutoriedade; fantasias transferenciais com os coordenadores, “*Ele é seu pai?*”, a respeito da relação do entrevistador com a observadora. Tal questão diz da diferença de idade entre o coordenador e a observadora, e talvez devesse ser traduzida por: “Qual é a relação afetiva entre o pesquisador e a observadora? Há alguma?”. Talvez a fantasia inconsciente grupal fosse a de que houvesse alguma relação, assim a realização do desejo dos jovens referente à observadora estaria impedida. Nesse sentido, caso a resposta à pergunta “*Ele é seu pai?*” fosse positiva, a relação com a observadora estaria impedida

caso todos os outros fossem irmãos da observadora, com o coordenador transferencialmente no lugar do pai de todos, por outro lado, estabeleceria uma relação de igualdade entre os jovens e a observadora, no sentido de serem todos irmãos. Uma outra possibilidade seria a da triangulação edípica, o coordenador estar transferencialmente no lugar de pai dos jovens e a questão “*Ele é seu pai?*” encobrir outra “*Ele é seu pai ou seu marido?*”, nessa segunda hipótese a observadora teria a relação com os jovens impedida por estar no lugar de mãe deles e esposa do coordenador. Edson, no entanto, deixa de lado possíveis impedimentos imaginários e tenta o estabelecimento de outra relação com a observadora, ele se aproxima e pergunta: “*E aí, princesa?*”.

Há uma transferência de Marcelo com o coordenador, como se esse ocupasse o lugar de pai? Aquele pai perdido, que iria acolhê-lo, ouvi-lo, reconhecê-lo como um filho ou integrante do grupo? Contratransferencialmente o coordenador sentiu-se colocado num lugar semelhante a esse, do reconhecimento. Sua atitude de retornar da conversa com o funcionário e pedir a Marcelo que continuasse seu relato sem que explicasse ao grupo o que se passara do lado de fora se relaciona a esse sentimento, mas a partir desse momento sua atenção ficou dividida, entre dar lugar à fala de Marcelo e a necessidade de encerrar a atividade. Marcelo, por sua vez, narra mais alguns episódios de sua juventude, sem retomar ao assunto da relação com o pai, e continua a narrativa de sua história até o ponto em que *ele diz ser pai*, mas não ter ainda conhecido sua filha (pg. 27). “Ser **pai**” para Marcelo talvez feche um ciclo referente à busca do pai, mas talvez abra um outro: como sê-lo?³²⁹ Uma questão que se colocaria não só para Marcelo, mas também para outros do grupo que serão pais brevemente (como Edson).

Quando fala da filha que tem surge um certo **arrependimento** (pg. 27): “*Isso tudo que eu passei na minha vida, senhor, mas tiro como um exemplo, entendeu? Uma experiência de vida e tal... Porque eu posso tar passando prá pessoas que num passou e tar no começo ainda, entendeu? É cega e não consegue enxergar... entendeu? Passar isso pros meus filho, pros meus neto e tal...*”. Diz querer passar sua **experiência** de vida para outras pessoas, que são cegas como ele era (semelhanças com a fala de Emerson), para que não precisem viver o que ele viveu, como seus filhos, seus netos. Aparece aí também um certo projeto de futuro, a longo prazo.

Marcelo diz que é “*muito ruim ficar preso*”, que “*o que eu não tô desejando prá mim eu não desejo prá ninguém...*” (pg. 28). Em seu discurso há uma saída de si rumo ao **outro**, talvez despertada pela lembrança da filha, da namorada, pela experiência que queria *transmitir* a um outro, até o ponto de uma *norma ética* para um outro generalizado: “*não desejar para o outro o que eu não desejo para mim*”³³⁰. Poderíamos pensar também

³²⁹ Talvez para Marcelo haja ainda uma dificuldade a mais: ‘como ser pai se eu não trago uma experiência de pai em mim?’. Uma possível falta de experiência que se contraporaria a um ideal de pai, a um “pai sonhado”, idealizado.

³³⁰ Poderíamos ver uma aproximação entre tal lema e a formulação kantiana do imperativo categórico: “*age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal*” (Kant, I. Fundamentação da Metafísica dos costumes, Lisboa, Edições 70, 1995, pg. 59).

em uma saída de uma vivência fundada no Eu ideal e no imediato para o ideal do Eu, um ideal a ser ainda atingido.

- Fechamento (pgs. 28 a 31)

O encerramento é demorado, Émerson e o grupo tentam (e conseguem parcialmente) esticar o horário, romper o enquadre³³¹, Émerson diz, argumentando para a continuidade da entrevista: “Quê mano! Nós vamo tá tomando café ainda, tem um tempão... eles vão fazer formação³³², escovar os dente... depois nós vamo subir...” (pg. 28). Para encerrar o grupo o entrevistador se apóia nos limites de tempo da instituição (pg. 29), em algo fora do grupo, e não apenas no enquadre do grupo (“uma hora mais ou menos”).

Alguns jovens manifestam vontade de falar mais (pg. 28): Paulo, Mateus, Pedro, Marcelo e Adriano, sendo que os três primeiros não haviam contado suas histórias, mas os dois últimos sim, embora Adriano tenha falado pouco. O coordenador parece ter ficado na dúvida se a vontade para contar as histórias desses cinco era porque eles pensavam que o dia para contar histórias da própria vida seria apenas aquele ou não, e explicita que a tarefa permaneceria a mesma para o próximo encontro: “se vocês quiserem então, quem não falou muito hoje, então o espaço tá aberto a próxima vez...” (pg. 29). O que parece ter tranqüilizado o grupo, mas ao final alguns ainda tentavam contar de suas vidas (pg. 30).

Para além do gesto generoso em colaborar com uma pesquisa e o sentido que isso poderia ter para cada um, haveria também ganhos secundários na participação dos jovens na pesquisa, alguns deles podem ser conscientes outros não. Dentre os conscientes nessa etapa de fechamento teriam aparecido dois: o prazer em sair da rotina da casa, particularmente, quando é dia de “tranca”, de ficarem trancados nos quartos (pg. 29); o outro, talvez, seja relacionado à presença de uma moça numa idade próxima a deles no grupo, a observadora.

No momento em que todos já se levantavam, Edson faz uma brincadeira (pg. 31): “Eu queria pedir um negócio pro senhor! (tom sério) Eu queria que o senhor desse uma voltada na fita prá ver se gravou mesmo... (em tom de risada ao final)”. É um sinal positivo a presença do lúdico, nesse caso talvez relacionado à elaboração da angústia relativa à persecutoriedade, despertada pelo gravador, mas também se relaciona ao lugar de Edson e ao lugar do coordenador no grupo, pois a primeira frase, “Eu queria pedir um negócio pro senhor!”, tem um tom sério, quase ameaçador, como se algo de grave fosse ser pedido, o que a princípio assustou o coordenador, que viveu a fantasia de que Edson fosse pedir

³³¹ A entrevista tem a duração de 1 hora e 20 minutos, é aquela de maior duração.

³³² “fazer formação”: prática comum na Febem que consiste nos jovens se disporem sentados, organizados em linhas e colunas, na forma de um retângulo, todos virados para frente, em geral para contagem e escuta do que os funcionários tiverem a dizer.

para não mais participar do grupo ou algo semelhante. Tal brincadeira mostra também uma preocupação com a boa efetivação da pesquisa, através da preocupação com o funcionamento do gravador, muito pertinente inclusive.

- Considerações Finais sobre a 1ª Entrevista Grupal:

A questão do contrato de sigilo entre os jovens, que não foi feito (pgs. 3 e 4), pode ter tido o efeito de que cenas que mostrassem fragilidade dos adolescentes quando mais jovens ou crianças não aparecessem tanto na entrevista? É possível. Ou mesmo que cenas mais fortes, como de homicídios ou outras violências não aparecessem tanto? Não sabemos.

No decorrer de toda a entrevista parece haver a questão da disputa de poder entre dois discursos, um conflito no grupo, como se manifestou no início da entrevista: entre discurso da honestidade e discurso da criminalidade, entre os emergentes iniciais enunciados pela fala de Edson e pela fala de Êmerson (na “Abertura”).

Em Êmerson tal conflito aparece com mais clareza: o modelo/ideal de “bandido” parece sofrer críticas com a vinda para a FEBEM. Há um conflito entre os discursos da criminalidade (tios, amigos, colegas de FEBEM) e o discurso da "honestidade" (mãe, religião, e provavelmente educadores/funcionários da FEBEM). No momento da entrevista parece haver um domínio manifesto do discurso da honestidade.

6b - Análise da 2ª entrevista grupal

Essa entrevista, assim como a anterior, para facilitar a compreensão, também pode ser subdividida em etapas, nomeadas arbitrariamente:

- Descrição sintética da entrevista:

Abertura	(pgs. 1 e 2 da transcrição)
História de Paulo	(pgs. 2 - 4)
Vida na Febem e vida fora da Febem	(pgs. 4 -13)
História dos tios de Émerson	(pgs. 13 - 17)
História de Mateus	(pgs. 17 - 20)
Sobre criminalidade e violência	(pgs. 20 - 27)
Histórias de brigas em salões	(pgs. 27 - 32)
Fechamento	(pgs. 32 - 35)

- Análise:

Numa primeira análise a partir do objetivo proposto (o mesmo da primeira entrevista, que os jovens contassem suas histórias), o que se verificou na entrevista foi além do proposto, com narrativas de situações que ocorreram em salões de baile e mesmo com histórias sobre a vida de outras pessoas. Nesses dois casos, poderíamos considerar que de certa forma os jovens permaneceram dentro do objetivo proposto, pois no primeiro caso relataram experiências e situações que eles mesmos viveram e protagonizaram, que fazem parte de sua história de vida, no segundo caso tratava-se da história de pessoas muito importantes para o narrador da mesma (a “História dos tios de Émerson”), assim (em acordo com Benjamin) poderíamos considerar que essa história teria passado a fazer parte da história do narrador. Entretanto, nos trechos “Vida na Febem e vida fora da Febem” e “Sobre criminalidade e violência” os jovens tiveram uma outra abordagem a partir do objetivo (particularmente no primeiro trecho), quando expuseram uma preocupação em relação às consequências de estarem internados na FEBEM e sobre seus futuros. Dois jovens contaram suas histórias de vida, Paulo e Mateus, no entanto Pedro não toma a palavra para contar a sua história, sendo o único dos sete a não contá-la nessas duas entrevistas cuja proposta principal era essa. Procuraremos investigar melhor esses temas a seguir.

Ao compararmos a “descrição sintética” dessa entrevista com a da primeira entrevista em grupo nota-se diferenças importantes, mas uma estrutura semelhante. Nessa segunda entrevista a abertura foi mais sucinta, e o fechamento se deu com maior

tranquilidade. Após a abertura em ambas as entrevistas seguiu-se uma primeira realização do objetivo proposto pelo coordenador: um dos membros contou sua história. Após esse momento em ambas o tema do grupo passou por estar internado na FEBEM e pela vida no “mundo do crime”, após o que, seguiu-se em ambas, a narrativa de uma história de vida (Adriano na primeira e Mateus na segunda), seguida por um retorno ao tema ‘vida na criminalidade’, na segunda com mais ênfase para, ao final, ocorrerem narrativas de histórias.

Um outro dado que pode ser interessante investigarmos é o referente à **disposição espacial**. A localização da observadora e do entrevistador não se alterou durante todas as entrevistas, localizados um ao lado do outro, no lado oposto à porta e com uma janela de vitrô atrás deles, em cujo parapeito era colocado o gravador. Mas a disposição dos jovens alterou-se em todas. Na primeira entrevista eles subdividiram-se em dois grupos basicamente, um à esquerda dos coordenadores, com Edson e Pedro e outro à direita, com os outros cinco. Já na segunda, haviam três jovens à esquerda, Edson, Émerson e Mateus, com os outros quatro à direita. Mas de início, como Marcelo não estava presente, colocaram-se os dois grupos com iguais números de membros e em posições opostas. Quando Marcelo chegou ocupou um lugar intermediário entre os dois, de frente para os coordenadores e ao lado da porta. Assim, a posição de Marcelo pouco se alterou de um grupo para outro, tendo apenas realizado uma troca de lugares com Adriano. Também a posição de Paulo pouco se alterou, já Pedro realizou quase que uma troca de lugares com Mateus. Chama a atenção as posições dos dois que mais falaram na primeira entrevista: a posição de Edson, a única que não se alterou, ao lado da observadora, e a posição de Émerson, que se na primeira colocou-se no extremo oposto a Edson, na segunda entrevista esteve a seu lado. Existe algum sentido para a mudança de lugar no grupo? Ou para a conservação do lugar, no caso de Edson? Uma hipótese seria a existência de uma certa hierarquia entre os jovens, de modo que Edson conseguiu sentar ao lado da observadora, representante da figura feminina, por duas vezes consecutivas, já Émerson sentaria ao lado, seria o “braço esquerdo” do líder. Voltaremos a tais questões com o decorrer das análises.

Seguiremos agora a uma análise mais detalhada da entrevista, subdividindo-a, assim como na primeira, por etapas:

Abertura (pgs. 1 e 2)

A abertura nessa entrevista transcorre relativamente rápida, o objetivo do dia, o mesmo objetivo da outra entrevista, é retomado. A se destacar há a fala de alguém de que o Pedro foi quem não falou da outra vez, antes da enunciação do objetivo para aquele dia. Mas haviam três que não tinham contado as suas histórias, Paulo e Mateus, além de Pedro. No entanto, curiosamente, Pedro é o único que não contará sua história nesses duas entrevistas que tinham as histórias pessoais como meta. Por quê?

Um outro fato a se destacar é a fala do coordenador, talvez estimulada também por essa lembrança a Pedro, de que ninguém é obrigado a falar e de que quem já contou a história da outra vez pode contar a história nessa entrevista também.

História de Paulo (pgs. 2 a 4)

Após a enunciação do objetivo para aquele dia, Edson diz para Émerson “*quietinho!*” (pg. 2). Émerson não aparenta ter esboçado nenhuma reação, pelo contrário, parece acatar a “recomendação” de Edson e permanece calado até o final da história de Paulo. Talvez isso seja fruto das advertências que Émerson sofreu por parte do grupo na primeira entrevista, que considerou que ele estava falando demais. Talvez tenha sido fruto de um combinado feito fora do grupo; por outro lado Edson mostra uma posição de líder no grupo. O que se confirma com sua próxima fala, que parece imitar a do coordenador, numa assunção até certo ponto lúdica do lugar de coordenador do grupo, sugere que Paulo inicie de fato a realização da tarefa com o relato de sua história, no que é reforçado e legitimado por Adriano, mas dessa vez em tom fraternal e acolhedor (pg. 2):

“Edson – Então, começamos hoje pelo Paulo, não é Paulo?”

Adriano - É irmão, conta sua vida prá nós aí... (baixo)”

Paulo aceita o convite, mas teria ele aceito da mesma forma, sem a legitimação de Adriano? O fato é que Edson pôde ocupar o papel de coordenador no grupo, sem maiores dificuldades.

No relato de sua história, a primeira coisa que Paulo menciona é a *prisão do pai*, por *tráfico de drogas* e o fato do pai ter ficado três anos preso, quando ele tinha em torno de 7 anos. Paulo diz que isso foi, para ele, uma *grande influência*: “Aí, foi já... a maior influência, né sr.? ... Aí já foi dando uma influência, né?” (pg. 2). Podemos pensar que por ser o primeiro fato que ele relata e pela importância que dá ao mesmo, que a figura do pai ocupava um lugar de destaque nos ideais de homem daquele menino, provavelmente num lugar muito próximo ao de **ideal de Eu**, com um papel importante em sua constituição

psíquica, como modelo e como baliza para seus atos. Paulo, até aquele momento, seguia passos próximos ao do pai, se envolvera com a criminalidade e fora preso, o que mostra a importância dos ideais na transmissão psíquica intergeracional.

Como se fosse uma consequência em atos dessa influência, Paulo continua logo em seguida: “E pá e pá... comecei a ir prá escola... Fui expulso de uma escola, estudei já em 5 escola, já... (risada) Era expulso direto das escola... bagunçando...”. Segundo o que se depreende de seu relato o pai teria influenciado o seu ato de “bagunçar”. Não temos elementos suficientes para investigarmos sobre o *como* se deu essa influência, mas uma hipótese interessante seria a de que a “bagunça” significaria um não cumprimento das regras oficiais ou um não respeito à autoridade oficial, numa analogia com a atitude delinquente do pai.

Novamente as expulsões e/ou abandonos da frequência à **escola** aparecem como marcas importantes na história desses jovens rumo à delinquência e à criminalidade, assim como já constatamos na primeira entrevista, relativamente a Edson, Émerson e Adriano³³³.

Paulo também se iniciou na criminalidade com pequenas delinquências, pequenos furtos, como já haviam dito Edson, Émerson e Marcelo. Edson inclusive sublinha esse traço em comum: “*Sempre começa assim, sempre começa aí, né sr. ...*” (pg. 3). Tem-se, então, dois traços em comum a vários do grupo (o afastamento da escola e o início na criminalidade com pequenos furtos), Edson sublinha essa semelhança para o coordenador, com a provável intenção do coordenador entender melhor a origem do envolvimento com a criminalidade.

Paulo também parece centrado na explicação desse envolvimento: por duas vezes diz “*aí que tudo começou...*”, referindo-se à sua infância, seu pai e à escola. O coordenador pergunta “*Começou o quê?*”, e Paulo continua com sua história dos primeiros furtos, aos primeiros roubos, com 14 anos, passando depois aos assaltos a mão armada.

Fala então da reação da sua mãe a esse seu envolvimento (pgs. 3 e 4). Mas e seu pai, o que teria ocorrido com ele? Por que a reação dele não aparece?

“Vixe! Minha mãe, minha mãe ainda ficava, minha mãe ainda ficava pesc-, minha mãe não sabia o que tava acontecendo, “Essa vida aí! Por que você foi entrar nessa vida? Essa vida é mísera, e o seu pai... [...]”, e eu: “Não tô nessa vida não, eu tô indo prá escola...”, falava que tava

³³³ Constata-se na FEBEM-SP (a partir de nossa experiência na instituição) uma defasagem entre a idade e a escolaridade dos jovens muito grande, com jovens entre 17 e 18 anos analfabetos ou semi-analfabetos.

estudando... falava um monte de coisa, inventava um monte de mentira prá ela... "Tô pouco acreditando!", e quando eu saía eu roubava moto direto, e gastava o dinheiro... saía de noite e voltava só de manhã... ela só falou: "No mundão?" "Ah, tava na casa dum amigo meu aí, não faço nada de errado não..." "

A contradição aparece em seu discurso, sinal talvez de um conflito interno ao abordar esse assunto: primeiro parece dizer que sua mãe ficava “pescando” (querendo saber das coisas a partir de indícios), interrompe o que ia dizer (“pesc-”) e diz que a sua mãe não sabia de nada do que se passava, depois interpreta a fala da mãe questionando-o por estar seguindo o mesmo caminho do pai e dizendo ser essa uma vida mísera, ele, como resposta, negava as acusações da mãe, inventando mentiras, mas a mãe dizia não acreditar. Assim, ao que parece, a mãe sabia o que ocorria, dizia isso abertamente para ele, assim como a sua reprovação. Paulo mostra consciência da ciência da mãe, no entanto ele se recusava a ter um diálogo franco com ela a esse respeito, motivo talvez de ainda no momento da entrevista ter negado que ela soubesse de algo.

Paulo reflete então a respeito, de um lado ele sempre negando o que a mãe lhe apontava e se recusando a dialogar com ela, por outro lado ela “sempre falando, dando uns conselho, e eu nunca ouvia, né?” (pg. 4). Por que ele não ouvia os conselhos da mãe? Seriam conselhos na forma de uma história ou de um provérbio? Teria Paulo condições, naquele momento, de ouvir uma história, entendê-la e assimilá-la?

Parecia que Paulo queria só curtir a vida, pois continua logo em seguida: “Só... só curtindo a vida... eu ganhava dinheiro, ia gastar... quando ia ver no outro dia não tinha mais, tinha de ir roubar de novo prá de noite ter...”. Mas curtir de uma maneira **imediatista**, sem pensar nem no dia de amanhã, quanto mais no futuro a médio e longo prazos, o que parece que teve consequências: “Vixe! Um monte de coisa aconteceu na vida aí... (baixo) até... vim parar aqui agora... (voz triste)”. Nessa breve narrativa de sua história aparece uma reflexão sobre sua vida, seu envolvimento com a criminalidade, seu pai como modelo e os conselhos de sua mãe que ele não seguiu. Seu tom de voz ao final demonstra talvez um certo arrependimento. A questão da culpa em relação às expectativas da mãe surge mais uma vez, dessa vez relacionada também ao ato de ter mentido para a mãe. Uma mãe que tinha valores relacionados à honestidade, em oposição, ao que parece, ao pai como modelo para o filho. Paulo dá mostras de comungar, até certo ponto, desses valores também, como quando diz: "Ah! Não vou fazer nada de *errado* não, mãe!".

Para concluir seu breve relato, Paulo diz ‘Agora já era’, mas é interpelado por Emerson: “*Fim de carreira?*”, referindo-se à carreira criminosa³³⁴. Paulo, entretanto, demora para responder, tempo que já é a resposta para Emerson: “É nada! (alto)”. Paulo dá uma resposta ambígua: “*É, agora já tou preso aqui já faz 6 meses já!...*”, muda de assunto e não nega Emerson.

Nossa conclusão é que haveria uma probabilidade considerável dele voltar a ter atitudes delinquentes, mas por algum motivo ele não pôde dizer isso abertamente no grupo. Por quê? Não confiaria no sigilo dos coordenadores? Desconfiaria de que haveria alguém escutando por trás das paredes (que eram de compensado fino e pouco abafavam o som)? Gostaria de passar uma imagem de “recuperação” para os coordenadores e/ou para a pesquisa e seus possíveis leitores? Nesse caso, poderíamos supor que seu “certo arrependimento” seria bem menor do que o prazer de curtir a vida, e que se relacionaria mais a ter feito a mãe sofrer ou ter mentido para ela?

Não sabemos se Paulo teria mais alguma coisa para dizer ou não; ele parecia ter concluído sua história. Emerson, que havia apontado e revelado a possibilidade de volta para o crime do colega, toma então a palavra.

Vida na Febem e vida fora da Febem (pgs. 4 a 13)

Emerson toma a palavra e diz: “Eu queria dizer que nós tá preso, mas nós ainda pode se recuperar ainda, prá sociedade...” (pg. 4). Com essa fala Emerson se contrapõe àquela possibilidade de permanência na criminalidade, sendo um **porta-voz** grupal da *esperança de “recuperação”*, de *saída da vida da criminalidade*, numa posição semelhante à já ocupada na primeira entrevista, mas, dessa vez, ele não fala mais apenas por si próprio, fala por todos, usa o pronome “nós”.

Já Edson nesse momento talvez tenha sido o porta-voz da desesperança ou da impossibilidade de mudança, com o seu “*só por hoje...*”, que se seguiu à fala de Emerson: “Quando eu sair daqui não vou roubar mais não!”. Embora ao ser questionado pelo coordenador acerca do significado do “só por hoje” naquela ocasião, Edson tenha dito que nunca mais ele roubaria. Mas não sabemos o quanto Edson acredita nisso que disse; o trecho é confuso.

³³⁴ Numa mostra de que o crime - e particularmente o tráfico - é visto como uma carreira, uma *profissão*, um *trabalho* por muitos jovens da instituição. Sabemos disso, também, a partir de nossa experiência na instituição.

Marcelo, na sequência, profere uma frase-feita, provavelmente da criminalidade, "Se não rouba, rouba, se não der eu mato!", de significado, no entanto, nebuloso para nós, e Edson em seguida diz: "Isso mata... Isso mata...", Marcelo tenta explicar a sua frase: "Se não faz nada ainda fala que é do crime!" (pg. 5). Uma compreensão possível seria que Marcelo estava dizendo da dificuldade em deixar a criminalidade; se o sujeito não fizer nada, nenhum ato infracional, mesmo assim ainda vão falar que ele pertence à criminalidade; é como se dissesse da dificuldade de mudar a imagem com que é reconhecido pelos outros; "isso mata" poderia ser um comentário relativo a essa dificuldade, no sentido até de que tal dificuldade poderia "matar" uma tentativa de deixar a criminalidade³³⁵. A continuidade das falas, no entanto, pode nos levar a pensar que o que "mata" é o sofrimento do dia-a-dia na Febem, que é o próximo assunto grupal.

Falam (ao menos Émerson, Edson, Paulo e Marcelo, pgs. 5 e 6), então, do dia-a-dia regrado da Febem e de que quando chegarem em casa ainda vão ter pensamentos de que há alguém ordenando-lhes algo, como se fossem fantasmas a perturbar-lhes o dia-a-dia e o pensamento.

Depois começam a falar sobre o que vão fazer nos primeiros dias fora da Febem, Émerson é realista e coerente com o que já disse: "não vou falar que... que eu vou virar um santo, né sr.? Mas vou ficar curtindo minha vida, mas sem precisar roubar... sem precisar usar droga..." "do jeito que eu nasci". Mais uma vez é porta voz da possibilidade de um outro tipo de vida, fora da criminalidade.

Mateus fala que vai tratar de "ir prá praia, prá tirar a zica, quando eu sair daqui...", e Pedro complementa, "Tirar os peso das costa, né?" (pgs. 5 e 6), o peso que eles estão carregando ao ficar na Febem. Émerson fala inclusive: "Quê! Aqui dentro aqui é cheio de alma penosa aqui dentro, esse lugar é assombrado...". Realmente, a história da Febem é marcada por muito sofrimento e inclusive por mortes de jovens nas unidades, e isso parece se transmitir como uma carga negativa, um peso depositado sobre os adolescentes, conforme relataram³³⁶. Nesse ponto há uma *unidade* no grupo. Pensamos também na

³³⁵ O "isso mata" também poderia ter um significado real, de significar a morte do jovem que tentar deixar a criminalidade.

A questão trazida por Marcelo parece ser muito importante para os jovens do grupo, diz respeito ao receio de encontrarem um preconceito social na sociedade contra eles, seja por terem passado pela Febem, seja por terem pertencido à criminalidade. Ela aparecerá novamente em outros momentos, particularmente ao final da última entrevista grupal.

³³⁶ A partir de nossa experiência, sabemos que havia ocorrido ao menos uma morte de jovem na UI-19 num passado recente.

Pensamos que pode haver também, para além de uma "carga" institucional que se transmite, talvez, devido a uma cronificação dos problemas e das soluções encontradas, um "peso" de estar na Febem

Febem como um depositário do que a sociedade quer negar em si, que seja seu, ou seja, a delinquência social, a violência, a perversidade e que os jovens ao lá chegarem seriam também os depositários desse “lado negro”, que precisa ser negado para que a organização social se mantenha como está. “Carga” negativa que incidiria sobre todos os seus membros, inclusive funcionários, mas principalmente sobre os jovens, depositários últimos, que, por sua vez, a atuam (assumindo as representações socialmente negadas), seja através de rebeliões, seja através da “eleição” de mais um depositário ou “bode expiatório”, o “pilantra”, um jovem do grupo sobre o qual recairá a violência do grupo e as representações negadas pela própria sociedade; é aquele que os jovens denominam de “seguro”, como veremos adiante.

Retomemos a entrevista: os jovens dizem, então, do risco de deixar a Febem “subir na mente”, quando estiverem fora dela (pg. 6):

“Émerson – Mas não pode deixar a cadeia subir aqui prá mente, se não cê cai, cê...

- Cê não vai se recuperar não se...

Marcelo – Vai direto pro sanatório...”

Émerson explica o que seria esse risco:

“Émerson - Não pode levar o ritmo daqui de dentro lá prá fora, se você levar o ritmo daqui de dentro lá prá fora... (...) Porque é tanta maldade aqui dentro, aí lá fora cê vai tá com uma arma, sei lá né? Quem quiser ter uma arma lá, aí falou uma coisa a mais cê já tá pegando já, já tá negando... Se sair desse jeito aí, cê, cê chapa de cadeia...³³⁷

e – Porque o ritmo aqui, Émerson, o ritmo aqui é...

Paulo – Muita maldade...”

Seria o risco de levar o ritmo de vida que os jovens levam entre si na Febem para a convivência fora da instituição, um ritmo marcado pela “maldade”, onde quase qualquer coisa que se diga pode ser *mal* interpretada, no sentido de *maliciada*, mas com sérias consequências. Como Émerson diz, se alguém falar uma “coisa a mais” a consequência pode não ser uma discussão ou uma “briga de mão”, mas tiros (quando fora da instituição), ou seja, a possibilidade da morte. Mais adiante Émerson contará uma breve história para ilustrar esse seu raciocínio (pgs. 10 a 12).

Mas poderíamos interpretar esse risco como o de enlouquecimento, também, como sugere Marcelo? Sim, um enlouquecimento que pode ter como consequência o acirramento da intolerância e da violência, conforme coloca Émerson, ou mesmo outras consequências. É importante frisarmos que o “ritmo” da convivência entre os jovens

relacionado à privação de liberdade e no que acarreta ao imaginário social e subjetivo o “estar na Febem”, ao que talvez se relacione também a questão do sentimento de culpa.

³³⁷ “chapa”: do verbo “chapar”; algo no sentido de ficar cheio até não agüentar mais, ou ficar maluco, louco.

internados não seria uma criação apenas dos próprios jovens ou do mundo da criminalidade, mas também uma consequência dos fatores institucionais que possibilitam ou favorecem a instalação de tal “ritmo”, pois, conforme eles disseram, o perigo seria levarem tal ritmo, mais tenso e veloz na maliciação e na defesa contra a “maldade”, de dentro da instituição para fora.³³⁸

A maldade que se vive no dia-a-dia entre os jovens na instituição é melhor explicada: Edson fala que o ritmo “é *acelerado*”, outro diz que lá dentro “*cê tem que medir as palavras*”, Emerson continua (pg. 7),

“o que você falar *cê* já tem que pensar o quê que vai ser depois...”, “no mundão *cê* fala umas palavra assim é... normal...”

Edson - A gente nem pensa e fala "Ah! É isso aí mesmo..."

Marcelo - Não quer nem explicação pelas palavras...

Edson - Não quer nem saber...

Emerson – Aqui não! *Cê* você falou um negócio assim, você falou um negócio... você vai ter que... se expressar, porque que você falou aquilo ali, o quê que significa o que você falou...”

Edson complementa: “Se se atrapalhar... o chicote estrala...”. O “chicote estrala” é uma expressão de impacto usada pelos jovens, de significado claro, próximo a “a violência física corre solta”, como Paulo dá continuidade: “*Cê* já vai querer sair pegando o outro na mão aí...”. Segue-se um diálogo grupal que reproduzimos na íntegra (pg. 7), onde um vai complementando a fala de outro, como se fosse uma narrativa grupal e onde o “ritmo” do convívio na Febem é *interpretado* pelos jovens, de maneira a poder ser vivenciado pelo leitor/ouvinte:

“Emerson – *Cê* falou um negócio aí... Aí, sr....

Paulo - ... com o outro...

Emerson - ... tipo assim...

Paulo - ... maior cabreiragem...

Emerson - ... *cê* falou... (falas simultâneas)

Paulo – ... na mente, né?

Emerson - ... tipo assim, eu falei, eu falei uma... nós tava conversando sobre uma coisa... na... Que dia sr., que nós conversamos?

Edson – Quinta-feira passada.

Emerson – Quinta-feira passada. Nós tava bolando uma idéia, né sr.? Se de repente... de repente nós já muda a idéia, tipo vai prá outra idéia, aí você já não presta atenção na sua própria idéia... - Sua palavra...

Emerson – Entendeu, sr.? Se você começou a falar um negócio tem que ir até o final...

e – Certo...

Emerson – Entendeu? *Cê* num pode já desviar sua idéia...

Edson – Se você falou "a", tem que... continuar até o final...

Paulo - "O quê que você falou?" "Falei "a"", "O quê que você falou?" "Falei "a"", "O quê que você falou?" "Falei "b"", "Ah! Se você falou "b", você falou "a", agora falou "b", então..."

- “Você colocou a corda no seu pescoço...”

³³⁸ Um outro aspecto desse “enlouquecimento” seria o do *ódio*, um ódio reativo às humilhações ou ao sofrimento vividos na instituição, que, ao obterem liberdade os jovens, poderia se descarregar contra a sociedade em geral ou contra o primeiro que disser “uma coisa a mais”, que possa ser interpretada pelo jovem como uma ofensa.

Emerson – Já se complica com sua própria, tipo você já faz uma enforcadeira com suas próprias palavras...

Edson – E se enforca... É... aqui dentro se tem que calc-, tipo... medir as palavras...

- É, calcular bem o que vai falar, né?"

Percebe-se então com maior clareza qual a “maldade” em que vivem tais jovens na internação, é a da tensão constante, de uma atenção que tem que ser constante, pois uma distração, uma falha, uma “vacilada” verbal pode ter graves consequências físicas (e psíquicas e no status frente ao grupo), nos casos mais extremos a vida está em jogo por um deslize, uma desatenção, uma titubeada, um esquecimento, uma confusão, um engano, um lapso, que pode ser levado para a “maldade” da interpretação, de acordo com a “maldade” do ouvinte. É possível que tal tensão desse ritmo acelerado (que se constante não deixaria qualquer espaço para o *tédio* do qual fala Benjamin), que tal “maldade” seja uma forma de defesa, segundo o lema “*a melhor defesa é o ataque*”, uma defesa do tipo **esquizo-paranóide**, que vê a todos os outros como potenciais ameaças e se antecipa na defesa, atacando³³⁹. Uma outra possibilidade seria a de que se trata de uma violência reativa ao tolhimento, à violência ou a humilhações, sofridos pelos jovens por parte da instituição (mas não temos esse dado por parte dos jovens). Ao serem impossibilitados - das mais diversas formas - de reagirem ao ataque sofrido, diretamente contra quem o perpetua (seja a sociedade, o estado, a polícia, a instituição, algum funcionário ou outrem), o ódio e a reação acabam direcionados, como que numa válvula de escape, para o lado mais fraco (segundo o ditado “a corda sempre arrebenta no lado mais fraco”), para aquele que sente medo e titubeia, para aquele que vacila, para aquele que inventa uma mentira pensando se proteger mas cai em contradição, para aquele que nada teme e se distrai do perigo ou da “maldade” reinante, ou seja, para um outro jovem, um igual, mas que, naquele momento, deixou - para os outros - de compartilhar a identidade grupal, que, como já vimos, se faria em torno da atributo da virilidade.

Mas não se trataria apenas de uma violência reativa, trata-se antes de um modo de agir da criminalidade que é acirrado pelas condições institucionais e pelo convívio entre os jovens na instituição. Na página seguinte (pg. 8) podemos depreender tal relação com o pensamento na criminalidade, como nas falas: “Quem não for [do crime] vai vender alho na feira, ou limão na feira... que no crime...”, “o crime não é prá quem quer não! É prá quem é mesmo!”, “o crime é podre, mas não admite falha!” (Emerson), “Enquanto houver falha, haverá

³³⁹ Como na política externa do presidente dos EUA, George W. Bush, frente ao Iraque, com seus “ataques preventivos”. Na 3ª entrevista-piloto fica claro o sentido do ataque como forma de defesa: alguém que fosse “atacado” e não reagisse em dobro, não ficaria com fama de forte, pelo contrário, poderia ficar com fama de fraco e começaria a sofrer mais ataques ainda, por causa disso.

morte..." (Marcelo) e "lá fora [da Febem] também, se você errar lá fora, já era! Lá fora, não tem chance não!" (Paulo).

Um modo de agir e de pensar, que parece estreitamente ligado a uma **lógica da virilidade**, como nas frases "*o crime não é prá quem quer não, é prá quem é mesmo!*", uma frase comum na FEBEM-SP, e "*Quem é é, quem não é... [do crime] sai prá lá!*" (Edson), que nos leva à questão: quem é o quê? A resposta mais direta seria 'quem é bandido mesmo', mas há uma outra resposta no "entrelinhas", quem é "foda", "macho mesmo", haveria então uma certa correspondência entre "*bandido*" e "*homem*" na cultura da criminalidade, o que mostra a presença da lógica da virilidade. Segundo Carreteiro (2003) atitudes baseadas na lógica da virilidade viriam como uma forma de defesa frente a uma realidade agressiva ou deslegitimadora de uma auto-imagem positiva. Realidade que provavelmente está mais presente, portanto, na situação de internação.

Tal modo de agir e pensar seria guiado também por uma outra lógica, a da **Lei do Mais Forte**, a lei natural, que é explicitada no grupo nesse mesmo trecho (pg. 8), pela primeira vez, por Mateus: "*é a lei do cão... os mais forte sobrevive...*", depois alguém explica "*Lei do cão é matar ou morrer*" e mais adiante (pg. 10) há uma complementação: "*Quem pode mais chora menos...*" e "*Quem pode mais nem chora...*" (Mateus). Mas, de fato, não seriam duas lógicas distintas, uma complementar a outra, particularmente a lógica da virilidade complementar ou seria um braço da "Lei do Mais Forte", por exemplo, ser "forte" seria um aspecto da virilidade, assim como não chorar, não mostrar fraquezas, sentimentos. A base de ambas seria a "Lei Natural", do domínio da natureza, a chamada "Lei da Selva", quando o "mais forte" estabeleceria a lei a seu "bel prazer" ou arbitrariedade. A "lei do mais forte" deveria ser lida como "a lei é a do mais forte", não seria portanto a lei comum, do pacto social, mas a anterior, a da ausência de leis propriamente humanas, comum a todos - de um tempo anterior ao pacto entre os irmãos e o estabelecimento do totem e dos interditos - a lei apenas do "pai" da horda primitiva, em outras palavras, do "mais forte" no grupo.

Nesse contexto, a sobrevivência no mundo da criminalidade ou no convívio na Febem se dá em parte pela Lei do Mais Forte, como numa selva, com pouca intermediação das leis sociais. "Selva" essa responsável provavelmente, em parte, pelos altos índices de mortalidade por homicídio dos adolescentes paulistanos.

Parece que há uma vontade, ao menos foi explicitada por Émerson, "Banal... (...) Coisa que... dá prá se resolver numa idéia..." (pg. 10), e trazida por outros através do tom de

lamentação referente ao “ritmo acelerado” que impera na Febem (como Paulo: “*maior cabreiragem...*”, pg. 7), de se **resolver os conflitos pela palavra**, pela conversa, porém há o medo e a pressão social contrária, que se legitima na lógica da virilidade e no vínculo de violência que se estabelece no grupo, que ditam soluções pela violência.

A respeito do **vínculo de violência**, Kaës considera que:

“Não pensar, responder à urgência da situação com a violência do ato evita o sofrimento de pensar o vínculo de violência. O vínculo de violência é mantido para criar um estado de não pensamento: a ameaça mútua, a onipotência e a provocação à busca de limites são os elementos pelos quais a raiva se encontra constantemente mobilizada. Gritar bem forte, bater, agir, insultar são as modalidades que põem a vida psíquica fora do circuito e cumprem a exigência de não pensar. Uma irritação lábil ou permanente engendra, em um movimento circulatório auto-alimentado, o medo, a raiva, a ferida narcísica que não se cicatriza.”³⁴⁰

Pensamos que nessa situação o vínculo de violência está intimamente relacionado à lógica da virilidade, tal vínculo impediria o pensamento que poderia vir a questioná-la, ele contribui para a sua manutenção.

Os jovens dizem que na Febem (e na criminalidade) é necessário “calcular” bem o que vai ser dito, “medir as palavras”, “pensar mais antes de falar” (pgs. 6 a 8). Isso poderia parecer contraditório com a questão do *imediatismo* da ação e das falhas das *formações intermediárias*, que se relacionariam com a emergência da violência, conforme abordamos nos capítulos 2 e 3. Mas talvez não seja, se lermos tais “*palavras*” já como *atos*, com a concretude de um ato. Pois parece que não há retorno para o que é dito, não há a possibilidade do desvio e da ambiguidade que caracteriza a linguagem, um xingamento ou um deslize são imperdoáveis e já são encarados como atos, já que a resposta não é mais verbal, mas em ato, ato violento. Conforme podemos acompanhar no trecho já citado (pg. 7):

“Émerson – Entendeu? Cê num pode já desviar sua idéia...

Edson – Se você falou "a", tem que... continuar até o final...

Paulo - "O quê que você falou?" "Falei "a"", "O quê que você falou?" "Falei "a"", "O quê que você falou?" "Falei "b"", "Ah! Se você falou "b", você falou "a", agora falou "b", então..."

- "Você colocou a corda no seu pescoço..."

Émerson – Já se complica com sua própria, tipo você já faz uma enforcadeira com suas próprias palavras..."

A “enforcadeira” não é apenas uma figura de linguagem, ela se traduz em ato, atos violentos por parte do grupo. Nesse momento, em que o jovem cai na “enforcadeira”,

³⁴⁰ Kaës, 2003, pg. 31.

muitas vezes ele é caracterizado do jovem como “pilantra”, como aquele que “está a menos”, que é inferior, e tem de viver “destacado”, isolado dos outros, ou “na barba dos funça...” (conforme descrição na pg. 10), sendo chamado de “seguro”, pois a garantia de sua sobrevivência física (mas não a psicológica) passa a depender da segurança que os funcionários puderem lhe proporcionar.³⁴¹

Assim o “pensar mais antes de falar”, que vinha sendo dito pelos jovens até então, se traduziria por “*pensar mais... (...) antes de agir...*”, conforme fala de Edson ao final daquele trecho (pg. 8), num aparente caso de “palavras fora do lugar”, compreensível, no entanto. A princípio o “pensar mais antes de agir” não seria uma má idéia para os jovens em geral, mas nesse contexto, com o medo, a tensão e a “maldade” à espreita, o pensamento se torna escravo da ação e ficam comprometidas as possibilidades próprias da **palavra**, como as do diálogo franco, da troca de experiências, das narrativas, e comprometidas as possibilidades do silêncio e da temporalidade necessária ao “*tédio*”, que não é essa “acelerada”. Tempos também importantes para os processos de elaboração e reflexão das experiências que viveram e estão vivendo.

Além dessa “confusão” entre palavra e ato (já abordada no capítulo 3), poderíamos pensar numa *cisão* entre significante e significado, entre a *palavra* que é dita pelos jovens nesse contexto tenso e a *idéia* que ela deveria representar. Pois conforme vimos no diálogo transcrito da pg. 7 (em trechos como “Cê num pode já desviar sua idéia...”, “Se de repente... de repente nós já muda a idéia, tipo vai prá outra idéia, aí você já não presta atenção na sua própria idéia...”), a palavra parece ganhar autonomia em relação à idéia, é o significante “a” ou “b” que interessa, não tanto a idéia, o significado, que se dá e varia conforme o contexto. Palavras desvinculadas de idéias, idéias que não podem se modificar, sofrer desvios ou vacilações, são indícios da impossibilidade do pensamento entre os jovens, significam a supressão do pensamento no grupo. O pensamento não estaria em função do significado das palavras, mas do auto e hetero-controle.

Podemos pensar acerca da operação psíquica de um mecanismo de *auto-controle*, necessário pensamento antes da pronúncia da palavra, envolvendo uma alta exigência de controle das manifestações pulsionais através da palavra, típico de estruturas de personalidades *obsessivas*. Tal auto-controle não seria motivado, no entanto, a partir da personalidade individual, mas seria uma exigência do grupo, de uma intensa e constante **vigilância** intragrupal (hetero-controle) por parte dos jovens. Por outro lado, sabemos da

³⁴¹ “funça”: apelido de “funcionários”. A partir de nossa experiência na instituição.

importância das personalidades individuais para a formação dos mecanismos de defesas e da negatividade nos grupos (vide capítulo 2, por exemplo), no entanto, não temos como afirmar tal origem dos mecanismos de auto-controle a partir de nossos dados, apenas o inverso, a exigência do grupo sobre o indivíduo.

Mais adiante Emerson admite o conflito em que vive (que não deve ser só dele), conforme já abordamos na análise anterior, entre uma tendência à criminalidade e uma tendência oposta, à honestidade: “E o meu medo, sr., o meu medo é sair com a maldade que eu tenho... (emocionado) prá, prá fora de novo... Quero sair daqui tipo recuperado, entendeu, sr.? Quero sair daqui já com outra mente, viu?” (pg. 12).

Anteriormente Emerson havia dito algo de interesse para um estudo institucional (pg. 8), que não é o objetivo desta pesquisa, mas que vale a pena refletirmos a respeito: “Aqui você sai com uma mente estruturada daqui... tanto como pro lado da maldade, como pro lado, bom também... Tem esses dois lados, entendeu, sr.?”³⁴². Ninguém comenta essa afirmação de Emerson, ela se relaciona com o assunto em questão: estar *sempre alerta* com as próprias palavras para não “se enforçar” com elas. Nesse sentido, “ter uma mente estruturada” teria essa função, a de sobreviver em meio à selva do convívio institucional. Mas embora todos, inclusive Emerson, afirmem que é preciso “medir as palavras” e não cometer qualquer falha, como norma de convívio, esse último aponta para a possibilidade de se sair com a mente estruturada para o “lado bom” - opção com a qual parece se identificar - mesmo seguindo o “ritmo acelerado da maldade” no convívio do pátio, que seria, então, uma estratégia de sobrevivência. O perigo seria a passagem da estratégia para fora da instituição, como um mecanismo (de defesa) estereotipado de se lidar com o mundo em geral, o que corresponderia ao “enlouquecimento” apontado por Marcelo, ou ao “se levar a maldade para fora”. Mas por que se sairia com a mente estruturada para o “lado bom”? Uma hipótese seria a do alcance até os jovens de um “discurso da honestidade”, que se teria dado, principalmente, a partir dos funcionários, e que tal discurso faz sentido para eles. Por outro lado, o aspecto “estruturado” da mente aponta para a possibilidade de tal discurso envolver automatismos e mecanicismos no pensamento e de se tratar de mais uma estratégia de sobrevivência, dessa vez voltada para

³⁴² “mente estruturada”: expressão de uso comum na Febem. Utilizada também por funcionários, quando tem o sentido de dizer que um jovem está com o pensamento pouco maleável, pouco modificável, pouco permeável a discursos para que deixe a criminalidade (a partir de nossa experiência institucional).

os mecanismos institucionais (por exemplo, para a obtenção da liberdade o mais breve possível) e para a relação com os funcionários (a questão da disciplina).³⁴³

Ainda na pg. 8, talvez impregnado pela discussão grupal que aponta o cálculo para se falar e a tensão constante imposta pelo ritmo acelerado e violento, Émerson profere uma expressão muito usada pelos jovens internados para se referir à Febem: “Aqui é (...) É onde o... filho chora e a mãe não vê! (voz triste)”: expressão que revela o *desamparo* que vivem os jovens na Febem, expostos por vezes à Lei do Mais Forte, ou, por que não dizer, à ausência da proteção social. Expressão que revela também a assunção de um lado criança, como seria de se esperar em adolescentes, e mais uma vez a importância da figura da mãe no imaginário dos jovens.

Também nesse trecho (pg. 8), aparece com clareza um *medo de não se poder falar de tudo no grupo*, ou um limite para o que se pode falar (conforme já comentamos acerca da história de Paulo). Percebe-se isso quando o coordenador ouve algo que julga interessante e questiona:

“e – Mateus? O Mateus falou?
 Mateus – Não, eu falei com [...]
 e – Mas você falou alguma coisa agora...
 Mateus – Não, não falei nada não, é a lei do cão... os mais forte sobrevive... (risada)
 e – "Lei do cão"...
 Edson – Ou! Faz idéia [...], cê é louco?
 e – Qual que é a lei do cão? Qual que é a lei do cão?
 Mateus – [...] aqui nessa porra! Nesse lugar, nessa porra... (baixo)
 - "Lei do cão" é matar ou morrer, né?
 Émerson – Os mais forte sobrevive... (simultâneo com outro)”

A princípio Mateus tenta negar ter dito algo, mas o coordenador insiste, e Mateus acaba revelando o que ele quisera revelar e esconder (pois disse no grupo, embora baixo e rápido), o que mostra uma situação de conflito interno. Edson, que parece ocupar o lugar de porta-voz do discurso da criminalidade no grupo, e uma liderança nesse sentido, reclama com ele da revelação. O coordenador pergunta o que seria essa lei e Mateus é porta-voz do ódio contra a instituição, talvez da maneira mais clara em todas as

³⁴³ A vigilância que todos exercem sobre todos poderia levar à mesma ser internalizada como auto-controle, por medo de perderem o “amor” do grupo de jovens e sofrerem as consequências na realidade de tal perda. Tal internalização passaria também pela internalização dos valores, ideais e proibições grupais. Assim, tudo indica a possibilidade de uma analogia com a formação do supereu individual. A questão que os jovens se colocam, talvez passe justamente por aí: o quanto que tal internalização foi apenas instrumental e o quanto que tal internalização foi análoga à formação do supereu, ou seja, os ideais, proibições e normas deixarão de depender da existência real das pressões do ambiente externo e se autonomizariam, sendo “definitivamente” incorporados pelo sujeito? Segundo Kaës, isso sempre ocorre, ao menos parcialmente, nossos ideais seriam o resultado das marcas que cada grupo que chegamos de fato a pertencer nos deixaram.

entrevistas, utilizando-se para tanto de uma palavra de baixo calão e dizendo isso em voz baixa, talvez para ninguém de fora da sala escutar.

O grupo continua no sentido de responder ao coordenador e explicar o que seria a “lei do cão”. No momento o coordenador ficou na dúvida se lei do cão significaria “lei das armas”, pois “cão” pode assumir o significado de “revólver” para os jovens. Uma outra possibilidade seria relativamente à origem da expressão, de uma extração religiosa, com “cão” significando o demônio ou o diabo. Ou então a da origem da palavra no animal “cachorro”, a qual seria mais próxima do lema da seleção natural (Darwin) “os mais forte sobrevive”, da lei da natureza, significado que o grupo acolheu para “lei do cão”.

Mas por que não se poderia dizer no grupo desse princípio que rege a vida deles próprios na instituição? Talvez por ser um princípio advindo da criminalidade, que quebraria uma imagem de “bons meninos”, que “estão se recuperando”, ou uma imagem de vítimas, que tentariam passar para os coordenadores ou a pesquisa. Após essa “revelação” parece que algo se destrava no grupo e seguem-se falas carregadas de emoção, falas sobrepostas, com os jovens falando de dentro da cultura da criminalidade, inclusive Émerson, com citações de letras de RAP (as possíveis narrativas coletivas da periferia) e de lemas (próximos a provérbios) da criminalidade. Como por exemplo:

“Quem é é, quem não é... xô!”

"o crime é podre, mas não admite falha!" (Émerson)

"Enquanto houver falha, haverá morte..." (Marcelo)

A partir da fala de Paulo, “*se você errar lá fora, já era!*” e de questões do coordenador, o grupo começa a falar das regras fora da Febem (pg. 9). Diz que as falhas são admitidas fora do mundo do crime (Edson: “se você tiver fora do crime você passa batido... Você nem acaba com a sua vida...”), mas que na criminalidade o **medo** de ser vítima da violência leva à ação violenta preventiva, como Paulo explica: “Não, ele é criminoso também, ele pode matar eu...”, “... se eu não matar ele, ele vem e me mata...”, seria como que o império do medo e da desconfiança (como na paranóia), que gerariam violência e mortes. Um império sem lei?

Há uma **impossibilidade de se errar** (pgs. 6, 7, 8 e 9), diretamente relacionada ao medo. É matar ou morrer. Não há retorno, possibilidade de **reparação** e possibilidade de **perdão**. Num mundo assim as ações (e as “palavras”) têm um peso quase que insuportável (como diria Hannah Arendt³⁴⁴).

³⁴⁴ Vide Arendt, Hannah, *A Condição Humana*, 1995.

E a questão da **culpa**, como ficaria nesse contexto? Se não há reparação possível nem a possibilidade do perdão, ou a culpa seria insuportável, com consequências patológicas, ou teria a sua existência absolutamente negada, com outras consequências, não menos graves (como por exemplo, atuações anti-sociais que levassem à efetivação de uma punição externa contra si).

Segundo Carreteiro, a

"falha na confiança restringe a capacidade de viver criativamente. Há uma diminuição no desejo de experimentar. Pode-se pensar que é neste contexto que surgem formas estandarizadas de estar no mundo, frutos de defesas."³⁴⁵

A tensão e a desconfiança em que vivem os jovens na Febem (e também na criminalidade) seriam sinais de uma falha na capacidade de confiança, na capacidade de sentirem-se em segurança no mundo humano (a sociedade não teria provido a sua parte no pacto social, a segurança para os indivíduos). Nesse contexto, formas estereotipadas de se lidar com a realidade surgiriam, da mesma maneira que mecanismos de defesa cristalizados, seria do medo de levarem essas atitudes e modos de resposta estereotipados para a vida fora da Febem que falaram os jovens, quando se referiram ao medo de levarem a "maldade" e o "ritmo" de dentro para fora da instituição.

A "lei do mais forte", no entanto, não se aplicaria de uma forma direta no mundo da criminalidade (seria mais o caso de sua lógica), pois há normas e regras culturais, que devem ser cumpridas rigorosamente, caso não sejam respeitadas a punição é drástica. Para a criminalidade o roubo, a morte, os atos delinquentes em geral não são consideradas como uma quebra das **normas**, porém certas ações não seriam permitidas, como o *estupro*, a "caguetagem" e espancar ou roubar idosos: "o crime não admite essas falhas" (pg. 9). Particularmente sobre o **estupro** pode-se estabelecer a relação com a figura da mãe e da mulher, a primeira preservada, quase que santificada, e a segunda atacada (conforme já abordamos na primeira análise). A interdição do estupro poderia ser lida como uma tentativa de defesa das mães (e irmãs e namoradas). Trata-se de uma interdição de um ato sexual, nesse sentido teria um parentesco com a interdição do incesto, uma das interdições fundantes da vida na cultura humana, segundo Freud. A proibição da caguetagem seria uma interdição instrumental, mas que também instala uma igualdade entre os irmãos/manos. Nesses termos, podemos afirmar então que *há lei na cultura da criminalidade*, mas seria isso o suficiente para se afirmar a existência de um *pacto social*

³⁴⁵ Carreteiro, 2003, pg. 68.

na criminalidade? E os interditos a ocupar o lugar do pai morto? O lugar de líder, ou de chefe do clã, é constantemente disputado na criminalidade, em batalhas *fratricidas*. E o totem e a *mitologia* legitimadora dos interditos e explicadora da realidade, e o interdito do fratricídio?

Mais uma vez a questão do enlouquecimento aparece no grupo (pgs. 9 e 10), dessa vez o porta-voz foi Émerson: “É tantas coisas, sr., que você vê nesse mundo aqui, que... tem caso que se você não for forte mesmo você fica louco, da cabeça, cê pára assim prá pensar um pouco, cê fala: "Nossa! Tanta coisa que eu já vi!" Que não é... não é normal isso aí...”. Quando Émerson dizia que tinha visto tanta coisa que você... “desacredita”, complementa Edson, e refaz a pergunta que teria se feito na hora: "Como isso pôde acontecer?"³⁴⁶. Nessa fala os jovens nos remetem à questão do *trauma psíquico*, pois tais cenas que viram poderiam ter permanecido na memória como um corpo estranho, de modo insuficientemente simbolizado, para as quais não há explicação. Traumas que poderiam detonar patologias psíquicas?

Émerson diz, talvez não sem uma certa razão, que no crime “eu só andava com monstro, entendeu, sr.? Só gente... doidão mesmo, sr....”. Pois o *psicopata*, em certo sentido, deixa de comungar o mesmo mundo do neurótico (que partiria do pressuposto de assumir-se limitado, “castrado”), aos olhos de um neurótico poderia ser taxado de “doido” ou mesmo de “monstro”, aquele ser aquém ou além do que se considera “normal”, ou “humano”.

Émerson parece que se lembra então, a partir dos termos “monstro” e “doidão”, da história de um parceiro seu que cumpriu pena no Carandiru (pgs. 10 e 11). Começa a narrar e todos os outros do grupo logo passam a complementá-lo. O Carandiru é visto com um lugar idealizado, “*a Cidade do Crime, a Cidade das Mortes*”, onde havia drogas, dinheiro, mulher, álcool, rádio e televisão. Esse seu parceiro seria um exemplo de quem sai “chapado” da cadeia, levando a “maldade” para fora, quando voltou “prá comunidade lá, e ele, ele deixou subir prá mente dele” (Émerson) a cadeia e ele teria cometido vários homicídios em seu bairro em pouco tempo. São interessantes os usos do termo

³⁴⁶ Edson diz que viu coisas que “desacredita”. Assim como esse termo, que existe na língua portuguesa, mas é pouco usado, ao menos em São Paulo, os jovens utilizam vários outros termos formados da união do prefixo “des” com outro termo, como “desacertar”, “desandar”, “desascender”, no que nos parece um fenômeno lingüístico interessante para se refletir. Por exemplo, poderíamos pensar que o prefixo “des” desconstrói o significado original do termo, dá também uma idéia de movimento nessa desconstrução, algo que não se faz presente com a partícula negadora “não”, ou então que a negativa exclui totalmente o conteúdo do termo a que se refere, enquanto que o prefixo “des” o mantém, numa certa ambivalência característica do movimento: “desacreditei”: primeiro eu acreditei, depois eu fui deixando de acreditar, até que não acreditei mais.

“comunidade” para Émerson se referir ao local em que mora³⁴⁷, e o uso de uma narrativa para exemplificar um raciocínio já iniciado páginas atrás (pg. 6).

Entre as coisas que teriam no Carandiru Émerson cita os homossexuais, “Viado lá, que... (risadas) ... prá mim é tudo pombagira esses negócio aí... (risadas)” (pg. 11). Num discurso confuso que a princípio nega a existência da **homossexualidade**, dizendo ser “pombagira”, a possessão por um espírito, segundo religiões afro-brasileiras, e que “homem é homem, meu!”. Depois traz outra versão: “Quem fala que nasce viado? Não é isso não, não nasce viado não! Vira viado quem quer, entendeu, sr.?” Tais considerações são próprias de um discurso da virilidade, mas representam dois momentos opostos, o primeiro nega totalmente a responsabilidade do sujeito, o segundo imputa-lhe totalmente a responsabilidade, ambos podem ser interpretados como mecanismos de defesa frente à angústia que um pensamento mais sereno sobre a questão da homossexualidade poderia gerar. Mas Émerson toca na questão, a traz para o grupo, como um emergente, a questão em torno da qual se faria o interdito grupal, a aliança inconsciente, conforme vimos na análise da primeira entrevista, todos permanecem em silêncio, se limitam a rir do que Émerson diz. É um silêncio revelador, tocou-se num assunto delicado, que não deveria ser tocado; outra interpretação possível é que o grupo estava deixando Émerson se haver com as próprias palavras, como que aguardando se ele iria ou não “se enforcar” com elas. As risadas também são reveladoras, assim como os atos falhos, os chistes, elas trazem algo do inconsciente, são uma descarga pulsional, um destensionamento frente a uma tensão pulsional anterior. Edson é o que mais ri, é o único que tece também algum comentário, mas por baixo ou rápido que tenha sido o perdemos na transcrição.

Mas talvez esse episódio tenha suscitado algo a mais em Edson (e no grupo) referente à **sexualidade**, pois após a próxima fala de Émerson (que muda de assunto), Edson repreende Adriano: “Ó a postura aí, Pé! (para Adriano, que tenta negar, dizer que estava tudo normal - inaudível para o gravador - e se apruma na cadeira)”. Trata-se de uma advertência em relação à postura (a única nas entrevistas), supostamente desrespeitosa, de Adriano. Desrespeitosa em relação a quem? À observadora, supostamente trataria-se de uma postura de conotação sexual, algo que não seria permitido segundo as regras dos jovens da Febem frente uma figura feminina³⁴⁸ (para onde o desejo apontaria com mais força é justo onde ele é limitado pela regra social, mas não impedido). Edson é o porta-

³⁴⁷ Sylvia Leser já escreveu acerca das relações de comunidade em favelas da periferia paulistana.

³⁴⁸ Sabemos disso a partir de nossa experiência na instituição.

voz de tais regras no grupo, ocupa um lugar de autoridade, de líder, faz a repreensão em voz alta e não é questionado no mesmo tom, tendo obtido ainda uma mudança de postura de Adriano (que antes não estava sentado com as costas junto à cadeira, mas levemente reclinado). Já havíamos visto Edson como porta-voz do discurso da criminalidade, agora aparece como porta-voz das regras dos jovens internados, conclui-se por uma proximidade, se não uma sobreposição (não total) entre o discurso da criminalidade e o dos jovens internados. Reafirma-se, por meio desse desvio da atenção grupal para uma outra regra proibitiva - dessa feita consciente, mas também de caráter sexual, referente à expressão de desejo através do corpo entre os jovens e figuras femininas presentes na Febem - a **aliança inconsciente**, comum ao grupo de entrevista e ao grupo de jovens internados na unidade, em torno da negação da afetividade entre os jovens.

Novamente a questão do arrependimento surge tangencialmente, a partir de uma fala de Émerson (pg. 12), dizendo que esperava sair da Febem recuperado, com outra mentalidade, pois

“A gente viu como é que é aqui meu! Ô! Ficar acordando 7 hora da manhã lá... cê é louco!

Adriano - Sem mulher não! Sofrendo prá caramba...

Edson – Ou! Se for... igual cê se expressou aí... meu medo...

Émerson – Se fosse ainda, tipo no mundão assim, ficar do lado de quem eu gosto, da minha mãe... tipo da minha namorada, né sr.? É ruim demais! Ruim demais...”

Essas falas não parecem expressar um arrependimento no sentido de remorso, de se sentirem culpados, ou mesmo de terem mudado seus pontos de vista anteriores. Parecem mais fruto de um cálculo custo-benefício, que, como Émerson comenta, se na Febem ele pudesse ficar ao lado de quem ele gosta, como a mãe e a sua namorada, aí não seria tão ruim (aí tudo bem, ele continuaria se arriscando na criminalidade?).

O coordenador questiona então acerca do sofrimento que Adriano diz viver na Febem, ele diz ser muito **humilhado**, “tirado” constantemente. A princípio não fica claro quem humilha, se são outros jovens ou funcionários, mas Pedro, que também pouco havia falado, complementa que na Febem eles têm de “engolir sapo” e ficarem calados, que se falarem algo estarão sempre errados e “eles” (provavelmente os funcionários) certos.

Marcelo fala então do medo que sente também de levar a “maldade” para fora da Febem e dos conflitos internos que vive, próximos aos de Émerson:

“Eu tenho medo assim, também, de sair tipo levando, tipo assim prá fora e tal... Porque hoje, eu tenho assim pensamentos construtivos, mas também tenho, é, pensamentos que, destrutivos, entendeu? Prá mim hoje eu tento, sei lá, de alguma maneira, tirar esses pensamentos destrutivos da minha cabeça, entendeu? Porque eu sei que é, o maior veneno aqui... e se eu for puxar uma cadeira mais prá frente aí eu... (...) Nem, nem, nem! Nem penso nisso! Nem penso nisso,

entendeu? (com ênfase, emocionado) Mas se acontecer e tal... é mas por isso que eu, tento tirar esses meus pensamentos destrutivo e tal, porque... acontece várias situação, e tal, na vida da gente que... por mais que a gente queira é, não pensar naquilo, sempre aquilo fica marcado, sempre aquilo vem à tona na nossa cabeça, entendeu, sr.? Então, às vezes fica meio ruim e tal, de... sair de certas situações, tem que... lutar prá caramba (com ênfase) e saber lidar com certas coisas... que se não... eu vou prá outra, entendeu, sr.? (Pedro olha para o gravador, Edson e Paulo olham para a observadora)". (pgs.12 e 13)

Marcelo fala do ódio que sente, motivado por certas situações que ocorreram, provavelmente na Febem, situações difíceis de esquecer e que vêm à tona na mente constantemente, frente às quais ele tem de lutar muito, saber lidar com elas e com novas situações, talvez semelhantes que surjam. É possível que tais situações fossem de humilhação ou de ataque à honra ou à imagem narcísica. Marcelo está emocionado e diz que se não saber lidar com essas situações pode ir para "outra". "Outra" o quê? "Outra" cadeia? Ou "outra forma de existência", a morte? Antes do coordenador conseguir articular alguma forma de resposta Emerson toma a palavra e Marcelo permanece praticamente calado até o final do grupo. Pedro, Edson e Paulo se distraem da fala de Marcelo, por quê? Será que é por Marcelo se expor como frágil, com medo de ir preso (e de morrer), com conflitos internos e os jovens não se identificarem com essa fragilidade (por estarem identificados à imagem de homem do discurso da virilidade)? Pois o risco (de irem para a cadeia ou serem mortos) é deles também. Ou seria uma negação do contato com a própria fragilidade e os próprios medos ao não ouvirem atentamente a Marcelo?

A fala de Emerson não é de oposição à de Marcelo, ele traz, de maneira semelhante à primeira entrevista, que estar preso na Febem para ele estava sendo uma **experiência** que ele nunca mais iria esquecer. Que quando ele voltar para o "mundão" vai ter muita história para "queimar" com seus primos, sobrinhos e colegas e que quando eles estiverem "prá começar no crime assim, entendeu, sr.? Fumando a maconha... fazendo uns negócio assim errado, sr., já vou ter... o que falar, vou falar: "Não, [...]" "... não é por aí..." porque..." (pg. 13). Esse movimento, de querer contar as suas histórias, quando outros jovens, próximos a ele, estiverem dando os primeiros passos de um caminho que ele já percorreu, parece-nos guardar semelhanças às histórias narradas a partir da substância viva da existência do ouvinte, que têm a função de um **conselho**, para Benjamin. E muito semelhante aos antigos **narradores**, dos quais todos queriam ouvir as histórias dos lugares distantes por onde haviam viajado.

Edson interrompe a fala de Emerson e retoma uma fala grupal da primeira entrevista, a de que antes eles acreditavam que nunca iriam presos, "Nós, nós tava, tava pensando antes: "Ah! Nunca vou preso! Não! Vou roubar, roubar, roubar e nunca vou preso, nunca vou preso!", mas dessa vez acrescenta:

"A gente tá, a gente tá, a gente tá tipo testando, né? É igual andar de bicicleta, a gente vai, vai andar de bicicleta, mas sabe que um dia a gente vai, uma hora a gente vai cair... (todos concordam) (...) Uma hora a gente vai cair, aí cê tá aprendendo a andar, chega uma hora que cê vai cair da bicicleta, se esborrachar todo! E que é o que nós tava fazendo, tava roubando, roubando, roubando..."

Emerson – Até quando meter a cara na lama...

Edson – É...

e – Mas, então cê tá falando que vocês já sabiam que iam cair?

- É...

Edson – Ah, tipo, tipo...

Émerson – Eu nunca, eu nunca pensei isso não...

Edson – Eu nunca conheci, eu nunca conheci... um bandido que roubou e nunca foi preso!
(todos concordam)

Marcelo – E eu tô prá ver ainda!”

Edson aparentemente se contradisse de uma frase para outra, mas talvez não, talvez anteriormente realmente ele pensasse e dissesse para si próprio “vou roubar, roubar, roubar e nunca vou preso, nunca vou preso!”, como alguém que aposta em si, nos próprios dados, num jogo de risco, mas que no fundo soubesse que as chances seriam mínimas. Algo que pareceria um ato irracional, uma “profissão de fé” na própria onipotência, uma dominação dos aspectos narcísicos da personalidade sobre os aspectos racionais.

Ou então como alguém que na época tivesse aqueles pensamentos como uma forma de auto-ilusão, mas que hoje, analisando retrospectivamente reconhecesse que se tratava de um teste. Um **teste da lei** social seria justamente uma das formas de se encarar a delinquência juvenil, conforme vimos a partir de Rassial (capítulo 3). Nesse sentido, conforme a verbalização de Edson, com a qual todos concordaram, a lei, na forma de punição ou prisão, seria algo a que todos os “fora-da-lei” conheceriam em São Paulo, mais ou menos, cedo ou tarde, o que seria um dado em si positivo para o caso da delinquência juvenil, que segundo Rassial a princípio se trataria basicamente de um teste, uma vez o teste realizado e a lei fazendo-se presente, a sociedade reagindo ao seu ato, a “psicopatia da adolescência” perderia a sua razão de ser e o jovem não aderiria a uma carreira delinquente ou criminosa. No entanto, isso não é o que parece ocorrer em muitos casos, com taxas aparentemente elevadas de reincidência em atos delinquentes, em outros casos, entretanto, ilustraria bem o que ocorre.³⁴⁹

História dos tios de Émerson (pgs. 13 - 17)

Émerson se lembra de um exemplo então, um exemplo de bandidos que nunca talvez foram presos, que conseguiram tudo o que queriam, mas que faleceram precocemente, um exemplo que muito lhe influenciou, conforme vimos na análise da primeira entrevista, o dos seus dois tios gêmeos. Ele conta, então, detalhadamente a

³⁴⁹ Questões relevantes para a continuidade desse raciocínio seriam o quanto realmente a lei social se faz presente de maneira eficiente e igualitária, para que se supere a sensação de impunidade ou o cálculo custo X benefício a favor da criminalidade (no qual entra também a necessidade de ser cumprida a parte da sociedade no pacto social), mesmo levando-se em conta o risco, e o quanto a aplicação da lei não ficaria ao sabor de arbitrariedades individuais, o que pode levar a um pensamento oposto à de sua existência e eficiência, podendo-se gerar mais ódio e revolta contra a suposta “lei” e a sociedade que a defende.

história dos últimos momentos de seus tios. A princípio o grupo parecia desatento e desinteressado na narrativa de Êmerson, mas logo a narrativa prendeu-lhes a atenção, embora poucos tenham-na interrompido com comentários, com exceção de Edson.

A influência que os tios exerceram em Êmerson, como **modelos** e ideais *de bandidos bem sucedidos* talvez tenha entre os seus motivos esses contidos na seguinte descrição que deles lhes faz Êmerson (pg. 14):

“com 19 anos eles já tinham tudo que eles queria, entendeu, sr.? Tavam... tipo aqueles... parecendo ator de... tipo Zeca Pagodinho, onde que chega todo mundo... quer um autógrafa dele. Meu tio, com 20, 20, 21 ano, 22, já tinha de tudo, meu tio! Ele tinha... toda a biqueira lá da quebrada lá... (...) Então, toda, toda lá, onde que eu moro, era tudo dele! Ele comandante, ele comandava lá a quebrada, tinha um conceito dele... roubava banco, tinha a moto dele... tinha roubado umas arma, tinha tudo lá, ele tinha assim de amigo! (gesto de muitos) Entendeu, sr.? Que ele, por isso que eu, eu tiro uma base por causa disso, e ele quando era vivo... ele chegava, tinha lá a Feira de Santana lá, que era uma rua lá, sr., aí tem uma bomboniere, ele colava lá, aí tinha, vixe! Mais de vinte carro ficava lá! Edilouco prá cá, Edilouco prá lá... “É meu parceiro, e não sei o quê!”, aí...”³⁵⁰

Êmerson sabe dessa influência, “eu tiro uma base por causa disso”. Segundo Êmerson, entre 19 e 22 anos os tios já tinham de tudo o que se pudesse desejar, eram famosos como um cantor de sucesso, queridos no bairro, chefes, comandantes de um lucrativo negócio, conceituados no ramo, tinham moto, armas, muitos amigos e mulheres e quase se elegeram como políticos numa importante cidade do interior, eram “bandidos de visão”. Em nossa sociedade teriam os elementos que costumam definir um “homem de sucesso”, talvez motivos importantes para Êmerson tê-los como figuras importantes na constituição de seu ideal de Eu.

Nesse sentido, Êmerson diz claramente que se baseou muito nos seus tios, que era muito apegado neles e que “ele era que nem um pai prá mim também, entendeu, sr.? Ele era... pela ordem!³⁵¹” (pg. 17). Nessa frase poderíamos traduzir “pela ordem” por “100%”, assim, se para o menino é comum o pai ser uma figura destacada na constituição de seu ideal de Eu, para o jovem outras figuras vão ganhando destaque, no caso de Êmerson os tios teriam sido figuras centrais.

Êmerson guarda ainda como lembrança os óculos de um de seus tios, diz tê-los consigo e serem **óculos** para distância (pg. 15). Por coincidência seu apelido é

³⁵⁰ É de se atentar para o apelido dos irmãos, “Edilouco”, formado por é-de-louco, como explicita Edson, na entrevista. Mais uma vez nota-se a presença e a mistura da loucura em meio ao mundo da criminalidade.

³⁵¹ “pela ordem”: expressão comum entre os jovens da FEBEM; algo como “estado de estar bem, em ordem”, “pela tranquilidade”, “pela lei” (provavelmente a da criminalidade).

“Vesguinho”, não enxerga bem à distância, provavelmente sofre de miopia, mas não usa óculos no convívio da Febem.

Se pelo lado da criminalidade Émerson tem a referência dos tios, pelo lado da legalidade Émerson descreve uma polícia corrupta, que faz acordos com a criminalidade, uma polícia que assassina a sangue frio, que age, portanto, na ilegalidade (pgs. 14 e 15).

Outro dado que pode fortalecer a imagem idealizada dos tios é que eles deixaram uma *herança*, não apenas psíquica, pois quando “os dois morreu, aí, deixaram uma pá de coisa lá, deixaram é moto, carro... Ah! Meu tio, sem mentira no negócio, ele tinha umas cinco moto, carro ele tinha” (pg. 15),

“Ficou tudo prá mulher dele, ficou uns negócio prá minha mãe, prá mãe dele... Pro, a maioria ficou tudo pro filho e prá, prá mulher, né sr.? Era casado, era casado e tinha uma pá de mulher lá... a mulher dele sofria, viu? Aí, sr., deixou tudo lá, é televisão, casa, é... apartamento ali na Cohab, deixou muita coisa, sr.! Muita coisa! Dinheiro no banco do irmão dele que... só sobreviveu um irmão dele que nem é envolvido com nada (...) Aí foi prá, uma parte prá, prá mulher dele, uma parte prá... prá minha vó, ficou uma parte prá minha mãe, aí foi dividindo, ficou as moto lá pros colega dele... arma ficou tudo com os colega dele lá... Arma! Teve duas quinhentas³⁵² que ficou tudo pros cara lá... os carro, também...” (pg. 16).

Assim, além de aos vinte e poucos anos serem “homens de sucesso” ainda legaram bens materiais para os filhos, a esposa, os parentes e até os amigos, além de ainda legarem filhos. Poderia-se dizer que cumpriram um *ciclo vital* do que se espera de um “homem de sucesso” em nossa sociedade (com a exceção, *talvez*, do envolvimento com a criminalidade).

Para Émerson o único e importante senão seria que “ele não ganhou nada! Com 23 anos morreu! Com 19 tava com o maior dinheiro! Tipo, montado em cima da cadeira lá, tipo... reizão mesmo, e chegou... 23 anos morreu, tudo que conquistou não levou nada embora, e foi embora, que é ilusão isso aí, sr.!” (pg. 12). Uma vida curta, ao que se soma as influências morais (“*não levou nada embora*”), parece ser o que faz Émerson pender para manifestamente dizer que vai deixar a criminalidade ao sair da Febem. Mas por outro lado uma vida curta em que eles “conquistaram tudo o que queriam”, o que talvez deixe Émerson em conflito, conforme já analisamos anteriormente.

Aparece então uma preocupação por parte dos jovens a respeito da compreensão do coordenador do termo “biqueira”, utilizado por Émerson. (pg.14). O coordenador entendia o termo, mas trata-se de um indício positivo de funcionamento grupal, pois revela uma preocupação com o que Pichon denominou de E.C.R.O. grupal.

³⁵² “quinhentas”: talvez um tipo de moto.

Após a morte de um de seus tios, provavelmente pela polícia, Émerson descreve as circunstâncias da morte do segundo, provavelmente por colegas da criminalidade, supostos amigos. Circunstâncias que deixam claras a ausência de uma lei contra o fratricídio na criminalidade e a disputa feroz, como numa selva, pelo posto de líder e pelos bens materiais, onde o que conta apenas é ser o **mais forte**, se não pela força muscular, pela das armas. Assim como exemplificam o motivo da ausência de “amizade” na criminalidade (conforme os jovens afirmaram na primeira entrevista): “aí nessa, os colega dele, cresceram o olho no que ele tinha, aí sentiu fraqueza já nele, porque... o irmão dele já tinha morrido... aí eu acho que, que os colega dele pensou assim: “É, vamo matar ele e ficar com tudo que ele tem...”” (pg. 15). Chamam a atenção ainda a presença da **inveja** como motivador (“cresceram o olho no que ele tinha”) e a expressão “**sentiu fraqueza**”, que revela que, assim como na selva dos animais, o aparentar força pode ser decisivo na luta pela sobrevivência e por “se impor” frente os demais. Comportamentos cruéis, “sem dó”, violentos, de acordo também com uma lógica da virilidade, talvez tenham essa função na criminalidade, se impor frente os demais, mostrar força, *amedrontar* pelo uso da força e da crueldade os possíveis *rivals*.

Um trecho seguinte confirma e aprofunda tais considerações, numa grande semelhança com o mito da Horda Primeva, de Freud, diz Émerson (pgs. 16 e 17):

“todo mundo gostava do meu tio lá, entendeu, sr.? Aí foi, aí ele morreu, a quebrada murchou, não é mais aquele ânimo que tinha... Entendeu? Porque quando meu tio morava lá não tinha, não tinha, tinha umas patifaria lá, mas não era tanta que nem tem agora lá, de um querendo ser dono da quebrada, outro querendo... e nisso foi a maior guerra, a maior guerra ou! E nessa eu já me envolvi também de cabeça assim já! Entendeu?

e – Tá dizendo que... quando o seu tio era vivo, a quebrada era melhor?

Émerson – É... porque... não é que era melhor, né sr.? É que... tinha quem respeitava, que no crime é o seguinte, sr., se você tá lá sempre tem uns que, não sei se é respeito, ou é medo... entendeu, sr.? Um desses dois, ou é respeito ou medo...”

No princípio havia o “pai” da horda primitiva, todos o respeitavam e todos gostavam dele, mas a lei não estava internalizada ainda, ele a impunha pela força, pelo medo, e a modificava segundo sua vontade. Certo dia os seus “filhos”, os “irmãos” se uniram e disseram, “É, vamo matar ele e ficar com tudo que ele tem...”. No entanto, em nosso exemplo, os “irmãos” não deram o passo seguinte, não disseram ‘ninguém mais vai ocupar o lugar de “pai”, “deus” nos legou uma lei igual para todos os seus filhos, que obedeceremos’. No mundo da criminalidade o pacto dos “irmãos” para a morte do líder não geraria civilização, mas “guerra”. Tão pouco trata-se de uma guerra civil, pois não há grupos políticos organizados em torno de ideologias/mitologias conflitivas, trata-se

simplesmente de uma luta selvagem pelo poder, a guerra de todos contra todos, a **barbárie**. Nesse contexto, entende-se a valência altamente positiva que a expressão “pela ordem” (Émerson, pg. 17) tem para esses jovens, talvez para o mundo da criminalidade em geral, ela representaria um momento de calma, em que alguém conseguiu implantar certas regras, certa ordem.

História de Mateus (pgs. 17 - 20)

Quando Émerson terminou de contar a história de seus tios, Paulo (o último a contar a própria história no grupo) sugere que Pedro conte a sua história. Mas antes que Pedro respondesse, Émerson (o último a contar uma história, quem estava com a palavra antes) diz: “Vou dar oportunidade agora pro Mateus B. falar um pouco aí, fala aí [...], fala aí!” (lembramos que Émerson já havia sugerido que Mateus contasse sua história na primeira entrevista, mas Edson sugeriu Marcelo, então).

Após um momento de silêncio, Mateus concorda e começa dizendo que “não tem muito prá falar” (pg. 17). Tal fala é coerente com a sua postura no grupo, de se colocar pouco, com frases curtas e observações pontuais. Seria timidez, desinteresse, discordância ou algum outro motivo?

Inicia sua história a partir de seu primeiro roubo. Como se fosse essa a tarefa para aquele dia ou esse o pedido do coordenador, o que nos leva a pensar nas hipóteses formuladas no início da primeira análise, de confusão entre o objetivo proposto para a entrevista, o objetivo da pesquisa e o lugar do psicólogo na instituição³⁵³.

O primeiro roubo de Mateus não segue o padrão grupal, ele toma parte num roubo a mão armada (pg. 18), em vez de cometer pequenos furtos. E logo ele passa a “enquadrar”, a utilizar uma arma. Conta então de uma situação (uma pequena história) em que um parceiro seu se desentendeu com ele, sem razão, por causa de uma “mina”. Eles brigaram num Shopping, após o que, Mateus disse ter tentado “*queimar uma idéia assim, prá apaziguar*” a situação, com seu parceiro (pg. 19), mas sem resultado, “aí acabou na maior guerra”, com várias mortes na “quebrada”, inclusive de amigos seus, até que seu ex-parceiro faleceu e “*ele nem viu a filha nascer...*”. Com essa “moral da história” Mateus conclui a narrativa que iniciara. Ao que deu a entender essa “moral” se relaciona

³⁵³ Uma outra hipótese possível seria a de um colamento bastante grande entre a auto-imagem individual e a imagem de ser um bandido. Assim poderíamos interpretar o início das histórias pela iniciação na vida delinquente como um início daquela vida, com aquela identidade, como se o outro passado precisasse ser esquecido ou não lembrado.

ao fato de um conhecido seu, cuja filha tinha acabado de nascer, ter sido morto por seu ex-parceiro, que teria sido vingado então. Mateus não dá nenhum indício de que tal “moral” seja extensiva ao envolvimento com a criminalidade. Émerson tece uma consideração a respeito, que suscita comentários de Edson e outros e Mateus não retoma nem essa história nem a narrativa de *sua* história, em nenhum outro momento das entrevistas.

Sobre criminalidade e violência (pgs. 20 - 27)

A consideração que Émerson fez fala por si própria:

“Isso que eu acho errado no crime, entendeu, sr.? Tipo assim, eu e ele, e ele, e ele, tipo eu e o Edson assim, nós é parceiro, parceiro mesmo, tipo... con-, eu considero ele como irmão, nós tá na vida do crime... aí ele deu uma falha comigo, aí... eu já chamo, já fico na maldade dele... só esperando um pé³⁵⁴, prá mim ir e sentar o pau, meter bala nele... isso que eu não acho certo, nós tá conversando... aí... tipo se eu dei falha com ele, ou ele deu falha comigo, já vai e mata! (...) Por isso que o... o crime é podre mesmo...”

Embora Mateus não tenha estendido a “moral” de sua narrativa à criminalidade, Émerson a estende, ele se coloca mais uma vez como porta-voz da possibilidade da confiança e do afeto entre dois homens (“eu considero ele como irmão”), da possibilidade de reparação de uma falha e do perdão, mais uma vez como porta-voz de um discurso contrário ao discurso da criminalidade. Émerson toma a palavra e dá voz à conclusão que Mateus não chegou³⁵⁵.

Edson continua o raciocínio de Émerson e afirma que os desentendimentos poderiam se resolver através de uma conversa, mas a *influência dos amigos* impediria isso (pg. 20):

“tipo, o negócio que falou agora, tipo, deixou uma falha com ele, e aí se chegasse e falasse “Seu [...] cê deixou uma falha comigo, tal e não sei o quê... isso, isso e isso e tal... procura não fazer mais isso e tal...”, daí eu ia chegar e falar “Não Émerson, beleza! Tudo bem e tal...”, mas...

Émerson - Mas sempre tem uns, tipo, as influências dos amigos...

Edson - As influências dos amigo! (...) tipo ele chega em mim e fala “Cê viu o que o Émerson fez com você? Ou! Aquilo lá não tá muito certo não! Já viu? Ele tirou e não sei o quê... é e não sei o quê...”, tipo ele fica falando prá mim [...], dá idéia, eu vou pensar o quê? “Ah! O maluco me tirou mesmo, eu vou pegar ele e já era!” “

³⁵⁴ “um pé”: um pretexto, uma pequena falha

³⁵⁵ Numa função muito próxima a de porta-voz para Kaës.

Certamente a *pressão do grupo social* exerce um papel importante na não resolução dos conflitos pela palavra, mas em quê ela se baseia? Pensamos que seja em parte na lógica da virilidade, no medo, no imediatismo e, talvez, em falhas nas formações intermediárias, nos processos de simbolização e pensamento (conforme vimos a partir de Kaës).

Essa “explicação” encontrada pelo grupo, que levou à intensa participação de outros membros, traz consigo, também, uma parcela de desresponsabilização pelo ato, na medida que joga para o outro ou o grupo a responsabilidade pelo ato, ela iria num sentido de negação da culpa, além de não deixar entrever nenhuma outra alternativa possível.

Émerson se recorda então de que seus tios sempre falavam para ele não se envolver com a criminalidade, e ele tinha medo dos tios, que “eu nunca precisei disso, minha mãe, meu pai, meus tio, me dava só do bom e do melhor... e... eu acho que foi a influência mesmo, entendeu, sr.? De...

e – A influência de quê?

Émerson – Ah, se espelhei, não sei se espelhei no meu tio, a influência dos amigo...

Mateus - Nessa vida não tem amigo não... (simultâneo)”

Trata-se de um trecho relevante (pg. 21), que mostra a consciência de Émerson quanto à influência dos amigos, algo muito importante para o adolescente em geral e a negação da existência de *amizade* na “vida do crime”, por parte de Mateus.

Émerson parece estar se esforçando para refletir porque se envolveu com a criminalidade e ora parece pender para um aspecto positivo ora para um negativo da mesma. Por exemplo, logo em seguida ele diz que no Natal o tio vinha e dava muitos presentes para ele, que exclamava “Meu Deus meu! Tudo isso é meu é?” e o tio: “É tudo seu”³⁵⁶.

Edson começa a descrever então casos de traição entre “amigos” na “vida do crime”, quando é complementado por Paulo e Pedro (pgs. 21 e 22), há a descrição de cenas de assassinatos. Se pensarmos Edson como o principal porta-voz do discurso da criminalidade (conforme a análise da primeira entrevista), poderíamos pensar que quando ele fala Pedro e Paulo sentem-se mais à vontade para falar? Ou seria um certo gozo grupal em se falar de cenas de morte que os convoca?

³⁵⁶ Diálogo que lembra o poema “Operário em Construção”, de Vinícius de Moraes, que lembra a questão do pacto com o diabo, já citado por Émerson na primeira entrevista e, particularmente, lembra o pacto em *Fausto*, de Goethe, e sua relação com a Modernidade, conforme análise de Marshal Berman (1986).

O coordenador pergunta e todos dizem que essas cenas fazem parte do dia-a-dia deles, Émerson profere um interessante “vivendo e aprendendo” (pg. 23) a respeito das cenas, que pode ser um sinal de que aquelas cenas não “passam batido” por ele, mas o modificam de alguma forma e ele tem consciência disso.

Os jovens dizem então que a violência “*é o que mais acontece*” hoje em dia. Edson conta um episódio que lhe ocorreu na escola, que discutiu com a professora e lhe disse “É, a senhora só fala isso daqui porque a senhora tá aqui dentro... quero ver a senhora falar isso daí prá mim lá fora...” (pg. 24), Edson conta inconformado que pouco após apareceram guardas na escola e o levaram para a delegacia, pois a professora havia prestado queixa contra ele, mas que ele apenas havia falado aquilo num “*momento de nervoso*” (pg. 25), mas que não tinha a intenção de fazer nada.

Segundo Edson, tal episódio ilustraria o quanto que hoje em dia *as pessoas em geral* estão se sentindo ameaçadas e que devido a tal sentimento partem logo para uma ação concreta: “tá me ameaçando, então vou fazer alguma coisa antes que aconteça comigo...”, “qualquer coisa que você fala lá fora agora, sr., você fala de um jeito, e a pessoa interpreta de outro” (pg. 25). Em outras palavras, hoje em dia em nossa sociedade, devido ao medo e à insegurança disseminados, as discussões não conseguem mais permanecer no âmbito verbal, as pessoas se sentem fisicamente ameaçadas e contra-atacam em ato, como forma de defesa, e isso não apenas no caso das pessoas envolvidas com a criminalidade.

Nesse sentido, o medo e a insegurança (e a “lei da selva”) do mundo da criminalidade estariam se disseminando pelo corpo social, como um contágio, uma contaminação do tecido social? Ou o “mundo do crime” seria um reflexo da sociedade brasileira, como que apenas a ponta do iceberg (o sintoma purulento) do medo, da insegurança e da “lei da selva” cada vez mais disseminados no corpo social? Este trabalho aposta na segunda hipótese (mas sem negar que pode haver uma retro-alimentação, a influência da criminalidade no sentimento de medo).

Émerson traz o exemplo das festas juninas e fala que muitas pessoas morrem nessas festas, relaciona as mortes ao uso de drogas e álcool, tocando num assunto pouco conversado nas entrevistas, a influência desses produtos nas atitudes dos jovens³⁵⁷ (pg. 25). A questão das drogas, particularmente, pouco foi debatida pelo grupo, embora tenha

³⁵⁷ Segundo pesquisa da Universidade Federal de São Paulo, haveria uma grande correlação entre o uso de bebidas alcoólicas (seja por parte da vítima ou do assassino) e a ocorrência de homicídios (fonte: Jornal Folha de São Paulo, pg. C 10, 06/03/2005).

sido bastante citada. Por quê isso? Pensamos que isso se deva à presença dos medos básicos em torno do surgimento dessa questão no grupo, talvez pelo consumo entre alguns jovens existir, mas de variadas formas e graus, talvez pelo envolvimento com o tráfico por parte de alguns deles.

Edson se refere à *cocaína* como “a maldita”, Émerson diz que muitos morrem “à toa” porque alguém usou cocaína armado e matou sem motivo. Émerson questiona a explicação de que quando alguém morre assim é porque “chegou o dia dele”, numa mostra da influência da religião em seu pensamento, mas também que ele não a aceita sem questionamentos.

Émerson estava começando a falar sobre as festas juninas e as drogas, vários estavam tecendo comentários, entre eles Adriano, que parece que queria falar algo sobre narcotráfico, mas Émerson se irrita com a interrupção e diz agressivo para Adriano duas vezes seguidas: “*Vamo pedir licença aí meu!*”, Adriano cede, Émerson cede, um após o outro, várias vezes, num “jogo de empurra”, onde nem um nem outro pareciam querer aparecer como prepotentes ou autoritários, até que o coordenador interveio, visando a irritação de Émerson, para que ele cedesse a Adriano, que pouco havia falado, mas o coordenador não é bem sucedido nesse sentido e Émerson toma a palavra. Émerson, em sua reclamação, parece ter se valido de alguma regra interna ao convívio dos jovens fora do grupo, Adriano acatou-a. Mas pode ser que Émerson tenha se valido também de uma certa ascendência hierárquica sua sobre alguns do grupo, pelo tom de voz que utilizou para com Adriano.

Émerson lembra das brigas que ocorrem em quermesse por causa de mulheres, culpabilizando-as, no que o grupo todo concorda (pgs. 26 e 27):

“Émerson - Tem menina que... sei lá, parece que procura mesmo!

Edson – Fica com você, depois sabe o quê?

Fica com outro, vai com outro... só prá ver, só prá ver a desgraça mesmo!

- É... é quente...

- [...] em quermesse...

- [...] com outro, entendeu, sr.?

- [...] muita maldade mesmo, entendeu?

- [...] maior salada...

- [...] misturando aqui, misturando ali, e ficando com outro ali, meu! Tá tirando!

(todos concordam)”

Já abordamos tal questão na análise da primeira entrevista, o interessante agora é pensarmos esse momento de concordância grupal como **um momento ideológico do grupo** (Kaës), após um conflito grupal, entre Émerson e Adriano, o grupo se uniria em

torno da crítica às mulheres, à culpabilização do outro externo ao grupo, de acordo com o modelo do **bode expiatório** e em acordo com o discurso (e a ideologia) machista e viril.

Há então uma nova disputa de fala no grupo, entre Marcelo e Émerson (pg. 27), num breve bater de cabeças do qual Mateus, analisando de fora, acha graça: “Cês vão ficar doido aí... Hi! Hi! (risadas)”. Dessa vez a solução pôde se dar de forma lúdica, com risadas, mas Émerson ganha a disputa novamente.

Talvez como fruto daquele momento ideológico grupal, em torno do ataque à figura feminina, vão seguir-se duas pequenas histórias de brigas em salões (de dança), originadas em desentendimentos por causa de mulheres. A primeira trazida por Émerson e a segunda por Edson, justamente aqueles que mais tiveram acesso à palavra nessas duas entrevistas iniciais.

Histórias de brigas em salões (pgs. 27 - 32)

Émerson conta a história do episódio que viveu em um salão, com muitos comentários de quase todos do grupo, principalmente de Edson, que teve prazer ao repetir por várias vezes referente à situação de Émerson “mósca!”, no sentido de “faça isso, haja como uma mosca! Que logo alguém chega e Plaft! em você!”, num gozo não dissimulado frente à enrascada que Émerson narrava que se envolveu. Émerson conta que a situação já estava quase que resolvida pela palavra, que o namorado da “mina” já havia chegado à conclusão de ela fora a culpada, por ter falado que não tinha namorado, mas que ele estava com um grupo de amigos e um desses queria briga (ou melhor, bater) e, por isso apenas, começou a bater em Émerson. Após ter “apanhado de multidão” pela primeira vez na vida, ele relata que pega sua arma e busca por vingança junto com um amigo seu, mas não encontra nenhum dos agressores no dia. Dias após teriam encontrado com um deles e que “pegaram ele sem dó”.

Novamente aparece a questão do que pode ou não ser dito no grupo. Pedro e Paulo perguntam com todas as letras se eles haviam matado o rapaz, Émerson nada diz, parecia não querer responder, mas Pedro e Paulo insistem na questão, Émerson nada diz, mas dá a entender que sim. Por que Pedro e Paulo insistem? Não sabemos ao certo, mas teríamos duas hipóteses próximas entre si (e não excludentes), a primeira se relacionaria ao lugar de Émerson no grupo de jovens da unidade, lugar que seria balizado segundo a lógica da virilidade, que predominaria no “pátio”, assim, tal questionamento incidiria sobre o lugar de Émerson frente a tal discurso grupal, onde afirmar-se como capaz de atos de violência ou crueldade “contaria pontos” e onde não afirmar-se como capaz dos mesmos poderia ser lido como um indício de fraqueza. A segunda hipótese diria respeito mais especificamente à dinâmica do grupo naquele momento, os dois jovens poderiam estar como que pedindo que Émerson revelasse um “segredo”, que revelasse um lado seu que até então pouco havia aparecido, um lado capaz de violências, justamente Émerson, aquele que mais havia tomado posições contrárias ao discurso da criminalidade. Poderíamos pensar que os jovens tentaram colocar Émerson em certa contradição com o que havia dito antes, ou melhor, mostrar a contradição de seu discurso, mas também, através de mecanismos de projeção -

tomando-os como emergentes grupais - falar de uma contradição e de uma violência que estava neles também e no grupo como um todo, mas que até então não vinha aparecendo muito. Particularmente, a questão da preservação de uma certa imagem de “bons” e de “não violentos” ou de “violentos apenas quando necessário e justificável”, talvez estivesse em jogo também, abordaremos novamente essa questão na análise da próxima entrevista.

Vemos, também, por esse episódio que no mundo da criminalidade (mas não só nele) os atos violentos são cometidos não apenas por medo ou estratégia de sobrevivência, mas também por *vingança* e por algo próximo a uma “**honra**”, relacionada a valores do discurso da virilidade (seria como se apanhar fizesse manchar a honra ou a “machesa”).

Ao final, como que correspondendo à “moral da história” (uma moral da virilidade), Émerson diz que até hoje fica com aquela “mina”.

Paulo começa a falar de outro lugar em que é muito comum acontecerem brigas, os jogos de futebol (pgs. 30 e 31), mas é interrompido pelo coordenador, que tentava avisar que o tempo estava terminando, antes que conseguisse fazê-lo Edson começa a contar um outro caso que viveu. Mas Edson é interrompido pelo coordenador, que avisa do término, nesse instante a porta se abre e um funcionário avisa também que o tempo estava se esgotando. O entrevistador pergunta se alguém mais gostaria de comentar sobre a própria história. Paulo pede para Pedro contar a sua história (pg. 31), Marcelo também, mas Pedro não manifesta intenção de falar, o coordenador devolve a palavra para Edson, então.

Edson conta de uma vez em que agradeceu ser do “mundo do crime”, um amigo dele se envolveu numa enrascada, mas ele conseguiu livrá-lo e livrar-se da mesma graças a possuir um revólver e ter dado uns tiros para o alto, sem maiores consequências. A arma aparece para Edson nesse episódio como um instrumento de defesa, uma finalidade que já havíamos apontado na análise da primeira entrevista. Nesse episódio um ato quase violento acaba por evitar a violência, no de Émerson a palavra não conseguiu evitar o ato violento, e a violência gerou mais violência. Edson se coloca mais uma vez como portavoza do discurso da criminalidade, mas mostra-nos que criminalidade não equivale à violência.

Fechamento (pgs. 32 - 35)

Após a história de Edson o coordenador ainda se volta para Pedro, pergunta-lhe se ele desejava falar, mas esse diz que não, então o coordenador anuncia o encerramento da entrevista (pg. 33).

Edson e Émerson aproveitam para olharem para o caderno da observadora e tentarem falar com ela.

O coordenador pergunta o que o grupo havia achado da entrevista, eles disseram que foi legal, que gostaram, que “*distrai a mente*” (pg. 33).

Edson comenta que recebeu a notícia que estava para obter a liberdade, mas se questiona “O quê que eu vou fazer... lá fora?” (pg. 34). Ocasão em que percebemos que a *dúvida* e a *angústia* lhe acompanham. Talvez a dúvida seja referente a permanecer ou não na “vida do crime” e a angústia relativa a seu futuro.

Questionam ainda sobre os nomes fictícios que seriam colocados, se iriam aparecer os nomes deles ou não. E dão sugestões de nomes (não foram seguidas), como Dimas (alguém) e Maurício (Edson).³⁵⁸

O coordenador tenta realizar uma breve síntese da entrevista (pg. 35):

“A gente foi falar do passado hoje, né, e acho que levou, levou a gente também a pensar no futuro, né? Achei interessante isso, e falamos bastante da violência, né?”

Acho que violência, de alguma maneira, faz parte mesmo da vida de vocês, e acho que tem a ver também com o tema da minha pesquisa, né?”

O que gerou duas respostas relevantes (de autores não identificados):

“- Quando, quando o cara rouba, né sr.? A vida dele é só... só vê violência, violência, violência...”

- E só criticar também, né sr.?”

A primeira é uma constatação importante e sintetizadora do que foi falado na entrevista também. Que quando um “cara” se envolve com a criminalidade a vida dele fica cercada por violência.³⁵⁹

Mas a segunda, ‘quando o cara rouba a vida dele é só criticar’, qual seria seu significado ou sua motivação? “Criticar” teria o significado de “lamentar-se”, ou referiria-se antes ao tipo de críticas que foram levantadas por eles mesmos contra a Febem, a sociedade, a criminalidade, as mulheres?

Mas o tempo havia terminado e tais respostas não foram exploradas. O coordenador encerra o grupo: “Gente, a gente pode conversar mais então, no próximo encontro?”. Então Pedro se manifesta, “Pode, no próximo então, eu conto minha história, viu sr.?”. O coordenador responde que ele poderia ficar à vontade para isso. Essa foi uma

³⁵⁸ As sugestões poderiam ter sido seguidas, mas no único caso em que isso seria possível, Edson, não consideramos o nome “Maurício” como que traduzindo a imagem que tínhamos dele. Sobre esse nome aliás, é notória a associação que se faz, jocosamente, com a figura do burguês, mais especificamente do jovem burguês, talvez tal escolha de Edson se relacione com um ideal de homem burguês que almeje, mas poderiam ser também vários outros motivos.

³⁵⁹ Teríamos a acrescentar que, em muitas vezes, anteriormente a vida já devia ser cercada por violências, embora de diferentes formas e graus.

resposta que procurou ser acolhedora à fala de Pedro num momento em que o tempo já havia se esgotado, mas o próximo grupo teria outros objetivos.

- Considerações Finais:

Edson, ao determinar quem iria começar, “Então, começamos hoje pelo Paulo, não é Paulo?” (pg. 2) ocupa o lugar de coordenação, que é o de organizar a tarefa. Poderia ser uma tentativa de proteger o espaço do grupo, visto como positivo, o que se confirma ao final, quando Émerson comenta “*Passa rápido, né meu?*” (pg. 31). Essa experiência de serem ouvidos sem crítica por adultos talvez tenha sido bastante significativa para os jovens.

Um ponto em comum entre os rapazes é a preocupação com as **mães** (que já apareceu na 1ª entrevista), nenhum deles quer magoá-las, mas não as ouvem, e quando reconhecem isso se emocionam.

A *agressividade* está presente também no grupo, como no “Quietinho!”, de Edson para Émerson (pg. 2), ou no “- Você reparou? - Aaahhh!” (a respeito de observação de que o primeiro estava suspirando forte) (pg. 4), ou no “Cala a boca!” (baixo, de Pedro para Émerson, talvez no contexto de uma conversa paralela, pg. 22), ou no “Vamo pedir licença aí meu!”, de Émerson para Adriano (pg. 25). Assim como a “*lei do mais forte*” também opera dentro do grupo, mostra-se visível quando ocorreram os conflitos para falar entre os jovens. O predomínio de um dos jovens, Émerson, como vencedor desses conflitos poderia ser um sinal de imobilidade, estereotipia, falta de alternância dos papéis, quando isso ocorre o grupo tenderia a não realizar a tarefa, embora ele tenha sido alvo de ataques em outros momentos e aparentemente cedido.

A realização do objetivo para aquele encontro foi parcial, pois Pedro, um dos três jovens que faltavam contar a própria história de vida, justamente aquele que ao início da entrevista foi lembrado por alguém como ‘aquele que não havia falado da outra vez’, não a contou, não o realizando também nas próximas entrevistas. Por quê? Seria esse comportamento de Pedro algo que já se repetia em outros grupos e os jovens teriam sinalizado essa sua “falta”? Retomaremos tais questões na próxima análise.

Por outro lado os jovens falaram mais de suas vidas (o que não deixa de ser de suas histórias), de suas preocupações, angústias e temores, particularmente da violência na criminalidade, na Febem e em suas vidas.

6c - Análise da 3ª entrevista grupal

- Descrição sintética da entrevista:

Abertura	(pgs. 1 a 10 da transcrição)
Enunciação da tarefa	(pgs. 10 a 13)
Lembranças de histórias	(pgs. 13 a 34)
Pré-fechamento: história de Pedro entre a vida e a morte	(pgs. 34 a 37)
Fechamento	(pgs. 37 a 39)

- Análise:

Podemos considerar essa entrevista como a mais anômala ou diferente das quatro entrevistas grupais³⁶⁰. Conforme se pode observar já a partir da descrição sintética da mesma, muito tempo se passou na etapa de abertura da atividade grupal, momento em que ocorreu uma mudança no contrato grupal. Pois, conforme planejado inicialmente, essa seria a última das entrevistas grupais, mas, a partir da recontratação, foi estabelecida uma quarta entrevista. Sem dúvida, esse é um fator que rompe o enquadramento, facilitando inclusive a possibilidade de postergação da tarefa com a permanência em situação de pré-tarefa.

Essa foi também a entrevista em que mais emergiram conflitos entre os membros do grupo, principalmente nos períodos da Abertura (pgs. 2 e 6, entre o coordenador e membros do grupo) e no que denominamos de Lembranças de histórias. De uma certa maneira, as temáticas principais do grupo giraram em torno do medo, do sobrenatural e da morte, ou seja, do desconhecido. Um fator externo a incidir sobre o grupo refere-se a uma situação institucional, que provocou um grande atraso e sentimentos de contrariedade em membros do grupo, além de um tempo menor disponível pela instituição para realizarmos a entrevista. Analisaremos adiante a incidência desses vários fatores no grupo.

Em relação à **disposição espacial** dos jovens no grupo, observa-se claramente a manutenção de somente uma posição, sempre a mesma desde a primeira entrevista, a de Edson, à esquerda, ao lado da observadora, o que reforça nossa hipótese de uma certa

³⁶⁰ Essa foi também a mais longa entrevista em número de páginas de transcrição (39 páginas), mas a mais curta em tempo de duração (1 hora e 7 minutos). Tal aparente paradoxo se explica devido aos intensos diálogos intragrupais, mas a poucas narrativas de histórias ou de situações.

hierarquia no grupo. É possível que tal hierarquia se origine fora do grupo, na relação que se estabelece entre os jovens no âmbito institucional.

Todos os outros membros alteraram suas posições em relação à segunda entrevista, Mateus e Pedro repetem a mesma posição da primeira entrevista. A posição de Marcelo mais uma vez pouco se altera. Já Émerson, mais uma vez alterna de lado (assim como Mateus e Pedro), caso pensemos o grupo como composto de um lado à esquerda da observadora e outro lado entre o entrevistador e a porta (Edson, Pedro e Adriano de um lado e Émerson, Mateus, Marcelo e Paulo do outro, nessa ordem). Mais uma vez Émerson será hostilizado nessa entrevista, assim como na primeira, quando também esteve em lado oposto a Edson. A diferença está em que, dessa vez, ele se encontra ao lado do coordenador (uma busca de apoio?), enquanto que, na primeira, se encontrava mais distanciado.

Abertura (pgs. 1 a 10)

Antes do início da atividade os coordenadores do grupo foram chamados à “sala da coordenação”. Os coordenadores da unidade explicaram que naquele dia os jovens haviam “faltado com o respeito” e “bagunçado” muito e que, portanto, estavam no momento de castigo, “de tranca”, trancados em seus quartos, sem o direito de frequentarem quaisquer atividades externas, mas, como a nossa atividade era de poucos encontros eles iriam abrir uma exceção para nós. Aguardamos então cerca de uma hora e quinze minutos, tempo suficiente para a realização de uma entrevista, até que os jovens chegaram, trazidos pelos funcionários “de contenção”.

Após os cumprimentos iniciais os jovens se sentam e o coordenador do grupo liga o gravador e pergunta como eles estavam, preocupado com o que poderia ter ocorrido durante o dia. Alguém inicia a falar, dizendo que estavam bem, mas depois se corrige, diz que *ele* estava bem, mas não sabia sobre os outros. Émerson diz, então, que não estava bem. O coordenador pergunta o que aconteceu. Émerson diz apenas “*umas situações aí*” (pg. 2). O coordenador questiona quais situações, mas não obtém resposta, julga que Émerson não queria falar a respeito e lhe pergunta se daria para realizarem o grupo naquele dia. Alguém responde que sim, Émerson também. O coordenador pergunta para os outros, que respondem afirmativamente e explicam que seria melhor inclusive participarem do grupo, pois esse dia era “dia de pátio” para eles, mas eles estavam trancados nos quartos. O coordenador tenta ainda saber a respeito do “clima” para a

realização do grupo, se era apenas a questão da “tranca” que os aborrecia ou se haveriam ainda outros conflitos e pendências (“*Mas tirando isso...*”), os jovens respondem estar “sossegados” e “tranqüilos”.

Analisando o desenrolar do grupo, a tensão e intranqüilidade que se sucedeu em alguns momentos da entrevista (como nas pgs. 19 a 21 e 32 a 34), talvez possamos pensar na relação entre elas e essa questão que ocorreu fora do grupo, durante o dia, talvez tal questão tenha influenciado o humor dos integrantes do grupo (Émerson seria um porta-voz do desconforto, ele disse que não estava bem). Mas como não se conversou a respeito dessa questão no grupo, talvez ela tenha se mantido implícita ao acontecer grupal, influenciando o mesmo. Retomaremos tal hipótese nas considerações finais desta análise.

O coordenador também estava preocupado com uma outra questão, com a mudança do enquadre do grupo (de três para quatro encontros) e, logo em seguida, inicia a falar com a lembrança de que “Hoje seria o nosso último encontro, né?” (pg. 2), Émerson reclama: “*Mas já, Sr.?*”, em mais um sinal de valorização da atividade. O coordenador continua seu raciocínio, dizendo que para aquele dia o grupo teria um outro objetivo, mas é interrompido por Paulo, que diz ainda faltar Pedro para falar a respeito da temática anterior.

Pedro explicita que gostaria de contar sua história (“eu queria contar da minha experiência também...”), conforme já havia feito no fechamento da última entrevista. Mas o coordenador reconsiderou sua resposta a Pedro ao final do último grupo e disse:

“A gente já... realizou, né? Dois grupos, prá falar da história de vida, então hoje, a gente tá com um outro objetivo, né? Se o Pedro quiser falar, acho que ele vai ter um espaço prá falar, mas dentro desse outro objetivo... Tudo bem Pedro?”

Pedro – Tudo bem.”

Há duas questões importantes para pensarmos: a primeira é por que Pedro não contou sua história nas entrevistas anteriores, que eram destinadas para isso? Por que não conseguiu cavar o seu espaço entre a fala dos outros, inclusive deixando que uns dominassem a fala em vários momentos grupais (caso de Émerson e Edson)? Haveria alguma espécie de hierarquia no grupo que não deixasse Pedro numa posição facilitada para a fala? Não nos parece ser o caso, Pedro parece comungar do mesmo *status* grupal que Paulo, Marcelo, Adriano e Mateus³⁶¹. Seria Pedro muito tímido? Pode ser. Ou teria

³⁶¹ Se há uma hierarquia no grupo, essa seria de Edson e Émerson entre si e com o grupo, todos os outros cinco parecem ter igual chance de fala, tanto que os outros quatro já haviam falado e, em várias ocasiões, tanto Pedro como Paulo ou Mateus entraram em conflito com Émerson.

Um aspecto que não nos escapou era que Pedro era o único negro no grupo, isso seria um diferenciador (essa diferença é reconhecida, por exemplo, no apelido: “Neguinho”), embora não possamos afirmar, no

Pedro alguma coisa para contar que lhe constrangesse, frente os coordenadores ou frente os outros integrantes do grupo? Pode ser, como talvez casos de envolvimento com a criminalidade, casos que sentisse algum receio de expor para os coordenadores ou para o público, ou então algum fato de sua infância? Uma outra hipótese seria que Pedro fosse o porta-voz grupal de uma dificuldade em seguir as normas, as regras, ou o que as figuras de autoridade lhes dissessem. Nos episódios que contou nessa entrevista esse aspecto ganha nitidez, parece que algo que o compelia a transgredir com o estabelecido, como pôde se observar no episódio do ato agressivo contra sua irmã, na violência destrutiva contra a escola, no desafio às entidades do cemitério, e na história que contou ao final dessa entrevista, quando não segue as recomendações médicas e foge do hospital e também não segue as recomendações de seus pais para voltar ao hospital.

Nessa entrevista já de início Pedro parece mais determinado a falar, e acaba por cavar seu espaço para contar trechos de sua história, a princípio em meio a lembranças de histórias de outros jovens, quando se recorda de experiências que teve em sua infância (pgs. 16 a 18) e ao final, quando conta com mais detalhes um episódio marcante de sua vida, embora num momento duplamente inapropriado para o objetivo explícito a que se propôs aquele encontro, primeiro por ser numa entrevista que não tinha mais esse objetivo e segundo por ser num momento em que o coordenador anuncia o término da entrevista. Tal “inapropriação” talvez possa ser explicada da seguinte maneira: com o início do fechamento a tarefa estaria em suspenso e assim, ao menos ele não transgrediria o objetivo do grupo para aquele encontro. Por outro lado, também, como ele veio determinado a falar de sua história, seria o último momento que ele teria para contá-la, se não ele não cumpriria aquilo a que se determinou. O enquadre havia sido rompido pelo coordenador também (ao propor a mudança de três para quatro encontros), o que daria um tempo que antes não havia para Pedro contar sua história e abriria um precedente para outras quebras de enquadre.

A segunda questão que temos a pensar é a quebra de palavra do coordenador, que na entrevista anterior havia dito que Pedro poderia ficar à vontade para contar sua história nesse terceiro grupo. Embora se considere o fato de que o coordenador disse isso premido pelo tempo e num momento em que todos estavam se levantando para saírem, foi o que

entanto, não parece ser comum o preconceito racial entre os jovens internos (a partir de nossa experiência) nem entre os jovens do grupo. No sentido da ação do preconceito racial sobre a fala de Pedro, o que poderia existir seria uma auto-imagem inferiorizada, devido a situações outras de racismo, que possa ter contribuído para uma insegurança sua ao falar da própria história no grupo, frente a coordenadores brancos, prováveis representantes para os jovens do grupo de uma elite também branca, mas isso é apenas uma especulação.

ele disse e, como vimos na análise anterior a importância que é dada à mudança de palavra no mundo da criminalidade (‘se você fala “a” tem de sempre falar “a” depois, não pode falar “b” ’), talvez isso tenha afetado o lugar do coordenador perante o grupo, como poderemos conferir a partir dos momentos de tensão da entrevista. Pedro também consegue falar de sua história durante o período que denominamos “lembranças de histórias”, conta um episódio extremamente violento entre ele e sua irmã (pgs. 16 e 17). Seria parte dessa violência voltada (e despertada), ainda que indiretamente e inconscientemente, contra o coordenador do grupo, devido à sua mudança de palavra? Ou então advinda como reação ao acontecido durante o dia? Ou seria tal violência o emergente de algo que até então não havia aparecido no grupo, um ato de agressão que mostrasse eles, jovens, como violentos? Nesse sentido, tal violência poderia ser lida como a confirmação do estereótipo do qual eles tentariam - para os leitores desta e os coordenadores - se descolar, de que eles são inerentemente ou irremediavelmente delinquentes. Retomaremos tal raciocínio mais adiante (em “Lembranças de histórias”).

Após essa importante interrupção, o coordenador anuncia os motivos e a proposta de mudança de enquadre, de três para quatro entrevistas, de forma que aquele não seria mais o último encontro e pergunta para os jovens o que eles achavam da realização de mais um encontro (pgs. 2 e 3). Ele pergunta para todos e para cada um, todos respondem afirmativamente.

Nesse momento de Abertura, entre a reconstrualização do grupo e a enunciação da tarefa do dia há como que um período de ruptura no enquadramento, ou o estabelecimento de um momento “fronteiriço”, em que puderam vir à tona os medos, persecutoriedades e cisões grupais (conforme Pichon). Dentre esses, os jovens mostraram o desconforto com a presença de uma observadora silenciosa, o que já esperávamos. Frente às fantasias persecutórias suscitadas pela observadora, parece que a solução grupal encontrada foi a discriminação do papel de cada um lá dentro, observadora, coordenador, jovens, chegando inclusive a incluir o gravador, que também pode gerar fantasias persecutórias, mas nesse último caso provavelmente estava presente também a ironia. Acompanhem como isso se deu:

Após a reconstrualização, quando o coordenador preparava-se para enunciar o objetivo do dia, falando que ele iria ser extenso e que portanto ele iria falar bastante (pg. 3), ele é interrompido e somente conseguirá retomar a enunciação dos objetivos na página 10. Émerson diz algo que provoca risadas em todo o grupo, inclusive no coordenador,

“Vai ser a vez do Sr., agora?”, como se ele tivesse entendido que naquele grupo haveria uma inversão de papéis e o coordenador falaria bastante e os jovens mais escutariam do que falariam. Ao ser questionado, “e - Queria que eu falasse um pouco também da minha vida... por aí?”, Émerson diz que gostaria de ouvir também um pouco das histórias, da experiência (“as batalha, né Sr.?”) e da sabedoria de vida do coordenador (“As conseqüências da vida...”). O coordenador procura restabelecer o enquadre da entrevista sem deslegitimar esse desejo de ouvir o coordenador falar também.

Seria um desejo de igualdade entre todos os membros do grupo? Ou seria um desejo de aprender? Conforme vimos a partir de Pichon, poderia haver um ganho na mobilidade de papéis no grupo, mas também poderia estar havendo uma disputa pelo lugar de líder (como já havia aparecido de forma sutil na disputa pela fala entre Émerson e os outros, na segunda entrevista), ou um questionamento do lugar de líder do coordenador, algo que já havia aparecido na primeira entrevista (a partir de Edson).

Edson parece pegar carona na fala de Émerson ao dizer que seria bom ouvir o coordenador “Prá gente aprender um pouco mais também, né?”, mas ele logo complementa: “Não só pelo Sr., mas a Sra. também falar um pouco, né?”, no que é seguido por risadas e concordâncias grupais. O que nos deixa em dúvida se sua primeira frase teria sido espontânea ou feito parte de um jogo de sedução do coordenador para a enunciação da segunda frase. Pois na segunda frase Edson tira o foco da questão do aprender e da palavra do coordenador, para focar e mostrar seu interesse pela figura feminina, no que é acompanhado pelo grupo, deixando Émerson isolado. Questionam a observadora por que ela só escreve e não fala nada. O coordenador explica então o papel dela no grupo, no que é apoiado por Émerson: “Cada um tem seu espaço, né, Sr.?”, “O dela é escrever, o do Sr. já é explicar, o nosso já é falar...”. Continuando o raciocínio, Edson tem mais uma fala ambígua, talvez irônica, “E o do gravador é prá gravar...”, mas de cuja ironia (como se todos fossem máquinas) o coordenador não se deu conta no momento, o que talvez tenha contribuído com as risadas que se seguiram.

O coordenador, pegando carona também no “clima” lúdico do grupo, propõe mais uma função, que alguém lhe avise quando a luz do gravador começar a piscar, pois seria o momento de trocar as pilhas do gravador (ele estava de costas para o gravador). A fala irônica de Paulo que se segue (pg. 4), “Quando tiver piscando, Vesguinho, você avisa... (risadas) Émerson – Eu não enxergo nada...”, pode ser tomada como um momento lúdico, de descontração no grupo. Mas essa descontração também pode ser uma maneira de

afastar os temores, pois na seqüência surge o incômodo com o silêncio da observadora, Edson, que está mais próximo da observadora, questiona o que ela estava escrevendo, chegando a tentar comparar o volume do escrito com a quantidade do que era dito no grupo (pg. 5).

Aparece então, com maior clareza, a *fantasia persecutória* (pgs. 5 e 6), quando Émerson se refere ao encontro de apresentação da pesquisa, momento em que o entrevistador teria lhe questionado algo próximo a se ele sabia o que é a psicologia ou o que faz o psicólogo e ele teria respondido que psicólogo é “gente que fala com doido”, e logo adiante se lembra do que a sua técnica (provavelmente psicóloga) lhe falou, para fechar o ciclo coordenador-psicólogo-loucura-persecutoriedade: “Porque a minha técnica falou que eu ia falar com um homem lá, [... ...] prá mim falar com, acho que é psiquiatra, Sr., esses negócio?”. A fantasia associada poderia ser “aqui somos todos doidos?”, “a observadora fica analisando e escrevendo sobre a nossa loucura?”. No entanto, tais fantasias e medos não foram explicitados pelo coordenador, o que pode ter contribuído para a continuidade nessa situação anterior à enunciação da tarefa.

A loucura parece também ter sido depositada no coordenador que é psicólogo, quando alguém diz “*Psicólogo é louco, meu!*”. Além de compreendermos tal fala como uma reação de ataque ao coordenador (defesa despertada pelo sentimento persecutório), frente à fantasia de que eles seriam loucos e por isso falavam com um psicólogo, a podemos relacionar também ao momento de “loucura” da coordenação, que parecia ter aceitado, ao menos parcialmente, a proposta anterior de Émerson, de inversão de lugares entre o grupo e a coordenação, pois eram os jovens que estavam direcionando os assuntos a serem debatidos e o coordenador estava falando mais do que o habitual sem ter ainda enunciado o objetivo para aquele dia.

Naquele trecho ainda, podemos observar uma postura de Mateus que vai se repetir em outros momentos dessa entrevista, comentando a fala de Émerson ele como que a desmerece, com a conotação de que Émerson haveria dito alguma besteira: “Gente que fala com... gente que fala com doido! (rindo)” (pg. 5). Mateus teria sido o porta-voz grupal de uma negativa à fala de Émerson de que psicólogo fala com loucos, o que se compreende também como uma defesa frente à possibilidade deles serem loucos, pois o psicólogo estava falando com eles, o que explicaria também o tom de absurdo que deu à sua fala e as risadas que se seguiram. Émerson continua sua fala, não dando mostras de reações.

Logo em seguida Edson retoma seu interesse acerca da observadora (pg. 6), no que é complementado por outros, numa mostra de que suas questões eram as de outros também (Edson como um porta-voz grupal). Mas talvez houvesse outras motivações em jogo também, além dos sentimentos de medo que envolvem a persecutoriedade. Como já apontamos, poderia haver um desejo de maior proximidade com a figura feminina do grupo, Edson chega por vezes a se debruçar sobre o caderno da observadora (chega inclusive a ler algo do caderno), o que significa quase se debruçar sobre a própria observadora. O coordenador questiona-lhe sobre as motivações desse seu ato, mas não chega, também, a explicitar essa questão.

Por outro lado, Émerson, continuaria como porta-voz grupal de uma preocupação a respeito da pesquisa, ao questionar se a dissertação ficaria parecida com o livro Estação Carandiru, de Drauzio Varella (pg. 7), o que mostra também um desejo de estarem em evidência, ou de alguma forma famosos ou reconhecidos. O coordenador responde que não e se vê, então, na situação de tentar explicar, pela primeira vez para o grupo, o que seria uma dissertação de mestrado. Nisso, as questões do estudo e do saber aparecem na fala dos jovens, algumas vezes de maneira indireta. Como quando Paulo tenta falar “a faculdade exige”, mas pronuncia “egigi”, se dá conta de seu engano, tenta a pronúncia correta, mas não a consegue, outros tentam ajudá-lo, alguns também “derrapam” nessa tentativa³⁶². Numa verdadeira armadilha “lingüística” grupal, ou falha grupal, relacionado ao tema do saber e dos estudos escolares³⁶³. Estudos onde é comum os jovens, além de aprenderem a grafia correta das palavras, aprenderem também a pronúncia da “norma culta”. Ao final, Paulo desiste da pronúncia da palavra e ouvem-se risadas no grupo. Edson caçoa de Paulo “Cê falou tanto que ficou gago...”, o que tem também um sentido irônico, já que Paulo pouco falara, e um sentido encobridor, já que o próprio Edson também se equivocara ao tentar ajudar o colega. Por outro lado, poderíamos enxergar um aspecto de tentativa de ajuda mútua grupal relacionada à questão do saber nesse episódio.

Edson, então, ao tentar explicar o que seria o cientista, se refere ao “nanologista”, o coordenador pergunta se ele não queria dizer “neurologista”, mas ele a princípio nega (pgs. 7 e 8):

“e – Neurologista?

Edson – Não, não, é outro negócio, deixa!

³⁶² No momento da entrevista Paulo cursava a 8ª série.

³⁶³ Denunciaria esse lapso grupal um gênero de interdito grupal? Em caso positivo poderíamos pensar tratar-se da questão dos estudos e do saber relacionados à escola formal, uma questão talvez não comentada ou mesmo desvalorizada segundo a lógica da virilidade.

(risadas)

Edson - Me compliquei... He! He! He! (risadas) Nossa!

e – Tudo bem, a gente, simplifica, né? Então, como se fosse o cientista, como se fosse da neurologia...

Edson – É isso aí o que eu queria falar!"

Nesse pequeno trecho estão constelados alguns aspectos desse início de entrevista que mencionávamos, o aspecto lúdico, representado dessa vez por Edson, e a questão do saber e do não saber. Edson, que havia acabado de fazer troça de Paulo, admite a sua própria dificuldade e ri de si próprio. Embora a princípio tenha sido alvo de risadas e não tenha admitido a versão que o coordenador lhe ofereceu, logo em seguida concordou com uma versão quase idêntica àquela que o coordenador apresentara, mas que agora aparecia num outro contexto.

Desde esse momento, próximo a uma assunção de um “não saber” ou de limites ao próprio saber ("*me compliquei...*"), Edson não faz uso da palavra por alguns minutos e não retoma as questões relativas à observadora.³⁶⁴

Já Paulo, continua com questões acerca da Psicologia e da loucura, e também Émerson, que parece querer extrair algum saber do coordenador (transferência com o coordenador em relação ao lugar paterno?), e lhe faz uma questão acerca de Santos Dumont, o coordenador, no entanto, assume que não sabe a resposta e Émerson conclui: “Vixe! É cada coisa, que... só estudando mesmo prá aprender!” (pg. 8). Com essa resposta a questão do saber deixa a esfera pessoal e passa para a da cultura, em acordo com o discurso oficial tanto da Febem quanto da sociedade, de que é preciso estudar e freqüentar a escola para aprender, discurso que se contraporia ao discurso da criminalidade. Posição que Émerson já foi o porta-voz nas outras duas entrevistas.

O coordenador propõe então o anúncio da tarefa do dia, Émerson tem uma reação positiva, “Ah! Vamo chegar... ao que interessa...”, mas que o coordenador acha por bem relativizar, frisando a importância da conversa até então e oferecendo o espaço da próxima entrevista para quaisquer outras dúvidas. Marcelo, então, parece mostrar desapontamento com o término do grupo, Edson, Émerson e outros se manifestam também.

O coordenador esclarece que após a última entrevista ele tentará retornar à unidade e convocar o grupo para que vejam e avaliem o material da transcrição, mas que se corre o risco de muitos já não estarem mais internados. Émerson enuncia que é provável que só ele e Adriano estejam na unidade, e foi exatamente o que se verificou. Como ele sabia? Várias hipóteses são possíveis, dentre as quais a gravidade do delito praticado, sabida por

³⁶⁴ É uma assunção de um não-saber que implica, conseqüentemente, que "um outro saiba aquilo que eu não sei", como pode ser aferido da frase "É isso aí o que eu queria falar!".

ambos, ou o tempo de internação relativo aos outros do grupo, ou conversas dos jovens com as técnicas, mas também algo que os jovens tenham praticado durante a internação que poderia lhes desfavorecer no relatório das técnicas enviado ao juiz, como por exemplo, um ato de indisciplina ou um envolvimento numa briga. Seria inclusive possível tal ato ter sido praticado naquele mesmo dia, devido ao tom inicial de insatisfação de Émerson, mas isso é algo que não sabemos.

É interessante frisarmos também o sentimento de co-autoria dos jovens em relação à dissertação, a satisfação que isso parece lhes provocar e o desejo expresso por eles de irem até a Biblioteca da USP para verem a dissertação pronta (pgs. 7, 9 e 10).

Enunciação da tarefa (pgs. 10 a 13)

O coordenador anuncia novamente a enunciação da tarefa, Émerson e Edson se mostram curiosos. O objetivo geral seria falarem das histórias que ouviram quando eram crianças. Mas o coordenador, ao ir especificando a proposta, o fez por vezes em forma de questões, o que talvez tenha feito com que eles fossem respondendo conforme o coordenador enunciava a tarefa. Assim, surgiram muitas respostas interessantes no decorrer da enunciação da tarefa, que não foram retomadas durante o período de realização da mesma. Mas como eram entre uma frase e outra da tarefa como um todo, o coordenador interrompia as lembranças também, para dar continuidade à enunciação.

Por exemplo, ao coordenador falar que seria um dos objetivos eles falarem quais as histórias que ouviram quando crianças, Émerson falou da história do “Pinóquio” e da “Mula sem Cabeça”, já Marcelo da “Chapeuzinho Vermelho”. O coordenador continua então, “E se vocês puderem, prá vocês contarem...”, “aqui no grupo, a história...” (pg. 11). Marcelo diz se lembrar da história da “Chapeuzinho Vermelho”, do “Lobisomem” e “João e Maria”, Edson dos “Três Porquinhos” e alguém falou a de “João e o Pé de Feijão” (pg. 11).

Mas não sabemos quem lhes contou as histórias, por exemplo. Marcelo diz se lembrar de quase todas as histórias e foi quem mais se lembrou das histórias no momento. Mas “Mula sem Cabeça” e “Lobisomem” são *histórias, lendas* ou *personagens lendários*?

O coordenador diz de dois tipos de histórias que foram citados, os *contos de fada* e as *lendas*³⁶⁵. Lembram-se então de lendas: Edson fala da lenda do “Homem da Bengala”, outro cita a da “Loira do Banheiro”.

Mateus exclama: “Ou! Nada a ver esses barato aí... Aham! (risada) (baixo)”. Não sabemos ao certo a quem Mateus se referiu, se à proposta da lembrança das lendas ou às “lendas” lembradas pelos colegas (numa postura de desmerecimento de suas falas). Pensamos que essas “lendas” lembradas (Mula sem Cabeça, Lobisomem, Homem da Bengala e Loira do Banheiro) não se configuram enquanto histórias propriamente ditas, pois qual é a história que é popularmente conhecida do “Lobisomem” ou da “Loira do Banheiro”? No entanto poderiam se configurar enquanto “histórias que eu ouvi quando criança” se admitirmos um significado outro para “história”, próximo de “farsa” ou “mentira”. Uma definição mais rigorosa englobaria tais lembranças na categoria de “personagens lendários”³⁶⁶, particularmente os dois últimos personagens (Homem da Bengala e Loira do Banheiro) seriam restritos a um determinado tipo de público e poderiam ser chamados de “personagens lendários que assustam crianças pequenas”.

O coordenador diz então de histórias provenientes da Bíblia ou que os professores contaram na escola. Edson diz não saber de nenhuma, Émerson se lembra da “história de Davi que matou o gigante” (que é conhecida como a história de “Davi e Golias”) (pg. 11).

O coordenador continua a enunciação e se refere a histórias que eles poderiam ter escutado de alguém da família. Edson diz que a única história que sua mãe contava era a de ele fora adotado:

“Ah! Minha mãe contava quando eu era pequeno prá mim crescer sabendo [...] que eu era adotado, era a única história que minha mãe [...] contava, só isso...” (pg. 12)

É relevante Edson considerar essa fala de sua mãe uma história e não um fato, e como história é significativo o valor central que tem na vida de Edson.

³⁶⁵ Segundo nossa compreensão todo conto de fada poderia ser uma narrativa tradicional tal qual se refere Benjamin, no entanto, isso não seria válido para toda lenda. A lenda enquanto se restringir a uma “crendice acerca de seres maravilhosos e encantatórios, de origem humana ou não, existente no imaginário popular” (dicionário Houaiss) não seria uma história. Mas o seria quando se tratar de uma lenda em forma de narrativa, que trate, por exemplo, de “um fato histórico, centralizado em torno de um herói popular” (Houaiss), ou mesmo de seres maravilhosos e encantatórios. Resumindo: uma lenda não seria um conto de fadas, mas ambos poderiam ser histórias, embora nem toda lenda seja uma história.

A lenda, quando se restringir a uma crendice, corresponderia a nosso ver ao “mito” a que Benjamin se refere que o conto de fadas veio libertar a humanidade (Benjamin, W., 1985, pg. 215).

³⁶⁶ É possível que suas origens se vinculem a histórias, como seria o caso da “Mula sem Cabeça”, mas hoje em dia tais histórias estariam ausentes aos personagens.

Marcelo lembra-se do “velho do saco”: “quando eu era pequeno minha mãe falava assim prá mim não ir prá rua que tinha o Velho do Saco, que catava a criança e colocava no saco e levava embora...”, personagem lendário que é lembrado também por Edson, mas como “O Velho do Saco Preto”.

Paulo e Mateus dizem “*que prá lembrar é difícil*” e Paulo pede para Émerson lembrar de alguma história. Por que esse pedido para Émerson? Talvez por Émerson ter sido considerado o mais falante nas entrevistas anteriores. Talvez por Émerson ser considerado um bom contador de histórias no “pátio”? Não sabemos a esse respeito, mas tal pedido (que vai se repetir logo adiante) é fruto também de uma necessidade grupal de corresponder ao que é pedido pelo coordenador, de realizar a tarefa explícita.

Mas o coordenador não havia terminado de enunciar a tarefa, e prossegue dizendo da importância deles falarem de quem que eles escutavam as histórias.

Émerson diz que escutava histórias de seu pai e de sua mãe (e seus tios?). Que apenas uma vez ele achava que sua avó havia lhe contado.

Marcelo diz que de sua avó e de seu pai.

Edson diz que de sua avó.

Alguém (não identificado) diz ter escutado histórias de sua bisavó.

O coordenador diz que as histórias poderiam ser também histórias ouvidas do rádio e da televisão. É relevante que a primeira lembrança tenha sido de histórias ouvidas nos programas “Linha Direta”, “Aqui e Agora” e do Gil Gomes, programas que tinham como principal temática a criminalidade (pg. 13).

Outros programas citados foram os do João Kleber, do Eli Corrêa e “Tonho da Lua”. O primeiro trata-se de um apresentador de um programa de “variedades” na televisão (Rede TV!), de conteúdo considerado apelativo, o segundo de um radialista popular na cidade de São Paulo e o terceiro de um personagem de uma “novela das seis”, da TV Globo, “Mulheres de Areia”, exibida há vários anos. O personagem, Tonho, fazia esculturas na areia e sofria de deficiência mental, dados esses relevantes, pois “deficiência mental” é muito próximo no senso comum de “burrice” e de “problema mental”, o qual por sua vez é próximo de “loucura” e da imagem que os jovens têm da psicologia. Já fazer esculturas na areia é próximo de “fazer castelos de areia”, “castelar” para os jovens, ficar em devaneios da imaginação, “viajar na imaginação”, ficar “no mundo da Lua”, o que por sua vez nos remete às histórias que existem apenas no mundo da imaginação, não são verídicas.

A respeito da enunciação do objetivo, podemos dizer que seu enunciado foi muito longo, o que pode ter dificultado sua assimilação e também contribuído para a confusão e a dificuldade grupal que se instalou logo após o término do anúncio da tarefa, podem não terem entendido muito bem a proposta, e o medo de errarem e de serem avaliados pelo que dissessem pode ter-lhes “travado” a fala.

Lembranças de histórias (pgs. 13 a 34)

Logo após o coordenador dizer que já havia terminado a enunciação da tarefa, o grupo como que interrompe o que estava fazendo, que era justamente a realização da tarefa explícita com a lembrança de fontes de histórias ouvidas da televisão. Há então como que uma deposição em Émerson da capacidade de realizar a tarefa, que é chamado de o “das idéias”, e estimulado para que contasse alguma história (ao menos por parte de Edson, Paulo, Marcelo e Mateus): “*Sai quente aí das idéias!*”, “*Dá a testa aí!*” (pg. 13), numa tentativa do grupo de estimular Émerson a contar alguma história. Ele tenta se esquivar, talvez se sentindo com “as idéias” bloqueadas por tanta pressão:

“Eu não sei de história não...”,

“Esses cara fala, fala, né Sr.? Quando chega na hora do assunto...”

Pedro - Esquece...

Émerson - ...ninguém fala mais nada!” (pg. 14)

Ele é eficaz em sua defesa, que expõe a dificuldade da realização da tarefa, presente no “bloqueio” ou “branco” grupal, talvez devido à sua amplitude, talvez por ter se tornado oficial, pois enquanto era uma interrupção da fala do coordenador o grupo se lembrava de várias histórias e fontes. Frente ao silêncio, o grupo volta-se para aquele que era visto como muito falante, ou com muitas idéias, e deposita nele a capacidade de lembrar, capacidade que rapidamente poderia se converter em incapacidade de lembrar, com Émerson ocupando um lugar de “bode expiatório”, da incapacidade grupal de contar uma história, lugar em que já fora colocado na primeira entrevista.

Outro aspecto relevante para o entendimento desse início é que a compreensão grupal de uma tarefa tão ampla parece ter se focado em eles contarem as histórias que ouviram (pgs. 13 e 14), como atestam as falas: “Conta aí a do João lá...” (Edson), “Eu não sei de história não...” (Émerson), “Conta umas história aí, meu!” (não identificado). Por que ocorreu tal fato? vide início da enunciação da tarefa

Como resposta à fala de Émerson, Marcelo traz mais um elemento, emergente talvez, de uma fantasia de “parecer ridículo frente o grupo”³⁶⁷: “Prá contar... prá contar a história do Chapeuzinho Vermelho, Sr.! Todo mundo tá careca de saber essa história!” (pg. 14). Outros lhe respondem que o coordenador quer saber como que ele ficou sabendo da história, ou como que ele “se expressa”, numa mostra de uma compreensão sintética da tarefa explicitada pelo coordenador, mas também de uma vinculação excessiva do objetivo à pessoa do coordenador, ao invés de ser considerado como uma ‘tarefa do grupo’. Marcelo responde, reflexivo, que ficou sabendo das histórias através de sua mãe, que lhas contava.

Há então uma pressão do grupo para que ele contasse a história a que se referiu por último, a de Chapeuzinho Vermelho, não sabemos ao certo se tal pressão se deu mais no sentido da realização da tarefa ou no sentido de colocá-lo em situação de ridículo, provavelmente essa segunda opção, pois as insistências pareciam não deixar espaço para o próprio Marcelo se colocar ou mesmo contar a história. O coordenador toma então a palavra e valoriza o que Marcelo já havia dito, que ouvira as histórias de sua mãe, o que parece ter aberto espaço para outras lembranças:

Émerson lembra-se então de que sua mãe cantava-lhe uma música para que dormisse, música da qual não se lembra mais. Marcelo parece ter tido a mesma lembrança. Émerson diz que dali a pouco se lembraria, mas foi Edson quem se lembrou de uma música (pg. 14).

A tarefa explícita do grupo era a de lembrar de histórias ouvidas, mas frente a dificuldades em realizá-la surgem primeiro lembranças de **músicas** que as mães cantavam para eles na primeira infância. Parece-nos, então, pertinente uma reflexão acerca da relação entre música e narrativa: a proximidade entre narrativas e canções (música onde há palavras, letra) parece-nos clara, algumas canções são verdadeiras histórias cantadas (da MPB: “Meu Guri”, “Geni e o Zepelim”, “Faroeste Cabloco”, “Eduardo e Mônica”, mas também haveriam exemplos de outros gêneros, como do Sertanejo, do Samba, da Ópera e do RAP, do qual temos alguns exemplos na última entrevista: “Baseado em fatos reais”, “Eu não pedi para nascer” e “Desculpa mãe”). Mas seriam possíveis aproximações também entre as narrativas e a música instrumental e a clássica. Sabemos de várias obras

³⁶⁷ A partir de minha experiência ao contar histórias na Febem, percebi que há uma resistência inicial dos jovens inclusive a ouvirem histórias consideradas infantis, mas que é uma resistência baseada no preconceito, na questão da imagem do adolescente, para si e para os outros, que procura se distanciar da imagem de criança e se aproximar da de adulto, pois passado esse momento de resistência, todos acabam gostando e se envolvendo com a história, como as crianças em geral.

da música clássica que se inspiraram em obras ou trechos literários e que uma maneira de se tentar entender a música instrumental em geral seria através da analogia com uma narrativa, por outro lado, haveria também uma certa musicalidade inerente à fala e à boa narração oral. Particularmente haveria uma musicalidade inerente à fala da mãe, que seria a *porta-voz* da palavra e da cultura para o filho³⁶⁸. Assim, a lembrança de músicas ouvidas na primeira infância poderia ser uma tentativa de aproximação das lembranças das primeiras histórias, talvez na forma de narrativas musicadas, canções. Outra aproximação possível é a de que, além de cantarem ou cantarolarem, muitos familiares costumam contar histórias para os filhos dormirem.

Enquanto Émerson, Marcelo e Edson recordam-se das músicas que ouviram na infância, outros no grupo têm distintas reações, de espanto: “*Vixe!*”, de repreensão e estranhamento: “*cê vai cantar isso aí?*”. Pedro dá risadas de Edson cantando com voz de criança “Brilha brilha estrelinha, Brilha brilha sim senhor...”. A esse respeito, poderíamos pensar num movimento comum à *adolescência*, de querer ser e parecer adulto, que tenta negar ou reprimir os aspectos infantis. Nesse sentido, é relevante que Edson, que em outras entrevistas foi um dos principais porta-vozes do discurso da virilidade ser o primeiro a se lembrar de uma cantiga infantil e a cantá-la, o que mostra uma mobilidade na assunção de papéis de sua parte, que contribui para a realização de tarefa grupal.

Quando Edson diz que essa lembrança se refere a quando tinha 3 ou 4 anos, o espanto toma tons de admiração: “E *cê* lembra? (Émerson)”, “Nossa!” (pg. 15).

Outra lembrança é despertada em Edson, refere-se ao psicólogo, tema que já havia aparecido na Abertura a partir de Émerson e Paulo, diz Edson:

“Eu lembro, eu lembro... tipo, também... minha mãe, minha mãe me passou no psicólogo prá ver se eu era meio charopinho da cabeça...”, “E o psicólogo falou não, falou [...]”, “...por quê? Porque eu dava muito problema, né Sr.? Dava muito problema na escola... *Vixe!* Daí o médico falou assim “Ele é muito esperto mãe, ele é sem-vergonha, tal... ele não gosta de, de se expressar, de usar [...] presença e tal...” “

O objetivo daquele dia era falarem das histórias que já ouviram, mas o estarem reunidos em torno de um coordenador psicólogo, uma observadora, um gravador, lhes despertavam questões e lembranças correlatas, que se relacionariam ao sentimento de medo e insegurança. Ao receio de estarem sendo investigados, como se para ver se “têm” algo de não muito normal na psique, temor do qual o próprio Edson já se adianta e se defende com a fala de um médico, dizendo que ele é apenas “muito esperto” e “sem

³⁶⁸ Vide Kaës, R.. “O intermediário na abordagem psicanalítica grupal”.

vergonha” e, mais adiante, que ele tinha “memória de elefante”, características que poderiam ser tomadas como atributos, qualidades positivas, que lhe defenderiam frente o temor de que a entrevista revelasse aspectos e qualidades negativas suas. Poderíamos ainda entender tal fala de Edson como um sinal de que tal temor, que já havia aparecido na “Abertura”, ainda estava presente no grupo e talvez fosse um dos responsáveis pela dificuldade na realização da tarefa explícita, que falar dele foi uma maneira que encontrou para lidar com essa ansiedade, Edson seria um emergente de tal questão no grupo. Marcelo também parece querer falar a esse respeito e diz “Eu já passei no psicólogo também...”, mas as falas de Edson e Émerson impedem sua descrição (pg. 15).

Sob outro ângulo, podemos entender a fala de Edson no sentido de que o “médico” teria lhe contado certas “histórias”, como a que diz que Edson é esperto e sem-vergonha e que ele tem “memória de elefante”, que ficaram marcadas para ele, talvez constituindo parte de sua identidade (uma marca identitária).

Sobre o assunto das lembranças Émerson diz que as suas se iniciam apenas a partir dos 6, 7, 8 ou 10 anos. Mateus diz que as suas se iniciam a partir de uns 10 anos. Marcelo diz que com 7 anos já se “lembra de tudo”.

Nesse trecho da entrevista temos as primeiras lembranças de cada um, ou aquelas mais marcantes, emergindo no grupo, como que numa associação livre grupal, a lembrança de um despertando a lembrança de outro. Podemos interpretar que, no movimento de se lembrarem das histórias contadas na infância, nessa volta ao passado, outras lembranças foram surgindo, que mais faziam parte de suas histórias do que se tratavam de histórias que lhes foram contadas, como os relatos de Edson e Pedro aos quais nos remeteremos a seguir.

Edson se lembra de quando sua *mãe* se separou de seu *pai*, quando ele tinha cerca de 5 anos, demonstrando emoção com essa lembrança, e de que então havia um muro que ele não conseguia alcançar e ele falava para sua mãe: “Mãe, daqui a pouquinho eu vou conseguir passar desse muro aqui, tal, conseguir ver ali em baixo...” (pg. 16), como a dizer para sua mãe que logo iria crescer. A interpretação mais óbvia, que iria no sentido do complexo de Édipo, seria a de que ele falou que iria crescer para a mãe como que a dizer para ela que logo estaria apto para, de alguma maneira, desempenhar o papel do “homem da casa” (a respeito do aspecto físico, Edson hoje é um rapaz de estatura elevada, o mais alto do grupo). Sublinhamos também a presença do pai na vida de Edson e o destaque que Edson deu, enquanto porta-voz grupal, à separação da mãe, da mulher, em relação ao pai,

o homem; e também a passagem do tempo, se antes ele era uma criança, pequena, hoje já estaria grande, já é “maior” de idade e em breve seria pai. Outras interpretações seriam possíveis, como a dos desafios que vão sendo e serão superados por ele.

Émerson, por sua vez, lembrou-se de um conselho que uma avó de um colega seu lhe deu quando tinha 13 anos e que parece tê-lo impressionado muito: ““Não confia em mulher do olho verde não, hein?”, “Mas por quê?”, “É tudo traíra...”³⁶⁹. Tenho isso daí dentro da minha cabeça até hoje!” (pg. 16). Mais uma vez aparece a desconfiança em relação à figura feminina, como perigosa, provavelmente relacionada também à descoberta do *outro* sexo, o contato com o desconhecido, comum à adolescência. Ficamos também com a impressão de uma sedução que “a mulher de olho verde” exerceria, mas uma sedução enganosa, perversa, que poderia levar à desgraça o homem, propositadamente. É de se notar também o conselho ter vindo de uma outra mulher, mas uma mulher mais velha, uma avó, que talvez tenha inveja do poder de sedução (e da sexualidade) das mulheres mais jovens, particularmente as de olhos verdes.³⁷⁰

Mas também é relevante como Émerson diz carregar consigo esse conselho, que difere do conselho de que nos fala Benjamin, pois aqui não se trata de uma história, nem mesmo de um provérbio, mas mesmo assim podemos pensá-lo como um “bem”, um “anel” de palavras, que se passou de uma geração para outra³⁷¹. Em termos do acontecer grupal uma interpretação possível seria a de que tal fala se relacione com a única figura feminina no grupo, a observadora, e se remeta à questão da persecutoriedade e/ou a das relações afetivas: ‘é possível eu confiar nela?’.

Pedro, que pouco falara até então, traz uma lembrança de seus 7 anos, que não é uma história que ouviu, mas um episódio no qual foi autor, contando com “sangue-frio” (sem rodeios, explicações ou julgamentos) o episódio em que enfiou um prego na cabeça de sua irmã. Diz ele, em meio a falas de outros, apenas: “Eu com... com 7 ano eu furei a cabeça da minha irmã... com um prego...” (pg. 16). O coordenador mostra interesse e ele

³⁶⁹ “traíra”: traidora; nome de um peixe *carnívoro* brasileiro (cf Minidicionário Aurélio).

³⁷⁰ Talvez seja possível um paralelo com a análise que Bruno Bettelheim (1978) faz do conto “*Chapeuzinho Vermelho*”: em tal conto Chapeuzinho recebe um conselho da mãe, para não se desviar da estrada, em meio à floresta, mas ela se deixa levar pelos encantos do caminho e pela sedução do lobo; a advertência para Émerson seria semelhante, para que ele não se deixasse levar pelos encantos e seduções das mulheres, pois esses podem ser perigosos. Há outros pontos em comum: tanto Chapeuzinho como ele estariam no início da adolescência quando ouviram o conselho e há uma avó em ambos, que simbolizaria a inveja da vitalidade sexual dos mais jovens, caso de Chapeuzinho e das mulheres de olhos verdes. Haveria ainda a tentação da desobediência dos conselhos dos mais velhos, que levaria ao predomínio da “maldade”, o lobo para Chapeuzinho, e o diabo, talvez, para Émerson.

³⁷¹ Vide “Experiência e Pobreza”, in Benjamin, 1985, pg. 114.

explica, rapidamente, que durante uma brincadeira, “Roubar Bandeira”, quando tinha em torno de 7 ou 8 anos, após se desentender com um garoto, ele olhou para o rosto de sua irmã e enfiou um prego na cabeça dela com toda a força. Pedro não diz uma “razão” que explicasse ou justificasse seu ato, o que causou reações no grupo contra sua atitude (pg. 17):

“Pedro - Aí [...] passei [...] veio querendo discutir, aí eu dei um tapa no pote dele, na cabeça do maluco, aí do nada eu pisei num prego, aí pegou na sola do chinelo, (...) aí eu olhei prá cara dela já enfiei o prego, [...] o prego com tudo na cabeça dela [...] (rápido, vozes fora da sala)
- Mas prá quê meu? [...] (vozes)”

As lembranças dos jovens, que até então vinham num tom mais “infantil”, ou suave, sofrem uma ruptura com o episódio que traz Pedro, um emergente grupal, e a violência (e a morte) surge com força nas histórias que se seguiram. Ao trazê-la, Pedro acabou sendo um porta-voz dos ódios e atos violentos nas histórias de vida dos jovens do grupo. Ódios e atitudes violentas por vezes apresentadas por eles próprios como que sem razão ou sem um motivo claro, como se brotassem espontaneamente em suas infâncias, como o foram o ato de Pedro contra a irmã e as histórias que se seguiram de depredações em escolas e agressividades contra professoras. Sob o ângulo do acontecer grupal, se Edson já havia falado da separação de sua *mãe* e Émerson de um conselho de uma *avó* e de que as *mulheres* podem ser perigosas, dessa vez, através da fala de Pedro, a **figura feminina** é o objeto sobre o qual recai a violência (no caso uma *irmã*), o que repercute no grupo.

Tais irrupções de violência, sem uma razão aparente, pouco haviam aparecido nas entrevistas até então. Ao considerarmos a fala de Pedro como uma fala grupal, talvez possamos jogar mais luz sobre o motivo de, até então, não haver contado sua história no grupo, pois faz parte de sua história esse momento de irrupção do irracional, da violência, e tal violência era até então era algo não explicitado no grupo e possivelmente pouco dizível, pois poucos foram os relatos em que eles se colocavam como protagonistas de uma violência dessa forma, “inexplicável”. Talvez isso se relacione a um **estereótipo**, um preconceito social que sobre eles incide, do qual eles tentam se afastar (ao menos na Febem ou para um público adulto e não da criminalidade, como nós), de que *há algo de inerentemente mau ou violento nos adolescentes infratores da Febem*, que eles seriam “irrecuperáveis” e que mereceriam punição maior.

No entanto, tal preconceito não é explicitado e logo adiante se segue um momento de grande tensão grupal (pgs. 19 a 21), um indício, talvez, da tensão que envolvia sua

explicitação e do que o relato de Pedro possa ter mobilizado no grupo. O preconceito só vai ser devidamente explicitado na última entrevista (pg. 26), não por coincidência pelo próprio Pedro e quando não havia mais tempo para uma reflexão maior sobre ele (já havia uma referência a ele na segunda entrevista, através de Marcelo, pg. 5).

Essa temática dos atos violentos relaciona-se à da *recuperação*, que já havia aparecido como central na primeira entrevista e também nas entrevistas-piloto, mas sua não explicitação de forma mais clara durante as entrevistas grupais pode estar relacionada tanto a um comportamento manipulativo, no sentido deles passarem uma boa impressão deles próprios para os coordenadores e para a sociedade (leitores desta), quanto a uma dificuldade de explicitá-la, inerente ao grupo e aos conflitos dos jovens no grupo, que os manteriam em processo de defesa e evitação dos conflitos que tal questão poderia lhes despertar.³⁷²

Retomando a entrevista, a partir desse momento Pedro se torna mais falante no grupo, era o episódio violento de sua infância que o impedia de falar de outras coisas se não falasse dele? Mas falar dele era difícil por causa do julgamento social ao qual se associaria? Ou Pedro encontrou forças para dizer de sua história apenas quando um episódio de impacto (o do prego) se lhe apresentou na memória e num momento propício para ser enunciado?

Nossa hipótese é a de que era tal episódio violento da infância que lhe “bloqueava” falar de outros episódios e histórias, como uma experiência traumática, que até certo ponto ainda necessita de elaboração e de ser dita, mas que ele apenas pôde dizê-lo naquele momento devido a uma situação propícia que se apresentou na dinâmica grupal, a crítica à figura feminina trazida anteriormente por Emerson, na forma da fala de uma avó, e a recusa do grupo em narrarem “historinhas” de contos-de-fada. Pedro conta então uma história verídica e com muita violência. Violência a qual podemos associar à veracidade e à realidade na qual os jovens vivem. Em oposição a “historinhas de contos-de-fada”, que seriam mentiras.

³⁷² Elton, na segunda entrevista-piloto já havia nos revelado a “história” que circularia entre os jovens da instituição de que ao obterem liberdade todos continuariam na criminalidade, tal questão aparece para ele próprio, no entanto, como uma dúvida. A partir de nossa experiência na instituição temos ouvido também muitas falas de jovens que defendem penas mais duras para os jovens infratores, incluindo o aprisionamento em presídios e a pena de morte. Um fator a ser levado em conta, no entanto, é a identificação de vários deles como “bandidos” e o desejo de serem reconhecidos como tais, e que a prisão num presídio iria atestar ou conferir um reconhecimento social de tal identidade desejada, de “bandidos amadores”, “delinqüentes juvenis” ou “menores infratores” passariam a “bandidos profissionais”. Outro fator seria o rigor das normas e das punições na cultura da criminalidade, um rigor e uma clareza no cumprimento da “justiça” que não vêm fora da criminalidade e que, muitas vezes, gostariam de ver.

Em seguida Pedro conta que quebrou o braço e de quando jogava pião, mas não sabia jogar e quase acertava os olhos de outros *meninos* (e não meninas), originando reclamações e interpretações equivocadas por parte das mães de seus colegas (pg. 17). Dessa feita, Pedro se afasta da imagem de um ato violento sem motivo aparente, ele explica que o ato não tinha a finalidade da agressão, tratava-se apenas de que ele não sabia jogar.

Marcelo lembra-se então que “zoava” na escola “todo dia [...] eu quebrava mesa, todo santo dia! [...] todo dia quando eu voltava da escola eu apanhava [...] Ó! Não tinha um dia que eu não apanhava!” (pg. 17). Pedro também relata uma vivência muito semelhante: “aí eu chegava em casa o meu pai me pegava, com cinto “O quê que cê tá aprontando na escola? Quebrando as cadeira e tal e não sei o quê!” (interpretando seu pai gritando) Depois com uns 9 prá 10 anos eu comecei a quebrar os vidro da escola...” (pg. 18).

Marcelo e Pedro trazem então, pela primeira vez no grupo de forma clara, os jovens como vítimas de violências na infância³⁷³, embora também como autores, particularmente contra uma outra *figura feminina*, a da professora. Parece que os pais tentavam colocar limites a atitudes não convenientes dos filhos na escola através de *punições* com o uso da força, no entanto, ao menos a partir do relato de Marcelo, não eram bem sucedidos no intuito, pois Marcelo todo dia apanhava, mas continuava todo dia “quebrando mesa”.

Marcelo continua, dizendo como “aprontava” na escola (pg. 18):

“Vixe, eu zoava! Eu ia prá escola, tal, aí eu... começava a zoar, aí dava a hora do recreio, eu entrava na sala de aula, eu pegava uma pá de coisa tudo das mochila de todo mundo e trocava! Trocava só prá ver, catava o caderno dos outro, começava a riscar, arrancava folha... (risadas) mexia na bolsa da professora, jogava tudo no chão... Nossa! A professora ia sentar tinha um monte de coisa... (risadas: Paulo e Pedro) Nós dava nó no cabelo da professora, na escola...”, “Nossa! Eu aprontava prá caramba!”

Ao que parece Marcelo “zoava” por diversão, hoje em dia ele reconhece que talvez aprontasse demais, mas na época a impressão que passa é de que se tratava de uma atividade muito prazerosa e que ninguém conseguia lhe impedir de realizá-la. Alguém se espanta com tamanha “zoeira” e Edson tenta criticar a veracidade das histórias³⁷⁴. Mas Pedro e Paulo riem do que Marcelo contava, num possível sinal de aprovação ou de

³⁷³ Não queremos aqui condenar ou julgar o mérito da ação dos pais, apenas constatamos tratar-se de uma violência que eles sofreram.

³⁷⁴ Haveria uma crítica, também, à violência contra a figura feminina?

Parecem estar claros nesse trecho o princípio-do-prazer (da primeira tópica freudiana), representado pela atitude de Marcelo na escola, e o princípio de realidade, representado por sua consideração a respeito atual e pelo questionamento de Edson.

identificação. Pedro fala que colocava sapos na gaveta da professora e que na cadeira dela colocava tachinhas, Mateus fala de chicletes e Émerson diz que grudava chiclete no cabelo (provavelmente da professora). (pg. 18)

Talvez houvesse, como pano de fundo grupal dessas lembranças sobre “zueiras” na escola, uma idéia de continuidade, para os jovens, entre elas e o estar internado na Febem, no sentido do estereótipo do qual falamos anteriormente. Por outro lado, a identificação entre os jovens poderia significar a construção de uma ligação entre eles no grupo.

Émerson faz então uma consideração sobre as histórias que escutava na infância, diz que quando era criança acreditava nas histórias que escutava, mas depois quando se vai crescendo algo se modifica, parece que as histórias vão perdendo em importância, em veracidade e em presença no pensamento: “Cada história que falava prá nós assim, eu tô pensando agora, e nós acreditava em tudo, né? Quando era pequeno... falava uma história prá nós, e nós colocava aquilo ali na cabeça, e ficava... um bom tempo, mas depois nós vai crescendo...” (pg. 19). Seria como se ele tivesse se recordado do objetivo do grupo para aquela entrevista e tecido essa consideração a respeito, mas poderia ser lido também como uma explicação de porque não estava se lembrando de nenhuma história para contar, embora tivesse ouvido várias quando criança. Pois agora, depois que ter crescido e não ser mais criança, as histórias não têm mais a mesma importância, tanto que até “não estão mais” no pensamento. Ao pensarmos Émerson como um porta-voz grupal, lembraremos que essa dificuldade em se lembrar das histórias não foi só dele, mas do grupo. E o quê ele traz? Que antes ele acreditava em todas as histórias que lhe contavam, mas que hoje não acredita mais, portanto as histórias não seriam *verídicas*, seriam falsas. Como vimos a partir da entrevista anterior, na cultura da criminalidade a mentira seria uma falta grave, assim, tal pecha, de “mentirosa”, pode ter recaído sobre as histórias, que não merecem mais créditos, implicando numa desvalorização das mesmas e possivelmente da conversão do significado do termo “história” (que tem várias acepções) exclusivamente para o de “mentira”, “enganação” ou “falsidade”, todos de tonalidade negativa, o que pode ter dificultado a execução dos objetivos propostos às terceira e quarta entrevistas em geral.³⁷⁵

³⁷⁵ Uma das acepções do termo “história”, derivada justamente da acepção de história enquanto narrativa de cunho popular ou tradicional, é a de “história inverossímil ou destinada a lograr; lorota, mentira; conversa fiada” (cf Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa).

Logo após aquela fala de Émerson, o coordenador pergunta de que tipo de história ele estava falando, e ele responde “de conto-de-fada”, e Marcelo “de bicho-papão”, ao que Émerson concorda, e Mateus “da Loira do Banheiro”, numa confirmação de que a fala de Émerson trouxe um emergente grupal, as histórias enquanto mentiras e enquanto infantis (todas as histórias aqui citadas) e, conseqüentemente, enquanto merecedoras de descrédito e repulsa.

Émerson tentou continuar seu raciocínio anterior, de que a princípio eles acreditavam nas histórias que ouviam, mas depois eles iam crescendo e algo acontecia, mas é interrompido por Edson, que continuava a responder à questão do tipo de história, e diz da história do “Tonho da Lua”. Mas o coordenador não entende a sua pronúncia ou o significado de “Tonho”, ou não reconhece “Tonho da Lua” como uma história possível, arrisca algumas possibilidades, mas não acerta (como “Trem da Lua” ou “Homem da Lua”) e pergunta várias vezes, mas sem entender o que Edson queria dizer, até que desiste de perguntar. Alguém diz “Ronaldinho, Ronaldinho, Ronaldinho...” e seguem-se risadas. É provável que tal menção ao jogador Ronaldo, da seleção brasileira, trate-se de uma ironia à capacidade de compreensão do coordenador, mas, novamente, não sabemos se o coordenador não compreendeu a ironia ou não compreendeu o que estava sendo dito (“Ronaldinho”).

Segue-se um momento de grande tensão grupal (pgs. 19 a 21), um conflito entre Émerson e outros, em que o coordenador demora a conseguir intermediar o conflito, em parte por não entender e não ouvir tudo o que se passava no grupo.

Émerson parece assumir uma postura de defesa do coordenador - e também da tarefa - e critica alguém que teria dado risadas:

“Émerson – Ou! Fica se rachando aí... maior...”³⁷⁶

- [...]

Émerson – [...] Não, fala prá ele aí, Sr., sem postura, não é não? O cara [...]

- [...] e você?

Émerson – Não tá falando assim? Você não acha que é falta de respeito?

- Ele tá querendo rir!

Émerson - Ele tá querendo rir, né meu? Eu tô aqui, eu tô falando aqui pro Sr., aí o outro já tá dando risada aí... mesma coisa, ele tá falando, eu tô dando risada aqui, o quê que eu vou pensar?”

Émerson procura o apoio do coordenador, porém não o encontra, o coordenador não estava entendendo o que se passava, Émerson tenta argumentar que as risadas seriam

³⁷⁶ “se rachar”: de “se rachar de rir”, expressão comum na Febem; provavelmente originário de “racha”, que tem como uma de suas acepções a genitália feminina (cf Dicionário Houaiss).

falta de respeito com quem estava falando com o coordenador, mas lhe respondem que eram apenas risadas. Na seqüência, Pedro diz em voz baixa, de forma que o coordenador não escutasse: “Você não tem palavra aqui... (para Emerson, baixo)” (pg. 20).

Trata-se de uma afirmativa agressiva de Pedro contra Emerson, que mais uma vez aponta para uma diferença entre Emerson e os outros do grupo. Como vimos, no início dessa entrevista Emerson já havia sido apontado como aquele “das idéias” e na primeira entrevista fora apontado como “aquele que falava demais”, ocupando um lugar de bode expiatório.

O clima estava ainda mais tenso e a ameaça pairava no ar, o coordenador não entendia quando é que Emerson havia sido interrompido por risadas, mas percebe a tensão no grupo e tenta mediar o conflito. Emerson insiste na argumentação da necessidade do respeito com quem está falando, com uma argumentação bem construída, no sentido da realização da tarefa explícita: “porque é o seguinte, um tá falando, então, vamo prestar atenção, né, na história dele, agora um tá falando o outro já fica se abrindo, dando risada aí, até de óculos³⁷⁷, aí já atrapalha um pouco, cê já não fica pensando bem... isso atrapalha um pouco o seu pensamento...”

Desde o início dessa entrevista Emerson vinha assumindo uma postura de defesa da realização da tarefa explícita e também expressando um vínculo positivo com o coordenador, provavelmente uma transferência relacionada à figura paterna e à questão do saber. Mas a transferência com o coordenador, nesse trecho que analisamos em particular, parece se apresentar frágil, instável e por vezes cindida no grupo, como mostrou o episódio da possível ironia com o coordenador e o desentendimento que se seguiu³⁷⁸. A raiva, o ódio, não aparecem apenas nos relatos trazidos pelos jovens, mas transbordam também para as relações intragrupo. Ao pensarmos no percurso em que o grupo vinha nas falas anteriores, o de expressão de um estereótipo social de que eles seriam inerentemente violentos (segundo nossa interpretação), poderíamos aproximar tal estereótipo com a lógica da virilidade e essa com o discurso da criminalidade, de modo a percebermos a compatibilidade de um com o outro. Nesse sentido, poderíamos pensar numa cisão do grupo entre dois discursos e seus representantes, o discurso da criminalidade e o “discurso da honestidade”, representado nessa situação por Emerson (que já ocupara tal lugar na primeira entrevista) e pelo coordenador.

³⁷⁷ É interessante o uso da expressão “ficar se abrindo” como sinônimo de dar risada (ela é parente da expressão “se rachar”). Ela teria sua origem como referência ao ato sexual (e à sexualidade feminina?). Mas ganha outros sentidos, como “dar risada”. Num mundo onde a tensão é constante (e a virilidade uma norma), poderíamos pensar que todos sejam obrigados a adotar uma postura defensiva, “fechada”, rígida, sem possibilidades de relaxamento, descontração e exposição pessoal, como a risada possibilita.

³⁷⁸ Vide Pichon, 1982, pg. 113.

Após a argumentação de Emerson outros membros do grupo tentam se defender, dizendo que não estavam atrapalhando a realização da tarefa. Emerson então aponta quem ele achava que estava atrapalhando: Pedro e um outro (não identificado), a tensão aumenta, tal fala suscita muitos comentários, muito rápidos (não audíveis), então Emerson propõe a postergação da solução do conflito para os quartos, após o término do grupo: “Mas vamo continuar, aí... [...] no barraco nós vai trocar idéia [...]”. Tal atitude pareceu-nos uma atitude de proteção do espaço grupal, a postergação do conflito para um outro espaço, o pedido para a continuidade na tarefa, mas ao mesmo tempo tinha também um tom de ameaça, não sabemos se naquela ocasião “trocar idéia” se referiria apenas a uma discussão verbal ou envolvia uma possibilidade de agressão física também, além da discussão. No caso da primeira possibilidade, teríamos dois mecanismos de não imediatividade e de pensamento operando a partir de Emerson: o primeiro seria a proposição da resolução do conflito por uma “troca de idéia”, uma discussão verbal, o segundo seria a proposta de postergação da resolução do conflito para o futuro em nome de um ideal, no caso a realização da tarefa ou da pesquisa. No caso da segunda possibilidade a “troca de idéias” seria mais agressiva, conforme o exemplo de discussão que os jovens nos deram na segunda entrevista (pg. 7), as palavras teriam peso de ato e a violência já estaria presente no próprio debate³⁷⁹.

Mas por que a “troca de idéia” não poderia se realizar ali mesmo, na presença dos coordenadores e do “gravador”? Há uma censura grupal, nem tudo pode aparecer, nem tudo pode ser mostrado. Provavelmente ela se relaciona à violência, seria o lado violento deles próprios, das discussões que ocorrem entre os jovens que não poderia aparecer, conforme já pontuamos na análise da segunda entrevista (a respeito do comentário de Edson à fala de Mateus, pg. 8). O estereótipo social, a que nos referimos anteriormente não poderia ser confirmado a partir das atitudes deles no grupo. Haveria como que um *pacto grupal* entre os jovens de que certas coisas não poderiam ser ditas.

Retomando a entrevista, a solução apontada por Emerson embora resolvesse a questão de seu ponto de vista parece não ter satisfeito totalmente o “outro lado”. Pedro, Edson e Paulo retomam o estereótipo que foi impingido a Emerson na primeira entrevista e pressionam para que daquele momento em diante apenas ele falasse, o que significava,

³⁷⁹ Há uma expressão bastante utilizada pelos jovens na Febem (sabemos a partir de nossa experiência) que é o “chamar para o debate”, um debate verbal como um duelo de palavras, com a presença de testemunhas, em que assim como num duelo ou num julgamento, a integridade física pode estar em jogo. Marisa Feffermann aborda tal tema em Vidas Arriscadas - Um estudo sobre os jovens inscritos no tráfico de drogas em São Paulo, 2004.

de certa forma, para que apenas ele realizasse a tarefa. O coordenador, ainda sem entender a origem do conflito, tenta mediá-lo, retomando o percurso grupal, o objetivo do grupo, que era falarem das histórias que eles ouviram, e apontando que havia espaço para todos falarem, que a fala de um poderia complementar a de outro.

Marcelo se propõe então a narrar “a história mais cabeluda” que já ouviu, a “História da Formiguinha” (pg. 21), uma piada que ele ouvira de seu padrasto. Só então, após a descontração de uma piada e após um momento de realização da tarefa explícita, que a tensão grupal se desfez, mas não que o conflito tenha sido resolvido, pois não foram explicitadas suas causas, não houve verbalização nem elaboração acerca das origens do próprio clima de tensão no grupo.

Logo em seguida (pgs. 23 a 34) aparecem histórias de mortos que não estavam mortos e tornam a viver, de cemitério e de lobisomem, alguns ficam assustados e o medo é explicitado verbalmente no grupo. Pensamos que há relação entre tais histórias e o momento de tensão anterior. Pois há uma certa continuidade da tensão, mas se antes era vivida como uma raiva voltada para dentro do próprio grupo, agora é como medo frente a um perigo externo³⁸⁰, no caso, um medo que provém da confusão entre o que é real e o que não é, que apenas é dito, contado. Os jovens parecem ter ficado confusos e pedem a ajuda do coordenador (o pai protetor) para essa discriminação.

Se antes as histórias foram desqualificadas por não falarem da realidade, não serem “verídicas”, agora haveria uma sobrevalorização, como se as palavras das histórias pudessem se materializar a qualquer momento, seria como se não houvesse a categoria da ficção ou a do “faz de conta”, que uma história não pudesse ser “apenas uma história”, se não era verídica não tinha valor, mas se era verídica as palavras adquiriam uma “concretude” quase que mágica, *pré-moderna*, mítica. “Concretude” que sobreviveria ainda hoje em algumas religiões, que proibem ou desaconselham a “pronúncia do nome de Deus em vão” ou a pronúncia do termo “diabo”, por exemplo.³⁸¹

³⁸⁰ Em termos bionianos (de Bion), poderíamos dizer que naquele momento o grupo estava atuando segundo o *suposto básico de ataque e fuga*, relacionado à figura paterna e dominado pela angústia esquizo-paranoide e pelas ansiedades persecutórias.

³⁸¹ Frente a essa hipótese pensamos em duas possibilidades (não que não existam outras) referentes à vida cultural dos jovens: a primeira seria que eles viveriam em comunidades com aspectos pré-modernos, compostas em sua maioria por filhos e netos de migrantes da zona rural ou de pequenas vilas ou cidades, o que faria consonância com a baixa utilização da cultura escrita por parte de alguns jovens do grupo (e da Febem) e com uma cultura majoritariamente oral em seus bairros ou famílias (a ser confirmado); uma segunda possibilidade seria a de um funcionamento psíquico baseado ainda em aspectos mais típicos da infância.

Voltando ao grupo, se pensarmos em termos de *pulsão de morte*, a teríamos presente tanto no desejo de destrutividade que vem junto com a raiva, quanto na verbalização das histórias, quando se falou diretamente na morte ou em sua possibilidade (história do lobisomem). Poderíamos pensar que a narrativa dessas histórias teria dado voz a algo que já estava latente anteriormente.

Nesse trecho, pôde se observar, por várias vezes, a ocorrência de um *processo associativo grupal*, em que o que um membro falava despertava lembranças em outro e assim por diante, o que é um facilitador do desrecalcamento, da disponibilização de significantes e afetos não disponíveis para os sujeitos isolados, e da emergência das lembranças³⁸². Veremos adiante como isso se sucedeu:

Edson é o primeiro a trazer uma lembrança de história “assustadora”, embora sobre essa primeira história ninguém tenha expressado medo. Ele deixa claro que não é “conto-de-fada”, mas *uma história que aconteceu de fato*: “Ah! Mas tem uma história aí que eu ouvi... não é nada de conto-de-fada não, mas que aconteceu, em cidade do interior sabe que acontece muitas coisas, né?” (pg. 23). Diz de uma pessoa que estava sendo velada, quando de repente ela se levanta do caixão calmamente e pergunta o que estava acontecendo, assustando a todos. Alguém se manifesta dizendo que aquela história era inverídica: “É uma massa bruta essa...”³⁸³. Edson explica tratar-se de uma doença, Mateus dá risada de alguém(s), não sabemos se de quem acredita ou não acredita na história. Paulo confirma Edson dizendo ter visto essa história no programa de TV do “Ratinho”. Edson busca legitimidade acerca da existência da doença com o coordenador.

Logo em seguida, como que para confirmar a sua primeira história, Edson lembra-se de um outro caso (pg. 24): uma mulher foi enterrada, mas acordou já embaixo da terra e tentou sair do caixão de todas as formas, mas não conseguiu, morrendo então. Tal história suscita ainda mais reações, Émerson diz, como que não querendo acreditar, “É piada!”, Mateus nega Émerson, Marcelo parece espantado e com medo: “Cheio de cabelo na mão?”, “Nossa! Hoje eu não durmo! (sincero)”.

Marcelo lembra-se de uma história que ouviu no programa do “Ratinho” (pg. 24): num acidente rodoviário, o espírito de uma acidentada morta diz para um caminhoneiro salvar o filho dela, mas o caminhoneiro fica com medo e sai correndo.

³⁸² Vide capítulo 4a. Vide também René Kaës, *Parole et Lien - Les Processus Associatifs dans les Groupes*.

³⁸³ “massa”: mentira.

Essas três pequenas histórias referem-se à morte, à sua possibilidade, mas situam-se todas no terreno fronteiro entre a vida e a morte, no terreno em que a “vida” luta contra a “morte”, na primeira história a morte é vencida e a pessoa dada como morta “ressuscita” na frente de todos, na segunda, a pessoa “ressuscita”, mas está sozinha, presa e acaba vencida pela morte, na terceira, o espírito, a parte da pessoa que sobreviveu à morte pede ajuda para que a morte não leve o seu filho, mas a ajuda não é atendida. Em síntese haveria uma questão comum às três: é possível vencer a morte? É possível a sobrevivência quando a morte é dada como certa? Como? Tais questões estarão presentes também nas histórias que se seguem, particularmente naquela que denominamos “História de Pedro entre a vida e a morte”.

Pedro, pela segunda vez na entrevista (não sem o auxílio do coordenador, que explicou para Marcelo que ele havia interrompido Pedro ao contar a história do caminhoneiro, de modo a Pedro retomar a palavra), conta uma história (pg. 25), dessa vez uma história que ouviu, em acordo com o objetivo do grupo. Disse ser uma “história de lobisomem” e a ter ouvido *de seu pai e de sua mãe*. Conta com detalhes a história da fuga de seus pais, na roça, do “cachorrão” e o enfrentamento de seu pai contra uma cobra e depois contra o “cachorrão”, na porta de sua casa, mas nesse ponto, disse que seu pai havia parado de contar a história.

Tal história suscita reações de descrédito no grupo, que ocorreram durante a própria narrativa e quase chegaram ao ponto de impedir Pedro de terminar sua narrativa: Émerson e Mateus cantarolam; Émerson sugere que a história não passava de um sonho, uma invenção (“É por causa de que ele tava dormindo...”); Paulo lembra-se de outra história, a do “Já morreu”; Edson ironiza estar acreditando. Foi seu pai que parou de contar a história ou foi Pedro, devido às interrupções e sinais de descrédito? Após o final, Émerson ironicamente diz ter ficado com medo. Mas Pedro afirma ter ficado com medo das histórias que seus pais contavam.

Essa é uma história em que a questão não é propriamente a morte, mas cujo tema se relaciona com o tema anterior pela via do medo, do *desconhecido* e do risco de morte. A temática seria mais a dos *seres ameaçadores e sobre-naturais*. Mas por que o grupo teve aquela reação de descrédito enquanto Pedro contava a história? Há um descompasso entre a narrativa de Pedro e o grupo, Pedro a conta como se ela fora verídica, diz que seus pais a tinham vivido, já os jovens do grupo não acreditam que a história tenha realmente ocorrido. Talvez tal descompasso deva-se à origem diferenciada de Pedro em relação aos

outros jovens do grupo, pois Pedro era o único do grupo a ter nascido e vivido em uma pequena cidade do interior, talvez inclusive na zona rural, pois ele diz nessa história que seus pais estavam voltando da horta, onde plantavam, por exemplo, feijão e milho, quando o “cachorrão” lhes atacou. Poderíamos pensar que há um *choque cultural* entre a história de Pedro e as crenças e incredulidades do mundo urbano paulistano. Quando introduz a história Pedro mesmo reconhece uma distância, no caso temporal: “Ah! Antigamente, né Sr.? Aquelas histórias de lobisomem, né Sr.? Em época de lua cheia e tal... sempre os bisavô vinha falando, né Sr.?”. Mas Pedro diz não se tratar de uma história contada pelos bisavós, mas sim por seus pais. Trataria-se mais da materialização de uma lenda na experiência de vida de seus pais. Algo comum “antigamente” e em comunidades rurais, provavelmente ainda hoje, mas que para a cultura urbana contemporânea poderia passar como uma “história para assustar crianças”, imagem da qual os jovens teriam tentado se afastar.

Em seguida, Émerson lembra-se de uma história que “passou em todo lugar”, a do “Chupa-cabra” (pg. 26), o que causa muitos comentários grupais. Marcelo diz só acreditar vendo, Émerson diz não acreditar, que nunca filmaram tal ser.

Poderíamos estabelecer uma comparação entre essa “história” da qual fala Émerson e aquela relatada por Pedro. Ambas tratam de seres “sobrenaturais” e ameaçadores, de certo modo devoradores, porém o lobisomem é um ser lendário, provavelmente com séculos de existência e transmissão intergeracional, já o chupa-cabra parece ser um personagem “instantâneo”, midiático, recente, do qual não se ouve mais falar (ao menos na cidade de São Paulo) e, talvez, destinado ao esquecimento coletivo em breve. Outra diferença seria de que a “história” não foi *contada* a Émerson *por alguém*, mas *passou em todos os lugares*, numa referência aos meios de comunicação de massa, como televisão, revistas e jornais. São eles que dão a legitimidade de uma história sobre seres “sobrenaturais” e não mais a palavra dos bisavós ou ascendentes em geral. A última diferença é que Émerson disse se tratar de uma história, mas ele não contou história alguma para o grupo, ao contrário de Pedro, que contou detalhadamente, conforme a tradição das narrativas populares, o que seus pais lhe disseram.

Edson questiona “E disco-voador?”, e Paulo “E o ET de Varginha lá, Sr.?”, Edson também interpela o coordenador: “O Sr. acredita se... se... existe seres de outro mundo?”. O coordenador sugere que ele interpele o grupo, é o que ele faz: Paulo diz acreditar; Pedro, que “não acredita nem desacredita”; Mateus, que não acredita; Émerson, que acredita apenas em Deus; Marcelo é da mesma opinião que Pedro; e Adriano, que “acredita em

quem está vivo”, dizendo que “quem tá morto, não vai fazer mal a ninguém... tem que ter medo é de quem tá vivo!” (pg. 27), fala que toma distância do medo desses seres “sobrenaturais” ou “espirituais”, chamando a atenção para o perigo que vem de outros homens, que estão tão vivos e presentes quanto eles. Para nós, tal comentário de Adriano é um emergente que aponta a origem do medo - que aparece nas histórias acerca da vida e da morte e de seres sobrenaturais - no risco de morte e de ferimentos que vivem os jovens em seus cotidianos (dentro e fora da Febem).

Émerson questiona a veracidade do que aparece na televisão: “Tem muita coisa que aparece na televisão que é tudo mentira... e eu vou acreditar nisso daí?”. Tal questão diz respeito, talvez, a uma comparação do conteúdo de certos tele-jornais à realidade vivida no dia-a-dia, mas também pode ser fruto de uma confusão que fazem muitos jovens, entre ficção e realidade, conforme ficará claro a seguir.

Edson diz que ouviu na televisão que na NASA têm muitos ETs (extraterrestres). Mateus diz não acreditar, que é “*mais uma das massas*” que passam na televisão. Coloca-se em questão, então, a veracidade da televisão (pg. 28):

“Marcelo – Na Globo, é...! A maioria das coisas é só massa!
 Émerson – Porque tem tanta coisa, Sr., que é tudo mentira, que nós fica até iludido! Nesse negócio aí, nós acredita ou não acredita nesse negócio?
 Pedro - Nós não sabe se nós acredita ou se desacredita...
 Émerson – Fica confuso, Sr. ... [...] eu confundo muita coisa aí...
 Paulo – [...] aquele filme lá, Sr.! Maior mentira desgraçada!
 Edson – Aquele...
 Émerson – Ah! Mas [...]
 Edson – Aquele... Ma-, Ma-
 Mateus – Matrix lá, ô!
 Émerson – Hein, Sr.?
 Edson – Matrix 3...
 Émerson – Eu acho assim: filme sem massa não tem graça!
 Edson – Todos filmes, o 1, 2 e 3...
 Marcelo – Prá mim também tem graça não...
 Émerson – Filme sem mentira prá mim também não tem graça...”

Dizem que o que aparece na televisão é *mentira*: Mateus, Émerson, Paulo e Edson. Dizem que ficam confusos ou iludidos: Émerson e Pedro. Dizem que filme sem mentira não tem graça: Émerson e Marcelo. Pedro parece tentar defender a veracidade dos filmes, ao dizer que o Bruce Lee é verdadeiro.

Observamos, então, como que a não aceitação de outras realidades, possíveis apenas na imaginação, na fantasia e pela ficção³⁸⁴. Seria como se a rigidez com a *palavra*,

³⁸⁴ Constatamos a partir de nossa experiência de Febem, que há uma confusão comum entre alguns jovens internados, imaginamos que seja comum também a outros jovens que vivem em meio à cultura da criminalidade, entre a realidade vivida e o que aparece na televisão, como se o que aparece na televisão

se a regra da não mentira, de não poder ser pego em contradição - que abordamos na análise anterior - própria da cultura da criminalidade, se estendesse a toda a vida, inclusive ao ato lúdico de se assistir a um filme e apreciá-lo enquanto ficção. Isso poderia explicar também a rejeição a contarem histórias infantis que vimos anteriormente e mesmo o “boicote” à narração de Pedro (do ataque do lobisomem) quando a consideraram não verdadeira.

Poderíamos pensar que essa rigidez com a palavra, relativa à verdade e à mentira, somada à tensão e ao medo, comuns à vida na criminalidade, poderiam estar afetando a possibilidade dos jovens de *contarem histórias* que não fossem “verídicas” ou que atestassem suas virilidades, afetando suas possibilidades de inventarem histórias pela imaginação, de ficcionarem uma narrativa e, através da ficção, lembrada ou inventada, *elaborarem* o vivido.³⁸⁵

Uma outra possibilidade, próxima a essa, refere-se à crise dos intermediários, às patologias do trauma, relacionadas a falhas nos processos do pré-consciente e à emergência de atuações violentas, conforme já abordamos no capítulo 3, a partir de Kaës:

“A falência do pré-consciente tem como efeito a introdução de uma confusão entre o dizer e o fazer, entre a ação e a representação.”³⁸⁶

Tal confusão entre ação e representação, decorrente da falência dos processos intermediários e que levaria à palavra ter o peso de um ato, pode ser explicativa também das características de solidez e rigidez da palavra, que pudemos observar a partir da análise da segunda entrevista. A confusão entre ação e representação aparece em outros trechos desta entrevista também e pode ser um indício de falhas nos processos intermediários e de um vínculo grupal que se dá em torno da violência, um vínculo que impede o pensamento e alimenta a tensão, o medo e a raiva.

Por outro lado, poderíamos enxergar uma crítica à autoridade da televisão no discurso dos jovens, como numa acusação de que seu conteúdo se afasta da realidade deles, ou mesmo tenta iludi-los ou *enganá-los* de alguma maneira. Ao substituímos “enganar” por “*seduzir*” a crítica dos jovens estaria completamente pertinente.

devesse corresponder à realidade, isso quer se refira a obras de ficção quer não. Uma hipótese possível seria a do deslocamento da autoridade dos pais e familiares (adultos em geral) para o veículo de comunicação de massa, a mídia.

³⁸⁵ Por outro lado, temos, a partir da entrevista-piloto, que seria uma prática comum aos jovens inventarem e “contarem histórias” eróticas ou amorosas em seus quartos na Febem (retomaremos tal questão nas considerações finais da análise).

³⁸⁶ Kaës, R., 2003, pg. 30.

Parece haver, em todo esse trecho, uma questão de fundo: ‘crer ou não crer’? É verdade ou é mentira? Devemos acreditar (ou confiar) nas histórias que ouvimos ou não, elas são só “histórias” (mentiras)?

Lembram então de alguns filmes e programas de TV (pgs. 28 e 29): “O resgate de Jéssica” e “À espera de um milagre” (filmes), “911” (um programa policial que assistiam quando crianças), “Plantão Médico”, “Os vídeos mais incríveis do mundo” (um programa de exibição de vídeos, dentre os quais vários são de assaltos ou de ações da polícia norte-americana contra infratores).

Marcelo diz que sua mãe contava a história de “O exorcista” (pg. 29), que segundo ele é baseado em fatos reais (uma confusão entre realidade e ficção ou a influência de alguma crença religiosa?). É interessante o fato de sua mãe ter lhe contado a história de um filme; seria uma mostra de que o filme teria sido recebido por sua mãe como se fosse uma narrativa oral e assim retransmitido a uma outra pessoa? Émerson e Edson dizem já tê-lo assistido, Edson diz “esse é bom!” e lembram-se que havia uma mulher e uma menina no filme. Mais uma vez a temática do “mal” e do demônio se fazem presentes, mas se antes a abordagem foi a do pacto com o diabo, esse filme abordaria um momento posterior ao pacto, o exorcismo, o ato de retirar “o mal” daquele que estivesse possuído, ou, numa outra leitura, que estivesse dominado pela “maldade”, pelos pensamentos negativos, destrutivos, conforme o temor ao qual os jovens se referiram na entrevista anterior: o medo de saírem da Febem dominados pela “maldade”, pelo ódio. É de se supor também que para algumas religiões evangélicas neopentecostais ações criminosas sejam interpretadas como possessões demoníacas, que precisariam de um exorcismo. É de se observar também a presença da figura feminina como receptáculo do mal, encarnação do perigo, do diabo, o caso da menina do filme, aparentemente uma figura angelical. Há também duas mães na lembrança, a mãe da menina, que no filme se mostra perdida frente ao que ocorre com a filha, embora protetora, e a mãe de Marcelo, que lhe conta a história.

Lembram de um outro filme, que assistiram na Febem, “*Falcão Negro em perigo*”³⁸⁷ (pg. 30), falam que é um filme de guerra, entre os americanos e os africanos, que tem muitas mortes e descrevem cenas, do filme, de violência contra a mulher (arrancar os seios) e contra um bebê em gestação (“cortaram a barriga da mulher, sem tá no tempo, e tiraram a criança”, “eles não queriam que o filho nascesse”, “tirou a criança, e deixou no lugar assim”). Trata-se de uma lembrança coletiva, grupal, de dois ataques contra a

³⁸⁷ Filme de 2001, de Ridley Scott.

mulher e o feminino, esse simbolizado nos seios e na gravidez. Temática que talvez os intriguem (o outro sexo, a origem da vida). Participam dessa lembrança grupal vários jovens: ao menos Adriano, Émerson, Pedro, Edson e Marcelo. Dizem que há também um “desandão” (homem homossexual) no filme, mas não falam de nenhuma cena a esse respeito. Mais uma vez a questão da sexualidade é destacada. Observam que “eles não queriam que o filho nascesse”, num ataque ao *filho* também. Parece que esse filme impressionou os jovens, Edson diz: “Filme meio cabuloso!”³⁸⁸. No contexto do processo grupal, há a continuidade da temática do medo e do desconhecido e uma retomada da temática da violência e das mortes e do ataque à figura feminina.

No entanto, as lembranças da presença de um homossexual, do arrancar dos seios, da violência contra a barriga da mulher e o bebê não são verdadeiramente lembranças, embora próximas, são criações imaginárias, fantasiosas, pois não há nenhuma cena no referido filme relacionada a essas “lembranças”. Trata-se, no entanto, de um filme extremamente violento, de uma “violência nua e crua”, impactante. Podemos interpretar a fala dos jovens como uma *produção onírica grupal*, baseada nesse “resto diurno”, o filme. A violência, que no filme recaía em geral sobre homens adultos, na “lembrança” aparece deslocada sobre a figura da mulher e do filho. De certa forma, todas essas produções relacionam-se à sexualidade, algo praticamente ausente no filme de forma manifesta, filme que gira em torno da questão da “fidelidade”, uma fidelidade entre homens. Fidelidade que remete à possibilidade da confiança e do afeto entre os homens, que por sua vez remetem à nossa hipótese do interdito grupal, do que é negado no grupo, em torno do qual se faz a aliança grupal. Questão essa que vem à tona na “lembrança” do homossexual, do “desandão”, e cuja outra face constitui-se no ataque à figura feminina, à feminilidade. O filho, no entanto, precisou ser abortado, para isso um homem enfiou-lhe a “faca” em sua barriga, gesto viril, não sabemos qual o destino da mulher, mas ela teve negado seu dom de gerar mais um filho (ela já tinha outros), de uma certa maneira teve negada sua potência feminina, negação essa comum em culturas patriarcais, que prezam a *virilidade*. A questão do filho, do aborto e da mãe dizem respeito também à própria relação dos jovens com suas mães, uma relação conflituosa talvez, em que as mães ora são “tudo” (A referência, A família, aquela que lhe deu a vida), mas que também podem se tornar objeto dos ódios inconscientes.

³⁸⁸ “cabuloso”: termo muito utilizado pelos jovens, conotando espanto; azarento, complicado, obscuro, originário de cábula (*cf* Dicionário Houaiss).

A questão do *aborto*, particularmente, reaparecerá com força na *última entrevista*, através da lembrança de músicas. De cinco músicas lembradas duas tocam explicitamente na temática do aborto, a música “Baseado em fatos reais” (pg. 20 da transcrição), quando um jovem mata uma mulher por essa ter lhe abortado o filho, numa claro ataque ao poder feminino de ter e de não ter um filho, e “Eu não pedi para nascer” (pg. 21), em que uma mãe diz ao filho, um menino ainda, que tentou lhe abortar, ao final da música o menino se suicida, num cumprimento do desejo inicial da mãe de que ele não deveria existir. Numa atitude que mostra uma ambivalência em relação à mãe, que lhe restitui o poder sobre a vida, mas que seria também um grito de denúncia, de socorro, para a cultura, por limites, frente um poder desmesurado e uma falta de amor (privação) por parte da mãe. Das cinco músicas lembradas, em três há um ataque à figura feminina, em duas à figura da mãe, segundo os jovens, com os filhos tendo levado à morte ou pensado em, a própria mãe (“Eu não pedi para nascer” e “Desculpa mãe”).

Mais adiante Marcelo diz de uma televisão que engoliu uma menina, do “fenômeno do *poltergeist*”, dão risadas do que ele diz, como que não acreditando no fenômeno, Paulo diz que a menina teria sido seqüestrada. Marcelo legitima sua fala num material escrito, uma revista: “Não! Tava escrito na revista! A revista táí, maluco...” (pg. 31). Ele descreve o fenômeno, Edson finge estar com medo. Émerson dá outros exemplos de “*poltergeist*”, ajudado por Adriano, e pergunta ao coordenador o que ele acha, se é verdade. Pedro pergunta se o coordenador teria coragem de entrar num cemitério meia-noite em ponto, Mateus também se mostra curioso. O coordenador nada responde, dizem então que ele não teria coragem, numa projeção do próprio medo.

Edson diz ter muito medo (“Eu tenho medo até de... passar por um morto, que eu acho que ele vai me picar, imagina então dum cemitério!”), Marcelo diz que não tem. Parece que há um tabu no grupo relativo à ir ao cemitério durante a noite, Marcelo diz ter rompido esse tabu, tendo inclusive dormido em cima de uma tumba e não ter lhe acontecido nada (pg. 31). Há então espanto no grupo, risadas (um sinal de nervosismo?) e muitos comentários simultâneos. Há um medo real e intenso da morte, como se ela pudesse ser inoculada (uma picada) através de um cadáver, um cemitério, ou mesmo uma narrativa. A verdade, que segundo os jovens faltava em outras narrativas, parece presente nesses relatos sobre cemitério. Na próxima entrevista, Edson diz: “o futuro? O futuro é a morte...” (pg. 20, 4ª entrevista). O futuro de todos é a morte, mas esse destaque que ganha a morte

na fala de adolescentes é revelador. É um indicativo da presença da morte na vida deles (presença também da pulsão de morte?) e do risco de morte a quem estão expostos.

Em seguida Pedro inicia um relato de um episódio que viveu com um amigo num cemitério. Edson e Émerson interrompem o relato de Pedro porque ele teria dito algo que não se diz: “rosa vermelha”. O que se entende da discussão é que para eles a flor “rosa” seria da cor rosa, não poderia ser vermelha e eles apontavam que Pedro teria dito algo indizível³⁸⁹. Mateus e Paulo tentam defender Pedro, mas Émerson insiste em sua argumentação: “Se é rosa, é rosa, se é vermelha, já é [...]”. A tensão intragrupal sobe. O coordenador intervém e Émerson tenta explicar (pg. 32):

“Não, porque ele falou uma rosa vermelha, aí no meu castelo, eu castelei assim, Sr., se é rosa é rosa, e se é vermelha é vermelha!”

Marcelo ainda diz “Porque era duas rosas, não era? Uma rosa e uma vermelha...”.

Seria como se o termo “rosa vermelha” contivesse um paradoxo, como “vermelho azul”, que não houvesse uma separação em duas categorias distintas: ‘nome de flor’, rosa, e ‘cor da flor’, vermelha. Uma interpretação possível poderia apontar uma dificuldade com o pensamento abstrato, da compreensão de que se tratavam de duas categorias distintas e de que o nome de uma categoria, “flor”, pode ser uma referência à outra categoria, “cor”, sem que isso implique que a flor deva ter a cor de seu nome. Uma outra interpretação, mais pertinente a nosso ver, se relaciona à ‘regra da não mentira’, do mundo da criminalidade, que levaria a uma concretude que pode ser extrema no uso da linguagem, chegando a ponto de condenar qualquer *ambigüidade*, seja de termos ou sentenças, ‘uma coisa ou é A ou é B’, como vimos na entrevista anterior, ‘ou é preto ou é branco’, não haveria espaços para *intermediários*, ambigüidades e paradoxos, nesse sentido “rosa vermelha” poderia ser interpretada como uma mentira, daí o seu caráter de algo que não pode ser dito, de indizível, de infração aos códigos. Ao final, Émerson reconhece que estava exagerando, provavelmente propositadamente, como uma brincadeira com as regras e a linguagem, quando diz que estava “castelando”, se deixando levar pela imaginação, já Marcelo parece ter ficado confuso, enquanto que Paulo e Marcelo teriam se colocado contra esse exagero na aplicabilidade da regra, já Pedro estava mais interessado em contar sua história.

³⁸⁹ Uma outra possibilidade seria a de um significado oculto para “rosa vermelha”, próprio da criminalidade ou dos jovens da Febem.

Uma outra maneira de entendermos o que se passou seria que a temática estava suscitando **medo** no grupo, ansiedades persecutórias, Pedro estava começando um outro relato que prometia ser mais assustador ainda, parte do grupo parece invocar então a questão da rigidez e da concretude das palavras, próprias das normas em que vivem os jovens, para interromper o relato de Pedro, como que num mecanismo de defesa grupal, e a ameaça de agressão externa (do além) se converte em agressão verbalizada intragrupo. Mas outra parte do grupo queria continuar com o relato, porta-vozes talvez de uma maior coragem para enfrentar o medo, o desconhecido, a ameaça externa e os tabus.

No relato que Pedro continua, embora assustador, o episódio narrado termina sem maiores conseqüências para ele. No entanto, suscita o medo no grupo: Émerson e Mateus dizem “Isso daí é coisa de macumba!”; Émerson e Edson expressam medo em diversas ocasiões; Paulo diz ter medo de cemitério e logo no início diz para Pedro parar de contar a história: “Pode terminar aí...” (pg. 33).

Ao narrar o episódio Pedro diz que ele e seu parceiro se encontravam muitas vezes de madrugada no *cemitério* antes de irem fazer um assalto, Émerson comenta: “É... coisa de doido, isso aí...”. Pedro não nega o sobrenatural, fala que às vezes presenciou situações inexplicáveis que lhe deram medo, mas que depois não teve mais medo. Pedro mostra coragem em enfrentar os perigos e o desconhecido no cemitério, qualidade valorizada na lógica da virilidade. Se sua primeira história causou repúdio no grupo pela “violência gratuita”, se sua segunda história causou incredulidade grupal por ser por demais fantasiosa, já com sua terceira Pedro causou medo no grupo, mas todas dizem de situações ameaçadoras.

Após uma das descrições assustadoras de Pedro, Edson comenta: “Cê tá louco...!”, “É a morte te chamando...”. Percebendo a ansiedade grupal e o avançar da hora, o coordenador toma a palavra e tenta contextualizar a história que Pedro trouxe com o caminho que o grupo vinha percorrendo e com a tarefa do dia, Émerson comenta (pg. 34):

“Perturbadora essa daí, viu?”, “Não tenho coragem não, Sr.! Posso [...] o que for de errado... mas isso daí não tenho coragem não!”

“Porque... esses negócio assim... antes eu não ouvia minha mãe, né Sr.? Porque ela é evangélica já faz uma cota... ela falava uns negócio prá mim que era tudo verdade... aí depois de uns tempo, né Sr., que eu vim, tipo... torturando minha mente assim, aí ela falava uns negócio prá mim, aí eu já ia ouvindo ela mais, entendeu? Aí eu via que esses negócio aí... eu pensava, só negócio doido mesmo... só negócio doido... (ao fundo Edson e Pedro comentam baixo que Émerson fala demais)”

Émerson parece ter ficado perturbado com o relato de Pedro, diz que tem coragem para quebrar leis e normas, “fazer o que for de errado”, mas não para enfrentar o sobrenatural, o que o remete à religião evangélica da qual sua mãe lhe falava. Poderíamos supor que Émerson teria coragem para desrespeitar as leis humanas, mas não as leis divinas? Pensamos que sim, pois sua mãe lhe falava de algo que “era verdade”, e que como ele pouco a ouvia, isso torturava a sua mente, como um *sentimento de culpa*, um remorso (“*remordimiento*”, em espanhol). Até que após um tempo ele teria passado a ouvi-la.

Edson e Pedro comentam que Émerson fala demais, mas ele não estava falando tanto nem nesse dia nem naquele momento, talvez tal comentário se dirigisse mais, então, ao conteúdo do que ele falava: religião, referência à mãe que dá conselhos, à mãe que fala de algo que é verdade, algo que vai “torturando a mente”, um sofrimento que leva a uma mudança de atitude, “ouvir a mãe”. Um conteúdo difícil de ser ouvido pelos jovens sem alguma perturbação.

Outro dado que pode ser interessante é o uso dos termos “louco” e “doido” nesse trecho da entrevista, com valência negativa, de desvalorização ou crítica daquele a quem eles se referem. Um uso diferenciado do que observamos do termo “doidão” na segunda entrevista, de significado próximo ao de “monstro”, quando há o aspecto de assombro e de crítica, mas a valência negativa não é tão marcada, e mais diferenciada ainda do termo “maluco”, que carrega ainda o aspecto do assombro, talvez devido ao envolvimento “maluco” com a criminalidade e seus riscos, mas dessa vez com valorização positiva, no sentido de “parceiro” ou “cara corajoso”.

Pré-fechamento: história de Pedro entre a vida e a morte (pgs. 34 a 37)

Após o coordenador anunciar que estavam encerrando a atividade, Edson lembra-se de um episódio de *morte* (não era uma história que ouvira, mas sim que vivera), em que viu um colega seu, magro (que nem ele), inchado, pouco antes de ser enterrado no cemitério. Isso o teria deixado impressionado, à noite não conseguia dormir e teria imaginado que o colega estava lá, com ele, como que o assombrando (pg. 35). Poderíamos pensar que, analogamente ao trauma freudiano, que esse momento (provavelmente da infância) teria sido um dos momentos responsáveis pelo medo que hoje ele sente de cemitério? Operou-se uma identificação de Edson com esse colega e um medo lhe torturou, provavelmente o medo de morrer. É relevante Edson ter se lembrado e

verbalizado esse episódio em grupo e nesse momento do grupo, nas “últimas palavras”. Talvez fosse do medo da morte que os jovens estivessem falando quando trouxeram histórias de cemitério (um dos medos básicos, para Pichon, o medo da perda; o outro medo básico seria o de ataque, talvez presente quando os jovens se referiam a seres monstruosos, sobrenaturais; a próxima história, de Pedro vai condensar e abordar diretamente principalmente o medo da morte).

Pedro tem uma recordação também, de uma história que vivera (pg. 35), segundo ele suscitada pelo comentário anterior de Émerson, de que antes não ouvia sua mãe, que também lhe aconselhava a partir do evangelho (talvez para que deixasse a criminalidade): “Aí ó! Igual quê que o Émerson falou, né Sr.? Eu não acreditava muito assim no, no evangelho, quando minha mãe falava prá mim, né? Não, abre mais os olhos, e tal, fica mais atento, e tal” “Aí quando ela falou que ia acontecer alguma coisa de ruim comigo, eu [...] (barulhos externos)” “Ah! Nunca aconteceu! Por que vai acontecer agora?”

Pedro narra o episódio em que, uma vez pego no tráfico, troca tiros com a polícia, é perseguido, leva vários tiros, pensa que estava morto, mas é resgatado pela polícia. Graças ao testemunho falso de uma senhora (sua mãe?), que disse que ele era trabalhador, ele não é executado pela polícia, mas levado, demoradamente, para um hospital, quando chegou ao hospital teria sido o momento de maior proximidade com a morte, um contato quase que físico, pois a morte lhe “puxava”³⁹⁰ (pg. 36):

“As vista escurecendo e não vendo mais nada! Entendeu? Tipo um fogo por dentro, entendeu, Sr.? [...] você vê um fogo! Um portãozão se abrindo, entendeu, Sr.? E ficou me chamando, prá mim vir prá dentro, Sr.! Do nada! Ficou me puxando, Sr.! (rápido, emocionado)”

Mais uma vez o contato com “o além”, a morte, causa o primeiro comentário à sua narrativa, que até então vinha sem interrupções, uma longa e emocionada narrativa. Émerson não se contém, e reage como se a narrativa de Pedro estivesse se “materializando” na sua frente, acontecendo novamente: “Deus é mais! Vai morrer prá lá, zica! (alto)”, invocando Deus, como se a entidade que chamara Pedro para a morte pudesse a qualquer momento chamá-lo também e como se Pedro ao falar disso estivesse vivendo novamente aquele momento, com a entidade presente, portanto, ali.

É importante sublinharmos também que em seu relato a polícia que não teria seguido o que recomenda a lei escrita, por três vezes. Embora ele não comente, podemos dizer que ele grifa esse aspecto. Primeiro a polícia teria ido “na febre” para matá-lo, após

³⁹⁰ Em muitos contos tradicionais a morte é representada como uma entidade antropomórfica, em geral feminina.

ter sido atingida, como que num ato de vingança, o que se configuraria uma infração à lei. Segundo, a polícia iria executá-lo, “acabar de matá-lo”, se soubesse que ele era traficante ou bandido, outra infração. E terceiro, a polícia teria demorado a levá-lo ao hospital, provavelmente por suspeitar que ele fosse um infrator.³⁹¹

Pedro continua seu relato, disse que após 15 dias inconsciente ainda deu mais sofrimento para sua mãe e seu pai, pois ele não os reconhecia (pg. 36), depois fugiu do hospital sem estar bom. O médico teria predito sua morte se ele não voltasse para o hospital em um dia, mas ele não ouvia os apelos dos pais. No segundo dia em casa, disse que seu pai chorara pedindo para ele voltar para o hospital, mas ele se negava, até que seu pai o pegou e o carregou para o hospital, quando ele já não tinha forças para reagir (pg. 37). Mais uma vez Pedro disse que quase morreu.

O coordenador perguntou se Pedro havia concluído seu relato, ele responde que sim. Mas mais adiante (pg. 38), espremido pelo fechamento da entrevista, Pedro consegue “cavar” um espaço para dizer como que terminou aquela história, dizendo que teve de ficar mais um mês no hospital e que, ao final, “Aí meu pai foi me buscar, né Sr.?”, “Ele que foi me buscar no hospital...”, “Ah, tá, vou levar meu filho e tal. Não precisa ter medo mais de nada...”. Ao final há um reconhecimento, quase que um agradecimento de Pedro a seu pai, numa das poucas menções positivas, nas entrevistas, ao **pai**, e não apenas à mãe.

Salientamos a importância para Pedro de dizer essas últimas palavras, que foram ditas no último minuto de grupo. Seria também como que o fechamento, a “moral” da história que contara, a mensagem final, que ele *não precisava ter medo mais de nada*. O que é significativo também para o fechamento do próprio processo grupal, que após várias histórias evocando os temores dos jovens, com seres aterrorizadores ou a proximidade da morte, ao final parece que o medo havia sido superado, significativo também a fala da superação desse medo vir através da palavra do pai, o que os remete à segurança prometida pelo primeiro contrato social, com a família, e também às relações transferenciais com o *coordenador*, cuja principal função seria *assegurar* as condições de

³⁹¹ A violência policial no Brasil não é de hoje e chega a números alarmantes, o que pode comprometer a sua própria razão de ser (manifesta), fazer cumprir a lei, pois na medida em que ela não cumprir a lei torna-se semelhante ao seu próprio objeto de trabalho, o infrator, além de servir como antimodelo para o cumprimento das leis.

Para o ano de 2000, em São Paulo, estado com cerca de 37 milhões de habitantes à época, houveram **839 mortos pela polícia** (uma taxa de 22,7 civis mortos para cada 1 milhão de habitantes). Um número muito maior do que o de todo os Estados Unidos, um país com cerca de 278 milhões de habitantes, mas apenas **297** homicídios em decorrência de ação policial (uma taxa de 1,1 civil morto para cada 1 milhão de habitantes) (Fonte: Jornal Folha de São Paulo 24/06/2002).

realização da tarefa. Num possível sinal de que o grupo havia percorrido o medo da realização da tarefa e o superado ao final.

Fechamento (pgs. 37 a 39)

Antes da conclusão acima para o relato de Pedro, o coordenador, premido pelo tempo, já havia iniciado o fechamento daquela atividade em grupo (pg. 37), procedendo então uma recapitulação do percurso do grupo naquele dia, o que gerou vários comentários.

Pedro diz que o que ocorreu com ele poderia ter ocorrido com outros do grupo também. Uma frase que afirma a semelhança entre ele e os demais do grupo, mas, principalmente, a semelhança entre todos os jovens do grupo. O coordenador diz que se falou no grupo de um lado da vida que assusta, que dá medo, o que suscitou os seguintes comentários:

“Adriano - Vida louca! (baixo)

Émerson – Nós vive na loucura nós... tem cada negócio que nós vê, que só Deus, viu?”

O que nos faz retomar a reflexão sobre os termos “maluco”, “doidão” e “louco”, para enxergarmos uma imbricação ainda maior entre eles, pois todos além de carregarem a marca do assombro, do fora do normal, diriam também da “**vida louca**” comum a esses jovens. Esse termo, “vida louca”, é bastante visível na São Paulo atual, grafado como “VIDA LOKA!”, com letras próprias de pichações ou grafitagens ligadas ao HIP HOP, seja no trânsito, em motocicletas de “motoboys”, ou em veículos nitidamente oriundos da periferia da cidade, como nas já antigas peruas e *vans* do transporte clandestino, seja também em camisetas, pichações e grafitagens de muros. Numa mostra seja da dimensão da “cultura da criminalidade” nas periferias paulistanas, seja da interpenetração entre uma “cultura da criminalidade” e uma “cultura do jovem de periferia” na cidade de São Paulo³⁹².

Pedro se lembra, então, da primeira vez que assistiu a uma morte, aos 12 anos, quando passou a morar numa favela, mas que antes ele achava que nunca iria ver ninguém morrer, conta que viu um “maluco” morrer na sua frente, que teve tanto medo que até perdeu a fala no momento (pgs. 37 e 38). Émerson lembra que hoje em dia assassinatos

³⁹² Um outro aspecto seria o da interpenetração, principalmente em termos de significantes e significados, entre uma “cultura da criminalidade” e a cultura do RAP paulistano.

não ocorrem apenas em favelas, o que mostra consciência da amplitude do fenômeno da violência atravessando várias classes sociais.

O coordenador interrompe Pedro para anunciar o fechamento do grupo, logo em seguida um funcionário da Febem abriu a porta e fez sinal para que o coordenador encerrasse o grupo (pg. 38). Émerson comenta que o coordenador mediu com precisão a hora, que já era a segunda vez que ele anunciava o final segundos antes de um funcionário abrir a porta com o mesmo intuito. Seria mais uma referência ao sobrenatural? Como se o coordenador tivesse magicamente adivinhado que momentos após um funcionário abriria a porta?

É nesse momento que Pedro inicia a concluir sua narrativa anterior, desde o momento em que voltara para o hospital. Justo quando não havia mais tempo ou não havia tempo para comentários sobre o que falasse.

Ao final, Émerson pergunta ao coordenador se ele havia gostado das histórias que eles tinham contado, numa possível mostra da importância da opinião do coordenador para os jovens. No entanto, alguém dá risadas da pergunta de Émerson, talvez essas risadas se refiram a uma segunda compreensão do termo “histórias”, como se Émerson tivesse perguntado se o coordenador havia gostado das mentiras que os jovens tinham lhe contado. O coordenador responde que foi importante ouvi-los.

A última frase do grupo é também de Émerson: “Um bom descanso prá nós todos!” (pg. 39), numa mostra de solidariedade entre os membros do grupo, talvez relacionada também aos acontecimentos anteriores ao grupo, mas que também poderia ser lida a partir de que o grupo os teria cansado ou lhes “dado trabalho”, se pensarmos no trabalho da elaboração esse seria um bom indicativo.

- Considerações finais acerca da 3ª entrevista grupal:

Talvez a tensão que viveram durante o dia na unidade tenha atravessado toda a entrevista, mostrando-se seja através da tensão intragrupo, seja através das histórias lembradas, tanto as histórias ouvidas quanto as histórias vividas, que continham ou violência ou proximidade da morte e despertaram o sentimento de medo, seja no momento da “Abertura”, em que apareceram questões acerca da própria pesquisa no grupo. Teríamos assim a tensão e o medo como denominadores comuns dessa terceira entrevista.

É interessante repararmos que os jovens, embora se mostrem com pensamentos típicos de adultos em muitos aspectos, como aqueles inerentes à criminalidade, nessa entrevista deixaram vir à tona medos e temores, despertados por narrativas simples de “histórias de assombração” ou “de cemitério”, como crianças assustadas frente a um adulto contando uma “historinha”, como se a realidade da história pudesse se materializar e atingi-los, magicamente, de alguma forma. Isso pode lembrar-nos de que se tratam de adolescentes, portanto ainda em parte, crianças.

Mas pode nos levar a outras considerações também, por exemplo, a respeito do *valor da palavra* para os jovens, conforme abordamos na análise da segunda entrevista. Pois em ambos os casos a palavra tinha um peso fora do comum para nossa sociedade, algo como um “significado literal” ou presença mágica, material, que beira a concretude da realidade.

Chamou a atenção a postura de Mateus nessa entrevista, que em alguns momentos ria do que os outros falavam (como na pg. 29, quando ri de Adriano), mas ele mesmo pouco se colocava, não tendo contado nenhuma história ou episódio de vida. Talvez rir de quem fala seja um modo de depreciar o que é dito e quem diz, afirmando concomitantemente uma superioridade própria que não necessita de dizer quase nada para prová-la (lembramos que Mateus é aquele de maior nível de escolarização no grupo, cursava o 1º Colegial, mas um dos mais novos na unidade, do grupo). Mas seria também uma maneira de não se expor, seja ao julgamento próprio, seja ao dos outros do grupo, do coordenador, ou mesmo do leitor deste. Em alguns momentos ele faz dupla com Émerson, nas risadas e também nas expressões de medo, deixando de se expor isoladamente, o que iria em acordo com essa hipótese. Por outro lado, em termos grupais, Mateus seria o porta-voz da não realização da tarefa no grupo, o porta-voz do não contar histórias.

Um último comentário refere-se a uma compreensão do termo “história” ligada a mentira ou engano, que embora não seja unívoca, pode ter inibido certas manifestações, mais relacionadas a histórias infantis ou populares, por exemplo. Por outro lado, a presença da violência e da morte parecia legitimar as histórias e episódios. Poderíamos a partir dessas considerações formular uma questão: ‘o que, na história, não é violência, é mentira?’. Questão que nos remete, mais uma vez, à presença da violência na vida e no imaginário dos jovens.

6d - Análise da 4ª entrevista grupal

Essa foi a entrevista em que a tarefa de transcrição foi mais difícil, assim, deixou de apresentar muitos trechos e palavras, o que dificultou a compreensão. Entretanto, muito pôde ser resgatado a partir do acontecer grupal, conforme veremos a seguir:

Em relação à **disposição espacial** dos jovens no grupo, de modo geral poderíamos observar que houve uma bipartição espacial dos jovens no grupo, ou mesmo uma tripartição. Observando-se o grupo a partir da janela, ter-se-ia um subgrupo de quatro jovens espremidos em um banco almofadado comprido, junto à parede, do lado esquerdo da janela, o mesmo lado da observadora, a partir da qual estavam sentados Émerson, Edson, Adriano e Marcelo. À direita da janela, do lado do entrevistador se colocaram Paulo e depois Pedro, de frente para a janela, do lado oposto dos coordenadores, situou-se Mateus. Nesse grupo, pela primeira vez Edson não foi aquele sentado mais próximo à observadora, mas sim Émerson, embora Edson viesse logo a seguir, praticamente não alterando sua posição ao longo das quatro entrevistas, sendo que Émerson mais uma vez alternou de lado, no grupo anterior ele estava sentado ao lado do coordenador. Émerson foi menos hostilizado nessa entrevista do que em relação à primeira e à terceira; nesse aspecto há uma semelhança entre essa entrevista e a segunda, em que também estava ao lado de Edson. Terá significado uma ascensão hierárquica Émerson se encontrar ao lado da observadora (ou seria fruto de alguma negociação)?

Adriano manteve-se na mesma posição em relação à terceira entrevista, o terceiro a partir da observadora. Já Marcelo, pela primeira vez passou para o lado esquerdo da sala. Mateus altera pouco a sua posição, mas fica como que isolado, sem nenhum outro jovem imediatamente ao seu lado. Pedro mais uma vez, assim como Émerson, alterna de lado e Paulo volta a ocupar um lugar semelhante ao da primeira e segunda entrevistas, e a repetir uma “dupla” com Pedro, que já se repetira na segunda entrevista. O fato de quatro terem sentado apertadamente no mesmo banco chama a atenção, pois haviam cadeiras suficientes para o banco ser dividido apenas por dois ou três jovens. A alegação dos jovens de que estava muito frio faz sentido, pois estava mesmo e suas roupas eram comparativamente poucas para tamanho frio, mas o banco, além de propiciar um contato físico entre eles, dificultava, por outro lado, a visualização de um sobre o outro, como é desejável numa atividade de conversa em grupo.

- Descrição sintética da entrevista:

Abertura	(pgs. 1 e 2 da transcrição)
Lembranças	(pgs. 2 a 16)
Letras de músicas	(pgs. 16 a 25)
Fechamento	(pgs. 25 a 30)

Abertura

Logo no início há uma percepção diferenciada que talvez valha a pena registrar: ao coordenador perguntar como que havia sido a semana (pg. 2), Edson responde que foi ótima, já Émerson que “não foi nada boa”, que só ficou “de tranca”, ele reclama da chuva e o coordenador pergunta se a tranca se relaciona à chuva, alguém responde afirmativamente, mas não Émerson. Tal situação nos deixou na dúvida: a semana havia sido ruim para vários do grupo porque estiveram de “tranca” devido aos vários dias de chuva ou apenas para Émerson, que ficara “de tranca” como uma espécie de punição por algum ato praticado, talvez aquele que hipotetizamos na análise da terceira entrevista?

Sobre a enunciação da tarefa, dessa vez, embora fosse praticamente a mesma que a anterior, a tarefa foi enunciada com maior rapidez e de uma vez só. A única alteração em relação à tarefa da entrevista anterior foi a de que dessa vez o coordenador não falou para eles “contarem” as histórias que eles ouviram, mas sim “falarem” sobre elas (pg.2):

“Então gente, hoje nós vamos continuar então com o mesmo objetivo do último encontro. Tá? O mesmo objetivo da última vez, tá? Que é o quê? É falar um pouco das histórias que vocês ouviram, tá? Histórias que vocês ouviram quando vocês eram crianças. Eu queria que vocês então, falassem um pouco: que histórias que vocês ouviram, quais histórias vocês ouviram? De onde que eram essas histórias que vocês ouviram? Se eram histórias que vocês ouviram é... na televisão, no rádio, é... o pai que contou ou a mãe que contou? Do tio, da tia, da avó, do avô, do primo, dos amigos da rua, dos professores na escola, de mais alguém? De outras pessoas... eu queria que vocês conversassem um pouco com a gente sobre isso, né? As histórias que vocês ouviram, quais foram essas histórias? Quem contou essas histórias, né? De onde vocês ouviram essas histórias.”

Talvez por já conhecerem a tarefa, assim como a percepção de que aquela seria a última entrevista grupal tenha contribuído para a brevidade dessa etapa nessa entrevista.

Lembranças (pgs. 2 a 16)

Logo após o término da enunciação da tarefa, Edson é o porta-voz da necessidade de falarem de alguma história que ouviram, da necessidade de realizarem a tarefa explícita, ele a princípio passa a tarefa para Adriano, depois para Pedro, depois para

Émerson. Paulo e Mateus também pareceram não ter nenhuma história para contarem. Edson inicia então uma longa narrativa, praticamente sem interrupções, de uma história que ouvira aos 14 anos, de sua ex-namorada (pgs. 3 e 4).

Mais uma vez a compreensão da tarefa centra-se em “contarem uma história que ouviram”, da mesma forma que na entrevista anterior, mesmo o coordenador não tendo mencionado esse item dessa vez.

Trata-se de uma narrativa que fala das origens, da origem de Sheila, ex-namorada de Edson (com a qual namorou 3 anos e 8 meses, namoro do qual às vezes se arrepende de ter terminado), de porque ela perdeu sua mãe e seu pai quando ainda era bebê. É uma história de amor e de violência, amor pois a mãe de Sheila, Bete, traficante, recusou-se a retornar para o ex-namorado, que era um rival seu no tráfico de drogas, para ficar com o pai de Sheila, mesmo sabendo da ira de seu ex-namorado, por causa disso foi assassinada por ele. Seu ex-namorado provavelmente tentaria matar o pai de Sheila também, mas antes que isso acontecesse este se suicidou, afogando-se no mar, quando soube da morte da companheira. Edson, ao final, salienta a tranquilidade com que Sheila lhe contou essa história:

“E rapaz, minha mãe morreu queimada, e tal e não sei o quê”, [...] na maior tranquilidade, parecia que não era a mãe dela, a maior tranquilidade ela falando, tal, tipo ela não se conscientizou, né?”

Há na história vários elementos que podem chamar a atenção dos jovens: tráfico de drogas, relacionamentos amorosos, assassinato, suicídio, orfandade. Particularmente esse último elemento estabelece um elo maior entre a história que Edson contou e a sua própria história. Talvez devido a esses elementos, assim como a proximidade da história com a vida dos jovens do grupo, ela suscitou várias reações nos mesmos.

A primeira reação é do próprio Edson, ao concluir sua narrativa, que se assombra de Bete ter morrido queimada e grávida de um outro bebê: “tem hora que eu fico pensando: “Caramba! A mulher morrer queimada, grávida...”” (pg. 4).

A segunda reação aparece através de Émerson, que diz que não teria tido coragem de cometer tal assassinato e que ele não se humilharia por causa de mulher dessa maneira: “Eu não tinha coragem de fazer isso aí não, meu! Tipo o cara... (...) Tanta mulher aí no mundo, e o cara se humilhando prá uma mulher só? Não quer nada comigo eu não posso fazer nada.”. Edson por outro lado explica que o motivo do assassinato não foi só ciúme ou paixão, mas que foi também a “ganância”, numa explicação próxima da justificação, próxima de defender o ato mortífero, mas Émerson não muda sua opinião: “Um cara desse prá mim é

gardenal...” e Edson esclarece que tão pouco ele faria algo parecido, pois ele mesmo chegou a gostar muito de uma mulher, a própria Sheila, mas separou-se dela e “nem por isso eu matei ela, nem por isso eu se matei”.

Nesse trecho mais uma vez se apresenta a polaridade entre discurso da criminalidade e discurso da honestidade, como já apareceu em outras entrevistas, mas dessa vez bem mais tênue. Edson se coloca a princípio como porta voz do discurso da criminalidade, mas logo em seguida revê sua posição, baseando-se para isso na sua própria experiência de relação com uma mulher. Por outro lado a proximidade com tal discurso é patente, assim como com a lógica da virilidade, pois a partir de outros relatos de jovens internados (que ouvimos fora da situação de pesquisa) sabemos que é comum casos de violências contra namorados de ex-namoradas e mesmo contra ex-namoradas que se envolvem com outros homens, como se isso significasse uma traição ou uma ferida narcísica à auto-imagem masculina (e à imagem no grupo) e devesse dar lugar a uma atitude reparatória de punição ou vingança.

No sentido da polaridade citada anteriormente, Émerson, diz querer viver muito tempo (primeira e única fala nesse sentido nas entrevistas) uma fala que contrariaria o risco inerente à criminalidade, risco esse que já foi abordado em entrevistas anteriores (*particularmente a segunda*), diz ele: “A pior merda é me matar, cê é louco! (...) Quero viver até os 85 anos, tá bom demais!”. Émerson é o porta-voz, no grupo, de uma tomada de decisão relativa ao dilema que formulamos anteriormente, segundo ele seria melhor viver muitos anos, subentende-se que mesmo que não fosse “a mil”.

Émerson parece distanciar seu raciocínio de uma relação com a lógica da virilidade, ao afirmar que não sabe o que é amar (pg. 5):

“Ah! Eu nem sei o quê que é amar ainda porque eu, nunca amei ninguém não, então, não sei o que é amar. Não sei se eu não faço nada, mais eu não tenho coragem de fazer isso não! (...) Posso fazer várias loucuras, mais isso aí, tá fora do meu calendário isso daí...”

Logo adiante Edson se refere a Paulo, pelo apelido de “Foguinho”, de maneira jocosa, dizendo que ele tentou se matar, provavelmente ele estava se referindo ao acidente em que se envolveu Paulo quando era criança, responsável pelas cicatrizes de queimaduras em seu corpo. Em seguida (pg. 5) Edson parece fazer carinho em Adriano, que estava ao seu lado esquerdo no banco, ao passar a mão repetidas vezes em sua cabeça. Adriano parecia não se importar, Edson parecia contente e descontraído. Todos viram mas ninguém se pronunciou a respeito, de onde poderíamos concluir tratar-se de uma atitude normal ou tolerada entre os jovens.

Mas não se trata de uma atitude que se observa comumente na cidade de São Paulo, por que ali ela seria comum? Como essa atitude poderia ser entendida a partir de nossa hipótese sobre a *aliança inconsciente*, comum ao grupo de entrevista e ao grupo de jovens internados na unidade, em torno da *negação da afetividade entre os jovens* (conforme consideramos na análise da segunda e da primeira entrevista)? Pois tal atitude permitiria uma expressão de afeto entre os jovens institucionalizados, permitiria um contato físico prazeroso entre dois jovens de sexo masculino num nível inclusive maior do que o banalmente aceito fora da instituição³⁹³.

Poderíamos levantar uma hipótese de que na ausência dos familiares e de possíveis namoradas o contato físico como forma de expressão de afeto e de desejo estaria, a princípio, bastante reduzido na vida dos jovens privados de liberdade, assim, uma solução teria sido uma maior tolerância e aceitação de contatos físicos sob a forma de carinho entre os jovens internados. Segundo Freud, o **carinho**, o sentimento terno, seria uma forma de enlace desviada de suas finalidades sexuais (que estariam recalçadas), ele poderia ser uma forma sublimada da pulsão sexual, uma vez que essa foi impedida de se realizar³⁹⁴. As relações afetivas estariam, entretanto, bastante limitadas na situação de confinamento, seja pela ausência dos entes queridos, seja pela ausência de garotas, seja pelo discurso da criminalidade entre os jovens. Além da possibilidade de relações afetivas com funcionários e da atividade onanística, as maiores possibilidades, tanto de desenvolvimento de relações afetivas quanto de mínima satisfação sexual em sua forma direta seriam entre os próprios jovens. Assim, seria justamente onde o desejo é maior que recairia o *interdito*: sobre a relação afetiva entre homens. Segundo essa hipótese, agora revista, a relação afetiva não seria impossível, mas existiria um limite que não deveria ser ultrapassado, uma vez que o grupo julgasse que tal limite tenha sido ultrapassado a relação afetiva não seria mais considerada entre “parceiros”, “manos” ou “trutas”, mas ganharia o caráter proibitivo da *homossexualidade* (mas apenas para aquele considerado como o

³⁹³ A partir de nossa experiência de Febem poderíamos afirmar que esse tipo de contato físico não é algo isolado dessa atitude nesse grupo, mas sim algo que se repete, chegando a ser comum.

³⁹⁴ A esse respeito, veja-se, por exemplo, Freud, 1921, pg. 2606. Poderíamos ainda realizar uma comparação entre a situação de confinamento na Febem, sob a guarda, as ordens e o impedimento a qualquer relação no sentido da sexualidade com mulheres da instituição e a situação descrita por Freud à pg. 2607, do pai da horda primitiva condenando todos os filhos, com sua intolerância, à abstinência sexual, impondo assim enlaces cortados em seus fins, ou seja, ternos, aos irmãos, enquanto ele, pai se reservava ao livre prazer sexual com as mulheres do grupo.

“passivo”, chamado de mulher, “mulherzinha”, o “ativo” seria considerado viril, homem³⁹⁵).

Um outro ponto que não podemos desconsiderar nessa análise é que tal contato físico partiu daquele que gozava de maior *status* no grupo, Edson, justamente o mais velho do grupo (18 anos), e pôde aparecer apenas na última entrevista, numa situação que já era de contato físico, o banco apertado, e que ocorreu por parte apenas daqueles dois jovens. Outro dado a ser levado em conta é que essa foi a entrevista com a maior participação de Adriano, que era justamente o mais novo do grupo (16 anos).

Logo em seguida (pg. 5) há mais uma discordância de opinião entre Emerson e Edson: Emerson diz que após a morte haveria um julgamento, se a pessoa “vai pro céu, ou fica aqui mesmo, porque o inferno é aqui mesmo onde nós tá, né? Porque prá mim não existe inferno não!”, Edson concorda com Emerson sobre a não existência do inferno, mas acrescenta “eu sei que após a morte a gente vai tar até melhor, né sr. (baixo)? Descansar um pouco aí dessa...”. A concordância é na avaliação negativa e pessimista da vida sobre a terra, mas a discordância se dá em relação à frase anterior de Emerson, que disse que gostaria de viver até 85 anos, já Edson parece apontar que a vida seria muito cansativa, que morrer poderia ser “até melhor”. Mais adiante (pg. 8), Marcelo, mostrando um distanciamento dos pensamentos religiosos, diz acreditar que “quando morre... já era! Acabou! (baixo ao final)”

A discussão grupal - polarizada por Emerson e Edson - percorreu então o tema da reencarnação, Edson se utilizou do fenômeno do *déjà vu* como argumentação pró reencarnação, Emerson diz então, a princípio soando desconectado com o que estava sendo discutido que “eu acho que eu tô ficando louco nesse lugar aqui!” (pg. 6) e repete mais adiante, o que leva o coordenador a perguntar se ele estava se referindo à Febem (a outra alternativa seria o próprio grupo e sua discussão). Emerson responde afirmativamente e explica dizendo que na Febem ele está com amnésia, esquecimento. Diz que tem nomes de colegas do “mundão” que não se lembra mais, Adriano corrobora essa sensação, dizendo que também se esqueceu de algumas músicas que ouvia antes. Emerson exemplifica dizendo se esquecer também de onde coloca seus objetos pessoais, agora, no período de internação, e se questiona se isso seria “esquecimento” ou “loucura”. Mateus e um outro dizem que também já se esqueceram de onde colocaram certos objetos pessoais, mas Mateus teria afirmado que louco ele não estava.

³⁹⁵ Temos esse dado a partir de nossa experiência na instituição.

Esse medo da loucura, que já havia aparecido na terceira entrevista grupal, retorna nessa entrevista num momento em que se discutiam ocorrências “sobrenaturais”, desconhecidas, no dia-a-dia, a morte e o que haveria após a morte. O desconhecido, de que se falava, poderia suscitar o medo, mas também a vivência em constante tensão, sob o domínio da “lei do mais forte”, também suscitaria o medo, o medo por exemplo de ter tido os objetos pessoais roubados por alguém, típico de uma vivência de paranóia, um medo que pode sobrepujar a lembrança da localização deles, mas que uma vez que o objeto é encontrado pode levar o sujeito ao questionamento de si próprio e de suas faculdades. O esquecimento do que está no ‘outro mundo’, no “mundão”, poderíamos debitar ao intenso processo de institucionalização que vivenciam os jovens, já a vivência do medo se relacionaria mais às condições específicas da internação (algumas das quais já abordamos na análise da segunda entrevista), como a fala de que “o inferno é aqui”, proferida pelo mesmo Émerson momentos antes, também exemplifica. O que nos leva a refletir sobre o quanto que o processo de internação pode ser ameaçador para alguns, tanto para a integridade física quanto para a integridade psíquica.³⁹⁶

A questão da loucura ter emergido nesse momento pode se relacionar ainda, além do assunto em discussão - a questão da morte pode suscitar angústias e está vinculada ao medo básico de perda - à própria configuração grupal, composta por coordenadores-psicólogos, que além de suscitarem um certo auto-questionamento persecutório sobre o tema (como vimos na terceira entrevista), poderiam também ser mais receptivos à essa temática.³⁹⁷

Ao coordenador questionar quem mais se lembrava de histórias que ouviu na infância e que acreditou nelas, Émerson diz que ouvira muitas histórias e que seu pai contava muitas histórias para ele (pg. 8), mas, por outro lado, diz não mais se recordar delas, retomando seu discurso do esquecimento, da perda da memória:

“(...) eu não me recordo mais, tem tantas coisa minha que passou na minha vida que eu não lembro, lembro mais tipo, o que aconteceu ontem, ou semana passada, ou ano passado, mais agora, tipo, mais prá lá é embaçado... (...) Sei lá se é muita coisa na mente, viu?”

³⁹⁶ Poderíamos pensar que nessa luta pela sobrevivência, nem todos são “fortes” e vários perecem, alguns poucos chegam a falecer fisicamente, talvez alguns psicicamente, mas vários saíam com traumas, sejam físicos ou psíquicos. A “revolta” com que alguns saem da instituição talvez seja fruto de um desses “traumas”.

³⁹⁷ A questão da saúde mental do jovem em processo de internação talvez merecesse maior atenção por parte do poder público, uma vez que a principal função do psicólogo-da-Febem não se relaciona a essa questão, mas sim às condições de retorno do jovem ao convívio social em liberdade e poucos seriam os psicólogos e psiquiatras que se voltam para essa questão, comparativamente ao número de internos.

Fala que nos dá a impressão de uma adolescência com muitos acontecimentos ou muitas informações ou preocupações, o que poderia deixar a infância relativamente mais distante. Edson afirma que seria por causa da “química”, das drogas, mas Émerson nega. Seria precoce essa perda de memória ou seria relativamente comum? Não temos elementos para a resposta (nem mesmo para afirmarmos acerca da perda da memória, pois outras possibilidades, como não conseguir se concentrar em fatos do passado, são possíveis).

Pedem que Adriano conte uma história que já havia “discutido” com eles, Adriano conta então uma história (pg. 9) que ouvira quando criança (6, 7 anos), de seu tio. Trata-se da história de um homem que fora traído pela mulher e começou a beber, até morrer. Mais uma vez nessa breve história aparecem elementos que já se fizeram presentes na história contada por Edson: a traição de uma mulher (algo que pode se relacionar a questionamentos acerca virilidade do homem), o suicídio (“O cara se matou”) e a morte (“ele acabou morrendo na bebida, morreu bebendo... (pausa) E acabou a história... (baixo)”). É um relato breve e triste, um retrato de muitas vidas, talvez muito próximas à realidade dos jovens, pois houveram várias reações.

Há um elemento novo, que pouco havia aparecido nas entrevistas até então, o **alcoolicismo**, um mal que atinge muitos no Brasil³⁹⁸. Segundo Adriano, “ele foi e começou a deixar a cachaça dominar ele tal”, aí “a mulher dele traiu ele, aí ele não aceitou essa traição e tal, aí ele, em vez de estudar, correr atrás do negócio, não, ele se entregou na cachaça e tal, começou a beber, beber, não queria saber mais de nada acabou virando um... Um dominado da cachaça”, “Aí que ele deixou casa, deixou casa, a família tudo prá trás, prá trás, por causa de nada, por causa que foi traído, deixou tudo para trás por causa disso, se entregou na cachaça...”. Entre outras conseqüências, Adriano relata que os filhos dele começaram a “desandar”, provavelmente nesse contexto “desandar” esteja significando se envolver com drogas e/ou com a criminalidade.

As reações ocorrem principalmente após o término da fala de Adriano: Émerson iria falar algo sobre seu pai, mas é interrompido por *risadas* de Paulo, Mateus e Pedro, como se eles estivessem projetando um envolvimento com o álcool sobre o pai de Émerson e achassem graça disso. Logo em seguida Mateus diz “Essas histórias são foda! (baixo)” e todos riem muito, há então um fenômeno grupal, um disparar de risos,

³⁹⁸ Segundo a Fundação Seade, para o Estado de São Paulo, no triênio 2000-2002 as doenças do fígado em geral (o álcool é responsável por pouco mais da metade delas), foram a segunda causa de mortes de homens entre 35 e 59 anos, seguida por homicídios (a primeira foram as doenças cardíacas) (fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 04/06/04).

provavelmente por parte de Mateus e Pedro, o coordenador tenta buscar uma compreensão grupal do que estava acontecendo, Edson procura convencer os dois a pararem de dar risadas: “Vixe! Tem que ser os dois, né mano?” (pg. 9), “Faz outra aí maluco!”, “Faz uma...” (pg. 10). Tal ação de Edson o aproxima da figura de coordenador do grupo ou um **líder**, a esse respeito não podemos desconsiderar que o fato dele ter um ano a mais, ser o mais velho do grupo, talvez lhe projete também uma certa ascensão ou autoridade sobre os demais (embora para adultos um ano de diferença possa ser insignificativo, para adolescentes pode fazer diferença).

O grupo se esforça para que as risadas parem, entre os argumentos, alguém diz: “Esse daí não quer, não quer ir embora não...” (pg. 10). É um argumento estranho ao grupo e que só aparece nesse momento, mas que se relaciona ao local em que se encontra o grupo, a instituição Febem. O argumento baseia-se numa espécie de chantagem institucional largamente utilizada (sabemos a partir de nossa experiência na instituição): ‘comporte-se bem e sua liberdade virá logo, comporte-se mal e sua liberdade tardará’. Para o grupo tal argumento não se aplicava, pois tínhamos o compromisso explícito de não comunicarmos nada do que acontecesse ali para a unidade, não pertencíamos ao corpo de funcionários seja da Febem seja do poder judiciário, assim, como explicar a emergência de tal fala? A explicação teria analogias com a de um ato falho, tal fala revelaria uma identificação por parte dos jovens entre os coordenadores e os funcionários da Febem, talvez pelo coordenador ser psicólogo (e a observadora uma futura psicóloga) assim como muitas “técnicas”, talvez por sermos adultos, mas revelaria também a internalização do mecanismo de chantagem da instituição e sua utilização também pelos jovens, instrumental, como forma de argumento para manterem a *ordem* dentro do próprio grupo de jovens.

Outro argumento utilizado também é revelador: “Tem que chamar a Rutinha prá ele... (baixo, rápido) (Edson) (pg. 10). Não sabemos quem é a “Rutinha”. Seria uma funcionária “de pátio” da unidade? Uma outra hipótese seria a de tratar-se da personagem “Rutinha”, por quem “Tonho da Lua” era apaixonado, na citada novela, o que equivaleria a dizer que aquelas risadas naquele contexto eram típicas de um “deficiente mental”, o que mais uma vez nos remeteria à questão da loucura e do receio quanto à pesquisa.

As risadas não cessam até que Pedro dê uma explicação para elas: o erro comum de Adriano ao tentar dizer uma palavra (não temos esse dado na transcrição e nem a partir de nossa memória). Será que tal explicação não seria uma racionalização de algo que teria

sido disparado em decorrência de um tema que de tão próximo na vida dos jovens acaba por causar muita ansiedade, devido ao processo de identificação, e que as risadas surgiriam, a partir da projeção do infortúnio no outro, como uma forma de alívio da ansiedade e de negar o pensamento? Tal hipótese explicaria as risadas de Pedro e Mateus após Emerson concluir o que iniciara mas fora interrompido: “o compadre do meu pai tomava álcool, não tinha cachaça ele ia lá e tomava álcool...” (pg. 10).

Em seguida Edson conta um caso de alcoolismo bastante próximo a ele (pgs. 10 e 11): um primo seu que aos 13 anos já consumia bebidas alcoólicas, que com essa idade, numa brincadeira de polícia-e-ladrão, pegou o revólver de seu pai e “deu três tiros na cabeça do meu irmão (rápido), daí, daí tipo... daí meu irmão morreu, né?”, “daí ele se culpa até hoje, né? Por causa disso daí e tal, toda vez que ele lembra ele...bebe, bebe, bebe mais e mais e mais e mais...”, “prá ele ficar bêbado e esquecer... daí... aí com isso se prejudica mais ainda... (voz triste)”, Pedro complementa, como se fosse a “moral da história”: “Beber não é solução”. Mais uma vez a violência aparece na história dos jovens, dessa vez associada à posse da arma de fogo. É uma posse que é inserida num contexto social mais amplo, cabe-nos a pergunta: por que o pai de seu primo tinha uma arma de fogo em casa? Dessa vez a culpa aparece claramente como geradora de repetição, de comportamentos estereotipados, relacionados à tentativa de esquecimento de um ato. Mas se beber não é a solução, qual seria a solução? Parece-nos que, assim como no caso do marido traído, a solução se daria pela palavra, pela elaboração do vivido na conversa com um outro.

Em seguida Adriano (pg. 11) lembra-se de uma história muito próxima também, de um colega seu, que conheceu quando tinha uns 8 anos de idade. Segundo ele, a mãe desse garoto “era a maior rebelde”, não gostava do garoto, batia nele, o garoto ameaçava que iria fugir de casa:

““Ah! Eu vou fugir, e tal e não sei o quê...”, falava prá ela e ela “Foge! E não sei o quê... foge!”, aí um dia ele fugiu de casa, ficou uns meses fora de casa e tal, lá pro lado da Praça da Sé, aí, ele ficou uns mês fugido e tal, daí depois veio uma notícia prá mãe dele lá, que encontraram ele enforcado, tal, com lençol (baixo). Aí, a mãe dele se sentiu culpada da morte dele, da morte dele também, em vez, em vez de tentar compreender o filho, tal, não, mandou o filho embora, tal, batia, [...] (muito baixo e rápido)”

Nessa breve história, assim como na anterior de Edson, há a presença da morte, violenta, da tristeza de quem a conta e da culpa. Mas, diferentemente das anteriores, nessa há a presença da violência doméstica contra crianças, motivo, como o dessa história, para

que muitas das crianças que vivem na rua tenham deixado a casa dos pais³⁹⁹. Mais ainda, pela primeira vez nas entrevistas a figura da mãe aparece fora de um lugar idealizado, como uma mãe que batia no filho, que não gostava dele, que não tentou lhe compreender, e que agora se sentia culpada pela morte do filho. Figura da mãe essa, mais próxima da realidade, quando um objeto não é inteiramente bom (nem inteiramente mau), e que pôde aparecer apenas na última entrevista. Poderíamos pensar que antes o grupo não se confrontava com o discurso estereotipado dominante entre os jovens na instituição. Talvez esse confronto com o discurso dominante, assim como a proximidade com a realidade, muitas vezes dolorosa, seja responsável pelo tom de voz baixo e rápido de Adriano, assim como por ninguém (a não ser o coordenador) ter realizado comentário algum e seu relato ter se findado ali mesmo.

Em seguida Marcelo traz outra história (pgs. 11 e 12), dessa vez narrada para ele pelo próprio protagonista da mesma, um garoto que com 8, 9 anos já era viciado em drogas, que Marcelo conheceu numa clínica para tratamento de drogadicção. Nesse momento de sua narrativa aparecem tosses persistentes, que o interrompem, pensamos que tais tosses talvez sejam propositais, pois (sabemos de nossa experiência de Febem) não é bem visto na criminalidade e na Febem aquele que é viciado em crack, fato comum entre “meninos de rua”, talvez as tosses fossem um sinal entre membros do grupo nesse sentido, na “maldade” contra Marcelo, mas talvez fossem apenas tosses, consequências do clima frio.

Marcelo continua seu relato, mas dessa vez em ritmo rápido, diz que quando o garoto não tinha dinheiro para comprar drogas ele ia pedir para a mãe dele, quando a mãe não queria dar ele batia na mãe, até que ela desse o dinheiro, “com o passar do tempo assim, ele foi embora de casa, muito revoltado, aí ele começou a se prostituir depois começou a roubar, depois”, nesse ponto Marcelo é interrompido por risadas de Pedro e Mateus, Émerson pergunta se ele “virou, virou, virou viado, sem maldade?”, talvez a essa suposição se relacionassem as risadas anteriores, Marcelo estava tocando no intocável. Mas é relevante também a expressão “sem maldade”, ao final da frase de Émerson. Trata-se de uma expressão comum entre os jovens na Febem, sua utilidade é tranquilizar o interlocutor de que o uso de um determinado termo, no caso “viado”, não está sendo realizado contra o interlocutor, “na maldade” ou com malícia. É relevante também a resposta de Marcelo, que diz não saber se ele havia “virado viado”, apenas que ele disse que se prostituía para

³⁹⁹ Como descrito no livro Esmeralda, porque não dancei, de Esmeralda, Ed. SENAC.

ganhar dinheiro e usar com drogas, pois mostraria uma falta de interesse sua na questão dele ser ou não homossexual. Questão que no entanto parece chamar a atenção de Paulo, Émerson e Mateus. Paulo lhe pergunta em seguida: “Ele era seu parceiro? (baixo)” e obtém como resposta “Presta atenção maluco! Tá me tirando!?” (baixo), num claro sinal de que a questão de Paulo continha uma “maldade”: ‘se ele é seu parceiro, vocês podem fazer coisas semelhantes, serem parecidos, portanto você também deve ser viado’. Émerson continua a questionar Marcelo sobre essa questão, Marcelo responde, mas não retoma seu relato, o coordenador tenta lhe reaver a palavra: “Você terminou sua história?”, mas sem resposta. Mateus como que a conclui (a ‘moral da história’): “Por isso que o nome fala: é droga!”, mas alguém contra-argumenta: “droga acalma...”, o que mostra posições diferentes no grupo a respeito desse tema.

A **violência doméstica** torna a aparecer na próxima história, dessa vez trazida por Pedro (pgs. 13 e 14): seu pai contou que seu tio traía sua esposa com outra mulher e quando voltava para casa batia, “espancava” a esposa e todos os filhos, até o dia em que ela conseguiu dar uma facada nele, ele tentou reagir e deu coronhadas de revólver em seu rosto e três tiros nela, mas que não acertaram. Mesmo depois desse episódio ele teria continuado a bater nela, mas hoje viveria com outra mulher e não iria na casa de nenhum de seus filhos. Seu tio também teria batido em seu pai quando esse era criança, ao final de seu relato diz Pedro: “aí ele começou a passar isso prá família dele também, até, até hoje os meu primo é revoltado também, né? Mas então... graças a Deus meus primos não chegou a ponto de fazer o que eu fiz, prá tá aqui dentro... (baixo)”.

Nesse trecho Pedro exhibe uma teoria pertinente acerca da origem da “**revolta**” e da relação dessa com a delinqüência, o tio de Pedro ter espancado muitas vezes seus filhos e suas esposas teria feito com que os filhos adquirissem uma “revolta”, uma revolta que poderia levar ao ponto de cometerem delitos graves o suficientes para serem internados na Febem. Seria Pedro também um “revoltado”? Pois ele também apanhava do pai quando era criança (terceira entrevista, pg. 18), seria essa “revolta” um dos motivos de seu envolvimento com a criminalidade?

Pedro relata também um sofrimento de seu pai em lhe bater (pgs. 13 e 14), que teria sido responsável por uma inversão nas punições:

“quando meu irmão fazia, ele me pegava, quando era eu que fazia ele pegava o meu irmão, era sempre ao contrário, quando ele fazia minha mãe vinha e me pegava, aí eu ia e fazia, meu pai ia e pegava o meu irmão, era sempre diferente. Agora vida normal, tô sossegado, graças a Deus, hoje tô sossegado [...]”

Estranha forma essa de punição, o irmão recebia a punição pelo que Pedro fazia de errado, e vice-versa. O irmão seria obrigado a infringir as normas para que Pedro fosse punido (e vice-versa)? Ao concluir seu relato diz que agora a vida seria “normal”, que agora ele estava “sossegado”. Numa primeira leitura poderíamos pensar que ele iria deixar a criminalidade, pois agora estava mais calmo, sossegado (um discurso comum na Febem). Mas a partir do que acabara de dizer poderíamos pensar também que “sossegado” se oporia a “revoltado”, revoltado por ter apanhado muito, e no lugar de seu irmão? Poderíamos pensar também que “normal” se oporia a “diferente” e a “ao contrário”, que daquele momento em diante, ele gostaria de receber de acordo com os seus méritos e suas falhas?

Adriano, que já havia contado o porquê que só tinha uma perna, pede para que Paulo, chamado nesse momento de “Mascarado” (olhando-se de perto percebe-se marcas de queimadura a cobrir seu rosto), conte “a sua história”, como ele se queimou (pg. 14).

Paulo pareceu aceitar o pedido, mas aos poucos se vê que ele estava contando outra história, essa relacionada às anteriores, contadas por Adriano e Edson, sobre alcoolismo, talvez ele já estivesse aguardando a ocasião para contar essa história desde aquele momento, talvez ele tenha se negado a fazer a equivalência (e redução) entre sua história e o acidente que lhe marcou o corpo. A história que contou trata da precariedade da vida, o pai de Paulo ajudava a um rapaz, emprestou-lhe um terreno onde ele construiu um barraco, mas depois eles se desentenderam e o pai de Paulo o expulsou do terreno, o rapaz passou a morar na “macumba” e ficava bebendo cachaça o dia inteiro, até que um dia se desentendeu com outros que ali viviam também, todos “malucos novos”, “tudo desandão na cachaça”, e esses lhe cortaram fora o “pote”⁴⁰⁰, a cabeça. Vidas precárias, jovens que não têm onde morar, que não têm nem barracos para morarem, que cedo se tornam alcoólatras, talvez devido a falta de perspectivas ou de algo que proporcione um prazer maior e que por causa de uma bobagem qualquer cedo perdem a vida.

Edson pede então para Paulo contar a história *dele*, e Paulo (num claro retorno à tarefa das duas primeiras entrevistas) conta que quando tinha 5 anos, brincando com um

⁴⁰⁰ “Pote” na Febem significa cabeça, por quê? Pois “cabeça” significa “cabeça do pênis”, portanto é uma palavra que não deve ser pronunciada, a não ser que com esse significado, mas isso em geral não ocorre em público, a não ser se há alguma “maldade” ou malícia por parte do falante. Talvez tal interdição de significado original da palavra seja uma maneira dos jovens se defenderem de possíveis ataques verbais e “vacilos” do ouvinte frente a uma possível ambigüidade de sentidos da palavra original. Outro exemplo nesse sentido seria a palavra “vista” que substitui a “proibida” “olho”, por essa poder significar “olho do anus”. Mais uma vez o interdito grupal parece se dar em torno da sexualidade homossexual, pois seria justamente o alvo (e instrumento) dos ataques mútuos dos jovens.

litro de álcool, junto com seu irmão, se acidentou, ficando uma semana de coma e um mês internado no hospital, além de ter feito várias cirurgias.

Em seguida Pedro diz que ele também pode contar uma história (pgs. 15 e 16), a princípio conta-a como se ele a tivesse vivido, mas ao final fica claro que é uma história que ele ouviu de sua avó, cerca de três anos depois de sua suposta ocorrência. A história tem semelhanças com outra que contou na entrevista anterior sobre lobisomem e enquadraria-se bem àquela discussão sobre seres sobrenaturais e o chupa-cabra. Segundo a sua avó Pedro estava próximo dos acontecimentos quando do ocorrido e teria cerca de 6 anos, o ser ameaçador teria matado um boi (dentro do matadouro onde trabalhava a família de Pedro), mas a avó teria conseguido chamar pelo tio, que desferiu três tiros no “bichão”, atingindo-o mas não o matando. Pedro refletiu após contar a história que na época em que a ouviu acreditou nela, mas que “Agora... não acredito em mais nada! [...] quantas coisas que eu escutava em casa!”, que antes ele havia se deixado levar, talvez por alguém (ou algo) que “colocou isso em sua mente”. Pedro explica que ele acreditava pois naquela época tinha **medo**.

Ele diz que na época tinha medo (pg. 16), pois dormia com seus irmãos no quarto dos fundos da casa, quase na saída do quintal (provavelmente na roça), mas que certo dia começaram a ouvir algo a bater na porta (que devia dar para o quintal) e a arranhá-la e a uivar, conta que teve muito medo e que a partir de então teve medo de dormir em seu quarto e ia sempre dormir na cama de seu pai. O grupo também pareceu assustado com a história, durante a narrativa alguém(s) imitou o uivar de um lobo⁴⁰¹, após, Adriano pergunta se era um Lobisomem, Mateus parece achar que era um chupa-cabra e um silêncio se faz no grupo, Paulo sintetiza o sentimento grupal: “Essa daí dá até medo!”.

Com a lembrança dessa situação de *medo* e de *fragilidade*, por parte de Pedro, vários do grupo parecem ter revivido esses sentimentos tão comuns na infância, inclusive o acreditar em histórias (numa ruptura com o discurso da lógica da virilidade). A hipótese que formula Pedro de que o acreditar em histórias se dava por causa do medo é pertinente, como já vimos as histórias dariam contornos simbólicos para o medo e apontariam possíveis soluções, culturalmente aceitas, para as ansiedades e conflitos pulsionais. Pode ser relevante também, na história que sua avó lhe contara, o fato de que frente à ameaça

⁴⁰¹ A partir de minha experiência como contador de histórias, considero esses momentos em que o ouvinte participa da narração como significativos, pois demonstrariam um grande envolvimento com a narrativa, o ouvinte como que tentaria contribuir com a narração e/ou fazer parte, de alguma forma, da história.

(do desconhecido), a solução foi encontrada a partir do enfrentamento do ser ameaçador por um homem munido de uma arma de fogo.

O que talvez se relacione ao que diz Benjamin:

O conto de fadas "é ainda hoje o primeiro conselheiro das crianças, porque foi o primeiro da humanidade, e sobrevive, secretamente, na narrativa. O primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o narrador de contos de fadas. Esse conto sabia dar um bom conselho, quando ele era difícil de obter, e oferecer sua ajuda em caso de emergência. [...] O conto de fadas nos revela as primeiras medidas tomadas pela humanidade para libertar-se do pesadelo mítico. [...] O conto de fadas ensinou há muitos séculos à humanidade, e continua ensinando hoje às crianças, que o mais aconselhável é enfrentar as forças do mundo mítico com astúcia e arrogância."⁴⁰²

Arrogância frente às forças do mundo mítico a qual já teria mostrado Pedro no episódio do cemitério contado na entrevista anterior. “Forças do mundo mítico” que poderíamos considerar aqui, para nós, os seres “do além”, assustadores, do desconhecido, aos quais nos referimos na análise da entrevista anterior como as “entidades sobrenaturais”.⁴⁰³

Letras de músicas (pgs. 16 a 25)

Em meio à fala de Pedro, sobre seu tio que batia em sua tia e em seus primos, Émerson mostra-se desatento (pg.13), dirige-se à observadora (ele era o mais próximo dela) e elogia a sua letra, após o que começa a cantarolar, baixo, mas sem parar, ao menos até o início do relato de Paulo. Ao final do relato de Paulo, Émerson deixa a sala para ir ao banheiro e retorna em meio ao primeiro relato de Pedro. No instante em que Émerson deixa a sala Adriano pergunta para a observadora: “*Cansou?*” (pg. 15). No momento em que os relatos pareciam haver terminado o coordenador retoma o cantarolar de Émerson, lhe perguntando o que ele cantava (pg. 16). A partir desse momento até o final, o grupo vai se lembrar de algumas músicas e cantá-las, algumas vezes em conjunto, e o

⁴⁰² Benjamin, W., 1985, pg. 215. Não queremos, no entanto, dizer que a história que Pedro ouviu da avó seja um “conto de fada”, mas sim que ela, assim como outras histórias, podem cumprir uma função semelhante para o ouvinte, particularmente nos dias de hoje para quando o ouvinte é uma criança.

⁴⁰³ Essa é uma apropriação nossa do que diz Benjamin, que refere-se ao mito como um pesadelo, do qual a humanidade deve libertar-se. Nós, no entanto, considerá-los não apenas esse aspecto, mas também um caráter fundador nos mitos, a partir da leitura de Totem e Tabu, de Freud.

coordenador lembrará o grupo que as músicas cantadas podem ser uma maneira de se contar uma história.

Émerson mostra-se muito surpreso com a pergunta do coordenador: “Caramba sr.! Eu tava cantando bem baixo, o senhor ouviu? (alto) He! He! (risadas)” (pg. 16), “não tá entrando na mente que o senhor me ouviu cantando, tava cantando bem quase dentro do pensamento aqui, e ele ouviu cantando... (rindo ao final)” (pg. 18). Mas Émerson não cantava tão baixo, Edson inclusive já havia reclamado para Marcelo que ele estaria “enchendo o saco” (pg. 14). Talvez o espanto se deva mais à lembrança do coordenador relativo a algo que ocorrera num tempo anterior, não fazia mais parte do campo imediato, Émerson pareceu muito contente com essa “lembrança”, uma hipótese seria devido ao coordenador ter levado em conta uma fala sua de um momento em que não havia espaço para ela. Outra hipótese seria relativa à transferência entre Émerson e o coordenador, que já aparecera na análise da entrevista anterior, quando falamos que talvez Émerson conferisse poderes “sobrenaturais” ao coordenador e para a qual já havíamos apontado na primeira análise também. O coordenador convida Émerson para que cante para todos o que antes cantava baixo, mas ele se recusa, talvez por timidez, dizendo que Edson cantava muito bem, como incentivo alguém cita um ditado popular: “Quem canta seus males espanta!”. Então Edson canta a música (pg. 17) antes cantarolada por Émerson:

“Aquilo que você me diz... eu aqui sofrendo e você aí, tão infeliz... ..eu tô sozinho, sem ter carinho, prá onde ir... e você benzinho... ..me viu dormindo, e eu nunca tive dor... *Será que não sobrou um pouquinho de amor, de amor... de amor...*” (cantado junto com outro(s) ao final)

Um samba, segundo Edson, de um grupo chamado BokaLoka⁴⁰⁴. Uma “música de amor”, que Émerson cantarolou após elogiar a letra da observadora. Pelo volume em que

⁴⁰⁴ Esclarecemos que, para todas as letras que transcreveremos aqui, não se tratam de versões oficiais fornecidas pelos autores ou gravadoras, elas estão sujeitas, portanto, a erros e não-correspondências com as letras originais. O título da música do grupo BokaLoka é “*Mais uma chance*”, do CD “De Verdade”:

*“Eu vou perguntar pra ouvir o que você me diz
Eu aqui sofrendo e você aí tão infeliz
Estou tão sozinho sem ter caminho pra onde ir
E você perdida sem ter na vida quem seguir
Brigou comigo
Tanto castigo e do.o.o.o.o.or
Será que não sobrou um pouquinho de amor (de amor)
Brigou comigo
Tanto castigo e do.o.o.o.o.or
Será que não sobrou um pouquinho de amor
Pra tentar salvar o nosso romance
Nosso amor merece mais uma chance
Se é tão bom sorrir
Pra que viver tão infeliz
Pra tentar salvar o nosso romance
Nosso amor merece mais uma chance
Se é tão bom sorrir”*

ele cantou, pelo conteúdo e pela pouca distância em relação à observadora, talvez a música (que diz também da situação de solidão e sofrimento em que se encontram) se dirigisse para ela, como uma “cantada”, literalmente. Émerson, nesse final da última entrevista, talvez tenha sido o emergente de um sentimento, de um afeto positivo em relação à observadora, como corrobora a pergunta de Adriano (assim que Émerson deixa o seu posto para ir ao banheiro), ou a fala de Pedro, endereçada para Mateus após o término da canção: “Não vai chorar... (baixo)” - num reconhecimento simultâneo de afetividade e fragilidade - e a pergunta de Émerson se o coordenador não seria irmão da observadora, seguida da pergunta de Edson e Mateus se eles não seriam parentes (o coordenador respondeu negativamente) e das afirmações de que pareciam parentes (ao menos de Émerson e Edson, pg. 18). Mais uma vez vêm à tona questões acerca das relações afetivas e de parentesco entre coordenador e observadora, que talvez se relacionem às fantasias de relacionamento amoroso entre eles e a observadora e do lugar deles em relação ao coordenador, no sentido de que tais questões teriam por trás de si outras, relativas a quais as interdições entre a observadora e o coordenador (como nas questões acerca do parentesco fraternal) e quais as interdições entre a observadora e eles, conforme já apontamos anteriormente.

A partir de então o grupo parece atuar em conjunto para a lembrança de letras de músicas de RAP, em geral cada um lembrou-se de um pequeno trecho, até que alguém começou a cantar a música, acompanhado pelos outros.

O primeiro **RAP** lembrado é “*Baseado Em fatos reais*” (pg. 18)⁴⁰⁵, com uma letra muito significativa e muito significativa a sua lembrança em primeiro lugar. Logo no

⁴⁰⁵ “*Baseado em fatos reais*”, música do grupo *Detentos do RAP*, que integra o CD “Quebrando as algemas do preconceito”:

“- LEMBRANÇAS QUE EU TRAGO NO MEU PENSAMENTO DA VIDA
 QUE EU TIVE SÓ DE DOR E LAMENTO MUITAS COISAS RUINS
 BEM POUCAS FORAM AS BOAS, AS DROGAS, A VIOLÊNCIA,
 O CRIME, O SOFRIMENTO PRA MINHA COROA,
 NÃO PENSAVA EM NADA ZUAVA A NOITE INTEIRA
 AOS 18 ANOS DE IDADE A PRIMEIRA BESTEIRA
 EU FIZ UM FILHO COM A MINA QUE JÁ NÃO ERA FIRMEZA,
 MULEQUE BURRO E VIRGEM FOI PELA BELEZA.
 PERGUNTO PARA DEUS COMO TUDO ISSO PODE ME ACONTECER,
 - MAS ONDE COMEÇOU TUDO ISSO?
 - FOI ONDE TUDO PODE ACONTECER
 - E ESSA MINA DA ONDE VOCÊ A CONHECEU?
 - A MINA FOI NO ROLÊ, NÃO PAGUE PRA VER.
 PARA EU SER MAIS ESPECÍFICO E CLARO
 FOI UM LUGAR DENOMINADO SAMBA DO CAPÃO
 APENAS 2 MINUTOS DE CONVERSA
 E O DESTINO DAQUELA MINA MEU OPALÃO
 DEVERIA TER ME LIGADO
 QUANDO ELA TINHA VERGONHA DE PEGAR MINHA MÃO,
 DEVERIA TER VISTO O VALOR DAQUELA MINA
 QUANDO ELA CURTIA O SOM DO TIGRÃO
 MANO MEU DESESPERO FOI LANÇADO QUANDO EU DESCOBRI

QUE DA MINHA PESSOA AQUELA MINA TINHA ENGRAVIDADO.
 A NOTÍCIA FEZ COM QUE MINHA VIDA VIRASSE PELO AVESSO,
 MAS PELAS BURRICES, ATÉ QUE EU MEREÇO.
 COM CALMA E COMPETÊNCIA AQUELA MINA SABIA O QUE ELA QUERIA,
 DISSE PRA QUE EU TRINCASSE COM DINHEIRO,
 POIS AMANHÃ SERIA UM NOVO DIA,
 SEM PENSAR EM NADA TRINQUEI
 MAS NÃO SABIA JURO POR DEUS DO CÉU
 QUE MEU SONHO ERA TER AQUELA MENINA MINHA FILHA.
 - MAS O QUÊ QUE... - MAS ELA SABIA O QUE ELA QUERIA,
 - COMO ASSIM SABIA O QUE ELA QUERIA?
 CALMA AI CALMA IRMÃO - ELA TIROU MINHA FILHA,
 - PUTA MANO - ELA TIROU MINHA FILHA.
 QUANDO EU SOUBE DA NOTÍCIA EU SÓ QUERIA MORRER, DESFIZ DE PAIS,
 DE FAMILIARES SÓ VOCÊ VENDO PRA VOCÊ CRER
 DESAMPARADO VI AS CENAS DA MINHA VIDA SE PASSANDO
 E EU SONHAVA DESESPERADAMENTE COM AQUELA MENININHA ME CHAMANDO:
 " PAPAI VOCÊ NÃO SABIA,
 MAS EU TINHA MEUS SONHOS, SONHAVA EM CRESCER AO SEU LADO,
 CONHECI UM ANJO CHAMADO MAMÃE,
 MAS A MALDADE DO MUNDO FOI MAS FORTE,
 ELA FOI MAS FORTE PAPAI! "
 PRA EU ME RECUPERAR FOI FODA ARRANJEI UM TRAMPO A ESCOLA,
 DEIXEI DE LADO A MODA, PASSEI A JOGAR BOLA,
 LARGUEI REALMENTE AS DROGAS,
 RESOLVI DAR CONTINUIDADE NA MINHA VIDA,
 DEIXEI DE LADO OS CARAS DA VIDA BANDIDA,
 DESCOBRI QUE A PARTIR DAQUELE MOMENTO
 A VIDA TERIA QUE SER A MINHA SIGLA,
 MAS, MAL EU SABIA QUE O MAL AINDA ESTAVA POR VIR,
 EU ME SENTIA ESTRANHO TUDO QUE EU COMIA FAZIA MAL PRA MIM,
 REMÉDIOS, SIMPATIAS, IGREJAS NADA DAQUILO ADIANTAVA,
 FOI AI QUE UM RESULTADO DE UM EXAME MÉDICO APONTAVA,
 MANO! TIVERAM QUE FAZER 3, 4, 5 PRA EU PODÊ LÊ,
 VÊ E CRÊ, QUE NO MEU SANGUE NA MINHA VIDA ROLAVAM VÍRUS HIV
 PENSAVA QUE AQUELAS COISAS SÓ ACONTECERIAM COM OS OUTROS
 DEPOIS EU PAREI PENSEI O QUE VALEU O MEU ESFORÇO,
 O DESESPERO FEZ COM QUE EU FOSSE ATRÁS DAQUELA MINA
 O DESESPERO FEZ QUE EU ME TORNASSE APENAS MAIS UM HOMICIDA,
 MESMO LOCAL, PARECIA ATÉ AQUELA PRIMEIRA CENA
 E AQUELE DIA ELA COLOU COMIGO PENSANDO QUE EU QUERIA ALGUM ESQUEMA,
 MAS NÃO, SEM OPALÃO CANHÃO NA MÃO, DOR NO CORAÇÃO, DESESPERO,
 PÂNICO, CHORO, A SEQÜÊNCIA SANGUE NO CHÃO, VÁRIOS TIROS,
 CHEIRO DE PÓLVORA E UM MIOLO ESTOURADO
 TALVEZ O MELHOR MOMENTO DA MINHA VIDA AQUELE MOMENTO
 EU ME SENTIA VINGADO,
 POUCOS MINUTOS CHEGOU A POLÍCIA NEM ME LEMBRO MAIS DA MINHA REAÇÃO
 EU ME LEMBRO DO MARTELO BATENDO, BUM! 6 ANOS DE DETENÇÃO,
 CARANDIRU VÁRIAS HISTÓRIAS, VÁRIOS PARCEIROS,
 VÁRIOS RELATOS, LINHA DE FRENTE, TERASTIADO,
 ACERTO COM FUNCIONÁRIO ALI DENTRO ERA MATO,
 3 ANOS DE SOFRIMENTO ENGRAVATADO EM MEU ALVARÁ,
 GRAÇAS A DEUS CONSEGUI VOLTAR PARA A HARMONIA DO MEU LAR,
 QUE LAR QUE NADA! HOJE, NO QUARTO, NA FASE TERMINAL NO HOSPITAL
 TALVEZ LADRÃO SEJA POR ISSO QUE EU ESTEJA MAL.
 AOS 23 ANOS LONGE DO CARINHO DA MINHA FAMÍLIA,
 IMAGINANDO LÁ LONGE O ROSTINHO DAQUELA MENINA MINHA FILHA,
 PENSANDO DIREITO NO MANO FIRMEZA QUE EU PODERIA TER SIDO,
 SAUDADE DA MINHA MÃE QUE PODERIA TÁ AQUI DO MEU LADO COMIGO,
 LEMBRANDO DOS MEUS MANOS QUE CRESCERAM DO MEU LADO,
 TRISTE PELAS PESSOAS QUE RECLAMAM DA VIDA
 SEM NUNCA TER PASSADO,
 MAS EU ORO, PELA ALMA DAQUELA MINA
 QUE EU TÔ LIGADO QUE ELA NÃO FOI FIRMEZA,
 EU ORO, PELOS MANOS QUE SE ILUDE
 TROCA A VIDA POR APENAS UM COPO DE CERVEJA,
 EU PEÇO AO PAI, PARA QUE A HISTÓRIA DELE SEJA DIFERENTE DA MINHA,
 EU PEÇO AO PAI, QUE AQUELE MANO E AQUELA MINA USE CAMISINHA,
TRUTA DE VALOR A VIDA TÔ LIGADO QUE O BARATO ESTIGA,
 NÃO ESCOLHA DEDO AS MINAS, MINHA HORA ESTÁ CHEGANDO,
 MUITOS DESANDANDO,
 JESUS ESTÁ VOLTANDO E O MUNDO SE ACABANDO
 E O TEMPO ESGOTANDO,
FINAL DE UMA VIDA SEM GLÓRIA,

início Edson diz "Lembranças que ficaram no meu pensamento...", ora, era justamente dessas lembranças que se tratava a tarefa do dia, o que se torna mais significativo com as falas de Mateus ("Essa música é baseada em fatos reais, senhor...") e de Marcelo ("Têm vários RAPs que eles contam a vida...", pg. 20), pois dão um caráter de veracidade à música, veracidade que é um motivo a mais para se respeitá-la e valorizá-la. Poderíamos pensar que devido à proximidade entre a letra da música e a vida dos rapazes tal música conta com um caráter de veracidade maior do que outras.

Do quê fala a música nos trechos que eles se lembraram? Do sofrimento que o narrador deu para sua mãe, pois ele não pensava em nada com aquela idade, 18 anos apenas "zoava a noite inteira"; de se envolver com mulheres apenas pela beleza delas, com uma admissão de "burrice" e inexperiência a esse respeito; e de gerar um filho, no caso com "qualquer uma". O sofrimento que os jovens do grupo pensam que deram para suas mães já foi citado em outras análises, é recorrente nas entrevistas. Alguns dos jovens do grupo estão vivendo a experiência de serem pais pela primeira vez, assim como o personagem da música (caso de Marcelo e Edson, de, respectivamente, 17 e 18 anos à época das entrevistas).

Segundo eles, a música fala também de *aborto* (o que causou uma discussão entre Mateus e Pedro), do sonho do narrador em ter esse filho, da traição da confiança do homem por parte de uma mulher, da vingança, na forma de assassinato por parte do homem, de ser preso, de contrair uma doença sexualmente transmissível, a AIDS, e da *morte* como sendo o *futuro* ("o futuro? O futuro é a morte...", Edson, pg. 20). Todas essas temáticas se encontrariam muito próximas das vivências e das preocupações dos jovens do grupo.

TRUTA LEVE-ME NA MEMÓRIA, TÔ SAINDO FORA,
 A CABEÇA É UMA LONGE DO MAL.
 NO QUARTO DE UM HOSPITAL NA FASE TERMINAL
 TALVEZ SEJA POR ISSO QUE EU ESTEJA MAL,
 TALVEZ SEJA POR ISSO MANO QUE EU ESTEJA MAL...
 - AÍ MANO VOCÊ ESTÁ COMIGO AÍ NO CORAÇÃO AÍ MANO,
 TE LEVAR NA MEMÓRIA AÍ VOU ESTAR CONTIGO ATÉ NO FIM,
 PODE CONTAR COMIGO COM QUE DER E VIER.
 - MAS O QUE ME DEIXA MAIS TRISTE,
 É SABER QUE EU VOU FALECEER ENTRE HOJE OU AMANHÃ,
 O QUE ME DEIXA MAIS TRISTE É SABER QUE ESTA HISTÓRIA
 NÃO É SÓ MINHA,
 A MOLECADA TINHA QUE SABER QUE A ROSA É BELA
 MAS TRAZ COM ELA O ESPINHO E ESSE ESPINHO TRAZ MUITA MALDADE
 O QUE ME DEIXA MAIS TRISTE AINDA
 É SABER QUE O DESESPERO FAZ COM QUE MUITAS MÃES
 DEIXE DE LADO UMA COISA LINDA QUE DEUS DEIXOU NA TERRA
 CHAMADO FILHO.
 LEVE-ME NA MEMÓRIA, PORQUE O MEU FUTURO É A MORTE"

Chama a nossa atenção também a *letra da música*, que relata duas mortes precoces: a da “mina” (que supomos ser jovem ou adolescente) e do narrador, aos 23 anos, justamente na faixa etária (entre os 16 e os 24 anos) de maior taxa de mortes por homicídio segundo as estatísticas.

Letra que contém as frases: “Final de uma vida sem glória”, que pronuncia o narrador do quarto de um hospital, já em fase terminal, e “Leve-me na memória, porque meu futuro é a morte”. Parece-nos que, assim como diz Benjamin, o narrador da música retira sua autoridade da proximidade com a morte, são suas últimas palavras, sua última mensagem, é a partir dessa autoridade que ele ousa dar conselhos aos jovens (por exemplo: “Truta dê valor à vida que o barato estiga⁴⁰⁶”), os quais parecem ter ouvido com atenção sua história, como os jovens do grupo. Mas não se trata de um narrador que traz experiências de lugares ou de tempos distantes, não, nem suas experiências o enaltecem, ele admite que sua vida não teve glória alguma. No entanto, haveria uma experiência a ser transmitida e uma certa glória nessa transmissão: a experiência dos próprios erros e a “glória” da coragem de falar dos próprios erros, para que outros não os cometam, o que talvez só tenha sido possível nessa forma de um bem cultural coletivo (assim como os contos tradicionais) e a partir de um personagem desconhecido ou fictício, sua transmissão se dá na forma de uma música e o narrador dessa música é um igual, um outro jovem, que se utiliza do mesmo linguajar e das mesmas gírias.

Pedro recorda-se então de uma música do *Racionais* (um famoso grupo de RAP paulistano), que, segundo ele, fala do uso de drogas e de bebida alcoólica, relacionando tal uso ao domínio do diabo sobre o sujeito. Mas Pedro pouco canta e pouco fala (pg. 21) e é interrompido por Edson. Não sabemos se Pedro iria dizer mais acerca da música ou não. A música tem como título “*Capítulo 4 Versículo 3*” e talvez seja a música lembrada que melhor traduz a “revolta” - citada pelo próprio Pedro - que haveria em vários jovens que se envolvem na criminalidade urbana paulistana.⁴⁰⁷

⁴⁰⁶ “estiga”: corruptela de “instiga”, do verbo “instigar”.

⁴⁰⁷ “*Capítulo 4 Versículo 3*”, autoria de Brown, grupo *Racionais MC's*, CD “Sobrevivendo no Inferno”:

“60% DOS JOVENS DE PERIFERIA SEM ANTECEDENTES CRIMINAIS
JÁ SOFRERAM VIOLÊNCIA POLICIAL
A CADA 4 PESSOAS MORTAS PELA POLÍCIA 3 SÃO NEGRAS
NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS
APENAS 2% DOS ALUNOS SÃO NEGROS
A CADA 4 HORAS
UM JOVEM NEGRO MORRE VIOLENTAMENTE EM SÃO PAULO
AQUI QUEM FALA É PRIMO PRETO MAIS UM SOBREVIVENTE
- MINHA INTENÇÃO É RUIM ESVAZIA O LUGAR
EU TÔ EM CIMA EU TÔ A FIM UM DOIS PRA ATIRAR
EU SOU BEM PIOR DO QUE VOCÊ TÁ VENDENDO
O PRETO AQUI NÃO TEM DÓ É CEM POR CENTO VENENO

A PRIMEIRA FAZ BUM A SEGUNDA FAZ TÁ
 EU TENHO UMA MISSÃO E NÃO VOU PARAR
 MEU ESTILO É PESADO E FAZ TREMER O CHÃO
 MINHA PALAVRA VALE UM TIRO EU TENHO MUITO MUNIÇÃO
 NA QUEBRA OU NA SEÇÃO MINHA ATITUDE VAI ALÉM
 E TENHO DISPOSIÇÃO PRO MAL E PRO BEM
 TALVEZ EU SEJA UM SÁDICO UM ANJO UM MÁGICO
 JUIZ OU RÉU UM BANDIDO DO CÉU
 MALANDRO OU OTÁRIO PADRE SANGUINÁRIO
 FRANCO ATIRADOR SE FOR NECESSÁRIO
 REVOLUCIONÁRIO INSANO OU MARGINAL
 ANTIGO E MODERNO IMORTAL
 FRONTEIRA DO CÉU COM O INFERNO ASTRAL
 IMPREVISÍVEL COMO UM ATAQUE CARDÍACO NO VERSO
 VIOLENTAMENTE PACÍFICO VERÍDICO
 VIM PRA SABOTAR SEU RACIOCÍNIO
 E PRA ABALAR O SEU SISTEMA NERVOSO E SANGÜÍNEO
 PRA MIM AINDA É POUCO DÁ CACHORRO LOUCO
 NÚMERO 1 UM DIA TERRORISTA DA PERIFERIA
 UNI-DUNI-TÊ O QUE EU TENHO PRA VOCÊ
 UM RAP VENENOSO OU UMA RAJADA DE PP
 E A PROFECIA SE FEZ COMO PREVISTO
 1 9 9 7 DEPOIS DE CRISTO A FÚRIA NEGRA RESSUSCITA OUTRA VEZ
 RACIONAIS CAPÍTULO 4 - VERSÍCULO 3
 FAZ FRIO EM SÃO PAULO PRA MIM TÁ SEMPRE BOM
 EU TÔ NA RUA DE BOMBETA E MOLETOM
 DIM DIM DOM RAP É O SOM
 QUE EMANA DO OPALA MARROM
 E AÍ CHAMA O GUILHERME CHAMA O FANHO
 CHAMA O DINHO E O DIL? MARQUINHO
 CHAMA O ÉDER VAMO AÍ
 SE OS OUTROS MANOS VEM PELA ORDEM TUDO BEM MELHOR
 QUEM É QUEM NO BILHAR NO DOMINÓ
 COLÔ DOIS MANOS UM ACENOU PRA MIM
 DE JACO DE CETIM DE TÊNIS CALÇA JEANS
 - HEI BROWN SAI FORA NEM VAI NEM COLA
 NÃO VALE A PENA DAR IDÉIA NESSES TIPO AÍ
 ONTEM À NOITE EU VI NA BEIRA DO ASFALTO
 TRAGANDO A MORTE SOPRANDO A VIDA PRO ALTO
 Ó OS CARA SÓ A PÓ PELE O OSSO
 NO FUNDO DO POÇO MÓ FLAGRANTE NO BOLSO
 - VEJA BEM NINGUÉM É MAIS QUE NINGUÉM
 VEJA BEM VEJA BEM E ELES SÃO NOSSO IRMÃOS TAMBÉM
 - PÁ DE COCAÍNA E CRACK WHISKY E CONHAQUE
 OS MANOS MORREM RAPIDINHO SEM LUGAR DE DESTAQUE
 - MAS QUEM SOU EU PRA FALAR DE QUEM CHEIRA OU QUEM FUMA
 NEM DÁ NUNCA TE DEI PORRA NENHUMA
 VOCÊ FUMA O QUE TEM ENTOPE O NARIZ
 BEBE TUDO O QUE VÊ FAÇA O DIABO FELIZ
 VOCÊ VAI TERMINAR TIPO O OUTRO MANO LÁ
 QUE ERA UM PRETO TIPO A E NEM ENTRAVA NUMA
 MÓ ESTILO DE CALÇA KALVIN CLAIN E TÊNIS PUMA
 UM JEITO HUMILDE DE SER NO TRAMPO E NO ROLÊ
 CURTIA UM FUNK JOGAVA UMA BOLA
 BUSCAVA A PRETA DELE NO PORTÃO DA ESCOLA
 EXEMPLO PRA NÓS MÓ MORAL MÓ IBOPE
 MAS COMEÇOU COLAR COM OS BRANQUINHOS DO SHOPPING
 AÍ JÁ ERA IH MANO OUTRA VIDA OUTRO PIQUE
 E SÓ MINA DE ELITE BALADA VÁRIOS DRINK
 PUTA DE BUTIQUE TODA AQUELA PORRA
 SEXO SEM LIMITE SODOMA E GOMORRA
 FAZ UNS NOVE ANOS
 TEM UNS QUINZE DIAS ATRÁS EU VI O MANO
 CÊ TEM QUE VÊ PEDINDO CIGARRO
 PROS TIOZINHO NO PONTO DENTE TUDO ZOADO
 BOLSO SEM NENHUM CONTO
 O CARA CHEIRA MAL SENTE MEDO
 MUITO LOUCO DE SEI LÁ O QUÊ LOGO CEDO
 AGORA NÃO OFERECE MAIS PERIGO
 VICIADO DOENTE FUDIDO INOFENSIVO
 UM DIA UM PM NEGRO VEIO ENBAÇAR
 E DISSE PRA EU ME POR NO MEU LUGAR
 EU VEJO UM MANO NESSAS CONDIÇÕES NÃO DÁ
 SERÁ ASSIM QUE EU DEVERIA ESTAR

Tal música trata-se de uma espécie de manifesto, agressivo, contra a dominação cultural, econômica e política dos negros da periferia. Pedro refere-se ao “diabo que quer entrar na vida dele” (do narrador), ao lermos a letra observamos que ao final do trecho

IRMÃO O DEMÔNIO FODE TUDO AO SEU REDOR
PELO RÁDIO JORNAL REVISTA E OUTDOOR
TE OFERECE DINHEIRO CONVERSA COM CALMA
CONTAMINA SEU CARÁTER ROUBA SUA ALMA
DEPOIS TE JOGA NA MERDA SOZINHO
TRANSFORMA UM PRETO TIPO A NUM NEGUINHO
MINHA PALAVRA ALIVIA SUA DOR
ILUMINA MINHA ALMA LOUVADO SEJA O MEU SENHOR
QUE NÃO DEIXA O MANO AQUI DISANDAR AH
E NEM SENTAR O DEDO EM NENHUM PILANTRA
MAS QUE NENHUM FILHA DA PUTA IGNORE A MINHA LEI
RACIONAIS CAPÍTULO 4 VERSÍCULO 3
QUATRO MINUTOS SE PASSARAM E NINGUÉM VIU
O MONSTRO QUE NASCEU EM ALGUM LUGAR DO BRASIL
TALVEZ O MANO QUE TRAMPA DEBAIXO DE UM CARRO SUJO DE ÓLEO
QUE ENQUADRA O CARRO FORTE NA FEBRE COM SANGUE NOS OLHOS
O MANO QUE ENTREGA ENVELOPE O DIA INTEIRO NO SOL
OU O QUE VENDE CHOCOLATE DE FAROL EM FAROL
TALVEZ CARA QUE DEFENDE POBRE NO TRIBUNAL
OU QUE PROCURA VIDA NOVA NA CONDICIONAL
ALGUÉM NUM QUARTO DE MADEIRA LENDO À LUZ DE VELA
OUVINDO UM RÁDIO VELHO NO FUNDO DE UMA CELA
OU DA FAMÍLIA REAL DE NEGRO COMO EU SOU
O PRÍNCIPE GUERREIRO QUE DEFENDE O GOL
E EU NÃO MUDO MAS EU NÃO ME ILUDO
OS MANO CU DE BURRO TÊM EU SEI DE TUDO
EM TROCA DE DINHEIRO E UM CARRO BOM
TEM MANO QUE REBOLA E USA ATÉ BATOM
VARIOS PATRÍCIOS FALAM MERDA PRA TODO MUNDO RIR
AH AH PRA VER BRANQUINHO APLAUDIR
É NA SUA ÁREA TEM FULANO ATÉ PIOR
CADA UM CADA UM VOCÊ SE SENTE SÓ
TEM MANO QUE TE APONTA UMA PISTOLA E FALA SÉRIO
EXPLODE SUA CARA POR UM TOCA-FITA VELHO
CLICK PLÁ PLÁ PLÁU E ACABOU SEM DÓ E SEM DOR
FODA-SE SUA COR
LIMPA O SANGUE COM A CAMISA E MANDA SE FUDER
VOCÊ SABE POR QUÊ? PRA ONDE VAI PRA QUÊ?
VAI DE BAR EM BAR ESQUINA EM ESQUINA
PEGAR 50 CONTO TROCAR POR COCAÍNA
ENFIM O FILME ACABOU PRA VOCÊ
A BALA NÃO É DE FESTIM AQUI NÃO TEM DUBLÊ
VÁRIOS MANOS DA BAIXADA FLUMINENSE À CEILÂNDIA
EU SEI AS RUAS NÃO SÃO COMO A DISNEYLANDIA
DE GUAIANAZES AO EXTREMO SUL DE SANTO AMARO
SER UM PRETO TIPO A CUSTA CARO
É FODA, FODA É ASSISTIR A PROPAGANDA E VER
NÃO DÁ PRA TER AQUILO PRA VOCÊ
PLAYBOY FORGADO DE BRINCO UM TROUXA
ROUBADO DENTRO DO CARRO NA AVENIDA REBOUÇAS
CORRENTINHA DAS MOÇAS AS MADAME DE BOLSA
AÍ DINHEIRO NÃO TIVE PAI NÃO SOU HERDEIRO
SE EU FOSSE AQUELE CARA QUE SE HUMILHA NO SINAL
POR MENOS DE UM REAL MINHA CHANCE ERA POUCA
MAS SE EU FOSSE AQUELE MOLEQUE DE TÔCA
QUE ENGATILHA E ENFIA O CANO DENTRO DA SUA BOCA
DE QUEBRADA SEM ROUPA VOCÊ E SUA MINA
UM DOIS NEM ME VIU JÁ SUMI NA NEBLINA
MAS NÃO, PERMANEÇO VIVO PROSSIGO A MÍSTICA
VINTE E SETE ANOS CONTRARIANDO A ESTATÍSTICA
SEU COMERCIAL DE TV NÃO ME ENGANA
EU NÃO PRECISO DE STATUS NEM FAMA
SEU CARRO E SUA GRANA JÁ NÃO ME SEDUZ
E NEM A SUA PUTA DE OLHOS AZUIS
EU SOU APENAS UM RAPAZ LATINO AMERICANO
APOIADO POR MAIS DE 50 MIL MANOS
EFEITO COLATERAL QUE O SEU SISTEMA FEZ
RACIONAIS CAPÍTULO 4 VERSÍCULO 3”

em que o narrador se refere ao diabo ele diz que o mesmo, quando contamina o caráter do sujeito “*TRANSFORMA UM PRETO TIPO A NUM NEGUINHO*”. Talvez não seja coincidência Pedro se recordar dessa música em específico, cantá-la sozinho e apenas por um breve período se referir a ela, talvez não seja coincidência outros do grupo o chamarem de “Pretinho” e Pedro se recordar dessa música, talvez Pedro quisesse ser reconhecido como um “Preto tipo A”, não como um “neguinho qualquer”.

Segundo Carreteiro,

"formas musicais, como os *Raps*, ao mesmo tempo em que são "objetos de ataque" contra humilhações e vergonhas sofridas, permitem que os sujeitos saiam da posição de humilhados e envergonhados e criem uma produção social valorizada. Todas as modalidades artísticas contribuem para que o sujeito se descole das marcas que lhes prendem na pele, estigmas, podendo ressignificar seus lugares no mundo."⁴⁰⁸

Tal RAP, citado, parece ser um desses que são “objetos de ataque” contra humilhações sofridas e que permitiriam ao ouvinte atento a visão de um outro ângulo que não o do humilhado ou “dominado” pelas drogas ou pela televisão, e ainda o descolamento do estigma de “neguinho” ou “pretinho”.

Edson interrompe Pedro para tecer uma conclusão, que poderia ser como que um provérbio resumidor de várias histórias (pg. 21): “tudo que você usa demais, acaba estragando... bebida se você usar demais estraga, droga se você usar demais estraga... (pausa) Amizade, se você usar demais estraga...”, o que parece expressar uma opinião de que o mais importante é saber usar na medida certa, que a princípio não haveria problema algum com o uso de drogas, assim como com o uso do álcool ou da amizade, o problema estaria no uso em demasia, numa contraposição à fala de Pedro e à música dos Racionais.

Pedro recorda-se então de outra música, dessa vez do grupo de RAP *Facção Central*, a música diz que a *mãe* maltrata o filho, manda-o pedir dinheiro no farol, queima-o. Enquanto Pedro falava sobre a música Edson começou a cantá-la, simultaneamente à fala de Pedro, e depois foi seguido por Paulo, numa mostra de pertinência da música para os jovens. Trata-se da música “*Eu não pedi para nascer*”.⁴⁰⁹

⁴⁰⁸ Carreteiro, T., 2003, pg. 69. O negrito é nosso.

⁴⁰⁹ Letra da música “*Eu não pedi para nascer*”, do grupo *Facção Central*, que integra o CD “Direto do campo de extermínio”:

“Minha mão pequena bate no vidro do carro

No braço se destacam as queimaduras de cigarro, a chuva forte ensopa a camisa o short

Qualquer dia a pneumonia me faz tossir até a morte

Uma moeda, um passe me livra do inferno, me faz chegar em casa e não apanhar de fio de ferro

Os jovens cantam os trechos das violências que a *mãe* cometia contra o filho, particularmente as queimaduras de cigarro, e também da mãe obrigá-lo a pedir dinheiro no farol, caso ele não trouxesse o dinheiro após ele sofreria violências, e também que o papel da mãe devia ser cuidar do filho. Vários comentários poderiam ser realizados a partir desses trechos lembrados, mas faremos apenas com dois: que o uso por parte das mães de seus filhos para conseguirem dinheiro em faróis é um grave problema social atualmente em São Paulo, para o qual os jovens chamaram a atenção. É uma situação de uso instrumental dos próprios filhos, uma situação de chantagem sob a pena da violência física e uma situação de humilhação para as crianças. Tais questões, da chantagem, da violência física e da humilhação talvez estejam presentes (ou próximas) da realidade de vida dos jovens do grupo.

Um outro problema social grave e atual seria o das mães que não cumprem seu “papel de mãe”, isso de diversas formas, dentre as quais a delegação de tal papel para avós (mães das mães). Dentre os motivos para tanto dois seriam os mais explícitos atualmente: o grande número de mães adolescentes⁴¹⁰, que enfrentariam dificuldades emocionais e psicológicas frente aos vários papéis e imagens em que as atravessariam,

*O meu playground não tem balança, escorregador, só mãe vadia perguntando quanto você ganhou
Jogando na minha cara que tentô me abortar, que tomou umas 5 injeções pra me tirar
Quando eu era nenê tentô me vender uma pá de vez, quase fui criado por um casal inglês
Olho roxo, escoriação, porra, que foi que eu fiz? Pra em vez de tá brincando tá colecionando cicatriz
Por que não pensou antes de abrir as pernas, Filho não nasce pra sofrer não pede pra vir pra Terra.
O seu papel devia ser cuidar de mim, cuidar de mim, cuidar de mim
Não espancar, torturar, machucar, me bater, eu não pedi pra nascer (REFRÃO 2X)
Minha goma é suja, louça sem lavar, seringa usada, camisinha em todo lugar
Cabelo despenteado, bafo de aguardente é raro quando ela escova os dentes
Várias armas dos outros muquiadas no teto, na pia mosquitos, baratas, disputam os restos
Cenário ideal pra chocar a UNICEF, Habitat natural onde os assassinos crescem
Eu não queria Playstation nem bicicleta, só ouvir a palavra filho da boca dela
Ouvir o grito da janela A comida tá pronta, não ser espancado pra ficar no farol a noite toda
Qualquer um ora pra Deus pra pedir que ele ajude a ter dinheiro, felicidade, saúde
Eu oro pra pedir coragem e ódio em dobro pra amarrar minha mãe na cama por querosene e meter fogo
REFRÃO 2X*

*Outro dia a infância dominou meu coração, gastei o dinheiro que eu ganhei com um álbum do Timão
Querida ser criança normal que ninguém pune, que pula amarelinha, joga bolinha de gude
Cansei de só olhar o parquinho ali perto, senti inveja dos moleque fazendo castelo
Foda-se se eu vou morrer por isso, Obrigado meu Deus por um dia de Sorriso
A noite as costas arderam no coro da cinta, tacou minha cabeça no chão
Batia, Batia, me fez engolir figurinha por figurinha
Espetou meu corpo inteiro com uma faca de cozinha
Olhei pro teto vi as armas num pacote, subi na mesa catei logo a Glock
Mãe, devia te matar mas não sou igual você, invés de me sujar com seu sangue eu prefiro morrer... PÁ!”*

⁴¹⁰ Segundo estatísticas recentes 20% dos partos realizados hoje em dia no Brasil seriam de mães adolescentes.

como os de filhas, crianças, adolescentes, mulheres e mães; e a ausência de um companheiro para ajudar a cuidar e a criar do filho.

Em termos grupais, mais uma vez Pedro é porta-voz da questão da violência doméstica, numa história que também mostra uma mãe distante da figura idealizada da mãe presente nas primeiras entrevistas, mas sim próxima já à imagem de mãe trazida na breve história que Adriano relatou (pg. 11). Mas se naquela ocasião tratou-se de um relato solitário, sem que nenhum comentário fosse realizado por outros jovens, nessa os outros jovens mostraram uma vontade de também participarem do relato da história, através do canto. Poderíamos pensar que, em relação àquele momento inicial da entrevista, o grupo estava mais continente a uma crítica à imagem idealizada de mãe, o que não fora possível antes. Por outro lado, a mãe apresentada na letra se aproximaria mais da imagem de *mulher* que fazem os jovens, do que da de *mãe*, como dão mostra os trechos: “tentou me abortar”, “tentou me vender”, “por que não pensou antes de abrir as pernas”, “camisinhas em todo lugar”, “várias armas dos outros escondidas no teto”, “o seu papel devia ser cuidar de mim, eu não pedi para nascer”. Uma imagem de mulher que já fora atacada nas entrevistas anteriores, que é atacada no discurso da virilidade, ao contrário da imagem da mãe. Uma mulher que não consegue ser mãe. Nessa música seria como se a “mulher” não tivesse conseguido fazer a passagem (como a metamorfose de uma borboleta) para “mãe”. Sob um certo ângulo a música fala da dificuldade de integração da mulher e da mãe, de coexistirem na mesma pessoa, da dificuldade de integração do *mal* e do *bem* no mesmo ser, uma dificuldade que não é só da mulher, mas dos homens e dos jovens também.

Assim como na música “Baseado Em Fatos Reais”, nessa história (“Eu não pedi para nascer”) o narrador também já não estaria vivo no momento em que a música fosse cantada, pois o narrador da música é um narrador já morto, que fala de seu passado, de sua história de vida. Mais uma vez poderíamos pensar que ele extrai sua autoridade da morte, dessa vez do fato de já estar morto, o que só vamos a saber, no entanto, ao final. Mais uma vez estão presentes as temáticas da criminalidade, das drogas, do álcool, da desigualdade social, da violência, da morte e do suicídio. Mas dessa vez aparece também a questão da miséria, da violência doméstica, do sonho e, principalmente, a questão da **privação** afetiva⁴¹¹, como nos versos: “Eu não queria Playstation nem bicicleta, só ouvir a palavra

⁴¹¹ A privação afetiva, particularmente referente à “privação materna” foi abordada, entre outros, por Winnicott em sua obra *Privação e Delinqüência*, 1999. Consideramos que, embora ela não se refira ao uso da força física, ela refere-se ao uso de um poder, “que resulta ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (definição de violência da OMS), podendo ser considerada como uma forma de violência.

filho da boca dela / Ouvir o grito da janela A comida tá pronta". Tais versos são precedidos de outros, "Várias armas dos outros muquiadas no teto, na pia mosquitos, baratas, disputam os restos / Cenário ideal pra chocar a UNICEF, *Habitat* natural onde os assassinos crescem", que a nosso ver poderiam ser sucessores deles. Pois, segundo Winnicott a privação afetiva na primeira infância seria um dos fatores a contribuir com a delinquência, embora uma relação causal direta não possa ser estabelecida, pois haveriam vários outros fatores a incidir. Assim, o *habitat* ideal onde os assassinos crescem não seria definido tanto por um local sujo e miserável, quanto por um ambiente com privação afetiva para a criança (como a descrita na música).

Haveria históricos de "privação afetiva" entre os jovens do grupo? Os jovens não falaram muito a esse respeito, não temos essa informação. Sabemos apenas dos casos de "fuga de casa" de Marcelo, que se iniciaram aos 3 anos de idade, até que ele passou a viver fora de casa aos 7 anos; do caso de Edson, que foi adotado, circunstância que poderia envolver (ou não) um certo abandono anterior.

O que poderíamos pensar refere-se antes à idealização da figura da **mãe**, comum não apenas aos jovens desse grupo, mas a outros grupos na Febem (a partir de nossa experiência), a qual essa música denuncia que nem sempre se realiza. Qual a função psíquica dessa *idealização*? Além do papel de estabelecimento de um objeto bom, um foco positivo, como defesa frente a uma situação bastante adversa, o estar internado na Febem, poderíamos também hipotetizar uma defesa anterior, uma repressão, encobrimento ou negação dos *momentos* de privação atribuídos à mãe real, ou mesmo do ódio contra essa mãe, que pode ter sido originado das constantes frustrações por que passou a criança ou o bebê⁴¹². Nesse sentido, a mãe teria passado de objeto mau, que deveria ser atacado, para objeto apenas bom. A integração do objeto mau e do objeto bom no mesmo objeto estaria faltante.

Também nos chama a atenção a ausência da figura do pai (na presença da figura da mãe) nas músicas "Baseado Em Fatos Reais", "Eu não pedi para nascer" e "Desculpa mãe" (a música que será citada em seguida). Simplesmente não há citação alguma ao pai ou ao papel do pai ou à falta de um pai nessas músicas. Sem a figura do pai como um mediador na relação entre a mãe e a criança, a separação entre mãe e criança pode tornar-se mais difícil, assim como a tendência para a mãe ser vista como "tudo" (a idealização;

⁴¹² É comum todo bebê e criança passar por momentos de privação e de frustração, no entanto, em geral, uma idealização tão grande da mãe não seria a regra entre adolescentes do sexo masculino.

o estado fusional) ou “nada” (o desejo de matá-la, presente nessa música, como no verso “Eu oro pra pedir coragem e ódio em dobro pra amarrar minha mãe na cama por querosene e meter fogo”, mas desviado para uma saída mais honrosa ou mais socialmente aceita, o suicídio; e realizado, de certa maneira, segundo os jovens, na música seguinte, “Desculpa mãe”).

No momento em que estavam a cantar a música “Eu não pedi para nascer”, no entanto, o coordenador os interrompe para avisá-los de que a entrevista estava para terminar, que faltavam apenas dez minutos. Além das reações contrárias ao término, tal interrupção tem como efeito que Edson se recorde de uma música da qual diz gostar muito também e que também é baseada em fatos reais (pg. 22).

Trata-se de “*Desculpa mãe*”, também do grupo *Facção Central*⁴¹³, música essa que seria como que o negativo, o inverso da anterior, “Eu não pedi para nascer”, como

⁴¹³ Segue a letra da música “*Desculpa mãe*”, do grupo *Facção Central*, integrante do CD “A marcha fúnebre prossegue”:

“MÃE, NÃO DEI VALOR PRO TEU SONHO SUA LUTA
 DIPLOMA NA MINHA MÃO SORRISO FORMATURA
 NÃO FUI SEU ORGULHO DIRETOR DE EMPRESA
 VIREI O LADRÃO COM A FACA QUE MATA COM FRIEZA
 NÃO MERECI SUA LÁGRIMA NO ROSTO
 QUANDO CHORAVA PELA PANELA SEM ALMOÇO
 VENDENDO A LAJE CHEIA DE GOTEIRA
 OU A FRUTA PODRE QUE ERA OBRIGADA A CATAR NA FEIRA
 ENQUANTO VOCÊ AJUNTAVA APOSENTADORIA ESMOLA PRA NÃO TER DESPESA
 EU TAVA NO BAR JOGANDO BILHAR
 BEBENDO CONHAQUE, BÊBADO
 EU ERA O LADRÃO DE TRACA A ESCOPETA
 COM A MÃE IMPLORANDO COMIDA NA PORTA DA IGREJA
 TODO NATAL VOCÊ SOZINHA EU NA BALADA
 BANCANDO VINHO, FARINHA PRAS MINA DA QUEBRADA
 DESCULPA MÃE PELA DOR DE ME VER FUMANDO PEDRA
 PELA CLOCK NA GAVETA PELO GAMBÉ PULANDO A JANELA
 - (DESCULPA MÃE) POR TE IMPEDIR DE SORRIR
 (DESCULPA MÃE) POR TANTAS NOITES EM CLARO TRISTE SEM DORMIR
 (DESCULPA MÃE) PRA TE PEDIR PERDÃO INFELIZMENTE É TARDE
 (DESCULPA MÃE) SÓ RESTOU A LÁGRIMA E A DOR DA SAUDADE (Refrão)
 - QUANTAS VEZES NO PRESÍDIO ME VISITOU
 NO DOMINGO, BOLACHA CIGARRO NUNCA FALTOU
 VINHA DE MADRUGADA SACOLA PESADA
 PRA SER REVISTADA PELOS PORCOS NA ENTRADA
 NA REBELIÃO VOCÊ NO PORTÃO, TEMENDO MINHA MORTE
 SENDO PISOTEADA PELOS CAVALOS DO CHOQUE
 E EU PROMETI QUE DESSA VEZ TOMAVA JEITO
 TÔ REGENERADO OUVI SEUS CONSELHOS
 UMA SEMANA DEPOIS, EU NA COCAÍNA
 CALA A BOCA VELHA, SAI DA MINHA VIDA
 EU VOU CHEIRAR ROUBAR SEQÜESTRAR
 NÃO ATRAVESSA MEU CAMINHO SE NÃO VOU TE MATAR
 SAÍ PRA ENQUADRAR O MERCADO DA ESQUINA
 TROQUEI COM O SEGURANÇA, TOMEI UM NA BARRIGA
 POLÍCIA ME PERSEGUINDO, EU QUASE PRA MORRER
 SÓ TUA PORTA SE ABRIU PRA EU ME ESCONDER
 refrão
 OS GAMBÉ VIGIANDO O PRONTO-SOCORRO
 EU NA CAMA DELIRANDO QUASE MORTO
 FERIMENTO A DEDO COÇANDO INFECCIONADO
 A SOLUÇÃO FOI O FARMACÊUTICO DO BAIRRO
 QUE SÓ VEIO POR VOCÊ COM CERTEZA
 A HEROÍNA QUE PEDIU ESMOLA NO BUSÃO COM A RECEITA
 DEU COMIDA NA BOCA, COMPROU TODOS REMÉDIOS
 SONHOU COM EMPREGO MAS O DIABO ME QUIS DESCARREGANDO FERRO

Adriano e outros colocam mais adiante (pg. 25): “essas duas músicas assim, uma fala que a mãe não dá valor pro filho... - E a outra fala que o filho não dá valor prá mãe”. Edson começa a cantar o refrão da música, sendo seguido por quase todos do grupo, que cantam em conjunto, apenas Émerson e Adriano não cantam junto. Logo em seguida ao término do refrão Émerson faz um comentário, mas não conseguimos resgatar seu conteúdo para a transcrição. É significativo o grupo cantar o refrão em conjunto e o saber de cor. Do que trata o refrão que foi cantado pelo grupo? De um pedido de desculpas pelo sofrimento causado à mãe, pela preocupação que o filho lhe ocasionou, mas é um pedido de desculpas já tarde demais, com a lágrima da “dor da saudade”, pois na música a mãe já havia *falecido*. No entanto, caso interpretemos essa canção conjunta como um autêntico pedido de desculpas (ou vontade de fazê-lo) dos jovens, o pedido não seria tarde demais, pois as mães deles, supomos, ainda estão vivas, talvez seja essa justamente a mensagem principal da música para esses jovens, talvez por isso a lágrima não tenha tanto a dor da saudade, mas mais a “cor da saudade”, como cantaram os jovens.

Após terem cantado o refrão, Paulo e Edson dizem que o narrador foi preso e que a mãe dele ia visitá-lo na cadeia, tendo de ser revistada pelos “funça”; na música o narrador diz que a mãe era revistada “pelos porcos na entrada” (há proximidade entre “funça”, “fuça” e “porcos”, também). A semelhança com a situação dos jovens do grupo é clara, eles também estão privados de liberdade e também vivenciam um sentimento de raiva em relação à revista das mães para entrarem na Febem, pois a consideram humilhante⁴¹⁴. Mais adiante (pg. 23) Edson (acompanhado de outro jovem) continua a cantando “Vou me regenerar, vou ouvir seus conselhos...”, enquanto que a música original seria “TÔ REGENERADO OUVI SEUS CONSELHOS”, a diferença é o tempo verbal, Edson, poderíamos dizer o grupo, canta tal verso como algo que irá acontecer - situação que se aplicaria *a eles* - enquanto que a música fala de algo que já aconteceu.

Depois, canta o que ocorreu “anos depois” do narrador sair da prisão: “a cocaína, aquela [...] velha, sai da minha vida [...] roubar, seqüestrar, matar...”, e é complementado por Paulo: “Se não vou te matar”, enquanto a música diz: “UMA SEMANA DEPOIS EU NA COCAÍNA / CALA

AÍ EU DEI SOCO CHUTE, BATI COM TANTO ÓDIO
 PRECISO FUMAR, VAI MÃE DÁ O RELÓGIO!
 VELHA, DOENTE, DESAFIANDO A MADRUGADA
 DE PORTA EM PORTA, ALGUÉM VIU MEU FILHO TÔ PREOCUPADA
 FIM DE SEMANA FOI FARINHA CURTIÇÃO
 SÓ CHEGUEI HOJE, DE PRÊMIO TE TROMBEI NESSE CAIXÃO
 UM VIZINHO LIGÔ, QUE FOI ATAQUE CARDÍACO
 MORREU NA RUA ATRÁS DA MERDA DO SEU FILHO”

⁴¹⁴ Sabemos isso através de nossa experiência na instituição. Segundo os jovens a mãe é levada para uma salinha onde deve ficar nua e agachar-se na frente de funcionárias.

A BOCA VELHA, SAI DA MINHA VIDA / EU VOU CHEIRAR ROUBAR SEQÜESTRAR / NÃO ATRAVESSA MEU CAMINHO SE NÃO VOU TE MATAR”. Nesse trecho, chama a atenção a substituição de “uma semana” por “anos” após sair da prisão, realizada por Edson, talvez para suavizar ou relativizar a volta para o crime e a quebra de palavra do personagem, e também o tom de voz com que é cantado o verso “eu vou roubar, seqüestrar, matar” pelos jovens, um tom de voz que expressaria prazer, raiva e talvez inclusive uma certa libertação. Uma libertação provavelmente do compromisso anterior, assumido com a mãe na música, mas podemos pensar também uma libertação das regras/rédeas sociais, que não permitiriam “roubar, seqüestrar, *matar*”. Há também um “matar” na versão dos jovens que não há nesse trecho da letra. Poderíamos interpretar que teria havido um deslocamento de tal termo, de “se não vou te matar”, referente à mãe, para “roubar, seqüestrar, matar”, referente à sociedade em geral. Por quê? Talvez tal questão se relacione com a do tom de voz dos jovens, não sabemos o porquê de tal tom. Seria apenas para uma boa reprodução do tom de voz original do CD grupo de RAP? Seria uma **raiva** voltada à instituição (representante da sociedade) que cobra para que digam que vão se regenerar? Seria voltada à mãe (e aos familiares), que cobraria também no mesmo sentido (nesse caso o deslocamento do “matar” teria como função um encobrimento de tal raiva)? Seria o “prazer” desse tom de voz endereçado aos coordenadores e aos leitores desta, no mesmo sentido do que já foi dito a respeito do “IBOPE” do ato delinquente e da adrenalina por ele gerado, como um sinal do prazer envolvido no ato delinquente? Ou mesmo como uma ameaça, talvez fruto de um desejo de vingança contra a sociedade? Na música, a raiva parece voltada em grande parte à própria mãe, como revela o verso “NÃO ATRAVESSA MEU CAMINHO SE NÃO VOU TE MATAR”. Poderíamos pensar nessa raiva como pré-edípica, que ao ser realizada - como a morte do pai no complexo de Édipo - geraria a *culpa*, a qual é repetida no refrão (“*desculpa* mãe”) e seria o “elemento motor” da música?⁴¹⁵

Os jovens do grupo se detêm nesse ponto: “a mãe dele morreu, procurando ele... (baixo, rápido)” (pg. 23); “ele dedicou essa música, ele dedica tudo prá mãe dele (...) e a mãe dele morreu por causa... uma parte acho que foi por causa de desgosto, né?” (Edson).

Adriano e Pedro complementam: “é bom [a música] prá tirar uma base daí também prá nós...”, “Prá dar valor a quem ama nós... (baixo, rápido)” (Adriano, pg. 24), “As música, as música ajuda muito...” (Pedro).

⁴¹⁵ Paulo inclusive insere um pai que não há na letra: “A mãe dele era muito dedicada ao pai dele tal”, talvez para ele devesse haver um pai nesse trecho da história.

O trecho não está muito claro, mas os jovens parecem querer dizer que as músicas são importantes para eles refletirem sobre a vida, que elas podem dar uma base, um fundamento, para que eles não enveredem certos caminhos, mas sim outros, que, por exemplo, dêem mais valor a quem lhes ama, ou menos valor às drogas, como podemos acompanhar na continuidade da transcrição:

“- [...] e se a gente não perceber...

- [...] era prá tá lá fora, nós agora... [...] nós podia tá lá fora numa hora dessa, ninguém ia tá vendo a nossa falta mesmo, daí [...] ...

Edson - Tipo... a gente ouviu essas músicas, aí que dá prá perceber que a maioria das coisas que tá falando é a realidade que acontece aí entre nós, né senhor? Tipo a gente ouvindo isso daí, a gente pode se prevenir, de algumas coisas, né senhor? Tipo... tem várias músicas que fala sobre droga, o que, o quê que acontece com a pessoa que...

- É, usa droga...”

Assim, poderíamos estabelecer um certo paralelo entre as funções subjetivas das histórias orais tradicionais e *certas* músicas de RAP: ambas contam histórias; ambas transmitiriam experiências de vida, uma certa “sabedoria”; ambas são comunicações que se dão entre narradores de histórias e ouvintes, que se dão fundamentalmente pela palavra oral; em ambas haveria uma tentativa do ouvinte de reproduzir a história ouvida da melhor maneira possível. Como podemos perceber nesse trecho da entrevista.

Edson, no entanto, que parecia ser o melhor cantor-narrador de RAP, comete um engano, con-funde-se entre as histórias “Eu não pedi para nascer”, que acabara de ser citada por Émerson, e “Desculpa mãe”, diz ele: “Ele se mata prá num... (...) Prá não matar a mãe dele de desgosto...” (pg. 24). Edson como que funde as duas histórias. Na primeira o garoto se mata para não matar a mãe, pois tinha ódio dela, mas a mãe não corria nenhum risco de morte por desgosto, o que já ocorreria na segunda história, segundo a interpretação anterior dos jovens. Assim como esta interpretação foi uma criação dos jovens, pois não está escrito nem está sub-entendido que a morte da mãe foi por desgosto na letra, a con-fusão não deixa de ser também uma criação do grupo (Edson é um porta-voz do grupo). Uma interpretação possível para esses dois atos criativos seria que eles se relacionariam ao sentimento de culpa que sentem *os jovens* por terem dado “desgosto” a suas próprias mães (“des-culpa mãe...”), sentimento de culpa que clamaria por uma punição, punição que poderia ser lida como um “se matar” um pouco, daí tais criações e fusões.⁴¹⁶

⁴¹⁶ Uma questão de fundo seria: o ter sido preso e encaminhado à Febem seria o que gerou o desgosto para as mães, e daí ter-se-ia um sentimento de culpa relativamente recente? Ou o sentimento de culpa pelo

Fechamento (pgs. 25 a 30)

O coordenador anuncia o encerramento das entrevistas e inicia uma breve recapitulação das mesmas, quando falou do receio de levarem a “maldade” de dentro da Febem para fora, que apareceu na segunda entrevista, um jovem o interrompeu para dizer que têm muitos que estão internados na Febem mas que não têm maldade, mas que quando ele está para sair... (infelizmente perdemos o que ele disse devido ao término da fita). Adriano reafirma querer “mudar de vida, que... que, de dentro, as coisas que aconteceram aqui dentro eu quero nada não, não quero levar nada de dentro prá fora não...” (pg. 26).

Pedro parece ter dado continuidade à linha de raciocínio de Adriano:

“Pedro - É porque... Se deixar a sociedade vai pesar, né sr.?”

(...) Se deixar igual... a sociedade vai começar a pesar, vai... tipo deixar, o sr. tem um filho, eu moro perto da casa do sr., e eu sair da FEBEM, o sr. não vai querer que eu ande com o seu filho, e tal, sua mulher vai ter medo, vai falar: “Não anda com ele e tal, esse moleque saiu da FEBEM, tal...”. Aí vai prá escola a mesma coisa, sempre tá escutando a mesma coisa, e todo mundo assim, [...] a bem dizer quase a sociedade inteira, né? (...) Depois cê tem...

Adriano - Se pudesse cê tem que demonstrar o contrário, né?

Pedro - Depois você, tá mudado, tá trabalhando, tá fazendo as coisas certas, “Não, até [...] e tal, não tô mais nessa vida [...] quero e tal...”. Mas nunca você [...]

- [...] aí, sr., não é só a sociedade...

Adriano - Quando você sai daqui, vai, mostrá a mesma coisa aí, aí... você não consegue... [...] (voz triste, baixa)”

Pedro e Adriano parecem querer dizer a mesma coisa nesse trecho: que a vontade é de mudar de vida, deixar a criminalidade, não levar nada da passagem pela Febem para fora, mas dizem que a própria *passagem pela Febem* pode ser uma marca negativa, que mesmo que eles não levem nada de negativo da Febem, a “sociedade” colocará uma *marca* neles por terem passado pela Febem, o que pode gerar preconceito e exclusão.

Frente a isso teriam de demonstrar “o contrário”, que são honestos, trabalhadores. Sempre haveria alguém pressionando, duvidando, quase que cobrando aquele antigo envolvimento com a criminalidade. ‘Mas nunca você convenceria a sociedade de que você mudou’, ou então: ‘nunca você ficará livre da marca, de ser considerado suspeito’ (perdemos o sentido final da frase na transcrição). Alguém diz “*não é só a sociedade*” e Adriano complementa, *ou* falando da dificuldade do próprio jovem de romper com o lugar

desgosto gerado seria anterior? E o estar internado na Febem seria já a concretização da punição que o sentimento de culpa pede?

social em que se encontrava antes, de mudar de vida, pois quando ele sai da Febem o mundo está igual, se “mostra a mesma coisa” e “aí... você não consegue... [...] (voz triste, baixa)”, ou, simplesmente concluindo, as expectativas relacionadas a que se mantenham na criminalidade não seriam “só da sociedade”, mas talvez também dos amigos, de pessoas mais próximas, então quando o jovem sai da Febem ele “vai, mostrar a mesma coisa aí”, ele “não consegue... [...] (voz triste, baixa)” mostrar outra coisa.

Nesse final os jovens tocam em duas questões muito importantes para eles (e para a sociedade em geral), assuntos que pouco haviam aparecido no decorrer das entrevistas grupais, mas que apareceram então nesse momento final, de despedida. A questão do **preconceito** que vai incidir sobre eles quando deixarem a Febem, justamente por terem “passagem” pela Febem. Tal preconceito pode dificultar outras possibilidades de vida para os jovens, que não as da criminalidade, por colocá-lo numa situação de maior exclusão social, com conseqüências inclusive sobre a probabilidade de conseguirem um emprego, um trabalho honesto. Assim, o preconceito pode ter a força de uma *profecia auto-realizadora*, para isso contribuiriam também a questão da imagem de si como um “marginal”, um “bandido”, que o preconceito só tenderia a reforçar. Relacionado a essa questão da imagem de si, há também todo o conjunto das relações sociais do jovem que tenderão a acolhê-lo como um membro da criminalidade quando de seu retorno, seu lugar social estaria “esperando por ele”, às vezes com um “IBOPE” ainda maior do que antes, justamente por ter passado pela Febem, como foi colocado por um dos jovens nas entrevistas. Tal lugar social envolve muitas vezes compromissos, dívidas, alianças já assumidas anteriormente, que às vezes podem ser fortes demais para o jovem se desvencilhar num primeiro momento.

Assim, essa constatação, embora com tom de voz triste e impressão de “sem saída”, representa no grupo um contato maior com a realidade que lhes aguarda ao “obterem a liberdade”. Um contato com a realidade, o que é uma característica da posição depressiva que sucederia a posição esquizo-paranóide, ou seja, um avanço psicologicamente falando (para Melanie Klein).

O encerramento prossegue e mais adiante o coordenador pergunta (pg. 28) o que eles haviam achado da entrevista. Respondem que acharam bom, que gostaram. Que teria sido como uma troca, “o senhor ajudou nós e nós ajudou o senhor, né?” (Edson), que a ajuda do coordenador foi a de “distrair nossa mente também, né sr.?” (Pedro), “amenizando um pouco nossa cabeça...” (Edson). Marcelo diz que as entrevistas estariam “incentivando

nóis a ser escritor também aí...” (tal incentivo teria se dado através da figura do entrevistador como um modelo para eles ou através do próprio ato de se lembrarem e contarem histórias?).

Pedro traz novamente a questão da “maldade” na convivência entre os jovens: “E tem muitos também que fica lá em cima [no andar dos dormitórios], [...] fica pensando na morte do vizinho, lá em cima lá...”, no que é corroborado por Émerson: “Fica todo mundo pensando isso, entendeu?”, enquanto que nas entrevistas, ao escutarem histórias, “sinceramente. A hora passa que nós nem vê” (pg. 29).

Ao final, o coordenador deseja sorte a todos e que corra tudo bem para eles no “mundão”. Émerson “complementa”: “Que não permaneça no mesmo erro” (pg. 29). Instantes antes do término Edson profere (pg. 30): “Só por hoje. (...) Hoje mesmo... só foi por hoje! Só foi por hoje...”.

- Considerações finais acerca da 4ª entrevista grupal:

De maneira geral, a relação entre as histórias ouvidas relatadas pelos jovens e as suas próprias histórias esteve numa maior proximidade nessa entrevista do que na anterior. Por exemplo, Pedro conta que seu tio batia em seus primos (filhos do tio), o que ocorria também na família de Pedro (embora não saibamos com qual a intensidade). Esse contar a história da família do tio talvez tenha sido uma maneira de Pedro elaborar a própria história. Outros exemplos seriam as histórias sobre alcoolismo e também as letras de RAP, que abordam questões muito próximas também à vida dos jovens, como a criminalidade, o uso de drogas e álcool, a relação com o outro sexo, o sentimento de culpa em relação à mãe.

São histórias mais próximas da realidade social deles do que a maioria das narrativas ficcionais (contos de fada, livros, filmes, desenhos) e lendas e mitos, que facilitam a identificação com os personagens e situações, histórias em que estão presentes, sem “retoques” ou censuras, a morte, a violência, o ódio, o assassinato, o suicídio, histórias que são trágicas, de uma tragédia que está presente ou muito próxima também das histórias de vida deles (embora em graus variáveis).

Tal proximidade entre as histórias relatadas e a realidade de vida dos jovens pode ser um sinal da pouca possibilidade de entrada, ou de assimilação, de histórias que falem de outras realidades que não as muito próximas à vida deles. Estariam os jovens “presos”

a um imediatismo (espacial e temporal)? Conseguiria a imaginação alçar vôos para pensar outras realidades possíveis e outras soluções - em geral não imediatas - para os problemas que enfrentam?

Nessa entrevista alguns jovens se colocaram mais, principalmente ao contar histórias ou casos que lhes ocorreram, do que nas outras entrevistas, é o caso de Pedro e de Adriano. Pedro talvez tenha ficado menos inibido após sua maior participação na terceira entrevista. Já Adriano, embora tenha tido poucas participações mais prolongadas ou como protagonista de uma discussão, talvez tenha se colocado mais nessa entrevista por ser a última, sua última chance de falar mais, mas não sabemos ao certo. Uma hipótese grupal é a de que eles tenham sentido, com o tempo, maior confiança na continência do grupo para suas falas e opiniões e por isso tenham se colocado mais nas últimas entrevistas.

Já Émerson, embora com uma participação muito significativa, não se recordou de nenhuma história, ou mesmo de um caso de sua vida. Em certa etapa da entrevista pareceu mais absorto, distraído em relação ao que se passava no grupo, referimo-nos aos momentos em que cantarolou e foi ao banheiro. Talvez estivesse cantando para a observadora, pois se tratava de uma música de amor, com uma letra pertinente para sua situação em relação à observadora. Embora tenha falado bastante, no entanto, ele falou menos do que o habitual.

Ao final, cantarem músicas é significativo. As canções são - assim como as narrativas tradicionais - significantes e significados compartilhados coletivamente. Elas expressam sentimentos, idéias e ideais que são comum a um grupo social, propiciando também identificações coletivas e compartilhamento de valores. Mais ainda, as canções de RAP lembradas eram histórias, os jovens estariam então cantando histórias em grupo para nós. O que nos lembra a fala de Benjamin de que se uma história foi assimilada à experiência do ouvinte ela afluaria, num momento apropriado, para ser transmitida a um outro⁴¹⁷. Embora as canções não tenham sido lembradas na íntegra, a síntese de suas histórias estava presente, o que nos fala da pertinência de tais letras para a experiência dos jovens e do desejo deles de falarem de suas experiências para um outro.⁴¹⁸

⁴¹⁷ A partir de Benjamin, 1985, pg. 204.

⁴¹⁸ É possível que se trate também de um “desejo” de elaborarem mais tais experiências.

6e - Comparação da Entrevista-Piloto (individual) com a Entrevista Grupal

As entrevistas individuais e as grupais foram distintas. Não apenas pelo fato de serem individuais ou grupais, mas também pelos seus objetivos e métodos (vide capítulo 4). As entrevistas individuais foram entrevistas-piloto, de certo modo exploratórias, referentes ao tipo de pesquisa que pretendíamos realizar e ao tipo de “respostas” que iríamos encontrar. Mas foram distintas também por serem individuais e grupais. Comparando uma com a outra, na entrevista individual conseguimos conhecimentos maiores sobre a história de vida do sujeito, enquanto que na grupal percebemos um acesso privilegiado ao inconsciente e maior facilidade para a emergência de lembranças, suscitadas na intersubjetividade grupal.

A maioria das temáticas trazidas pelo jovem na entrevista-piloto retornaram, com outros matizes, na entrevista grupal. Exploraremos, a seguir, alguns pontos que consideramos mais relevantes, sejam aqueles onde houve coincidências nos pontos de vista, sejam aqueles onde houve diferenças, entre as duas entrevistas:

Por exemplo, a questão do **rigor da punição** no mundo do crime apareceu em ambas as entrevistas (vide, por exemplo, a 1ª entrevista-piloto). A ela poderíamos associar duas imagens: a primeira, relacionando-a a um *mundo onde há lei*, em que as leis são cumpridas, com punições que são efetivamente aplicadas e têm seu efeito desencorajador, imaginariamente poderíamos pensar num lugar “onde as leis são respeitadas”, onde a lei realmente funciona. Mundo constantemente requisitado por programas sensacionalistas vespertinos de televisão e, talvez, por grande parte dos jovens também. A segunda se relacionaria à *culpa*, um mundo onde os culpados são verdadeiramente *punidos*, mas a punição deve ser muito rigorosa pois a culpa sentida por *todos*, especialmente pelos delinquentes, seria muito grande.

Outra questão que nos chamou a atenção refere-se aos choques de *valores* ou de *supereus*: parece-nos nítido a ocorrência de tais choques para o jovem da entrevista-piloto, mas não se mostra tão claro nas entrevistas grupais. Temos alguns vislumbres de tais ocorrências principalmente a partir de Pedro, que traz elementos culturais da zona rural em algumas narrativas que contou. A situação conflitiva que apresenta Émerson, relativamente à cultura da criminalidade poderia ser derivada de um conflito anterior,

entre supereu familiar e “supereu juvenil metropolitano ligado ao discurso da virilidade”? Se sim, poderíamos levantar a hipótese da presença de tal choque (embora aparentemente menos conflitivo) para outros jovens do grupo, pois a **migração** de outras cidades para São Paulo é algo presente na história dos familiares de todos (e o choque se daria justamente para os filhos e netos de migrantes).

A questão das atitudes violentas como decorrentes da ausência de pensamento, de mediação, aparece claramente explicitada pelo jovem na entrevista-piloto (1ª entrevista, pg. 13), mas não aparece com tal clareza nas entrevistas grupais. O que não significa que seja algo que ocorra apenas com Elton e não ocorra com os jovens da entrevista grupal. Para nós tal ocorrência pode ser lida inclusive como uma ilustração do que supúnhamos teoricamente. Mas surge a questão: para os jovens da entrevista grupal, a emergência de **atos violentos** - para aqueles que o realizaram - se faria por uma ausência ou falha momentânea do pensamento, dos intermediários, *ou* seria mais uma decorrência do cumprimento de regras da criminalidade/virilidade que implicariam em punições ou reações violentas? Pensamos que para os jovens em geral ambos os fatores estejam presentes, pois, como vimos, o vínculo de violência, a aliança inconsciente e o pacto em torno da questão da virilidade se manteriam pelo não pensamento e pela atuação da violência. Nesse sentido, as falhas do pensamento antecederiam as punições relativas às infrações das proibições.

Para o caso de Elton, surge com clareza os atos violentos como derivados de respostas a situações de **humilhação** (envolvendo racismo e questionamento de sua filiação), frente às quais a única saída parece ter-lhe sido a do ato violento. Situações semelhantes foram relatadas em grupo por Edson (reações violentas na escola quando apontavam que era adotado, provavelmente relacionadas também ao preconceito racial) e Émerson, também (como sua reação frente a ter apanhado numa briga num baile). O que nos remete à Carreteiro e à violência como resposta reativa, visando uma restauração narcísica, frente à vergonha (vide capítulo 3).

A questão do **preconceito racial** aparece com força tanto na entrevista-piloto quanto na grupal (através de Edson e Pedro). Nas duas ela aparece pouco, como se não houvesse muito espaço para vir à tona, mas quando aparece seu lugar parece ser central (particularmente referente às histórias de Elton e Edson). Em relação à aparência de falta de espaço para aparecerem questões relativas ao preconceito racial, além de dificuldades relativas aos próprios jovens e suas histórias (dificuldade de falarem e exporem situações

potencialmente traumáticas) ou às condições das entrevistas, poderíamos pensar também numa “falta de espaço” para tais questões, própria da cultura brasileira (ou paulista), que durante muito tempo pareceu ter como que um tema-tabu (da ordem do negativo, que comporta algo negado, recusado ou recalçado) no discurso dominante, a questão do preconceito racial, o que impede ainda hoje (ou tenta impedir) uma fala e um pensamento mais liberto a respeito, inclusive, ou sobretudo, justamente para aqueles que sofrem a opressão do discurso.⁴¹⁹

A questão do **preconceito social** contra os jovens, ao saírem da Febem, parece atormentá-los lá dentro e mostra-se tanto numa entrevista como noutra. Na entrevista-piloto aparece com nitidez a dificuldade de se encontrar trabalho após passagem pela Febem, da qual Elton ouviu falar (“É uma história que eu ouvi!”, pg. 1, 2ª entrevista). Mas em seu raciocínio fica a margem para interpretarmos tal dificuldade podendo ser utilizada como uma justificativa para a permanência na criminalidade ou, então, o contrário, a sua verbalização anterior de que todos os jovens iriam ficar na criminalidade como uma defesa já, frente à futura e temida rejeição social, uma defesa que seria, simultaneamente, um ataque (violento) contra quem os rejeita, a sociedade.

Outro fator que aparece nas duas entrevistas e que chama a atenção é o da continuidade da *tradição familiar* de envolvimento com a criminalidade. No caso de Elton, tiveram envolvimento sua mãe e um de seus avôs, das entrevistas grupais soubemos do caso de Paulo, cujo pai era traficante. No caso de Émerson, a situação poderia ser um pouco distinta, pois não seriam seus ascendentes diretos os envolvidos, mas seus tios. Em todos os três casos citados o envolvimento com a criminalidade parecia gerador de conflitos internos.

A **religiosidade** se faz presente também em ambas as entrevistas. A religiosidade cristã, particularmente aquela de caráter mais neopentecostal ou evangélico, é o único conjunto de valores, mitos e crenças que aparece claramente nas entrevistas (à exceção da Umbanda, que aparece contraposta à primeira). É o único conjunto de valores que aparece como alternativa àqueles da criminalidade. Dos quatro jovens que chegaram a afirmar com certa convicção que iriam deixar a criminalidade, em três essa religiosidade aparece com clareza (Elton, Émerson, Adriano) (o quarto jovem seria Marcelo). O que nos faz retomar nossas considerações anteriores (a partir de Fernandes, no capítulo 3)

⁴¹⁹ Tal temática, das alianças inconscientes e pactos denegativos em torno da manutenção do preconceito e de sentimentos de superioridade (e de inferioridade) relativamente a negros (e índios) na cultura brasileira mereceria uma reflexão mais detalhada.

acerca da proximidade psíquica que *pode* haver entre a adição, religiosidade neopentecostal e a delinquência. É provável que para muitos, jovens ou não, envolvidos com a criminalidade o engajamento a uma religião neopentecostal seja uma maneira de saída do “mundo do crime”, “a alternativa”, seria um outro “mundo” (“mundo de Cristo”, “mundo de Deus”) com força suficiente para operar uma conversão psíquica, em termos de valores, ideais, proibições⁴²⁰. No entanto, provavelmente, a estrutura, os processos psíquicos principais se manteriam. Havemos de ressaltar, no entanto, que para os quatro jovens citados, todos teriam já a presença de tal religiosidade em suas famílias desde a tenra infância.

De todos os oito jovens que entrevistamos, naqueles que mais manifestavam **conflito** interno entre os discursos da criminalidade e o que denominamos de “discurso da honestidade” (caso de Elton e Émerson), a posição da honestidade parecia vinculada e tributária dos valores religiosos (particularmente em Elton). Os outros seis jovens ou não manifestaram tanto o conflito ou as forças em jogo eram menos intensas, talvez por se virem com uma “mente mais estruturada”, seja para um lado seja para outro.

A questão da **privação afetiva** aparece em ambas as entrevistas através de histórias e em ambas nas últimas entrevistas realizadas com os jovens. Na entrevista-piloto, através da história da ‘maldição do corpo seco’, já na entrevista grupal aparece através da música cantada pelos jovens, “Eu não pedi para nascer”, e da história do garoto que fugiu de casa porque a mãe não gostava dele e batia nele, viveu na Praça da Sé e foi encontrado enforcado (ambas na 4ª entrevista grupal). Pensamos que tais semelhanças não sejam meras coincidências, mas resultado direto da dificuldade dos jovens em abordar tal questão, por isso nas últimas entrevistas, quando o vínculo já estava mais constituído e por isso pela forma de histórias, uma maneira de trazer e elaborar as questões sem se colocar diretamente implicado com elas.

Como já comentamos, segundo Winnicott⁴²¹ a “privação materna” nos primeiros anos de vida seria um fator disparador de atitudes anti-sociais em crianças e adolescentes, que podem perdurar vida afora. Tal situação teria proximidade ao sentimento de *desamparo*, a criança, devido à ausência da afetividade “materna”, perderia a confiança no ambiente, tal perda de confiança se alastraria para o social em geral, ocasionando uma ausência de inibição ou mesmo um estímulo a atitudes anti-sociais, pois o social seria

⁴²⁰ Tal conversão seria próxima do que Kurt Lewin chamou de “mudança de superego”. Vide Lewin, K.. “Conduta, conhecimento e aceitação de novos valores”, in *Problemas de Dinâmica de Grupo*.

⁴²¹ Vide Winnicott, *Privação e Delinquência*, 1999.

convocado pela criança a exercer o papel que a mãe não exerceu, sendo depositário de suas atitudes agressivas. Particularmente, pensamos que a privação afetiva poderia ter um papel importante para o desenvolvimento de atitudes delinquentes (que só se caracterizariam assim para Winnicott quando as atitudes anti-sociais passam a ter ganhos secundários) nos jovens internados na Febem, haja visto a não continuidade de uma só figura a ocupar a função materna nos primeiros anos de vida não ser algo tão raro (embora isso não implique necessariamente na ocorrência de privação materna), assim como a presença da figura da mãe, mas sem cumprir com sua função materna (segundo Winnicott), para ambos os casos tivemos exemplos a partir das entrevistas.

Outro fator que nos chama atenção relaciona-se à possibilidade dos jovens de **contarem histórias**. Poderíamos pensar que a *rigidez com a palavra*, relativa à verdade e à mentira, somada à tensão e ao medo, comuns à vida na criminalidade, poderiam estar afetando a possibilidade dos jovens contarem histórias que não fossem “verídicas” ou que não atestassem suas virilidades (conforme vimos através da pouca ocorrência de outros tipos de histórias em ambas as entrevistas). Isso restringiria o campo simbólico e da imaginação, e também as possibilidades de ficcionarem uma narrativa, saírem do campo do “verídico” (que muitas vezes se restringe à realidade mais imediata) e elaborarem o vivido. Por outro lado, histórias que envolvessem violência ou o despertar do *sentimento de medo*, relacionado ao *estranho* ou ao *desconhecido*, teriam livre curso. Sentimento de medo que estaria em acordo com o modo de funcionamento psíquico exigido pelo vínculo de violência, em acordo com a lógica da virilidade e com uma visão de mundo a partir da posição esquizo-paranóide (M. Klein). Assim também, a prática comum aos jovens de inventarem e interpretarem diálogos picantes sobre, ou entre, eles e as representantes das figuras femininas presentes na instituição, em seus quartos na Febem (vide 3ª entrevista-piloto), reforçariam suas posições mútuas como viris e a aliança inconsciente em torno da negação da homossexualidade.

A questão da impossibilidade de se mostrar **fraquezas** ou **fragilidades** aparece em ambas as entrevistas, mas com maiores detalhes na entrevista-piloto, quando fica clara a participação dos funcionários de pátio reforçando tal impossibilidade, ao invés de combatê-la, ou seja, compartilhando a mesma lógica da virilidade.

6f - Considerações Finais da Análise e Análise das entrevistas em relação aos objetivos da pesquisa

Considerações Finais da Análise

O uso do pronome de tratamento "*senhor*" pelos jovens ao se referirem ao entrevistador foi uma constante em todas as entrevistas. Tal uso, mais observado em crianças e adolescentes ao se remeterem a adultos, é algo que não é uma constante na cultura paulistana (e talvez brasileira), principalmente por parte de adolescentes acima de 16 anos. De maneira geral ele tem o efeito de colocar um *distanciamento* entre quem o profere e aquele a quem é dirigido, o que seria próprio de uma atitude de *respeito* para com o interlocutor.

Temos que, a partir de nossa experiência na FEBEM-SP, não seríamos nós os únicos agraciados com tal sinal de respeito por parte dos jovens, mas, muitas vezes, todos os adultos presentes na instituição. Muitas vezes os jovens internados são obrigados pelos funcionários a utilizá-lo para com todos os adultos. Com isso obtém-se, além do citado distanciamento, um respeito, imposto, aos adultos em geral e, conseqüentemente, para com todos os funcionários da instituição, um respeito que revelaria uma *hierarquia*, que deve ser respeitada, assim como o uso do citado termo. Sua imposição implica em uma postura de humildade forçada por parte dos jovens. Em algumas unidades o uso do pronome vem acompanhado de mãos para trás do corpo, cabeça baixa e olhar para o chão, o que aparentemente transformaria o tratamento de respeito em postura corporal de submissão⁴²². Pois as mãos para trás poderiam ter esse "significado" corporal: "eu me submeto, como prova ofereço o meu peito, barriga e face", uma vez que os braços não podem mais defendê-los, ou então: "eu nada digo - com as mãos - apenas ouço". Uma vez "controlado" o corpo, o olhar poderia ser meio de comunicação ou se insubordinar e revelar igualdade, superioridade, desafio, raiva, desejo, em suma, não submissão, ele deve, então, também ser controlado.

Outra questão chamou a atenção pela sua quase ausência: o vínculo entre pobreza e delinquência juvenil, se corriqueiro no senso comum pouco apareceu nas entrevistas, sendo que um dos jovens inclusive negou o vínculo entre 'passar necessidade' e se

⁴²² De acordo com nossa experiência, o uso generalizado do pronome "senhor/senhora" não seria algo típico apenas da UI - 19, mas da cultura institucional da FEBEM-SP de modo geral, embora na UI-19 seu uso seja constante, o que em geral é compartilhado por outras unidades de delitos mais graves ou de reincidências.

envolver com a criminalidade, sendo porta-voz grupal nesse instante. Aquele que trouxe tal vínculo de forma mais clara foi Elton (1ª entrevista-piloto), que afirma que se fosse para ganhar R\$ 300 ao mês ele continuaria no tráfico quando saísse da Febem, pois lá em dois meses ele poderia ganhar o que se ganharia em um ano todo de trabalho honesto (a R\$ 300 ao mês isso daria R\$ 3600 em dois meses, uma diferença considerável e sedutora).

Imaginamos, no entanto, pela localização da residência dos jovens (e por nossa experiência na instituição) que a maioria dos jovens entrevistados não pertenciam às classes de renda mais alta, mas pelo contrário, às de renda mais baixa. Por que tal dado pouco apareceu nas entrevistas? Poderíamos pensar que assumir uma origem entre famílias de renda mais baixa pudesse ser humilhante para algum jovem (a posse de bens materiais estaria também associada à lógica da virilidade, representaria força, poder e provavelmente teria signos de *status* grupal também no “mundo do crime”) ou que a discussão nas entrevistas não permitiu que permanecesse à tona do diálogo grupal tal dado. Muitas vezes “passar necessidade” pode assumir conotações estritas, referentes às necessidades básicas de sobrevivência (comida, teto, roupa, agasalho), algo que todos, talvez, sempre tiveram (à exceção de Marcelo, que viveu muitos anos nas ruas). No entanto, haveria um vínculo entre **pobreza** e delinquência que não pôde ser explicitado nas entrevistas. E haveria outro, maior ainda entre estar internado na Febem e pobreza, que tão pouco apareceu⁴²³. Por quê? Além das acima citadas, uma hipótese seria a da naturalização da exclusão social, a Febem representaria “apenas” mais um degrau no processo de exclusão social dos jovens e de suas famílias. Outra, seria a da naturalização de uma relação causal entre pobreza e delinquência (o que não corresponde aos fatos): não haveria, então, o que ser dito a esse respeito, pois seria “óbvia” tal relação.

Gostaríamos de resgatar ainda uma temática que nos pareceu central em todas as entrevistas: a importância da relação com a “**mãe**”, que perpassou todas as entrevistas. Importância essa concomitante com a figura do “**pai**” ter aparecido relativamente pouco. Na entrevista-piloto, por exemplo, praticamente não apareceu. Seria possível estabelecermos alguma relação entre tais ocorrências e a delinquência juvenil?

Poderíamos levantar algumas hipóteses: a primeira seria relativa a um fenômeno da contemporaneidade brasileira, o declínio da *figura do pai* e de sua importância relativa na família. Tal fenômeno se relacionaria à tese do declínio da **função paterna** na

⁴²³ Há delinquentes juvenis graves das classes alta e média alta? Por certo que sim. Por que não estão na Febem como os outros?

atualidade e tal declínio, significando limites mais frouxos, incidiria sobre a delinquência, desde a infância, passando pela educação familiar e escolar até a esfera social, com uma sociedade que falha na aplicação das punições às infrações das leis escritas (impunidade), que diz (escreve) uma coisa e realiza outra⁴²⁴, como seria o caso da Febem, com a punição não conseguindo se estabelecer na medida adequada. Essa poderia ser uma boa teoria, mas nossos dados não acompanham certas passagens que a teoria faz, como a entre o declínio da figura do pai e o da função paterna, visto que esta pode ser exercida por qualquer figura.

Vejam então outra hipótese: a “mãe” seria muito importante pois muitas vezes ela é o *único vínculo* familiar estável, visto muitos pais serem ausentes (ou pouco presentes), a mãe assumiria, então, os *dois papéis*: de mãe e de pai. Dificilmente conseguiria dar conta de ambos e ainda trabalhar fora, cuidar da casa e ser mulher. O que facilitaria falhas seja no exercício da função materna ou da paterna, o que poderia se relacionar a comportamentos anti-sociais ou delinquentes. Tal hipótese pode corresponder à realidade em alguns casos, mas em outros, como vimos nas entrevistas, não. Não vamos descartá-la, mas vejamos uma outra:

Trata-se daquela relacionada a um certo grau de *privação materna* na primeira infância. Tal privação (conforme Winnicott) se relacionaria a comportamentos anti-sociais, por exemplo na escola, comportamentos que, se não adequadamente lidados, poderiam levar ao estabelecimento de uma delinquência não mais “normal da adolescência”, mas com ganhos secundários. Como foi o amor da mãe que correu o risco de desaparecer (privação), ela não pode mais ser atacada pelo sujeito em formação, não pode assumir em si o objeto bom e o mau, mas passa a ser representante apenas do objeto bom, o mau é projetado no social, gerando o comportamento anti-social. Isso se relaciona à sobrevalorização da mãe na cultura da criminalidade e se repetiria na cultura de pátio da Febem e nas falas dos jovens no grupo, tendo eles sofrido privação ou não, pois reproduziriam a mesma cultura e valores, no grupo.

Mas e a questão da ambivalência em relação à figura feminina? Mais uma vez poderíamos pensar que seja fruto da dificuldade de integração no mesmo objeto dos aspectos bons e maus. Assim, para atender também à lógica da virilidade, em torno da qual se realizaria o pacto grupal dos jovens da Febem (e talvez, também, da criminalidade), algumas mulheres são consideradas apenas enquanto objetos sexuais, mas

⁴²⁴ Vide “teoria do duplo vínculo”.

são capazes de seduzir e encarnam o mal e o desconhecido, enquanto que outras (a mãe, a irmã, e algumas namoradas) seriam idolatradas. Mas por que tantos ataques (nas entrevistas grupais) à figura feminina? Pois as mulheres representariam o mal, o desconhecido, o temido, não integrado dos próprios jovens (proximidade à posição esquizo-paranóide). Para que assim se mantenham as mulheres não podem ser consideradas como iguais, não podem ser compreendidas, daí ser atacada também a feminilidade nos próprios jovens, fundamento do pacto denegativo. Não estamos, no entanto, afirmando que essa seja a origem do pacto denegativo entre os jovens (haveriam, também, outros motivos), mas apenas que essa é uma teoria que faz sentido a partir de nossos dados.

Não podemos esquecer também que os ideais culturais dos jovens são uma formação de compromisso a partir dos ideais dos pais. Assim, se esses partiram de centros urbanos menores que São Paulo (e provavelmente menos modernizados) ou do interior, a família do jovem teria, provavelmente, também valores mais tradicionais que os metropolitanos, possivelmente referentes a uma cultura mais patriarcal, um fator a mais para o estabelecimento de uma lógica da virilidade entre os jovens, uma lógica que se contraporá à do mercado, do equivalente geral (ao menos aparentemente), aos distinguir as pessoas claramente em dois gêneros: machos e fêmeas. O que geraria, conseqüentemente alguns excluídos, aqueles que não se enquadrariam bem em nenhum dos dois gêneros, como os “frouxos”, “vacilões” e homossexuais.

Ficamos com uma questão: o reconhecimento da feminilidade por parte dos jovens poderia colocar em real perigo sua identidade masculina? Talvez. Do ponto de vista estrutural haveria uma proximidade entre homossexualidade e psicopatia: ambas poderiam ser entendidas como perversões. Sinteticamente, na *perversão* a castração da relação mãe-criança teria se operado, mas a criança a teria questionado, uma maneira de não perder a mãe seria introjetando-a, identificando-se com ela, essa corresponderia à posição *homossexual*. Outra maneira seria o questionamento da castração, da lei social e a afirmação da relação proibida, correspondendo à posição *psicopata*. A sobrevalorização da mãe pode se relacionar à afirmação, inconsciente, dessa relação. O homossexual também sobrevalorizaria a mãe. A proximidade estrutural entre as duas posições é patente. A dificuldade de quem se encontra na posição psicopata em reconhecer que a mãe também está subjugada pela lei, que é castrada, passa pela dificuldade dele mesmo

se reconhecer como tal, por isso a fuga da tentativa de “compreender” a mulher e, por derivação, a mãe.

Isso joga luz sobre o pacto denegativo na criminalidade, que nega o reconhecimento da feminilidade, que necessariamente passaria pela castração. O reconhecimento da feminilidade em si próprio poderia, imaginariamente, levar a um deslize, a introjeção da mãe em si para negar a castração? Essa negação de reconhecer-se castrado (mesmo sabendo-o) também vai ao encontro do sentimento de onipotência, à fusão Eu e ideal, característicos de uma etapa da adolescência.

Não estamos com isso querendo afirmar que todos ou a maioria dos delinquentes juvenis ou membros da criminalidade sejam psicopatas (ou perversos ou homossexuais). Mas sim que a presença de alguns que estejam na posição psicopata (a passagem por ela seria normal na adolescência para Rissial) possa ter contribuído (assim como a cultura atual ultramoderna, “globalizada”, perversa e individualista) para o estabelecimento desse pacto denegativo grupal em torno da negação da feminilidade e da homossexualidade e da afirmação da virilidade. Pacto esse que dá formas à cultura da criminalidade. Por outro lado, a presença de tal pacto nessa cultura exige de seus membros uma mesma compactuação e um mesmo funcionamento psíquico, que seria, então, próximo à psicopatia. Uma permanência duradoura em tal cultura poderia levar a que a psicopatia deixe de ser “transitória da adolescência”.

- Análise das entrevistas em relação aos objetivos da pesquisa

Nesse ponto, pensamos que seria útil retomarmos os objetivos que propusemos para esta pesquisa na Introdução. O objetivo central seria *investigarmos as possíveis relações entre ouvir ou não narrativas orais na infância e a prática posterior de atos de violência, particularmente na adolescência e no contexto da cidade de São Paulo*. A partir desse tema algumas questões mais específicas poderiam ser feitas: teriam os jovens que entrevistamos escutado histórias na infância? Que tipo de histórias? Qual o lugar dessas histórias na vida desses jovens? As histórias ouvidas por um jovem, que incidiu em um ato infracional mais grave, se diferenciariam das de um jovem de fora da Febem? E as narrativas de suas experiências, de sua história e das histórias que ouviu, se diferenciariam?

Escutaram os jovens histórias na infância? Na entrevista-piloto não foi mencionado nenhum tipo de **conto** tradicional ou popular ouvido quando criança, nem quando adolescente. O contato do jovem com os contos-de-fada, por exemplo, parece ter se dado apenas através da televisão, a partir dos 11 anos. No entanto, na infância teria tido contato diário com histórias na forma de “testemunhos” religiosos e também com histórias da Bíblia. Acerca dos testemunhos religiosos: teriam o mesmo valor psíquico que uma narrativa tradicional? Não sabemos ao certo, mas supomos que a riqueza e a variabilidade dos mesmos seriam reduzidas, visto todos terem a mesma finalidade: atestar a ação de Deus ou Cristo. Acerca dessas histórias da Bíblia que eram lidas ficamos com algumas questões, por exemplo, o quanto que elas eram bem contadas (e não apenas lidas); Elton diz que depois de lidas elas eram interpretadas pelo “cooperador”, ao nosso ver tal explicação dada após a história poderia, além de dotar um sentido unívoco para a mesma - e talvez justamente por isso - diminuir o efeito potencial que a mesma poderia ter sobre o psiquismo infantil, pensamos que em mesmo sentido iriam as considerações de Benjamin em “O narrador...”, ao falar da importância da concisão e da ausência de “sutilezas psicológicas” nas histórias e de Bettelheim, em A Psicanálise dos Contos de Fadas⁴²⁵.

O jovem chega a dizer (vide 3ª entrevista-piloto) que as *histórias* que ouviu quando criança, no caso as religiosas, são um motivo para ele sair da criminalidade, pois haveria a *punição* de Deus, no *futuro* e no *presente*, e que o que ele tem do *passado* (o que inclui as histórias) muitas vezes o impede de ter atitudes impulsivas *violentas* (como dar cadeiradas nos funcionários da Febem). Mais ainda, parece que suas lembranças do passado o impedem de ter tais atitudes em nome de um *futuro*, de uma *continuidade* para aquele passado (dar uma alegria para sua avó e voltar a ser crente). É nesse ponto que ele cita a questão do *sentido* da vida, que, para ele, seria dado pela religião. Mas no presente Elton pareceria em conflito, por vezes na entrevista chegou a dar risadas da religião, numa atitude de negação da mesma e identificação com os valores da criminalidade, ele ainda não teria ‘voltado a ser crente’.

E quanto aos jovens do grupo? Eles não falaram muito da infância, embora um pedido nesse sentido tenha sido proposto a eles nas quatro entrevistas. Houve dificuldades quando o coordenador solicitou lembranças, as lembranças que vieram se relacionaram

⁴²⁵ Por exemplo, no seguinte trecho: “O valor do conto de fadas para a criança é destruído se alguém detalha os significados. [...] Todos os bons contos de fadas têm significados em muitos níveis; só a criança pode saber quais significados são importantes para ela no momento”. Bettelheim, 1978, pg. 205.

ao passado recente, muito próximas do presente, em geral (haveria exceções). Mantiveram-se em temáticas da adolescência. Isso se deveria a uma dificuldade narrativa relativa à própria história? Ou seria que a “infância não importa mais, o que interessa é o hoje”, um pensamento vinculado à perspectiva imediatista? Seria dolorido retomarem suas perspectivas de vida e de mundo da infância?

Alguns jovens, porta-vozes, lembraram-se, no entanto de vários contos de fada (Marcelo, principalmente, seguido de Émerson e Edson). Alguns jovens disseram que foram os familiares que lhes contaram os contos, a mãe, o pai, a avó (vide 3ª entrevista grupal), outros nada disseram. No entanto, pouco se detiveram nesses contos e nenhum foi narrado no grupo, parecendo haver uma vergonha de fazê-lo. Falaram mais a respeito das lendas que ouviram, que tinham algum estatuto de verdade na infância, do que dos contos e, depois de alguma dificuldade, passaram a contar histórias que tinham vivido, presenciado ou ouvido falar, mas que teriam o estatuto de “verdade”. Nos perguntamos o quanto e como tais jovens teriam ouvido histórias na infância, tradicionais ou não (tão pouco apareceram histórias familiares, religiosas ou locais), assim como a importância das mesmas para aqueles que as ouviram. Pelo pouco que se detiveram nelas talvez a importância não seja muito grande, mas poderia estar havendo o fenômeno de negação grupal dos aspectos que poderiam associá-los à infância, visto estarem passando pela adolescência, assim como o fenômeno da valorização apenas do imediato, e não do passado, da memória.

Teríamos algumas hipóteses sobre o porquê dos jovens entrevistados, em geral, relativamente pouco terem falado de fatos de suas vidas referentes à infância: a primeira seria a de que falar de quem e como eram na infância fosse negar o que eles são hoje, ou a imagem que os outros têm deles hoje. A segunda hipótese seria a relativa a traumas e situações vividas que pouco puderam ser elaboradas e que causam dor ou repulsa, e por conseguinte, poucas lembranças relativas a esse período vieram à tona.

Para concluirmos, poderíamos falar que os jovens, de maneira geral, escutaram histórias tradicionais na infância, mas que não sabemos o quanto, nem da qualidade da narrativa das mesmas, nem da importância das mesmas para eles. Para outros jovens, que não internados na Febem, os dados obtidos seriam outros? Não sabemos. Pode ser que as lembranças da infância fossem mais vívidas e com mais histórias, mas pode ser que não.

Poderíamos pensar, também, que nas entrevistas grupais apareceram com maior detalhe histórias provenientes da televisão, como de filmes e novelas, assim como de

letras de RAP. Poderíamos supor que as histórias provenientes das letras de RAP tenham se feito mais presente para os jovens apenas na *adolescência*, enquanto que as da *televisão* (incluindo-se também os desenhos animados) estivessem presentes desde a *infância*? Parece-nos plausível.

A influência da **televisão** no comportamento delinqüente ou violento é uma hipótese que não pode ser deixada de lado. Em nossos dados a televisão apareceu como um elemento importante. Pensamos, particularmente, em seu papel como veiculador de ideologias e decantador ou selecionador de valores, atitudes e ideais. Frente ao declínio das narrativas orais tradicionais, frente ao possível declínio da narrativa oral em geral e um incremento de uma cultura voltada para as massas, o papel da televisão se torna ainda mais relevante. Embora o fator que consideremos mais relevante seja o do embotamento do diálogo e do pensamento, subjacente a um uso freqüente, intenso e desvinculado de finalidades educativas ou culturais do aparelho, poderíamos citar alguns tipos de influências possíveis de contribuir para uma *cultura da violência*: filmes em que a violência aparece banalizada e a figura do bandido (e/ou a própria violência) é glamourizada; programas vespertinos que têm a violência do cotidiano como foco e destaque, pois acentuam o sentimento de medo e formas de pensamento e de resolução de problemas segundo mecanismos de defesa esquizo-paranóides; programas, séries e filmes em que a violência é colocada como “A solução” (não ritualizada) contra a violência; novelas em geral, ao: valorizarem soluções individualistas, valorizarem a posse de bens materiais e a ostentação dos mesmos, e ao naturalizarem as diferenças sociais.

As entrevistas tinham como objetivos explicitados aos jovens que eles narrassem histórias também, histórias de suas vidas e histórias que tinham ouvido na infância e na adolescência. Já vimos que eles se detiveram mais nas histórias que viveram e naquelas que ouviram na adolescência. Mas, e quanto às histórias de suas vidas, objetivo maior da 1ª e 2ª entrevista grupal?

Vimos que três narraram suas vidas desde a infância com riqueza de detalhes e prendendo a atenção do ouvinte (Edson, Émerson e Marcelo); outras narrativas foram mais curtas, com poucos detalhes e um dos jovens não contou sua história (Pedro). Edson e Émerson foram os que mais falaram nas entrevistas, tinham um bom domínio da palavra no grupo e podem ser considerados bons narradores pelas histórias que contaram. Edson também era aquele que melhor cantava e se lembrava das letras de RAP. Da mesma forma Pedro se soltou mais após a terceira entrevista, quando falou do ato de violência que

cometeu contra a irmã, e narrou boas histórias, seja sobre ocorrências assustadoras de sua vida no campo, seja histórias de cemitério ou a história de quando estava à beira da morte, no hospital. narradores muito bons, conseguem prender a atenção. Mas e quanto a Mateus, Paulo e Adriano? Não sabemos ao certo, contaram menos histórias, e com menos detalhes. E quanto a Elton? O contexto da entrevista individual foi diferenciado, o que nos dificulta as comparações. Mas a impressão que ficamos é a de uma facilidade que tinha para conversar, que não se repetia para contar histórias, particularmente as referentes ao seu passado. Isso pode ser um índice de vivências pouco elaboradas, das quais pouco se pode falar. Esse pode ser o motivo de pouco terem falado sobre suas infâncias na entrevista grupal?

Por outro lado, vimos a partir das análises, que o espaço para elaboração das experiências, e para ouvirem e contarem histórias na criminalidade e na convivência “de pátio” na Febem é limitado, particularmente pela tensão e pelo “ritmo acelerado” reinantes (pensamos que na convivência dos quartos possa haver mais espaço para elaboração). Pensamos que na “vida do crime” ou para aqueles jovens que se envolvem com a criminalidade haveria pouco tempo para ouvir, para refletir, para o *tédio* (conforme Benjamin), um tempo livre da premência do imediato, em que fosse possível a elaboração das experiências. Uma forma, talvez, de lidar com a ansiedade que as experiências geram, seja através do uso de *drogas* ou de mais *atuações*, mais “adrenalina”, mais “aventura”, para mudarem o foco e continuarem segundo o vínculo de violência (Kaës), segundo o pacto denegativo grupal a que estão submetidos e para o qual contribuem.

No entanto, embora a narração de histórias tradicionais não tenha se realizado no grupo (à exceção, talvez, da história dos pais de Pedro e do lobisomem), não podemos dizer que os jovens envolvidos com a criminalidade tenham perdido suas capacidades narrativas em geral. Alguns até a mostram em grande medida. Nesse sentido poderíamos lembrar que a cultura de onde se *originam* é mais calcada na oralidade do que a dos habitantes dos bairros mais centrais da cidade.

Nesse sentido há ainda o fenômeno da invenção coletiva de histórias, o que não deixa de representar certa elaboração, falamos das histórias que os jovens “castelariam” em grupo, de conteúdo erótico, que apareceram na entrevista-piloto. Apareceram, também, exemplos de narrativas que os jovens falaram ser usuais entre eles, como a narrativa da “cena”, da aventura vivida recentemente, como uma fuga de policiais.

Pensamos ainda que as entrevistas proporcionaram tais espaços de reflexão, de narrativa, de pensamento e de tédio, e esse teria sido um dos motivos dos jovens terem gostado de participar delas. Embora tal participação não tenha sido tranqüila, com a ocorrência de vários momentos de tensão, particularmente em torno dos momentos esperados em que haveria narrativas ou em torno do domínio da palavra no grupo.

Por outro lado, os jovens não falam muito do *futuro*, embora tenham dado mostras de que o futuro seja uma questão importante para eles. Já refletimos no capítulo 1 acerca da importância do passado para a construção de um futuro: a dificuldade de se narrar o passado incidiria sobre a possibilidade de se falar e imaginar o próprio futuro. Haveria um sentimento difuso neles de que não haveria futuro (por exemplo: “o futuro? O futuro é a morte...”, 4ª entrevista grupal). Seria um sinal confirmatório de nossa hipótese sobre o *ceticismo* no presente quanto ao futuro? Faz sentido debitarmos tal fenômeno ao declínio das narrativas orais na contemporaneidade?

Vários jovens, tanto na entrevista-piloto como nas entrevistas grupais, disseram que não escutaram os conselhos dos “pais”, que se tivessem escutado não estariam na Febem. Seria um sinal da pouca autoridade dos pais? E como eram tais conselhos? Provavelmente não eram na forma de narrativas, contadas como exemplares, e pertinentes ao momento por que passava o filho. Provavelmente assemelhavam-se a pedidos, ordens, ou “maldições” (“não faça isso, pois se fizer isso vai te acontecer aquilo”). Tais formas não conseguiram, portanto, uma modificação no pensamento do jovem, mas talvez apenas o “provocar” mais, para ver o que lhe acontecia se fizesse aquilo.

7 – Conclusões

Após tantas páginas, o que concluímos? Percorremos um longo caminho, mas, para chegar aonde? Pensamos que chegamos a um lugar adiante de onde estávamos no início. Que avançamos na compreensão do fenômeno da narrativa oral, da violência, da delinquência, da estruturação social e grupal, do lugar do inconsciente no social. Assim como pudemos compreender mais de dentro aspectos da cultura da criminalidade e da cultura que se desenvolve em instituições fechadas para adolescentes como a atual Febem. Vimos também a importância das histórias e da memória para a constituição psíquica e social, assim como a importância da palavra, da lei, das proibições, daquilo que não se pode dizer ou que é impossível de ser dito. No entanto, atingimos os objetivos a que nos propusemos de início? Em parte sim, pois nos propusemos a investigar dois fenômenos sociais (o declínio das narrativas orais e a violência contemporânea) e a relação entre eles a partir da psicanálise e da psicologia social, e o fizemos. Mas em parte não.

Algumas das questões que nos propusemos a responder de início (Introdução) nós já abordamos no item anterior. Mas e quanto ao objetivo central desta pesquisa? Há alguma *relação entre ouvir ou não narrativas orais na infância e a prática posterior de atos de violência, particularmente na adolescência*? Existiriam três possibilidades frente a essa questão:

a - A hipótese de haver *relação entre não ouvir narrativas orais na infância e atitudes violentas na adolescência*. Caso tal hipótese esteja correta nos aproximaríamos da tese da crise dos intermediários culturais (Kaës, 1994 e 2003) e do avanço e aprofundamento das características da modernidade (Berman, 1986). Tal hipótese poderia ganhar mais corpo caso houvesse uma coincidência entre atitudes violentas e poucas narrativas dos jovens sobre suas infâncias e adolescências.

Observamos, em geral, poucas narrativas dos jovens sobre suas infâncias, mas várias narrativas sobre suas adolescências. Alguns jovens relataram terem ouvido alguns contos tradicionais de membros de sua família. Alguns jovens, como porta-vozes grupais, relataram terem cometido atos de violência fatal, o que nos levaria a crer que outros do grupo tenham praticado outros atos graves de violência física interpessoal. Não sabemos, no entanto, quanto os jovens do grupo teriam cometido uma “violência direta” ou “gratuita”. Tão pouco acerca da qualidade e da intensidade das narrativas ouvidas quando

crianças. Assim, a hipótese de uma relação causal entre não ouvir histórias na infância e cometimento de atos violentos na adolescência não pode ser descartada, tão pouco afirmada.

b - Dentre as outras possibilidades, estão a da *coincidência entre ouvir histórias na infância e cometer atos de violência posteriormente*. Não nos é claro que os jovens tenham ouvido *muitas* histórias de adultos quando crianças (à exceção de Elton). Daqueles que pareceram mais ter ouvido histórias tradicionais quando crianças (Marcelo e Elton) não tivemos conhecimento de nenhum ato de violência interpessoal muito grave, embora tal hipótese não possa ser descartada. No entanto, Elton deu a impressão de ter atitudes agressivas impulsivas (exemplo das escolas), e Marcelo também pareceu já ter sido agressivo na escola. Assim, não podemos, também, afirmar a pertinência ou não de tal hipótese.

Mas, caso essa hipótese procedesse, poderíamos pensar na legitimidade cultural dos atos de violência para o grupo social ao qual pertence o jovem, no sentido de que não haveria uma ruptura com a tradição cultural do grupo ao se agir de maneira violenta? Pensamos que haveriam dois grupos culturais distintos (embora inter-relacionados): o primeiro seria o dos adultos, dos pais e avós, que carregariam uma tradição cultural mais antiga, ligada aos lugares de origem dos mesmos (todos, com exceção da mãe adotiva de Edson são de fora da Grande São Paulo) e à religiosidade cristã, para esse grupo não haveria uma continuidade cultural caso os jovens tivessem ouvido significativamente histórias contadas por eles na infância, pois a atitude delinqüente marcaria uma ruptura com tais histórias (embora uma atitude viril talvez não).

O segundo grupo seria o grupo dos pares de geração, outros jovens, o grupo que o adolescente encontra a procurar outras referências que não as familiares. Pensamos que para esse grupo apresentaria uma continuidade cultural entre a delinqüência e as histórias que circulam no grupo. Parece-nos que circulam narrativas no grupo, com caráter de exemplaridade, como as que narraram os jovens, embora não sejam narrativas tradicionais, seriam narrativas orais, no entanto, elas provavelmente não perduram de geração para geração de jovens. Porém, os valores e atitudes que elas transmitem poderiam perdurar certo tempo, pois novas narrativas “exemplares” dos mesmos valores poderiam surgir e serem transmitidas para os mais novos.

c - Uma terceira possibilidade a ser levada em conta seria a da *ausência de relação entre ouvir ou não histórias na infância e a prática de atos agressivos na adolescência*. Não temos como afirmar ou negar tal hipótese a partir de nossa pesquisa.

A partir do percurso teórico que percorremos neste texto, corroborado em grande parte pelos dados das entrevistas, seríamos levados a crer que *existe alguma relação entre ouvir histórias na infância e a prática de atos agressivos posteriormente* (simplificadamente, através das relações entre ouvir histórias, valores, ideais, supereu, superação do imediato, pacto social, de um lado, e não elaboração, não superação das frustrações, necessidade de aplacamento imediato das ansiedades, atuação violenta, medo, pensamento esquizo-paranóide, vínculo de violência, trauma, humilhação, insegurança, rompimento do pacto social e individualismo; e através da consideração do conto/narrativa como intermediário e favorecedor da elaboração psíquica e dos processos de simbolização), assim como existe relação entre nossa cultura e a prática de atos violentos. Pensaríamos também que nossos dados, e a análise dos mesmos, não negariam, e talvez até fortaleceriam a tese que aponta para a relação entre as últimas transformações psíquico-culturais de nossa sociedade, particularmente aquelas que apontam para a falha nas formações intermediárias da cultura e um incremento de um determinado tipo de violência, a “*violência gratuita*” ou “*violência direta*”, sem mediação.

Por outro lado, gostaríamos de salientar a importância de *outros fatores* para a delinqüência juvenil brasileira, como, por exemplo: a importância para o jovem da posição social em seu grupo de pares; a identificação e idealização dos modelos de homem propagados pela mídia; a falta de perspectivas quanto ao futuro, particularmente relativas à maior inserção ou ascensão social; a enorme desigualdade econômica e de acesso aos bens culturais (como escolarização) na cidade de São Paulo; a impunidade, a punição descontrolada, e a punição seletiva (conforme as posses; o descompasso entre escrita da lei e sua prática); o intenso processo de urbanização das últimas décadas, seguido por um processo de favelização ou “periferização” das populações migrantes, seus filhos e netos; as altas taxas de desemprego e subemprego na região metropolitana paulistana; dentre outros, provavelmente mais significativos para as altas taxas de homicídios de adolescentes em São Paulo.

Nesse sentido, *pensamos* que o declínio das narrativas orais na infância seria um fator a mais a se somar aos anteriores. No entanto, caso pudesse ser tomado como um dos

principais fatores relativos à emergência de atos violentos posteriormente, ele se faria notar mais em determinados e específicos tipos de violência, aqueles que denominamos de “violência gratuita” ou “violência direta” (que foram abordados com maior detalhe no capítulo 3). Essa seria uma hipótese a ser estudada em maior detalhe.

Referências

ADORNO, Sérgio, Lima, Renato S. e Bordini, Eliana B. T.. O adolescente na criminalidade urbana em São Paulo - Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M.. Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos, tradução de Guido A. de Almeida, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

ARENDT, Hannah. A condição humana (1958), tradução de Roberto Raposo, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

BENJAMIN, Walter. "Experiência e pobreza" (1933), em Magia e técnica; arte e política; Ensaio sobre literatura e história da cultura - Obras Escolhidas, vol. I, 4ª edição, Brasiliense, São Paulo, 1985, tradução de Sérgio P. Rouanet.

"O Narrador - Considerações acerca da obra de Nikolai Leskov" (1936), em Magia e técnica; arte e política; Ensaio sobre literatura e história da cultura Obras Escolhidas, vol. I, 4ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1985, tradução de Sérgio P. Rouanet.

"Imagens do Pensamento", in Rua de mão única - Obras Escolhidas, vol. II, São Paulo, Brasiliense, 1987, tradução de José Paulo M. Barbosa.

BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade, tradução de Carlos F. Moisés e Ana M. L. Ioriatti, São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

BETELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas, tradução de Arlene Caetano, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

BLEGER, José. Temas de Psicologia: entrevista e grupos; tradução Rita M. M. de Moraes; São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CALLIGARIS, Contardo. A adolescência, São Paulo, Publifolha, 2000.

CARRETEIRO, Teresa C.. Sofrimentos sociais em debate, in *Psicologia USP / Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo*, Vol. 14, nº 3, 2003, São Paulo, USP-IP.

"Estatuto da Criança e do Adolescente", in Direitos da Criança e do Adolescente; São Paulo, Imprensa Oficial - Governo do Estado de São Paulo, 1999.

FEFFERMANN, Marisa. Vidas Arriscadas - Um estudo sobre os jovens inscritos no tráfico de drogas em São Paulo, tese de doutorado, Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 2004.

FERNANDES, Maria Inês Assumpção. De como emerge a questão do narcisismo e da alteridade no grupo operativo, tese de doutorado, Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 1989.

Mestiçagem e Ideologia. Algumas reflexões sobre a negatividade na construção dos laços sociais, 2003, tese de Livre Docência, Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 2003.

A população diante da implantação de programas políticos: Efeitos da Violência, in Camino, L. e Menandro, P. R. M. (orgs.). A sociedade na perspectiva da Psicologia: questões teóricas e metodológicas, Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia - ANPEPP, 1996.

O Trabalho Psíquico da Intersubjetividade, in *Psicologia USP / Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo*, Vol. 14, nº 3, pgs. 47-55, 2003, São Paulo, USP-IP.

FERNANDES, Maria Inês Assumpção (org.). Fim de Século: ainda manicômios?, organizado por Fernandes, M. I. A., Scarcelli, Ianni R. e Costa, Eliane S., São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 1999.

FREUD, Sigmund. Totem y Tabu (1913), traduzido do alemão por Luís L. Ballestrero Y de T., Madri, Biblioteca Nueva, 1981.

Introduccion al Narcisismo (1914), traduzido do alemão por Luís L. Ballestrero Y de T., Madri, Biblioteca Nueva, 1981.

Psicologia de las Massas y Analisis del "Yo" (1921), traduzido do alemão por Luís L. Ballestrero Y de T., Madri, Biblioteca Nueva, 1981.

El “yo” y el “ello” (1923), traduzido do alemão por Luís L. Ballestrero Y de T., Madri, Biblioteca Nueva, 1981.

La negación (1925), traduzido do alemão por Luís L. Ballestrero Y de T., Madri, Biblioteca Nueva, 1981.

El malestar en la cultura (1930), traduzido do alemão por Luís L. Ballestrero Y de T., Madri, Biblioteca Nueva, 1981.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e Narração em Walter Benjamin, São Paulo: Perspectiva, 1999.

GIRARD, René. A violência e o sagrado (1972), São Paulo, Ed. Unesp e Paz e Terra, 1990.

HOUAISS. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, Objetiva, 2001.

KAËS, René. "La categoría del intermediário y la articulación psicosocial", in La invención psicoanalítica del grupo. Buenos Aires: Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de grupo, 1994.

O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo, tradução de José de Souza e Mello Werneck, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997.

O intermediário na abordagem psicanalítica da cultura, in *Psicologia USP / Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo*, Vol. 14, nº 3, 2003, São Paulo, USP-IP.

O intermediário na abordagem psicanalítica grupal, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005. (obra no prelo)

KAËS, René e col.. Contes et Divans: Médiation du conte dans la vie psychique, Dunod, Paris, 1996.

LAPLANCHE, Jean. Vocabulário da Psicanálise / Laplanche e Pontalis, tradução de Pedro Tamen, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEVY, David. "Psicanálise e Narratividade", in *Boletim de Novidades*, Livraria Pulsional, São Paulo, nº 60, abril/1994.

LEWIN, Kurt. Problemas de Dinâmica de Grupo (Resolving Social Conflicts), São Paulo, Cultrix, c1948.

LIMA, Francisco A. de Sousa. Conto Popular e Comunidade Narrativa, Rio de Janeiro, FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização (1952), 8ª edição, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1981.

MATHEUS, Tiago Corbisier. Ideais na adolescência: falta (d)e perspectivas na virada do século, São Paulo: FAPESP e Annablume, 2002.

MATOS, Olgária C. F.. Memória e História em Walter Benjamin, in Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania, São Paulo: DPH, 1992.

A narrativa: metáfora e liberdade, in da Costa, C. B. e Magalhães, N. A. *et alii*. Contar história, fazer História - História, cultura e memória, Brasília: Paralelo 15, 2001.

MENANDRO, Paulo R. M. e SOUZA, Lídio. Associação entre tráfico de drogas e chacinas: turbulências na superfície, in SOUZA, Lídio e TRINDADE, Zeidi (orgs.). Violência e Exclusão: convivendo com paradoxos, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.

PELLEGRINO, Hélio, “Pacto Edípico e Pacto Social”, Folhetim, jornal Folha de São Paulo, 11/09/1983, pgs. 9 a 11.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O processo grupal, São Paulo, Martins Fontes, 1982.

PINHEIRO, Paulo Sérgio (et al). São Paulo Sem Medo. Um diagnóstico da violência urbana, Garamond, Rio de Janeiro, 1998.

PINHEIRO, Paulo Sérgio e Almeida, Guilherme A.. Violência Urbana, São Paulo, Publifolha, 2003.

RASSIAL, Jean Jacques. “Aula 1” e “Aula 2: Elementos psicanalíticos para uma compreensão da delinquência juvenil”, xérox dos textos de suas aulas, dos cursos: “As novas formas da delinquência juvenil I: Psicopatologia dos atos delinquentes e criminais”, “As novas formas da delinquência juvenil II: As novas formas da delinquência” e “As novas formas da delinquência juvenil III: Respostas institucionais e terapêuticas”, oferecidos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ROSA, Miriam Debieux. O discurso e o ato na produção do laço social: reflexões sobre a delinquência, in Trata-se uma criança. Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999, v. 1, p. 275-287.

SCHIMIDT, Maria Luísa S.. O passado, o Mundo do Outro e o Outro Mundo: tradição oral e memória coletiva, in *Revista Imaginário - USP*, São Paulo, nº2, jan-1995.

WINNICOTT, D. W.. Privação e Delinquência, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

10 - Bibliografia de Referência

ARENDT, Hannah. A condição humana (1958), tradução de Roberto Raposo, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

Entre o Passado e o Futuro (1954), São Paulo: Perspectiva, 2000.

BENJAMIN, Walter. Rua de mão única - Obras Escolhidas, vol. II, São Paulo: Brasiliense, 1987, 2ª edição.

CARRETEIRO, Teresa C.. Tráfico de drogas, sociedade e juventude, in Plastino, Carlos Alberto. Transgressões, ContraCAPA.

HOGGART, Richard. “Nós” e “Eles”, in Oliveira, Paulo de Salles. O lúdico na cultura solidária, São Paulo, HUCITEC, 2001.

KAËS, René [et al.]. A instituição e as instituições : estudos psicanalíticos, tradução de Joaquim Pereira Neto, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

LASCH, Cristopher. A cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio, Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MARCUSE, Herbert. A Ideologia da Sociedade Industrial, São Paulo, Zahar Ed., 1967

MARIN, Isabel da Silva Kahn. FEBEM, família e identidade: (o lugar do outro), São Paulo: Escuta, 1999.

MATOS, Olgária C. F.. O storyteller e o flâneur - Hannah Arendt e Walter Benjamin, in Moraes, E. J. e Bignotto, N. (orgs.). Hannah Arendt: diálogos, reflexões e memórias, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001

ROSA, Miriam Debieux. Adolescência: da Cena Familiar à Cena Social, in Psicologia USP / Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, vol. 13, nº 2, São Paulo, 2002.

ROUANET, Sérgio Paulo. Èdipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1981.

SCHIMIDT, Maria Luísa S. e MAHFOUD, Miguel. “Dimensões da elaboração da experiência pessoal e coletiva em comunidades tradicionais da estação ecológica Juréia-Itatins”, in Revista Interações, São Paulo, vol II, jan/jun 1997, nº3.

Anexos

a -) 4 entrevistas em grupo

b -) 3 entrevistas-piloto (individuais)

c -) modelo do consentimento informado